

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Letícia Rodrigues Guimarães Mendes

Hidronímia da região do Rio das Velhas:
de Ouro Preto ao Sumidouro

Belo Horizonte
2009

Hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Letícia Rodrigues Guimarães Mendes

FALE – UFMG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Belo Horizonte, setembro de 2009.

**Dissertação aprovada em /..... / 2009 pela Banca Examinadora constituída pelos
Professores Doutores:**

**Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra – UFMG
Orientadora**

Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick – USP

Profa. Dra. Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani – UFMG

Dedico este trabalho a EU SOU, verbo eterno,
Nome sobre todo nome.

*Quando tudo diz que não...
Tua Voz me encoraja a prosseguir.*

Agradecimentos

A Deus, autor da minha fé, fonte de minha força, refúgio nos momentos de fraqueza;

a Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pelo apoio, paciência e direcionamento constantes nesta pesquisa;

a meus pais, pelo amor e apoio que sinto, presença e recebo todos os dias;

a Humberto Mendes, pelo amor que vivo, pelo apoio, ajuda técnica, incentivo e companhia, mesmo nos momentos de ausência;

a Érica, Flávia, Lysia, Fran, Nilza, Arthur e demais irmãos da célula, pelo carinho, amor, palavras de incentivo e perseverança nas orações;

a Gê Gonçalves, pelas orações e repreensão com amor;

a Marinho e Valério, pelo incentivo, orações e palavras de amor e carinho;

a Vó Letícia e Tia Alda, pelas orações a meu favor, feitas em tantas manhãs e tantas madrugadas;

aos irmãos da Igreja Presbiteriana de Pedro Leopoldo, pelo apoio por meio de suas orações;

a Vanessa Leroy, pela amizade e auxílio nas traduções dos textos de língua inglesa;

a Joara Menezes, pelo apoio, amizade e pela companhia no curso das disciplinas do PosLin;

às coordenadoras e aos colegas do Colégio Clita Batista e do Pré-Universitário Cootepe, pela compreensão de algumas ausências;

ao Sr. Jair Costa de Oliveira, morador do distrito de Fidalgo, pela valorização de meu trabalho e apoio nas pesquisas históricas;

à Sra. Wanda Martins e seu esposo Helton, pelo auxílio nas pesquisas sobre a história de Fidalgo;

e a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a elaboração e finalização desta pesquisa.

“É o sertão que chama o homem, e é o rio que o carrega no dorso para ele ir ver o que o sertão promete”. (VASCONCELLOS, 1944, p.33).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo dos hidrônimos das localidades que compreendem o Alto e Médio Rio das Velhas, região que guarda profundos laços com a ocupação e a fixação do desbravador bandeirante em território mineiro. Nossa proposta é demonstrar que os estudos toponímicos, incluídos aqueles relacionados ao universo das águas, revelam estreita relação entre o homem, a cultura e o ambiente em que se insere. Adotamos como referencial teórico-metodológico os conceitos de Dauzat (1926), Dick (1990a e 1990b), conceitos sobre cultura, segundo Diégues Júnior (1960), e ambiente, segundo Sapir (1961). Sob a perspectiva da sociolinguística, segundo o modelo laboviano, partimos do presente, ao coletar dados contemporâneos por meio de cartas geográficas do IBGE, voltamos ao passado para coletar dados em algumas cartas topográficas feitas entre os séculos XVIII e XIX, e retornamos ao presente para estabelecer comparações entre dados do presente e do passado, estudar os casos de mudança e retenção nos nomes dos cursos d'água e realizar a elaboração de um glossário com os hidrônimos coletados. Os resultados obtidos por meio de nosso estudo evidenciaram as relações entre o homem e o ambiente das Minas Gerais na época do bandeirantismo e também em diversos aspectos presentes na contemporaneidade: predominaram nomes de natureza física, especialmente os ligados a plantas (fitotopônimos), confirmando a intensa ligação que o homem estabelece com os elementos da natureza no ato da nomeação.

Palavras-chave: Toponímia, ambiente, cultura, Linguística, Minas Gerais, bandeirantes.

ABSTRACT

The present essay aims the study of the hydronyms from the High and Middle Lands of Velhas River, a region which keeps deep relation with the occupation and settlement of the pioneer “bandeirante” in Minas Gerais territory. Our proposal is to demonstrate that the toponimical studies, including the ones related to the water universe, reveal a close relation among man, his culture and the environment where he is. As a theoretic-methodological reference we have adopted the concepts of Dauzat (1926), Dick (1990a and 1990b), concepts about culture, according to Diegues Junior (1960), and environment, according to Sapir (1964). Under the sociolinguistic perspective, according to the labovian model, we start from the present collecting contemporary data using cartographic maps from IBGE. Then we go back to the past to collect data in some topographic maps done between the 18th and 19th centuries, and we come back to the present in order to establish comparisons between the data from the past and the present, study the changes and retention in the names of the watercourses and create a glossary containing the collected watercourse names. The results obtained through our study showed the relation between man and the environment in Minas Gerais by the time of the “bandeirantismo” and also in several aspects which are present in contemporary times: names coming from physical nature were predominant, specially the ones related to plants (phyto toponyms), confirming the intense link that man establishes with nature elements when he is naming things.

Key-words: toponym, environment, culture, Linguistic, Minas Gerais, “bandeirantes”

ABREVIATURAS

A – Antroponímia

ADJ – Adjetivo

ADJ_{pl} – Adjetivo plural

ADJ_{sing} – Adjetivo singular

ADV – Advérbio

A_{pl} – Artigo plural

A_{sing} – Artigo singular

N – nome simples

NC – nome composto

NC_f – Nome Composto feminino

NC_m – Nome Composto masculino

n/e – não encontrado

N_f – Nome feminino

N_m – Nome masculino

p. – página

Prep – Preposição

Pron – Pronome

Qv – Qualificativo

RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte

S_{pl} – Substantivo plural

S_{sing} – Substantivo singular

T – Toponímia

V – Verbo

∩ – Intersecção

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Divisão dos topônimos por sua Natureza	144
Gráfico 02 – Divisão dos topônimos segundo a Taxionomia	149
Gráfico 03 – Gênero dos Topônimos	168

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Triângulo de Ogden e Richards	28
Figura 02 – Onomástica	30

LISTA DE FOTOS

Foto 01 – Casebre no distrito de Fidalgo, tendo ao fundo a região da Lagoa do Sumidouro, que atualmente apresenta poucos períodos de cheia.....	13
Foto 02 – Morador do Distrito de Quinta do Sumidouro.....	18
Foto 03 – Igrejinha da Quinta do Sumidouro, cuja padroeira é N. Sra do Rosário	38
Foto 04 – Parte da fachada do Almojarifado da antiga Estação Ferroviária de Pedro Leopoldo.....	69
Foto 05 – Rancho situado no caminho entre Fidalgo e a Quinta do Sumidouro.....	89
Foto 06 – Fachada da antiga Estação Ferroviária de Pedro Leopoldo, atualmente Biblioteca Municipal.....	169
Foto 07 – Arbusto Mata-pau (figueira-vermelha) já instalado como parasita em uma mangueira	189
Foto 08 – Vista parcial do Rio das Velhas	249
Foto 09 – Vista frontal da casa de Fernão Dias, situada no distrito de Quinta do Sumidouro	253

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Regiões Culturais do Brasil	26
Mapa 02 – Mesorregiões do Estado de Minas Gerais.....	37
Mapa 03 – Mapa das entradas, caminhos e bandeiras	42
Mapa 04 – Área de atuação de Fernão Dias	43
Mapa 05 – Arraial do Sumidouro e áreas próximas a ele	46
Mapa 06 – Cidades integrantes da RMBH.....	53
Mapa 07 – Localização da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas no território mineiro	72
Mapa 08 – Região do Rio das Velhas	73
Mapa 09 – Bacia do Rio das Velhas e sua localização	90

SUMÁRIO

Introdução.....	14
Capítulo I – A relação entre língua, nomeação e cultura	19
1.1. A língua como reflexo da sociedade	19
1.1.2. A palavra e seu poder.....	20
1.2. As relações léxico - ambiente - cultura.....	21
1.2.1. As regiões culturais do Brasil.....	24
1.3. Os estudos lexicais	27
1.4. Onomástica/ Onomasiologia	30
1.5. Teoria Toponímica.....	31
1.5.1. A investigação toponímica no Brasil	34
1.5.2. O Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATEMIG).....	35
Capítulo II – Contextualização histórico-geográfica	39
2.1. As primeiras expedições em território mineiro	39
2.2. Fernão Dias Pais e os serviços por ele prestados à Coroa Portuguesa.....	43
2.2.1. Fernão Dias e a expedição em território mineiro: caminhantes e caminhos	44
2.2.2. Sucessos e insucessos no Sumidouro.....	46
2.2.3. A importância dos cursos d'água para as expedições – O Rio das Velhas e cidades de seu entorno	50
2.2.3.1. Belo Horizonte.....	51
2.2.3.2. Caeté.....	53
2.2.3.3. Confins	54
2.2.3.4. Lagoa Santa	55
2.2.3.5. Contagem	55
2.2.3.6. Esmeraldas.....	56
2.2.3.7. Itabirito	56
2.2.3.8. Nova Lima	57
2.2.3.9. Nova União.....	58
2.2.3.10. Ouro Preto	58
2.2.3.11. Pedro Leopoldo.....	60
2.2.3.12. Raposos	61
2.2.3.13. Ribeirão das Neves	62
2.2.3.14. Rio Acima.....	63
2.2.3.15. Sabará.....	64
2.2.3.16. Santa Luzia	65
2.2.3.17. São José da Lapa.....	66
2.2.3.18. Taquaraçu de Minas	66
2.2.3.19. Vespasiano.....	67
2.2. Considerações	68
Capítulo III – Procedimentos Metodológicos.....	70
3.1. A região pesquisada	70
3.2. Objetivos e Hipóteses.....	70
3.3. Métodos e procedimentos.....	71
3.3.1. A coleta de dados.....	71
3.3.2. Fichas Lexicográficas	79

3.3.2.1. Masculinos.....	82
3.3.2.2. Femininos	82
3.4. As Taxionomias Toponímicas	83
3.4.1. Taxionomias de natureza física	84
3.4.2. Taxionomias de natureza antropocultural	84
3.5. Macro e microestrutura do glossário.....	85
3.5.1. A macroestrutura.....	86
3.5.2. A microestrutura	87
Capítulo IV – Apresentação e Análise dos dados Contemporâneos.....	90
4.1. A Bacia do Rio das Velhas.....	90
4.2. Fichas toponímicas.....	91
4.3. Análise quantitativa e discussão dos dados	142
4.3.1. Quanto à Natureza dos topônimos	142
4.3.2. Quanto às Taxionomias registradas na região	144
4.3.3. Quanto à Origem dos topônimos	150
4.3.4. Quanto à Forma e ao Gênero dos topônimos	167
Capítulo V – Estudo Comparativo.....	170
5.1. Estudo comparativo realizado através de mapas pretéritos e contemporâneos	170
5.2. Considerações sobre mudança e retenção lingüísticas nos dados coletados.....	187
Capítulo VI – O Glossário.....	190
6.1. Apresentação dos verbetes pela forma Semasiológica	190
6.2. Organização dos verbetes pela forma Onomasiológica	240
Capítulo VII – Considerações Finais	250
Referências	254



FOTO 01 – Casebre no distrito de Fidalgo. Ao fundo, a região da Lagoa do Sumidouro, que, atualmente, apresenta poucos períodos de cheia
Fonte: Acervo pessoal.

INTRODUÇÃO

Muitos estudos relacionados ao léxico, principalmente os que remetem à toponímia e à antroponímia, vêm sendo realizados nos últimos anos. Direcionados à terra, ao homem, aos acidentes físicos ou humanos, têm tomado vulto cada vez maior. Essa área de pesquisa, ao mesmo tempo vasta e intrigante, leva o homem a conhecer mais sobre si mesmo e sobre o ambiente que o cerca, pois esse é um campo de estudos que envolve, indissolúvelmente, língua, história e sociedade.

Pelo fato de considerar o estudo da língua aliado ao estudo da cultura, os campos de trabalhos referentes ao nomear abrem-nos um leque de possibilidades de pesquisa, e a essas está o relacionado aos nomes dos acidentes físicos de determinadas regiões. Ao contrário do que pode parecer a princípio, a nomeação desses acidentes encerra relações profundas entre o nomeador e o nomeado. Há diversos tipos de acidentes físicos, e aí se inserem os relacionados à água e à nomeação de outros acidentes derivados desse campo; trata-se da *hidronímia*.

A presente pesquisa abrange, nesse universo das águas, os nomes do passado e do presente, a relação existente entre o nomear e a cultura, o nomear e a história das Minas Gerais nos séculos XVIII, XIX e XX, a ocupação e a povoação em torno do Rio das Velhas e da região conhecida pelo nome de Quinta do Sumidouro.

O “caminho das águas” foi um caminho de direcionamento. Mapas, mesmo os mais antigos, davam ênfase aos acidentes físicos, como morros e serras, e também a rios e diversos cursos d’água. Dentre tantos nomes, teriam os mais antigos se mantido, ou foram substituídos por outros? A que taxa toponímica correspondem a maioria dos nomes encontrados e qual a relação desses nomes com a cultura e a sociedade das Minas setecentistas, oitocentistas e mesmo com a sociedade de hoje? Eis algumas das questões a que procuraremos responder.

A presente pesquisa tem ainda como objetivos catalogar e descrever, por meio de um glossário, os nomes dos acidentes físicos encontrados nos 19 municípios que abrangem as regiões Alta e Média da Bacia do Rio das Velhas, pertencentes ao estado de Minas Gerais. Como marco temporal, teremos a entrada dos bandeirantes em território mineiro, ou seja, as incursões que se deram desde tempos bastante próximos ao desbravamento. De acordo com Lima Júnior (1978, p.22), temos como mais remota a incursão de Francisco Bruzza de Spinoza, em 1554. Como marco espacial, deter-nos-emos às bandeiras que englobem os caminhos e entradas relacionados ao Rio das Velhas, especialmente a de Fernão Dias, e

especificamente em seu trajeto pela conhecida região do Sumidouro, distrito hoje pertencente ao município de Pedro Leopoldo, situado na RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Para entender um pouco mais sobre a hidronímia, faz-se necessário, primeiramente, voltar a seu principal objeto: a água. De fundamental importância para homens e animais, esse bem é visto de maneiras diversas, porém sempre está relacionado ao vital; não apenas por garantir a vida, mas também pelo fato de ser dela a própria geradora.

Em diferentes culturas, a água tem como função principal, ou por simbologia, ser a *origem*. Seja a origem da vida carnal, seja a origem ou o marco da vida espiritual, o elemento água aí estará. Para algumas culturas indígenas brasileiras, como, por exemplo, a do povo Karajá, índios habitantes na região do rio Araguaia, nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso, banhar-se e cantar nas águas de um rio pertencente à região habitada por ancestrais é uma maneira de reverenciá-los e manter com eles um ponto de encontro. Na história de Cristo, o batismo com água simbolizou, e simboliza ainda hoje, para os cristãos, o rito de passagem entre a antiga e a nova vida, lavada e transformada pelo ato da salvação.

Para os povos que primeiro adentraram os sertões mineiros, a água e o caminho por elas indicado eram a rota das riquezas. Rios, nascentes, córregos e demais cursos d'água eram constantemente usados como referência para indicar o caminho certo, ou o rumo a ser tomado. Nesse caminhar e desbravar, os nomes indígenas dos rios e demais cursos eram conhecidos, mas muitas vezes trocados por nomes relacionados à passagem do homem branco pelos locais. Isso nos remete à afirmação de que “todo intercâmbio lingüístico contém a potencialidade de um ato de poder” (BOURDIEU Y WACQUANT *apud* DURANTI, 2000, p.29, tradução nossa)¹ e, no caso do nome instituído pelo homem branco, explorador, forasteiro, esse ato de poder torna-se bastante presente e explícito quando pensamos em nossa região de estudos.

Antes da chegada do homem branco, já existia outro nome, instituído, usado e conhecido pelos indígenas. Com o estabelecimento das relações entre o homem branco e o gentio, alguns dos nomes de lugar foram traduzidos para a língua do caraíba, e, assim, eram utilizados, concomitantemente, nomes indígenas e não indígenas. Porém, não é possível precisar, devido à ausência de registros, o momento das transições dos nomes quando de sua passagem para a língua do desbravador. É o caso do Rio das Velhas, durante tempos conhecido como *Uaimií* e cuja tradução significa extamente *Rio das Velhas*.

¹ “Todo intercambio lingüístico contiene la potencialidad de un acto de poder”.

Ao adentrar os sertões mineiros, os bandeirantes precisavam estabelecer e traçar, por meio de mapas, entradas, caminhos e rotas que os levassem ao destino desejado. Mais que isso, o estabelecimento de caminhos garantiria a chegada dos próximos grupos de exploradores ao mesmo local e, muitas vezes, a pedra angular para a orientação dos viajantes se fazia com base nos nomes de rios, lagos, ribeirões e outros cursos d'água.

Devido à presença de bandeirantes em território mineiro, ocorreu o desbravamento de domínios antes ocupados apenas por populações indígenas. A presença do *caraíba* teria ocasionado mudanças na nomeação do território, mais especificamente dos caminhos e rotas feitos pela água? Teriam os nomes de rios, riachos e demais cursos d'água se mantido inalteráveis, com o passar do século, ou a mão do homem branco teria já sepultado antigas nomeações? É o que este estudo se propõe a investigar.

A Bacia hidrográfica do Rio das Velhas, alvo geral de nosso estudo, relaciona-se à Bacia do Rio São Francisco, o qual deságua no Oceano Atlântico. Constitui-se como uma das principais bacias hídricas do estado de Minas Gerais. Na época dos bandeirantes, depois de esgotada a exploração do ouro, esse rio continuou ainda a valer-se para os homens por muito tempo: seja para os guiar por novos caminhos, seja para escoar para municípios diversos produtos de uma região, seja para o sustento com a imensa variedade de peixes encontrados nessas águas. Pelo Rio das Velhas navegaram expedições, ora com objetivo exploratório, como as dos bandeirantes, ora com objetivo científico, como a de Bourton, em sua *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*, e hoje, expedições com objetivos ambientais, como a do *Projeto Manuelzão*, desenvolvido em parceria com a UFMG e cujo propósito é possibilitar, até o ano de 2010, que nos seja possível novamente navegar, nadar e pescar nas águas do Velhas.

As discussões que visam a alcançar os objetivos almejados em nosso estudo dividiram-se em sete capítulos.

No capítulo I, intitulado “A relação entre Língua, Nomeação e Cultura”, discutiremos a questão da língua como reflexo da realidade, baseando-nos em Duranti (2000), e nas relações entre léxico, ambiente e cultura, postuladas por Sapir (1961). Discorreremos ainda acerca da estruturação do universo lexical, da ciência da Onomástica como objeto integrado à Lexicologia. Serão abordadas também a questão do signo toponímico e a investigação Toponímica, baseando-nos em DICK (1990a e 1990b).

No capítulo II, “Contextualização histórico-geográfica”, apresentaremos, por meio de pesquisa histórica, fatos relativos às bandeiras e ao povoamento de Minas Gerais. Aprofundar-nos-emos um pouco mais na história do Rio das Velhas e em fatos que se

relacionam ao povoamento da região, como o estabelecimento de diversos arraiais em regiões que hoje pertencem à RMBH e cujos fundamentos remetem ao movimento bandeirante.

No capítulo III, intitulado “Procedimentos Metodológicos”, teremos a exposição dos métodos utilizados nas diversas etapas de nossa pesquisa. Discorreremos a respeito das taxinomias propostas por Dick (1990a e 1990b), apresentaremos informações sobre a organização de nossos dados em fichas toponímicas, e a macro e microestrutura do glossário.

No capítulo IV, procederemos à “Apresentação e Análise dos dados contemporâneos”, em que o material de nossa pesquisa, coletado por meio de cartografia e catalogado em fichas toponímicas, gráficos e mapas, será analisado de acordo com o modelo proposto em Dick (1990a e 1990b) e Seabra (2004).

No capítulo V, procederemos ao “Estudo comparativo” dos nomes encontrados em mapas antigos e contemporâneos. Apresentaremos e analisaremos as variações e retenções registradas em nosso *corpus*, e teceremos algumas considerações sobre as mesmas dentro da hidronímia.

No capítulo VI, apresentaremos o “Glossário” dos nomes catalogados, cujos verbetes se encontrarão organizados pelos métodos semasiológico e onomasiológico.

No capítulo VII, apresentaremos algumas “Considerações finais” a respeito de nossa pesquisa. Serão retomadas as conclusões decorrentes das análises propostas.

Nosso objetivo é que este estudo possibilite conhecermos um pouco mais a fundo o léxico toponímico de Minas Gerais e, conseqüentemente sua história, aspectos que possam mostrar-nos um pouco mais sobre a relação entre a ocupação humana, o ambiente e a cultura dessa parte do território brasileiro.



FOTO 02 – Morador de Quinta do Sumidouro, distrito do município de Pedro Leopoldo/MG
Fonte: Acervo pessoal.

CAPÍTULO I – A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA, NOMEAÇÃO E CULTURA

1.1. A língua como reflexo da sociedade

A linguagem, por seu valor e relevância para o homem e a sociedade, sempre foi alvo de inúmeros estudos. Abordagens atuais enfocam a língua como algo intimamente relacionado à cultura, às formas que o indivíduo possui de enxergar, habitar e interpretar o mundo e o ambiente em que está inserido.

A língua é o reflexo da sociedade. Um dos fatos que comprova esse dizer é que, assim como as sociedades, a língua sofre constantes mutações. Há tempos deixou-se de acreditar que essas mudanças seriam distorções do idioma, erros, falta de cultura ou o falar de pessoas que não dominam o idioma. As mudanças ocorrem, são parte das tantas transformações vividas pelo homem e pelas culturas, ao longo de seu período existencial. Cabe a nós, lingüistas e estudiosos, desvendar o que estaria por trás dessas mudanças, para compreendermos a nós mesmos, para compreendermos um pouco mais da nossa própria história.

Duranti (2000, p.27) ressalta que “a possibilidade de fazer descrições culturais [...] depende da medida em que determinado tipo de linguagem permita a seus falantes articular em um sistema o que fazem com as palavras na vida cotidiana²” (tradução nossa). O estudo das linguagens dentro das diferentes culturas permite-nos, portanto, estudar o homem como ser mutante e como modificador do ambiente em que vive. Não é um ser único e pré-definido, mas sim moldado por fatores os mais diversos, como crenças, religião, ambiente, entre outros. Isso ocorre pelo fato de que cada indivíduo, inserido em sua realidade cultural, utiliza palavras que reproduzem diferentes e particulares maneiras de refletir sobre o mundo e sobre a existência humana. Labov (1968) defende a idéia de que é necessário compreender que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. Em outras palavras, poderíamos dizer que a linguagem possui uma função social.

Em Meillet (1948, p.16), já encontrávamos a mesma idéia na afirmação de que “tem-se repetido freqüentemente que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam”³ (tradução nossa). Pode-se, por meio da linguagem, acompanhar a evolução da sociedade, dos costumes, das normas de comportamento, do vocabulário de um povo ou de uma região ao longo do tempo e do espaço. Sob esse mesmo enfoque, é possível crer que atitudes sociais ou

² “La posibilidad de hacer descripciones culturales [...] depende de la medida em que un lenguaje determinado permita a sus hablantes articular en un sistema lo que hacen con las palabras en la vida corriente”.

³ “On a souvent répété que les langues n’existent pas en dehors des sujets qui les parlent”.

manifestações do pensamento possam ser ditadas pela influência da linguagem dentro de determinada sociedade ou comunidade. A sociedade é condicionada pela língua, e a língua, pela sociedade.

1.1.2. A palavra e seu poder

A linguagem é a ferramenta mais poderosa de que dispõe o homem para realizar diversas atividades: relacionar-se com outras pessoas, povos e culturas, expressar idéias, pontos de vista. Possibilita a ele a capacidade verbal para expressar suas reflexões sobre o mundo.

Não há como negar a força das palavras em nosso vocabulário, nossa língua e nossas relações discursivas. Entretanto, criar uma definição universal para *palavra* não é tarefa fácil. Mesmo a simplista resposta de que é por meio de palavras que se formam frases não deve ser deixada de lado em nossa tentativa de definição.

A Psicolingüística oferece-nos subsídios importantes para a compreensão do termo *palavra*. Na fala infantil, já existe, por parte do indivíduo, a percepção do que é palavra. A incapacidade da criança para construir sentenças completas gera a emissão de palavras isoladas para representar algo que seria considerado um enunciado dotado de sentido. Apenas num momento mais avançado do desenvolvimento da criança é que dessas palavras se criará a noção de sentença, em que se envolvem discriminações léxicas e sintáticas.

Em Lenneberg (*apud* BIDERMAN, 2001, p.102), podemos encontrar a mesma discussão, acerca da qual esse autor afirma:

A hipótese de que as primeiras emissões de palavras isoladas são unidades sintáticas – de certa forma sentenças primitivas – se fundamenta nas considerações seguintes. Semanticamente, e em termos de comunicação, as palavras isoladas parecem funcionar da mesma maneira como as sentenças vêm a funcionar mais tarde: elas abrangem toda uma proposição. [...] Fonologicamente elas podem ser operadas a partir de uma dada regra, mais ou menos como uma cadeia de símbolos é operada posteriormente. [...] Pode-se supor que os processos formais que regulam a percepção e a produção de sons são essencialmente os mesmos que aqueles que entram na sintaxe e que o estágio transitório durante o qual as regras são estendidas da interação e movimentos articulatórios à interação de unidades de linguagem mais amplas.

A palavra é a primeira manifestação de uma linguagem articulada e com significado lógico, ou seja, é uma entidade psicolingüística primordial, a primeira que faz dar sentido ao discurso humano. Ela é fonte geradora de sentido, de idéias, de enunciados.

Em nossa pesquisa, pudemos verificar a força geradora de significados e sentidos representados nos nomes dos cursos d'água presentes em nosso *corpus*. Essa força de sentido

se produz através da ocupação humana, da cultura, da relação do homem com o ambiente que o cerca.

1.2. As relações léxico - ambiente - cultura

Desde os tempos mais remotos, o nomear permeia a atividade humana. No livro da Bíblia, por exemplo, no início dos tempos (Gênesis, capítulo I), de acordo com aquela narração, Deus concedeu ao primeiro homem, Adão, a autonomia para nomear os animais. Na criação do mundo, o próprio Deus nomeou suas obras: *luz = dia; trevas = noite; firmamento = céu, porção seca = terra; ajuntamento das águas = mares*.

Em diversas culturas, a força dos nomes se faz presente: há tribos aborígenes em que a pronúncia de alguns nomes é proibida, pois acreditam que os mesmos estejam vinculados a entidades espirituais maléficas (cf. GUÉRIOS, 1973). Dentre os povos indígenas brasileiros, a força dos nomes é igualmente notada: para os povos Tukanos, do noroeste amazônico, existe a vinculação de seus nomes próprios a entidades sagradas, ou a seus ancestrais (cf. HUGH-JONES, 2002). Como esses, poderiam ser citados inúmeros outros exemplos que comprovam a relevância da nomeação em muitos âmbitos da cultura humana.

Defendemos em nossa abordagem que é impossível considerar o estudo de uma sociedade sem considerar sua cultura. Diversos autores, como Duranti (2000), assinalam que o estudo da linguagem é um recurso da cultura e, ainda, que a linguagem é, sobretudo, uma prática cultural. A cultura de uma sociedade “não se manifesta apenas nas histórias que ouvimos contar uma ou outra vez. Também se encontra nos intercâmbios que fazem possíveis aqueles relatos, nas formas de organização que permitem incluir uns e segregar outros⁴” (DURANTI, 2000, p.27, tradução nossa). Na hipótese conhecida como a de Sapir-Whorf (*apud* BIDERMAN, 1981, p.133), o léxico “pode ser considerado como uma categorização simbólica organizada, que classifica de maneira única as experiências humanas de uma cultura”.

Faz-se essencial, então, definir o termo *cultura*, alvo de contradições e más interpretações ao longo de muitos anos.

Em nosso estudo, basearemos-nos na definição de cultura defendida por Duranti (2000). Para a construção de uma definição que abarcasse todas as experiências possíveis para esse termo, o autor subdividiu *cultura* em algumas categorias, as quais se seguem: cultura

⁴ “[...] no solo se manifesta en las historias que oímos contar una y otra vez. También se encuentra en los intercambios que hacen posible dichos relatos, em las formas de organización que permiten participar a unos y segregar a otros”.

como algo distinto da natureza; cultura como conhecimento; cultura como comunicação; cultura como meio de mediação; cultura como sistema de práticas e cultura como um meio de participação.

A cultura como algo distinto da natureza refere-se à idéia de que a cultura é algo aprendido, herdado ou transmitido de geração para geração, através da comunicação lingüística. Cada indivíduo, assim, cresce seguindo os modelos culturais de seus educadores e do grupo a que pertence, e, sendo assim, a linguagem é parte dessa cultura.

Mais do que ser aprendida, uma cultura pode significar também conhecimento de mundo e, quando se pensa isso dentro de uma comunidade, tal conhecimento de mundo costuma ser compartilhado. No âmbito da linguagem, significa dizer que o conhecimento acerca de como expressar-se é algo também herdado ou aprendido ao longo da formação do indivíduo.

Como meio de comunicação, a cultura abarca um imenso sistema de signos, numa perspectiva semiótica. Assim, torna-se a representação do mundo, traduzida em mitos, histórias, descrições, teorias, provérbios, espetáculos e produtos artísticos, que devem ser disseminados e compartilhados com o grupo.

Quando se considera a cultura como sistema de mediação, consideramo-la entre o homem e algo de seu entorno, mediando a interação com o mundo social ou físico. Estão inclusos nessa visão objetos materiais e objetos ideais, como os sistemas de crenças e os códigos lingüísticos. Poderíamos pensar na língua como mediadora do homem e seu mundo, ou do homem com outros homens, e, nesses exemplos, considerar a linguagem como atividade de mediação seria considerá-la como uma ferramenta para realizar outras atividades (como conhecer pessoas, vender, comprar, expor idéias, etc.).

A noção de cultura como um sistema de práticas relaciona-se a uma certa carga de repetições pelos membros de uma comunidade e, em se tratando da língua, como um conjunto de “hábitos de fala”, no que diz respeito a práticas institucionalizadas pelo uso. Nas palavras de Duranti (2000, p.75, tradução nossa),

uma língua é em si mesma um conjunto de práticas que integram não só um sistema particular de palavras e regras gramaticais, mas também uma constantemente esquecida ou soterrada luta para ostentar o poder simbólico de uma específica modalidade de comunicação, com seus próprios sistemas classificatórios, formas de referência e tratamento, léxicos especializados e metáforas.⁵

⁵ “Una lengua es en sí misma un conjunto de prácticas que integran no solo un sistema particular de palabras y reglas gramaticales, sino también una, a menudo, olvidada o soterrada lucha por ostentar el poder simbólico de una específica modalidad de comunicación, con sus propios sistemas clasificatorios, formas de referencia y tratamiento, léxicos especializados y metáforas”.

Por fim, a cultura como um sistema de participação está relacionada ao sistema de práticas, e baseia-se no fato de que qualquer ação praticada no mundo – incluída aí a comunicação verbal; possui natureza inerentemente social, coletiva e participativa.

Tais noções apresentadas acima nos servem como norte, uma vez que, dentro das inúmeras relações entre o homem e seu modo de viver, insere-se também o ambiente. Pode-se afirmar, assim, que existem fortes laços que relacionam a cultura e o ambiente de determinado povo ao ato de nomear aquilo que faz parte de seu mundo. De acordo com Sapir (1961), as forças ambientais estariam sujeitas à consolidação pelas forças sociais. Afirma esse autor que

as forças sociais, que assim transformam as influências puramente ambientais, podem, por sua vez, ser consideradas como de caráter ambiental, no sentido de que cada indivíduo se acha colocado em meio de um conjunto de fatores sociais, a eles reagindo, portanto, por outro lado, também podem ser consideradas, pelo menos metaforicamente, como paralelas em sua atuação às de hereditariedade, no sentido de que se transmitem de geração a geração. Estarem essas forças sociais tradicionais sujeitas, por sua vez, a mudanças ambientais, entre outras, é um fato que põe em relevo a complexidade do problema das origens e desenvolvimento de uma cultura. (SAPIR, 1961, p.44)

Sapir defende o conceito de fatores sociais como sendo “várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo” (SAPIR, 1961, p.44), entre as quais tem amplo alcance a religião, a política, a arte e os padrões éticos. Não existe, segundo esse autor, influência ambiental que não se relacione a esses fatores. Por exemplo, a simples existência de um animal ou planta numa dada região não basta para que afirmemos o surgimento de símbolos lingüísticos correspondentes; há de existir, por meio da sociedade, o conhecimento desse animal ou planta e ainda um interesse, mesmo que mínimo, por esses elementos.

Nesse âmbito, podemos dizer que a língua sofre a influência do ambiente em três aspectos: no léxico, na fonologia e nas estruturas gramaticais. Poderíamos tomar como léxico o conjunto, o inventário de todas as idéias e conceitos que abarcam esse universo. O grau de importância e/ou minuciosidade na nomeação se fará pela relação de interesse da comunidade com o objeto a ser nomeado: se ele tem maior ou menor importância, se apenas um termo é bastante para caracterizar o que se pretende nomear, ou se serão necessários nomes para diferentes categorias de cor, aspecto, tamanho, etc.

Isso reflete de maneira bastante relevante o grau de interesse e conhecimento da comunidade com determinados termos. Para uma aldeia que necessite de plantas para a cura de moléstias, poderíamos encontrar, por exemplo, um inventário minucioso de nomes que distinguisse as plantas medicinais em características bem específicas, ao passo que uma

pessoa pertencente a uma comunidade metropolitana classificaria aquelas plantas simplesmente como “ervas”. Concluindo, utilizamo-nos das palavras de Sapir (1961, p.49):

o estudo cuidadoso de um dado léxico conduz a inferências sobre o ambiente físico e social daqueles que o empregam; e, ainda mais, que o aspecto relativamente transparente ou não-transparente do próprio léxico nos permite deduzir o grau de familiaridade que se tem adquirido com os vários elementos do ambiente.

Outro autor que também compartilha dessa idéia é Guizzetti (*apud* DICK, 1990b, p. 67), segundo o qual o idioma se apresenta como sendo “o modo de falar de um grupo social determinado, produto de uma comunidade de hábitos lingüísticos coletivos; mostra um duplo aspecto estático e dinâmico que, por outro lado, nos apresenta todos os fatos sociais e, em consequência, a cultura”.

Em Drumond (1965), temos o relato de uma pesquisa realizada entre os índios Bororo, habitantes do Centro-Oeste do Brasil, que evidencia ainda mais a relação homem e meio ambiente. A maioria dos topônimos que compõem o patrimônio cultural desse grupo está relacionada ao mundo animal, por ser essa uma sociedade de caçadores. Eis alguns exemplos com os quais Drumond ilustra sua pesquisa: Adugori (morro do jaguar), Amemári (morro do lagarto), Jerigigiri (morro da tartaruga), Kudoróri (morro da araruna), entre outros.

Porém, há de se registrar a possibilidade oposta a essa denominação, ou seja, os casos em que a nomeação não se deu por meio do chamado “pensamento selvagem”, mas sim do “científico”, de acordo com Lepargneur (*apud* DICK, 1990a), que afirma que o pensamento selvagem classifica usando analogias, enquanto o científico buscou a compreensão do que é causalidade. No caso do idioma tupi, também pertencente aos índios brasileiros, a questão foi diferente da do idioma bororo. Na época do descobrimento do Brasil e nos anos subsequentes, o tupi foi o idioma mais falado, não apenas por índios, mas também por brancos, europeus e mamelucos, o que possibilitou a expansão do idioma e de seus topônimos para bem mais além dos domínios de seus falantes.

1.2.1. As regiões culturais do Brasil

Com o objetivo de prosseguir em nossa construção do que seja *cultura*, abordaremos, a seguir, o aspecto cultural relacionado às regiões brasileiras. Diégues Jr. (1960) apresenta-nos um conjunto de sugestões para o estudo e a delimitação de regiões brasileiras. O ponto de partida é a ocupação humana e o sistema de relações que se estabeleceram entre o homem e o meio, o povoador e a terra, configurando-se assim um ambiente com determinado quadro cultural.

No caso do Brasil, torna-se essencial destacar o papel do colonizador português, que, mais que um dominador, foi um difusor de valores, crenças e costumes em nosso território. Para aquele autor, o português:

Antes que um dominador foi um difusor de valores, um veículo de intercomunicação. Daí espalharem-se elementos culturais tipicamente africanos em áreas asiáticas ou americanas, outros, originalmente americanos, em áreas africanas e asiáticas, ainda outros, fundamentalmente asiáticos, em áreas americanas ou africanas. (DIÉGUES JR., 1960, p.4)

Entretanto, não se pode negar também o papel do mameluco e do negro, pois eram eles que facilitavam o estreitamento de laços entre o colono português e o aborígine. Há inúmeros relatos em que encontramos a presença de guias mamelucos entre os integrantes das entradas e bandeiras, ao passo que o conhecimento dos negros se relacionava à experiência na mineração e na plantação de lavouras. Por fim, o próprio indígena foi elemento de grande importância, pois auxiliava o explorador nas incursões nas florestas, no mediterrâneo nordestino ou ainda no devassamento de outras regiões do Brasil.

Outros estudos, como o de Dias (1921), corroboram essa influência e acrescentam-nos que o substrato cultural e humano verificado no Brasil e em Portugal era o mesmo; o que houve como marco diferencial foram as adaptações feitas em cada espaço, devido às diferentes condições ambientais, a presença de outras culturas (como a indígena e a negra). Com o passar do tempo, e com a presença tantas outras influências, como a descoberta de riquezas ou a oportunidade de explorar outros recursos naturais, ocorreu a aculturação, o contato com outras culturas européias e asiáticas e, por fim, tantas transformações acarretaram um novo panorama da cultura brasileira.

Para caracterizar as regiões culturais no Brasil, segundo Diégues Jr. (1960), é necessário verificar algumas características da própria ocupação humana dos territórios. Essa ocupação – e a maneira como ela foi feita – é capaz de “traduzir” o sistema de relações estabelecido entre povoadores e a terra, e o que tornou possível um ajustamento entre os que já estavam no meio e os que nele chegaram. Isso leva-nos a crer que o equilíbrio e o desenvolvimento das regiões foram possíveis pela justaposição de vários elementos que eram mantidos por laços comuns ou mesmo relacionados entre si.

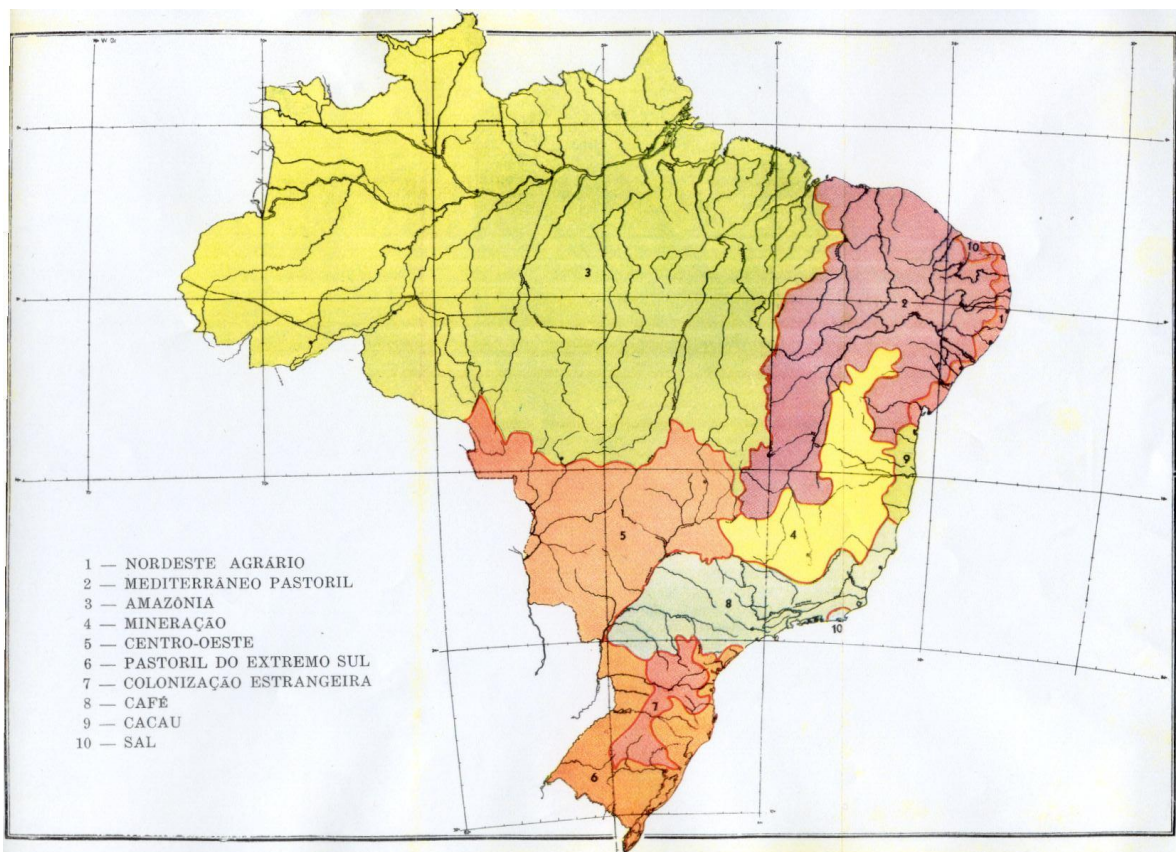
Com o intuito de aprofundarmos nossa discussão sobre as regiões culturais, é necessário determinarmos como ponto de partida o conceito de *região*. Adotaremos o estipulado em Diégues Jr. (1960, p.6), o qual afirma que *região* é:

um conjunto ecológico de pessoas, aproximadas pela unidade das relações espaciais da população, da estrutura econômica e das características sociais, dando-lhe, em

conjunto, um tipo de cultura que, criando modo de vida próprio, a difere de outras regiões. São, portanto, as regiões, espaços territoriais definidos por certas características que dão unidade de idéias, de sentimentos, de estilos de vida, a um grupo populacional.

Para se pensar, por conseguinte, num conceito de *região cultural*, é necessário recorrer a diversas disciplinas que integrem múltiplos aspectos da questão. Assim, diferentes pesquisadores, como geógrafos, historiadores, sociólogos, antropólogos e lingüistas devem buscar delimitar e traçar o panorama da região estudada. É consenso entre os pesquisadores que tal caracterização deve partir do processo de ocupação humana, seguido do embasamento geográfico e da formação histórica da região e o comportamento do colonizador em sua relação com o ambiente.

De acordo com a classificação feita por Diégues Jr.(1960), temos dez regiões culturais brasileiras, delimitadas no mapa a seguir.



MAPA 01 – Regiões Culturais do Brasil
 Fonte: DIÉGUES JR., 1960, contracapa.

Embora Diégues Jr. tenha assinalado diversas regiões culturais, importa-nos, em nossa pesquisa, salientar a denominada *Mineração*, pois é esta a que se refere à região de nossa pesquisa. Tal localidade,

surgida com a transposição da serra do mar pelos bandeirantes, caracterizou-se pela formação dos arraiais de mineração, ambiente de riqueza, de fausto, de vida social intensa; mamelucos, mulatos, reinóis, judeus, e não só paulistas e nordestinos participam do processo de formação humana; criaram-se condições culturais próprias que, nos nossos dias, vêm sofrendo significativa mudança com as transformações decorrentes do desenvolvimento da metalurgia, sob cuja influência se verifica o processo de vida regional; apesar disto os hábitos de vida ainda repousam nos costumes tradicionais. (DIÉGUES JR., 1960, p.20)

Além da definição da área de estudos por nós focada, acrescentamos que, segundo o pesquisador acima citado, o limite físico de cada região baseou-se nas zonas fisiográficas elaboradas pelo Conselho Nacional de Geografia, adotada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e ainda por outros órgãos oficiais.

Sobre a região denominada *Mineração* e suas características, teceremos maiores considerações no capítulo II, denominado “Contextualização histórico-geográfica”.

1.3. Os estudos lexicais

O léxico é um sistema aberto e em expansão. Assim, defini-lo ou descrevê-lo em sua totalidade torna-se algo difícil. A partir do século XIX, mais especificamente em sua segunda metade, os lingüistas interessaram-se pela história das línguas. Os estudos nessa área consistiam, sobretudo, na procura de linhas de parentesco entre línguas diferentes, e também a observação, na história de um dado idioma, das mudanças lexicais ocorridas. Esse método foi chamado de histórico-comparativo. Segundo nos traz Seabra (2004, p.29),

Nessa época a Lingüística Histórica se concentrava, principalmente, em torno da evolução das formas comparadas (fonética e morfologia). Havia a impressão, enquanto se utilizavam do Método Histórico-Comparativo, de que a palavra era só perfeitamente conhecida quando se tornava passível da aplicação de leis de evolução formal.

Algum tempo depois, duas novas comparações das unidades do léxico foram incorporadas às já citadas: a evolução do sentido e o conteúdo das palavras. Nascia, assim, ao que podemos chamar de a primeira semântica histórica, que se propunha a analisar diversos itens lexicais.

Ainda no final do século XIX, houve certo avanço nos estudos do léxico, trazido por Schuchardt, em sua *Romanischen Etymologien* (1899), que estudava as palavras numa relação “palavra” x “coisa”. Passou-se a dar mais valor ao significado, percebendo-se que o nome vinculava-se aos objetos nomeados de maneira especial, ou seja, existia uma relação entre significante e significado, cujo estudo denominou-se método “Palavras e Coisas”.

Um outro modelo de análise que também tornou-se bastante significativo por adotar a questão do significado na esfera do processo cognitivo foi o proposto por Ogden e Richards, conhecido como triângulo semiótico, o qual está reproduzido abaixo.

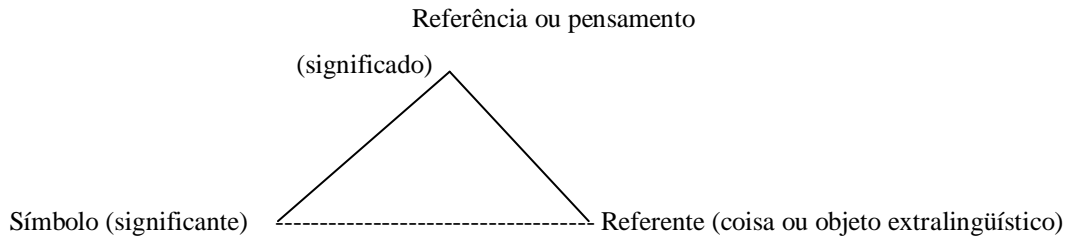


FIGURA 01 – Triângulo de Ogden e Richards
Fonte: OGDEN e RICHARDS, 1923, p.11.

O triângulo semiótico de Ogden e Richards é baseado em outros modelos mais antigos, como o de Port-Royal, e inclui a noção da “coisa denominada”, ou seja, do referente. Pela análise do triângulo, podemos perceber que entre o símbolo e o referente há uma relação a que poderíamos chamar de indireta, e essa é a relação entre as palavras e as coisas. Porém, entre o significante e o significado, a relação pode ser considerada mais direta. Em outras palavras, o que desejamos frisar é que o que se refere a coisas são as palavras, e não os conceitos. Porém, a relação entre imagem acústica e conceito, no signo lingüístico, era bem mais complexa; o léxico passou, então, a ser visto sob outra perspectiva: uma estrutura ou conjunto de estruturas.

Quase na virada do século, em 1895, Gilliéron, outro estudioso da língua, inaugurou o método a que chamamos geográfico: esse pesquisador levantou e mapeou diversos dialetos na França e constatou a complexidade da evolução lingüística. Baseando-se na distribuição geográfica das palavras, a partir da coleta de um milhão de formas dialetais, conseguiu reconstituir a existência de estados anteriores da língua. Há de se considerar como ponto importante, também ressaltado em Seabra (2004, p.30), que:

o método de Gilliéron e o Histórico-Comparativo, apesar de distintos, possuem estreita relação entre si, uma vez que estabelecem um processo histórico. Ambos reconstróem o léxico mediante a comparação, ainda que o segundo esteja fundamentado sobre um material menos variado e mais esquemático.

A prática dessa ciência, um ramo dentro das ciências do léxico, feita num primeiro momento a partir de dicionários e outros meios, passou por grande desenvolvimento por meio da criação dos chamados Atlas Lingüísticos, que se constituem como coleções de mapas onomasiológicos. Sua grande vantagem é possibilitar o foco do objeto de estudo sob os

aspectos sincrônico e diacrônico, o que, justamente por ter como base diferentes enfoques, relaciona o léxico à cultura.

Por seu turno, a lingüística a que chamamos moderna ganhou grande impulso graças às idéias de Saussure, que introduziu a visão estruturalista, ou seja, a de que a língua organiza-se como um sistema (ou estrutura), em que cada elemento que a compõe possui seu próprio valor, individual, mas também está ligado a uma estrutura maior, a um grupo, no qual há outros elementos. Surgiu, desse sistema, a concepção de léxico a que conhecemos como “malhas de uma rede”. O raciocínio de o léxico ser organizado em blocos ou conjuntos, em que há uma base comum, constitui os campos semânticos. Numa visão mais simplista, podemos dizer que os campos semânticos são subconjuntos dos microssistemas lexicais, citados anteriormente. Porém, apesar de ser inovadora, essa visão apresentava-se, segundo os lingüistas, como pouco operacional, devido ao fato de trabalhar com um número muito grande de unidades funcionais. Mas, não se pode dizer, de maneira alguma, que foi infrutífera.

O estruturalismo de Saussure deu origem à Escola Lingüística Sociológica; do estudo do relacionamento entre os elementos lexicais e toda uma gama de outras ciências, surgiu a combinação entre linguagem, cultura e sociedade.

Os métodos citados acima, sem dúvida alguma, auxiliaram no desenvolvimento da lingüística, principalmente a que se relaciona à Onomástica, ou seja, à ciência que estuda os nomes. A partir de então, essa ciência inicia o estudo dos campos lingüísticos, que retoma a idéia de que nenhuma palavra vive isolada na consciência de seus falantes, mas sim existe dentro de um campo de palavras. Essa idéia, já nos anos 1950, deu origem a outro tipo de estudo lexicológico, chamado de Lexicologia Social, sobre o qual temos as idéias de Matoré (1953), que também já considerava a palavra como pertencente a uma estrutura social mais ampla; o léxico é um fato social, e, só pode ser estudado, portanto, juntamente a outros fenômenos sociais.

Por sua riqueza e amplitude, o léxico de uma sociedade encerra em si visões de mundo em locais e épocas distintas, traços culturais, escopo vocabular e, assim, por sua complexidade e heterogeneidade, é possível analisá-lo sob diversos âmbitos.

Os estudos contemporâneos tendem a seguir a concepção de léxico a partir do entrelaçamento entre língua, sociedade e cultura, conforme já assinalamos. Essa visão tomou maior amplitude com o desenvolvimento dos estudos da Antropologia Lingüística. O léxico é o saber partilhado, faz parte do acervo vocabular de determinado grupo e representa sua visão de mundo. Nas palavras de Oliveira e Isquierdo (1998, p.7),

Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

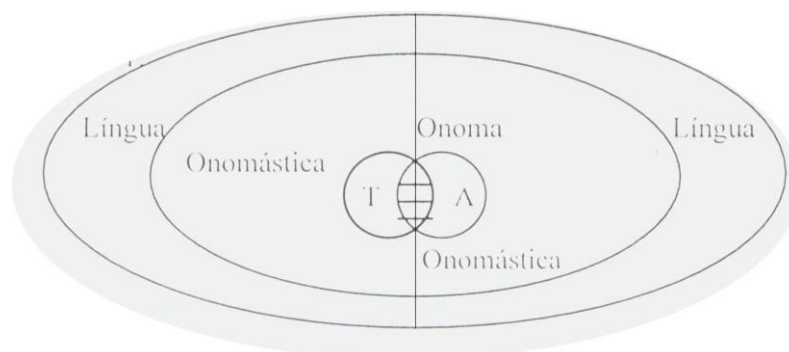
1.4. Onomástica / Onomasiologia

A Onomástica é parte integrante do campo de estudos da Lexicologia, ou seja, do estudo das palavras. Onomástica, por definição, é o estudo dos nomes próprios. Dentro da esfera onomástica, estão dois outros campos de estudos: a Toponímia e a Antroponímia. A primeira é a ciência que estuda os nomes de lugares, cidades e localidades diversas, bem como a origem e evolução desses nomes; a segunda, os nomes de pessoas, por meio dos nomes próprios individuais: prenomes ou apelidos de família.

Segundo Dick (1990b), os campos de estudo Toponímia e Antroponímia não devem ser considerados isoladamente, uma vez que suas dimensões se entrecruzam e estão inseridas uma na outra. E coloca-nos o seguinte exemplo para estabelecer tal intercessão (p.37):

A categorização lingüística de “pedra” inclui o termo no conjunto dos designativos ou nomes comuns, enquanto o sintagma toponímico **morro da Pedra** – em que **morro** é o acidente geográfico de natureza física e **Pedra** o topônimo propriamente dito – identifica um **litotopônimo** (grifos da autora).

A Toponímia e a Antroponímia constituem também uma relação de inclusão no que se refere à dimensão da esfera Onomástica. Temos, em Dick (1999, p.145), uma figura que ilustra as relações e intersecções dessas ciências:



$T \cap A$
 T= Toponímia
 A= Antroponímia
 $T \cap A$ = Intersecção

FIGURA 02 – Onomástica
 Fonte: DICK, 1999, p.145.

No presente trabalho, voltaremos nossa atenção à Toponímia por ser esta a que abrange, mais especificamente, os objetivos de nosso estudo.

De acordo com definições sacralizadas, como a de Dionísio da Trácia, a Toponímia fixou-se como o entendimento dos nomes próprios e de lugares, distintos dos nomes comuns (LEITE DE VASCONCELOS *apud* DICK, 1998, p.3). Os primeiros estudos sobre a Onomástica são provenientes da França (a partir de 1878), e depois dos Estados Unidos (década de 1940/1950). No Brasil, foi Levy Cardoso o precursor dos estudos toponímicos, embora suas publicações tivessem caráter histórico, com atenção focada na lexicologia indígena.

Devido à diversidade lingüística em nosso território, a nomeação não está apenas vinculada às “línguas da terra”, como o tupi, mas também a outros aspectos, tais como os contatos estabelecidos pelos primeiros viajantes e desbravadores que pisaram nosso chão. Têm papel significativo também a carga de importância que o próprio meio exercia no processo denominativo e a influência da cultura e dos costumes dos povos de cada região estudada. Em outras palavras, para esse tipo de estudo, a visão recai não apenas sobre o nome do lugar em questão, mas também sobre o espaço e o nome do espaço. Dick (1990a, p.II) afirma ainda que: “sem dúvida a cultura do grupo é determinante na condução desse saber-fazer denominativo, responsável pelas novas séries de designação que formam a cadeia lexical, nas perspectivas de uma antropologia lingüística que é também semiológica”.

1.5. Teoria Toponímica

Os estudos toponímicos constituem-se como bastante complexos. Não é tarefa fácil para o pesquisador investigar fatos relacionados aos nomes de lugares, pois esse tipo de pesquisa demanda diversas atividades, como observar a história da transformação dos nomes, sua evolução fonética, mudanças gramaticais, influência das migrações, nomes impulsionados pela mitologia ou folclore, entre outros.

Estudar o signo toponímico é estudar uma diversa gama de fatores comunicacionais. O topônimo é, muitas vezes, chamado de “testemunho histórico”, conforme afirma Dick (1990b, p.22):

a toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. [...]Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fôra a sua presença dinâmica.

Justamente pelo fato de abarcar uma imensa gama de conhecimentos e tipos de saber, o estudo toponímico traz em si a problemática da origem dos nomes de lugar, o que chamamos de motivação toponímica. Gramaticalmente e mesmo semanticamente, há várias maneiras de se construir a formação desse nome. Vejamos algumas.

Podemos ter, de acordo com Dick (1990a, p.10), um “termo ou elemento genérico” e o “elemento ou termo específico”. O primeiro relaciona-se à identidade geográfica que será denominada, e o segundo, o topônimo propriamente dito, ou seja, o que será identificado e singularizado dentre seus correspondentes. No sintagma toponímico, pode haver a ocorrência do nome justaposto ou aglutinado, porém, é mais comum que se encontre, em diversos idiomas, a forma justaposta, como é o caso de nosso país. A forma aglutinada faz-se bem mais rara. Tomemos como exemplo alguns nomes citados por Dick (1990a, p.10): *Michikamau*, hidrônimo canadense cuja forma *-kamau* significa “lago”, e *Jaciparaná*, hidrônimo brasileiro, significando “rio de Rondônia”. Porém, é necessário ressaltar que a maioria das denominações não segue esse parâmetro, mas sim o da forma justaposta (Rio Paraguai, por exemplo).

Outro traço bastante ocorrente para o estabelecimento dos topônimos é a de que basta a própria designação comum, como “rio”, ou “rios”. Esse é o caso para os nomes “Tuma” e “Parus”, ambos também citados por Dick (1990a, p.11), que designam, literalmente, os termos genéricos citados anteriormente. Outra hipótese é a de que o nome venha composto do termo genérico acompanhado de um qualificativo, como é o caso de Rio Negro. “A nomenclatura brasileira de origem portuguesa”, segundo nos informa Dick (1990a, p.12), “está repleta de ordenamentos dessa espécie, não apenas relativos a acidentes naturais, sejam hidrográficos ou orográficos, como também àqueles de natureza cultural ou antrópica”.

No presente trabalho, optamos por considerar a teoria toponímica pela abordagem de Dick (1990a e 1990b), que propõe o estudo através das denominadas categorias taxionômicas sobre as quais discorreremos mais detalhadamente a seguir.

O signo toponímico reveste-se de uma relação binômica, pois podemos depreender que há um termo ou elemento genérico e um termo ou elemento específico, sendo que esses podem aparecer de maneira aglutinada ou justaposta. Estudar um topônimo, portanto, envolve uma variedade de nuances bastante significativas, pois abarca diversas disciplinas afins, como a História, a Antropologia, a Geografia, entre outras. Mesmo que hoje o estudo dos nomes esteja inserido na lingüística histórica, não raras vezes temos de recorrer às disciplinas afins em busca de possíveis respostas a nossas indagações.

Afirma Pierre Guiraud (*apud* DICK, 1990a, p.17) que o signo é um “estímulo associado”, ao que Dick acrescentou serem de ordem natural, por meio de imagens ou ícones, ou artificial, por meio de símbolos. Nossa linha de pesquisa adota a questão de que os signos possuem uma motivação. Seabra (2004, p.56) afirma que “o surgimento de um símbolo lingüístico reporta-se à influência da parte social do ambiente, aos membros do grupo que nele interagem. Em um estudo toponímico tal fato é bastante evidente, já que no seu léxico se enxerga a cultura de um povo.”

A nomeação, seja de lugares ou, como em nosso caso, de acidentes físicos, “exige” do nomeador a relação conhecimento \times lugar nomeado, e, em muitos casos, o nome refletirá, como já dissemos, características culturais, sociais, religiosas, entre outras, presentes na vida dos indivíduos de determinada comunidade/região, traços relacionados a seu mundo, e a determinados campos conceituais que, para ele, sejam capazes de representar a coexistência entre a realidade e o objeto alvo de sua atenção. Essa relação pode se considerada de suma importância, seja numa perspectiva atual de determinada nomeação, ou não. Dick (1990a, p.30) observa:

Ora, o homem, em sua qualidade de membro de um agrupamento, representa, por força da introjeção de costumes e de hábitos generalizados, senão integralmente, pelo menos uma parcela significativa do pensamento coletivo. É a resultante de uma modelagem constantemente burilada pelo próprio dinamismo das paralelas línguo-sociológicas em que se movimenta. Suas idéias e manifestações de espírito, suas atitudes e condutas – conscientizadas, ou não, diante de situações concretas reguladas pela necessidade humana de sobrevivência – e seu próprio existir, enfim, tornam-no a “personalidade histórica” a-temporal e a-espacial, por excelência.

O homem, então, nesse intenso processo, “compartimenta” os fatos culturais em categorias diversas. Guizzetti (*apud* DICK, 1990b, p.31) divide essas categorias em biofactos, manufactos, sociofactos e metefactos, que, respectivamente, significam: a utilização diferenciada que o homem faz de seu próprio corpo, segundo sua sociedade; a utilização na elaboração de materiais em que utiliza elementos da natureza como matéria-prima; a organização da vida e a relação entre membros de uma etnia e suas instituições; e, finalmente, a cultura espiritual, incluídos aí os produtos do psiquismo humano.

O reconhecimento dessa compartimentação é importante, pois, através do simbolismo aí presente, os esquemas de representação referencial adquirem “forma, conteúdo, expressão e substância” (DICK, 1990b, p.31). Todo esse entrecruzamento de idéias leva-nos mais uma vez aos conceitos de palavra *versus* coisa, já mencionados em 1.3, e, como conclusão, basta-nos dizer que sob nossa perspectiva, nesse estudo, o elemento lingüístico reveste-se de uma função onomástica, ou seja, de uma motivação, a partir da qual nos é

possível deduzir conexões válidas entre o nome e aquilo que ele designa, e não apenas como sendo algo arbitrário, segundo postula Saussure (1973) ao afirmar que, entre a relação de significante e significado, não haveria nenhum elo natural ou inevitável.

A motivação toponímica constitui-se sobre duas vertentes: primeiro, na intencionalidade do denominador, isto é, a eleição de um nome por circunstâncias várias, de ordem objetiva ou subjetiva, e segundo, sob o aspecto semântico da denominação, ou seja, no próprio significado, mais ou menos revelador. Seja sob quaisquer modalidades de motivação, teremos aí envolvidos aspectos diacrônicos e sincrônicos, e, para o estudo da toponímia, seria válida uma taxionomia criada para nomes de lugares. Dessa maneira, o signo lingüístico, sob a função toponímica, aproxima-se do real e torna clara a natureza semântica de seu significado.

1.5.1. A investigação toponímica no Brasil

No Brasil, o estudo científico dos topônimos recebeu forte influência das diretrizes traçadas por Dauzat (1926), por meio de seus trabalhos realizados para a toponímia francesa. Suas pesquisas deram origem a uma teoria relacionada à dialetologia e, no que concerne aos topônimos, ao estudo de sua etimologia e história. Assim, combinou conhecimentos lingüísticos e extralingüísticos. Seus estudos, em linhas gerais, tinham como foco estabelecer as chamadas “camadas dialetais”, com reflexo na língua falada na região de pesquisa, buscar as raízes formadoras dos topônimos, reconstituir, pela etimologia, as formas antigas de nomeação e, ainda, utilizar a pesquisa em documentos históricos.

Em momentos anteriores à teoria de Dauzat e de outros estudiosos (Auguste Vincent, na Bélgica; Jöran Sahlgren e Eilet Ekwall, na Suécia, entre outros), a pesquisa toponímica era vista de maneira bastante simplista, desvinculada de outras disciplinas e fora do contexto social e cultural dos falantes. Esse fato gerou, infelizmente, muitos estudos baseados em visões etimológicas estreitas e diversos equívocos nas classificações.

Essas etapas científicas de análise realizadas por Dauzat (1926) só foram incorporadas aos estudos toponímicos brasileiros a partir de Drumond⁶ e, posteriormente, Dick. Antes, a atenção estava voltada para os estudos indígenas de origem tupi, dentre os quais se destaca o trabalho de Sampaio (1955), denominado *O tupi na geografia nacional*, obra de referência para indianistas, estudiosos, historiadores e geógrafos interessados na língua tupi, disseminada por todo território nacional pelos bandeirantes.

⁶ Carlos Drumond (FFLCH – USP)

Posteriormente, Cardoso, em 1961, difundiu a etimologia de alguns topônimos da Amazônia não oriundos de dialetos não tupis, mas sim de outras línguas, como aruaques e bororos.

Em 1965, Drumond salientou a importância dos estudos toponímicos no Brasil e defendeu a idéia de que essa ciência necessitava de métodos apropriados para a descrição dos topônimos, tarefa que foi realizada pela toponimista Maria Vicentina do Amaral Dick. Orientada por Drumond, professor titular da área de línguas indígenas do Brasil da Universidade de São Paulo, baseando-se nas teorias de Dauzat, essa pesquisadora presenteou-nos com os *Princípios Teóricos e Modelos Taxeonomícos*, os quais, para a toponímia no Brasil, são considerados até hoje os mais completos. Na América do Sul muitos trabalhos vêm sendo realizados, dentre os quais destacam-se os de Salazar-Quijada (1985), na Venezuela, e o de Lillo (1990), no Chile.

A partir dos trabalhos de Dick, a ciência toponímica difundiu-se por nosso país, e hoje temos diversos outros trabalhos feitos nessa área que favoreceram enormemente os estudos da linguagem. Em 1986, Staub realizou um estudo sobre a formação dos topônimos de Santa Cruz do Sul (RS); em 1996, destaca-se a pesquisa de Isquierdo, que cataloga e analisa o léxico utilizado pelos seringueiros no Acre; Ramos e Venâncio (2002) investigam a respeito de nomes das cidades mineiras; Schneider (2002) analisou topônimos referentes aos acidentes físicos do Pantanal Sul-mato-grossense. Seabra (2004) analisou a toponímia da Região do Carmo (M.G). A esses, seguem diversos outros trabalhos direcionados ao vasto campo que a toponímia abrange, cada qual com sua metodologia e delimitações de pesquisa, cada qual acrescentando-nos novas descobertas sobre o vasto universo da linguagem e das relações humanas.

1.5.2. O Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATEMIG)

Conforme assinalamos acima, no que se refere aos estudos onomásticos, muito tem sido feito no Brasil. Há bastantes projetos sendo desenvolvidos por diferentes universidades brasileiras, que têm privilegiado, sobretudo, a elaboração de Atlas Toponímicos.

A elaboração de Atlas Toponímicos foi projetada por Dick (USP – FFLCH) como um meio de análise das ocorrências gerais da nomenclatura geográfica, do ponto de vista da denominação dos acidentes físicos e antrópicos. Eis exemplos de alguns desses trabalhos: a) Projeto ATB (Atlas Toponímico do Brasil), e b) ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo), ambos desenvolvidos pela Universidade de São Paulo (USP); c) Projeto ATEMT

(Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso), desenvolvido pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT); d) no Acre, desenvolvido pela Universidade Federal desse estado (UFAC), há o ATAQB (Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira); e) Projeto ATEMS (Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul), desenvolvido na Universidade Federal desse mesmo estado; f) Projeto ATEPAR (Atlas Toponímico do Estado do Paraná), desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina.

Destacamos, no estado de Minas Gerais, o projeto de Atlas ao qual está vinculada nossa pesquisa: o ATEMIG, Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, sob a coordenação da Professora Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, na Faculdade de Letras da UFMG. Esse projeto é variante regional do ATB, Atlas Toponímico do Brasil, por sua vez coordenado pela Professora Doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O ATEMIG tem como objetivos:

1. constituir um *corpus* com todos os topônimos presentes nas cartas geográficas dos 853 municípios de Minas Gerais;
2. catalogar e reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, dentre outros;
3. classificar e analisar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas;
4. buscar a influência das línguas em contato no território (fenômenos gramaticais e semânticos);
5. cartografar os nomes dos acidentes físicos e humanos do Estado de Minas Gerais;
6. construir glossários toponímicos;
7. realizar gravações orais com o objetivo de coletar outros topônimos que não constam na rede toponímica oficial do estado⁷.

Para cumprir os objetivos a que se propõe, vêm sendo coletados, pela equipe do ATEMIG, dados por todo o estado de Minas Gerais. Feita essa coleta, são selecionados “nomes de lugares” e, a partir deles, são desenvolvidos trabalhos científicos diversos, como dissertações de mestrado e teses de doutorado. Esses estudos fundamentam-se em teorias que abarcam o léxico, a toponímia, a cultura e as sociedades.

O território mineiro, no que se refere aos estudos desenvolvidos pelo ATEMIG, é considerado segundo a divisão proposta pelo IBGE, em 10 mesoregiões, conforme mostramos o mapa a seguir:

⁷ SEABRA, M. C. T. C. ATEMIG - Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do ATB. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia/MG: EDUFU, 2006, v. 1, p.1945-1952.



MAPA 02 – Mesorregiões do Estado de Minas Gerais
 Fonte: RIBEIRO, 1999, p.6.

Ainda sobre esse Projeto, Seabra (2006, p.1945) também afirma que

o ATEMIG abrange os estudos do homem e da sociedade por meio da linguagem e da investigação onomástica, destacando a inter-relação língua e cultura. Constitui-se, pois, uma ampla linha de pesquisa que contempla estudos do léxico sob enfoques etnolingüísticos e antropoculturais em suas diversidades regionais.

É importante ressaltar que nossa linha de estudos baseia-se na proposta do ATB e do ATEMIG, pois também está vinculada ao estudo da linguagem na sociedade, na relação entre língua e cultura, e muitos de nossos objetivos correspondem aos daquele Projeto.

O ATEMIG, iniciado em 2005, já apresenta resultados parciais bastante significativos no que se refere ao estudo do território de Minas Gerais: as taxionomias predominantes em cada região realmente refletem hábitos, traços culturais e de ocupação territorial, entre outros, nos lugares os quais o forasteiro conquistou como sendo de propriedade dele. Nossa pesquisa, por sua vez, nos levará a constatar se, no caso dos hidrônimos, os resultados se aproximam ou não dos topônimos na área por nós delimitada, pertencente ao território mineiro.

Em nosso próximo capítulo, discorreremos acerca da contextualização histórico-geográfica que compreende a região por nós pesquisada. A ela relacionam-se as primeiras entradas pelo território mineiro, bem como a importância dos cursos d'água desde essas primeiras incursões.



FOTO 03 – Igrejinha da Quinta do Sumidouro, cuja padroeira é Nossa Senhora do Rosário
Fonte: Acervo pessoal.

CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA

2.1. As primeiras expedições em território mineiro

O Brasil, à época do descobrimento, foi considerado, num primeiro momento, como ilha sem valor e perdida no oceano. Isso devido ao fato de que o litoral brasileiro não deu mostras do grande tesouro que abrigava, escondido entre densas matas, inúmeras serras, bravios sertões. Não podiam imaginar, à primeira vista, os colonizadores, as imensas riquezas que estavam por ser descobertas em muitas partes do vasto território a que se chamou primeiro pelo nome de *Ilha de Vera Cruz*. Entretanto, a partir dos primeiros contatos com os nativos, relata Pero Vaz de Caminha, em sua carta ao rei de Portugal, que os índios teriam dado a entender aos recém-chegados, por meio de comunicação gestual, que havia na terra a presença de ouro e metais preciosos. Desde o primeiro contato com os nativos, segundo Renger (2007, p.106), “surgiu a lenda do *Itaberabaçu*, ou na corruptela *Sabarabussu*, o monte resplandescente que teria no seu pé o lago *Vapabussu*, onde se encontrariam os sonhados tesouros, alvo de todos os sertanistas e os bandeirantes”. Mas, mesmo após muitos anos, tudo não passava de especulações.

Sejam motivados pela curiosidade, ou pela cobiça, fato é que os que primeiro em nossas terras estiveram, lançaram-se à exploração dos recursos nela encontrados. Num primeiro momento, à extração do pau-brasil, ao cultivo da cana-de-açúcar nos anos subseqüentes, e, em seguida, à caça de pedras e metais preciosos. Não se pode olvidar também das caças aos gentios que eram feitas pelo sertão, prática bem mais antiga que a da caça às riquezas escondidas sob a terra.

Vasconcellos (1944, p.9) considera que tanto o criador de gado quanto o bandeirante investiram em andanças por terrenos desconhecidos: “Um e outro investiram, quasi (*sic*) coetaneamente, deserto-a-dentro. Bateram ambos serra acima, serra a baixo, vales e savanas adentro, atraídos pela mesma fascinação geográfica, pela mesma cobiça do futuro, pela mesma audácia no comportamento”.

Muitos boiadeiros, antes mesmo das expedições em busca de ouro e metais, atravessavam imensos terrenos ou neles se estabeleciam por meio da posse concedida por cartas de sesmaria, ou mesmo em terras das quais expulsavam os índios. Nossa atenção recairá, entretanto, devido aos interesses de nossa pesquisa, nas investidas bandeirantes pelas terras desconhecidas do chão a que hoje chamamos Minas Gerais.

Vasconcelos (1974) utilizou-se de uma interessante relação assinalada por Cassiano Ricardo, jornalista, poeta e ensaísta, entre o homem e o sertão. Segundo o poeta, o sertão chamava o homem, a montanha o empurrava terra adentro e o rio, por vezes, o carregava nos ombros para que o homem fosse saber o que é que o sertão queria. E o homem resolveu aceitar o desafio.

O território mineiro, antes de ser submetido a essa exploração, era habitado por povos indígenas de diferentes etnias. As pesquisas arqueológicas mais recentes consideram que a ocupação indígena remontaria a 11 ou 12 mil anos atrás, e seria conseqüência de movimentos migratórios cujo eixo originário compreendia a área entre os Andes e a floresta amazônica (BELTRÃO *et al*, 1988). Segundo Barreiros (1984), entre tantas etnias (estimadas entre 11 e 117, dados oscilantes devido ao fato de a região ter recebido tribos advindas do litoral), no território que pertence à região do Rio das Velhas, a presença dos índios tupi se deu em virtude da entrada dos bandeirantes nesse território. Em Minas, já se encontravam também outras tribos, como os tapuias, goiás (ou tupiniquins) e cataguases. Sabe-se, por meio de estudos e registros históricos, que os índios dessa última nação citada estabeleceram fortes laços de proximidade com os homens do sertão.

Venâncio (2007) ao discutir o processo de conquista em território brasileiro, assinala que a colonização deixou três marcas profundas relacionadas ao contato entre o homem e o indígena: a guerra contra os invasores brancos, a submissão a eles e a fuga (migração) para regiões distantes. Assim, pode-se afirmar que, no território hoje mineiro, esse mesmo processo se deu. Em outras palavras, pela combinação entre a destruição e a assimilação do mundo indígena, o sertão dos Cataguases, Guaianases ou Araxás deu lugar às Minas Gerais.

Constantemente, chegavam, a São Paulo e outras regiões, notícias, mesmo que incertas e vagas, da existência de grandes riquezas minerais localizadas ao sudoeste da Bahia. Assim, organizavam-se entradas na esperança de se encontrarem vestígios e/ou amostras de tais tesouros. Segundo Lima Júnior (1978), Américo Vespúcio, em carta datada de 1503 e destinada a Sonderini, já afirmava existir no Brasil grande abundância de ouro.

Não há dúvidas de que as dificuldades encontradas por esses primeiros exploradores fossem bastante consideráveis. Existiam as barreiras naturais, feitas pelas serras, montanhas, escarpas; o clima era quase sempre bastante úmido, devido às incessantes chuvas e à densa vegetação, e havia ainda em boa parte do território ferocíssimas tribos indígenas, com as quais muitas expedições travavam grandes embates. Entretanto, os perigos não foram capazes de frear, por meio das primeiras expedições, a busca pelas promessas de riqueza.

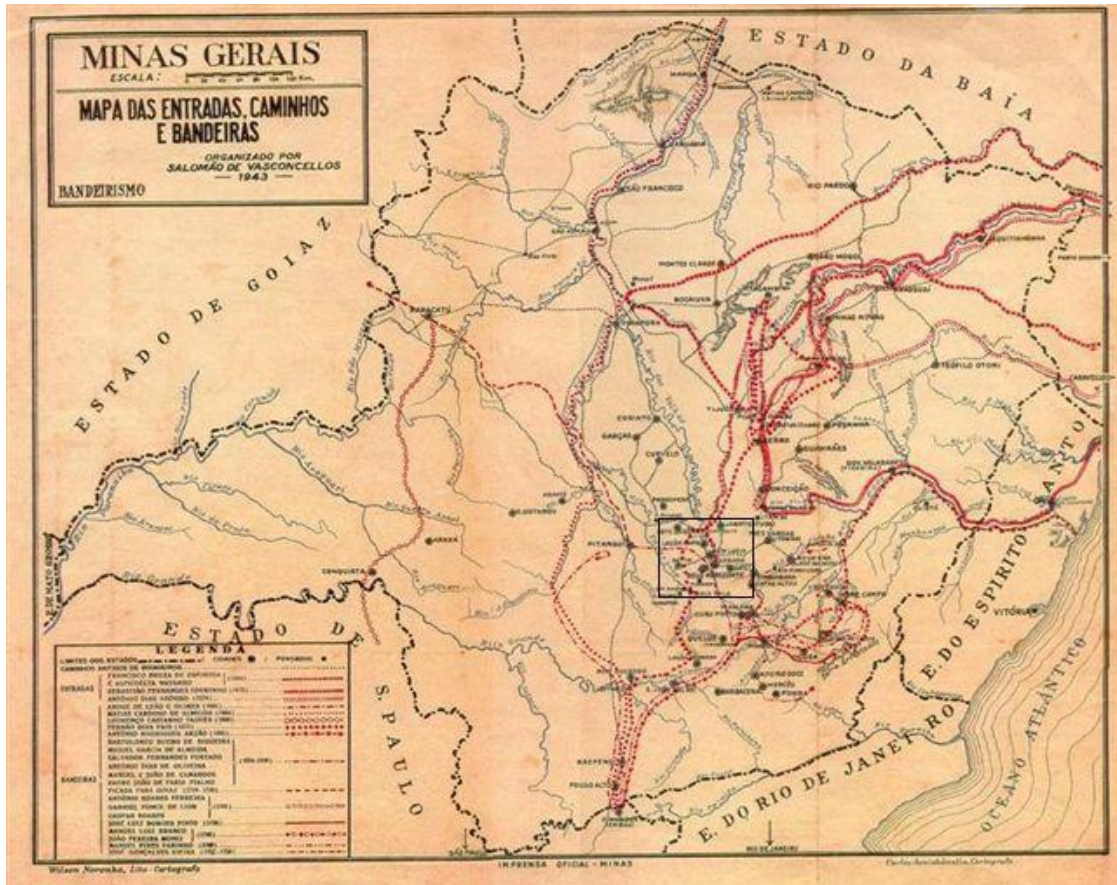
Dentre as incursões que primeiro adentraram os desertões que viriam a ser considerados como território mineiro está a de Francisco Bruzza de Spinozza e do padre jesuíta João de Aspilcueta Navarro, no ano de 1554. Esta expedição penetrou na região dos rios Pardo e Jequitinhonha, por caminhos de terra bastante úmida e fria, por regiões de densa mata, em que abundavam as águas. Não se pode dizer que tenha sido esta uma empreitada de sucesso, devido à dificuldade de adentrar-se o sertão, mas certamente serviu para que se formassem novas expedições, muitas malogradas, e outras bastante frutíferas, como veremos a seguir.

No ano de 1562, foi Dom Vasco Rodrigues quem se aventurou por buscar a região em que se encontravam os almejados tesouros. Entretanto, sua comitiva foi desbaratada pelos ferocíssimos índios tupinaens. Em 1568, Martim Carvalho organizou sua expedição que, durante o tempo de oito meses, coletou preciosas amostras de grãos amarelos, que podiam ser ouro, e algumas pedras verdes. Entretanto, todo esse material se perdeu no naufrágio da canoa que os transportava. Em 1573, Sebastião Fernandes Tourinho partiu de Porto Seguro e alcançou os rios Doce, Guandu e Jequitinhonha. Nessas localidades, colheu amostras de pedras azuis, esmeraldas, safiras e cristais, e por esse motivo, coube-lhe, de fato, o mérito de ser o primeiro descobridor de nosso território. À expedição de Tourinho, seguiu-se, em 1576, a de Antônio Dias Adorno, o qual realmente adentrou o sertão das esmeraldas e colheu-as em bom número, juntamente com turmalinas verdes e azuis.

Essas primeiras expedições foram de grande valia, tanto para a confirmação da presença de metais preciosos em território mineiro, quanto para a confirmação de que, devido às agruras do sertão, fazia-se necessário estabelecer explorações regulares às localidades já demarcadas, para que não se perdessem os caminhos e se retirasse das jazidas todo o proveito. Além disso, uma incursão após a outra também inflamava novos aventureiros e possibilitava a fixação dos caminhos e trilhas já abertos.

Caberia aos paulistas a exploração sistemática do território mineiro. Das expedições que se seguiram após essas primeiras, as que lograram maiores êxitos foram por eles empreendidas. Estabeleceu-se sólida organização social em Piratininga, região que vem a ser hoje pertencente a São Paulo, bem provida de víveres e condições para lutar contra os bugres. Ao mesmo tempo, outros pontos do território hoje mineiro eram ocupados por currais de gado, conforme já assinalamos e, em terras hoje baianas e capixabas, estabeleciam-se núcleos de povoamento que também contribuíram para o avanço nas Gerais.

Seguem, apontadas no mapa abaixo, as primeiras entradas e bandeiras em Minas Gerais, segundo abordagem de Vasconcellos (1944):



MAPA 03 – Mapa das entradas, caminhos e bandeiras
 Fonte: VASCONCELLOS, 1944, p.345. (marcação nossa)

Apresentamos, também, para melhor visualização, um recorte da área alvo de nossas pesquisas:



2.2. Fernão Dias Pais e os serviços por ele prestados à Coroa Portuguesa

Fernão Dias Pais nasceu no ano de 1608 e era descendente, por parte de pai e mãe, de famílias portuguesas que estabeleceram-se em São Paulo e exerceram ali cargos elevados. Também ele próprio passou, com o decorrer dos anos, a prestar grandes serviços à Coroa Portuguesa.

Chefe de família, possuidor de grandes cabedais, antes de aplicar-se à empresa da entrada nos sertões mineiros, realizou outras expedições, enumeradas a seguir, de acordo com Barreiros (1979): no ano de 1637, realizou sua primeira entrada nos sertões do Tape, atual território do Rio Grande do Sul; em 1640, comandou a defesa do porto de Santos, ameaçado pelos holandeses; em 1653, realizou uma viagem ao Rio de Janeiro a serviço da restauração dos jesuítas na Vila de São Paulo; em 1661, comandou a expedição de Apucarana, conduzindo a Parnaíba várias tribos indígenas; em 1664, enviou ajuda à expedição de Agostinho Barbalho Bezerra, que se encontrava em Vitória (ES); em 1671, enviou tropas em socorro à Bahia, no combate ao gentio bárbaro. A incursão em território mineiro se deu no ano de 1674. Tais movimentos seguem ilustrados pelo mapa:



MAPA 04 – Área de atuação de Fernão Dias
Fonte: BARREIROS, 1979, p.16.

Tão grandes conquistas e a fama de aventureiro possibilitaram a esse grande homem um dos maiores empreendimentos para alguém de sua época: a exploração de regiões pouco conhecidas e a descoberta de preciosas jazidas as quais gerariam, anos mais tarde, imenso benefício à Coroa Portuguesa, retirando-a da miséria em que se encontrava.

2.2.1. Fernão Dias e a expedição em território mineiro: caminhantes e caminhos

Fernão Dias contava 66 anos na data em que sua comitiva se pôs em marcha rumo ao território mineiro, o que se deu no ano de 1674. Algum tempo antes, em 20 de outubro de 1672, recebera, do Governador Afonso Furtado, a carta-patente que lhe concedia poderes sobre os integrantes de sua bandeira e o nomeava chefe e governador das Esmeraldas. Fernão Dias convocou por adjunto e sucessor o Capitão Matias Cardoso e, é importante frisar, ambos partiram, com a comitiva, munidos por meio da venda de algo de suas propriedades e posses, visto que à Coroa apenas interessava a parte nos lucros. No que diz respeito à formação da bandeira, propriamente dita, assinala Vasconcelos (1974, p.77):

Cada potentado, conquistador, tinha sua bandeira de guerra distintiva, como os senhores da Idade Média. Era esta um símbolo de poder próprio reconhecido pelo Governador. Os que se alistavam, chamavam-se bandeirantes dese ou daquele dono, que exercia poder soberano e absoluto de caráter marcial sobre a tropa em diligência e no recinto de seu latifúndio.

O número dos que se puseram em marcha nessa empreitada é apenas estimado, sendo que não há, por parte dos pesquisadores, um número exato: quarenta homens brancos, afora o próprio Fernão Dias e seu filho, Garcia Rodrigues, muitos aliados, como seu genro Borba Gato, e seu sobrinho Francisco Pires Ribeiro. Integravam também o grupo índios e mamelucos, dentre os quais José Dias Pais, filho natural de Fernão, e ainda alguns negros.

Não há também, segundo Taunay (1961, p.160), documentação precisa sobre o itinerário dessa bandeira. Entretanto, o que mais se faz crer é que a primeira parte do roteiro consistia no caminho percorrido de São Paulo ao rio das Mortes. Sobre a viagem, citemos Vasconcelos (1974, p.79):

a marcha nenhuma dificuldade ofereceu até Guaratinguetá, região aberta e freqüentada, havia anos; mas dali em diante começaram a cair pela serra as brumas das terras ermas. Não eram [...] de todo ignotas as paragens da Mantiqueira [...] É, porém, para se imaginar com espanto a passagem destes novos Alpes por veréias, que o mato cegara e que só a bússola indicava nas caligens do Embaú.

A busca pela Mantiqueira, através da Garganta do Embaú, significava o abandono dos caminhos já conhecidos e o avanço por espaço antes percorrido por poucos, aberto através dos marcos das trilhas indígenas, ou das incursões de boiadeiros. Tais trilhas eram orientadas,

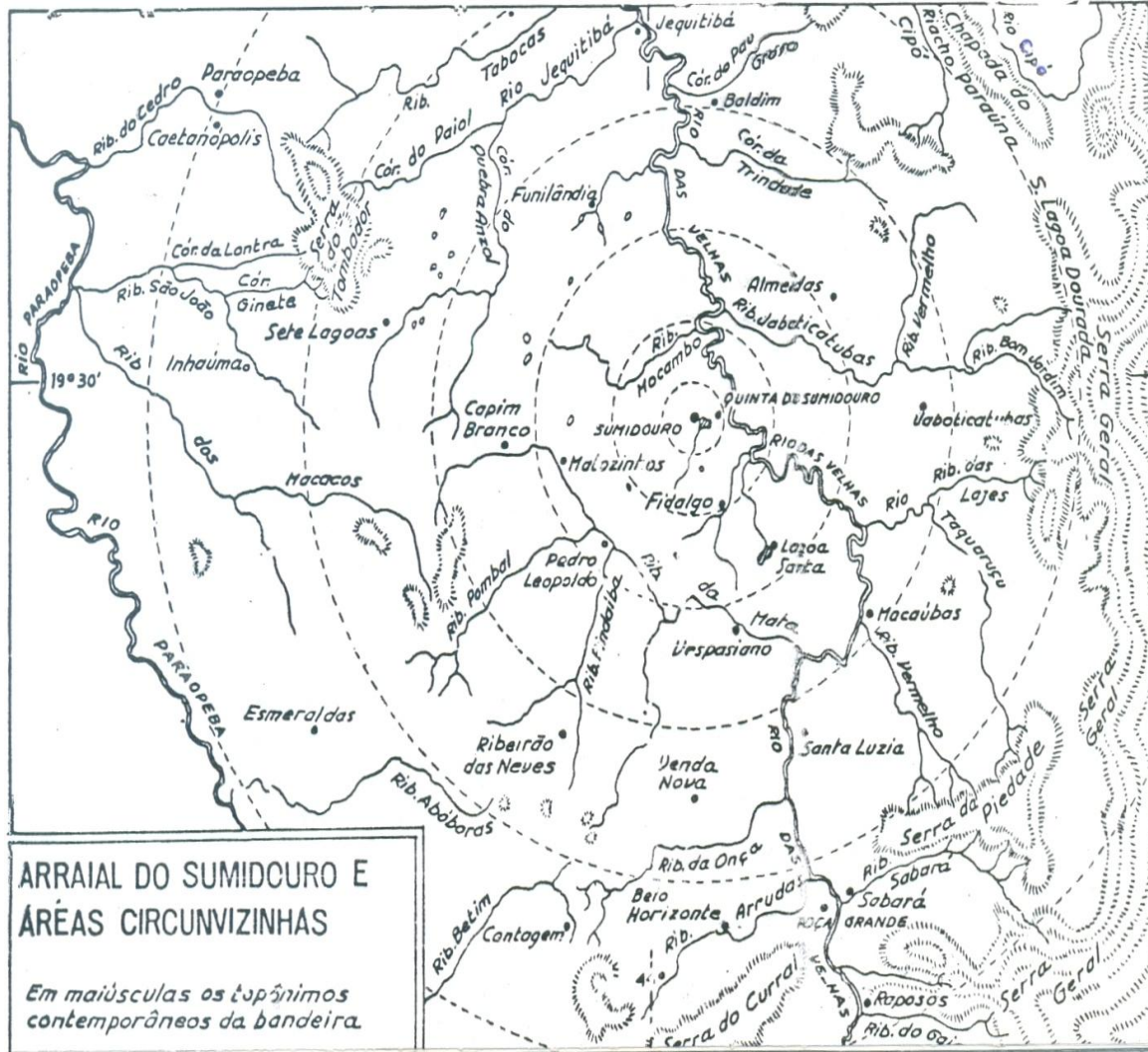
quase em sua totalidade, no sentido dos cursos d'água. Havia, pelo caminho, trilhas já percorridas por outros viajantes, como Matias Cardoso, já há tempos no sertão, que implantava em diversas regiões roças e feitorias. Certamente, como já assinalamos, as expedições anteriores foram de grande valia para as que se seguiram, pois davam alento a quem viajava, e a certeza de se estar percorrendo o caminho certo. Assim, os viajantes da comitiva de 1674 seguiam as indicações da orografia e hidrografia e as trilhas já demarcadas, que sugeriam os melhores caminhos.

Ultrapassar elevações, ir de uma bacia a outra, evitar caminhos íngremes e mais difíceis, tudo isso significava seguir através das gargantas naturais, onde as depressões, fendas e cortes norteavam o caminho a ser seguido. “Sempre que podiam, passavam pelo campo aberto, ao longo dos rios, facilitando assim a jornada”, assinalada Barreiros (1979, p.49). Essa maneira de viajar foi um legado indígena ao bandeirante e permitia ao expedicionário uma série de vantagens, como encontrar terrenos férteis para o plantio de roças, obtenção de caça e pescado. Não é demais dizer que os rios eram as estradas que guiavam os bandeirantes sertão adentro. Torres (1980, p.108) afirma que:

Os bandeirantes sempre usaram de dois tipos de pontos de referências naturais durante as intermináveis excursões pelas florestas. Primeiro, os rios, cujos cursos subiam ou desciam, conforme era o caso, ou então os grandes picos azuis, marcos lançados pela natureza para indicar onde estava o ouro.

O roteiro dos bandeirantes seguiu descendo pela região conhecida como Pinheirais, para pouco depois transpor o rio Passa-Trinta, atual Passa-Quatro, chegando a Capivari. Descansaram algum tempo num lugar ao qual chamaram *Mbáépendi*, que significa Pousou Alegre, seguiram para o Rio Verde, transpuseram o Rio Grande e estabeleceram o primeiro arraial em Minas, na *Ibituruna*, ou Serra Negra. Dirigiram-se à Serra da Borda e atravessaram a região do Campo, entrando pelo Paraopeba e aí fundando o segundo arraial, batizado com o nome de Sant'Ana. Finalmente, marcharam para o *Anhanhacanha*, que significa “água parada que some no buraco do mato”, e cuja região hoje corresponde ao distrito de Quinta do Sumidouro, pertencente à cidade de Pedro Leopoldo, na região metropolitana de Belo Horizonte. Esse foi o terceiro arraial fundado em território mineiro, e para o qual voltaremos nossa atenção.

O mapa a seguir oferece-nos um panorama do arraial do Sumidouro e das áreas que o cercam, incluindo municípios e acidentes físicos.



MAPA 05 – Arraial do Sumidouro e áreas próximas a ele
 Fonte: BARREIROS, 1974, p.63.

2.2.2. Sucessos e insucessos no Sumidouro

Não se sabe, ainda hoje, os reais motivos que teriam feito com que Fernão Dias se estabelecesse na região do Sumidouro. Provavelmente, a crença da existência de prata na região e nos arredores. Nunca foi encontrado esse metal naquela localidade, porém essa expedição gerou importantíssimos frutos: por ter vasculhado incansavelmente os arredores, como as margens orientais do Paraopeba, a região da Serra da Piedade e também as encostas da Serra do Tombador, possibilitou, no início do século XVIII, a descoberta de copiosas minas de ouro no leito do Rio das Velhas e em alguns de seus afluentes, como os ribeirões Gaio e Inferno. Segundo Barreiros (1979) os súditos brasileiros, pela ansiedade na busca da prata, acabariam por pisotear o ouro. A tamanha riqueza encontrada posteriormente nas áreas perscrutadas pelos bandeirantes assombraria até mesmo o governo espanhol, que já havia encontrado grandes riquezas em outras áreas do continente americano.

O Rio das Velhas, antes de receber essa nomeação, era conhecido como rio *Uaimi-í*. A antiga pronúncia do último i resultou na forma portuguesa *Guaxim*, da qual nasceu *Guaicuí*, e, em seguida, passou a ser usada a tradução Rio das Velhas. Junto a esse rio se situavam o arraial do Sumidouro e a Quinta. O arraial do Sumidouro distava da Quinta pouco mais de dois quilômetros. Na Quinta, residiam Fernão Dias e alguns dos seus, e, no Sumidouro, estavam seus comandados, sob as ordens de seu filho José Dias. Sucederam-se, nessas regiões, ao longo dos quatro anos seguintes, muitos fatos calamitosos, mortes, dissoluções e discórdias, sobre as quais discorreremos logo adiante.

A longa trajetória entre Piratininga e o Sumidouro resultou em muitas perdas e mortes, devido às dificuldades do trajeto. Matias Cardoso perdera quase toda a sua tropa, e algum tempo depois, regressou a São Paulo. Fernão Dias não adotou a mesma postura, talvez por refletir e ver que em tal empresa investira muitos de seus bens, escravos, riquezas. Despachou, pois, dois índios da nação goianá, de sua confiança, a São Paulo, portando cartas endereçadas, à sua esposa, Dona Maria Garcia Betim, e ao Príncipe Regente, rogando-lhes que enviassem auxílio, não permitindo que perecesse ele no sertão. Enquanto aguardava resposta, o explorador prosseguia em suas pesquisas pelo território.

Fato é que alguns dos que ainda se encontravam em companhia de Fernão Dias passaram a conspirar contra a vida de seu comandante. A conspiração era comandada por José Dias Pais, o mameluco, filho natural de Fernão, e foi descoberta por meio de índios *goianás* associados ao Governador das Esmeraldas. Este ajuntou a sua gente e marchou ao encontro de José Dias e dos insurgentes, no Sumidouro, e encontrou-os, segundo nos contam os relatos históricos (VASCONCELOS, 1974), a tramar os últimos detalhes da conspiração. Instaurou-se a listagem dos culpados. Todos foram perdoados, com a condição de que se afastassem da comitiva de Fernão Dias e que nunca mais fossem vistos. A seu filho José Dias, entretanto, decretou a pena de morte pelo enforcamento.

Somente após mais de três anos do envio das cartas de pedido de socorro, regressaram alguns emissários, que traziam, a mando de Dona Maria Betim, uma leva que foi capaz de suprir a expedição com armas, pólvora e balas. Nesse tempo, o arraial do Sumidouro florescera consideravelmente e, assim, seus habitantes não sofriam carestia de víveres. Na Quinta haviam sido plantadas roças, havia na região caça e pesca abundante, pois se situava às margens do caudaloso Rio das Velhas.

A Coroa Portuguesa enviou ao encaço do Governador das Esmeraldas um homem a que nomearam como assistente de Fernão Dias: tal pessoa era D. Rodrigo Castelo Branco, homem cujo cargo era o de Administrador Geral. A este foram dadas as ordens de prosseguir

nos descobrimentos, caso não encontrasse mais Fernão Dias e, caso o encontrasse vivo, seguir dele as ordens e o direcionamento.

Os que restaram da comitiva de Fernão Dias associaram-se a alguns nativos; assim, formava-se nova comitiva para partir em busca das Esmeraldas, em meados dos anos 1680, antes de chegar Dom Rodrigo ao arraial. Seguindo as orientações deixadas pelos aventureiros antigos, Fernão Dias e seus companheiros percorreram longo caminho. Do Sumidouro marcharam para o *Vapabussu* e, logo depois, para Itamarandiba. Em seguida, tomaram a direção nordeste e, por fim, pisaram a terra das esmeraldas. Depois de tantos infortúnios e algumas alegrias, foram achadas as preciosas pedras verdes. Entrementes, Borba Gato, genro de Fernão Dias, dava continuação aos descobrimentos do Sabarabussu.

Estava, enfim, completa a carreira de Fernão Dias. O bandeirante, tomado pelas carneiradas do sertão, veio a falecer após seu grande achado, no arraial da Quinta do Sumidouro, no ano de 1681. O corpo do notável bandeirante foi embalsamado e enviado a São Paulo para ser sepultado na Capela de São Bento.

As amostras das esmeraldas coletadas pela expedição de Fernão Dias chegaram à Coroa em duas levas: uma, por mãos de Dom Rodrigo, em primeiro de setembro de 1681, e a outra, por mãos de Garcia Rodrigues, no dia primeiro de dezembro do mesmo ano. Após a entrega das esmeraldas, Dom Rodrigo voltou ao Sumidouro, enviado pela Coroa a retomar as atividades iniciadas pelo grande bandeirante e tomar posse das descobertas já feitas.

A expedição de Dom Rodrigo compunha-se de maneira bastante diversa da de Fernão Dias e outros paulistas que se lançaram ao sertão: aquele fidalgo era apoiado e patrocinado pelo governo, e por ele também abastecido de víveres, munição e muitos homens, assistência com a qual não puderam contar muitas expedições paulistas, que, conforme temos conhecimento, se mantinham às custas de seus próprios idealizadores.

No Sumidouro, Dom Rodrigo foi recebido por Borba Gato. Desenvolver-se-ia, entre esses dois homens, uma situação conflituosa, pois o primeiro viera tomar posse do cargo pertencente a Fernão Dias, que, por sua vez, ainda em vida, havia outorgado a Borba Gato, conforme permitiam os alvarás. Os dois homens, assim, achavam-se no direito de tomar posse das minas já existentes, de governá-las e governar também as que se sucedessem. Assim, instaurou-se certa animosidade entre os dois homens e seus comandados.

Dom Rodrigo não possuía, apesar da confiança que lhe depositara o rei, uma postura disciplinar com relação a seu proceder. Conforme o registrado em Vasconcelos (1974), o Administrador tardava em prosseguir nos descobrimentos, conforme lhe mandara a Coroa e, demorava-se no arraial, a passar os dias em regalos, banquetes e libertinagem. Seus

comandados passavam o tempo em jogos e caçadas e, à noite, promoviam orgias, regadas a vinho, ao som das violas e das guitarras. Borba Gato, a par disso, apressou-se em escrever uma carta de denúncia contra Dom Rodrigo ao Rei. Ao perceber a atitude do genro de Fernão Dias, Dom Rodrigo ordenou os preparativos para uma expedição e, ao reclamar armas e munições para enfrentar os gentios, teve todos os pedidos negados por parte de Borba Gato e dos seus. Achando-se ambos no pleno exercício de seus direitos, um não cedia à vontade do outro.

A rixa entre os dois governadores prosseguiu ainda por longo tempo e, no intuito de ser resolvida, foi marcada uma entrevista em que poderiam comparecer apenas Borba Gato e Dom Rodrigo, ambos acompanhados somente de dois pajens. Porém, a discussão não se deu arrazoadamente e, os dois pajens de Borba Gato, sentindo nas palavras de Dom Rodrigo ameaças e insultos, num repente, mataram o enviado do rei a tiros e só não vieram a liquidar também os dois que o acompanhavam por serem detidos pelo genro do governador das esmeraldas. O fato tomou tão grande vulto que a localidade em que se deu o assassinato de Dom Rodrigo ficou conhecida como Alto do Fidalgo, hoje apenas Fidalgo, distrito situado entre a Quinta e o Sumidouro.

Após a morte de Dom Rodrigo, seus liderados mostraram ganas de vingança. Porém, nenhum conflito mais grave se deu. Ao perceber o quanto se encontravam em desvantagem, esses homens tomaram rumos diversos sertão adentro e estabeleceram-se pela região de Sete Lagoas, Curumaitá, Jaguará e São Francisco, fundando por essas regiões fazendas de gado.

Borba Gato, por sua vez, temeroso da punição da Coroa, refugiou-se com os seus nos sertões do Piracicava. De fato, no dia dois de novembro de 1682, foi feita ao Rei uma denúncia formal contra o foragido, que, dessa forma, encontrava-se, “irremediavelmente perdido para sempre”. (VASCONCELOS, 1974, p.103). Porém, anos mais tarde, em 1700, receberia o perdão do Governador da Capitania do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, Artur de Sá e Menezes, estando esse em sua primeira viagem a Minas. Barreiros (1984) assinala que, na presença do Governador, Borba Gato contou-lhe sua versão do crime e garantiu que, em troca do perdão, serviria como guia pelo sertão, indicando onde se localizavam as riquezas do Sabarabussu e outras mais.

O movimento bandeirantista iniciado pelos paulistas sem dúvida alguma serviu para que fossem ativadas outras incursões à busca de riquezas. Assim, o território ia se expandindo através do caminho geral do sertão. Isso provocou a vinda para esse território de uma imensa leva de pessoas, de diversas nacionalidades, atraídas pela esperança de encontrar

fartamente o ouro. Nos anos de 1700 e 1701, foi grafada, possivelmente, pela primeira vez, num mapa feito pelo padre Jesuíta Jacó Cocleo, a expressão *Minas Gerais*. De acordo com Venâncio (2007, p.27), “É da divulgação de que havia ouro, em maior ou menor quantidade, em qualquer direção que tomassem as pessoas, que surge a expressão *minas gerais*”.

Com essa imensa expansão, foram-se fundando muitos arraiais que, posteriormente, constituíram-se municípios do estado de Minas Gerais.

2.2.3. A importância dos cursos d’água para as expedições – o Rio das Velhas e cidades de seu entorno

A hidrografia brasileira encerra imensa riqueza através de seus cursos d’água, tanto em aspectos quantitativos, como em extensão e volume d’água. Os territórios são realmente ricos desse recurso, e tão variados são os nomes que encerram características relativas ao estudo dos rios, que as possibilidades de estudo se fazem muito extensas. Para os leigos, torna-se difícil distinguir rio de riacho, ribeirão ou córrego, sendo que muitas vezes é adotado apenas o termo genérico *rio*. Porém, Dick e Seabra (2002, p.65), afirmam sobre o cursos d’água que:

Há aqueles que só pertencem a certos sítios, porque tipificados pelo meio ou pelos contatos lingüísticos nas fronteiras, como ocorre com os igarapés, paranás, corixos ou arroios, cada um deles revelando, em suas formas de expressão, as marcas de um grupo étnico distinto, ou uma determinada referência fáctica. Os objetos assim simbolizados lingüisticamente caracterizam variações vocabulares locais, com um raio diatópico mais ou menos preciso. De qualquer modo, são frutos do meio que os conformou e possibilitou a sua historiografia onomástica.

Ao observar a ocupação do território mineiro, bem como os caminhos e mapas seguidos pelos sertanistas, não nos resta dúvidas da importância dos cursos d’água para o direcionamento, o acesso e a sobrevivência das comitivas em suas incursões.

Os primeiros mapas destacam, além de pontos de partida, nomes de picos e serras, o nome dos rios pelos quais se devia seguir, subir ou descer. Sem os rios, não era possível seguir caminho, e por eles, garantia-se a pesca, a água potável, a caça, e muitas vezes, a navegação.

Após muitas andanças, os rios adquiriram valor maior, pois era em suas aluviões encontrados traços da presença de preciosos metais, como o ouro. Segundo Capistrano de Abreu (1930, p.36), “os primeiros descobertos lavraram-se em águas do rio Doce, Rio das Velhas, mais tarde, rio das Mortes e do Jequitinhonha”. Nas proximidades das águas eram erguidos os arraiais, estabelecidas as vilas e edificadas, alguns anos depois, as cidades.

Voltaremos nossas atenções ao Rio das Velhas, em torno do qual se passaram os diversos acontecimentos relativos à expedição de 1674 e sobre o qual recai grande importância nos anos seguintes.

Em torno da região do Rio das Velhas, estabeleceu-se, por volta do ano de 1720 uma comarca. Essa região, conforme assinala-nos Barreiros (1984, p.57), ficava

compreendida entre o Rio Paraopeba e a Serra Geral ou do Espinhaço, confrontando ainda com “descobertos” do alto Rio das Velhas, pertencentes ao âmbito da região das Minas Gerais. Tinha como centro os arraiais do Sabará e Caeté, assim como a antiga Roça Grande.

Nas margens do Rio das Velhas e de seus afluentes, instalaram-se os primeiros povoados da região. Na área rural, estabeleceram-se diversas fazendas, voltadas à criação de gado, porém, ao sul, quase no limite com a comarca de Ouro Preto, predominou a atividade mineradora. Foi, durante muitos anos, a comarca mais densamente povoada, e as atividades e investimentos econômicos aconteciam, principalmente, na região de Sabará e seu entorno. Muitas cidades passaram a ter grande importância, como Ouro Preto, Sabará, Contagem, Caeté, entre outras; determinadas regiões, como os distritos de Quinta do Sumidouro e Fidalgo, centro dos acontecimentos relacionados aos primórdios da história mineira, pertencem hoje a cidades maiores, e sobre os fatos que nesses locais se passaram, quase tudo ignoram seus moradores.

Fazem parte da região da Bacia do Rio das Velhas, até o seu limite com o Rio São Francisco, 51 municípios. Interessamo-nos, no momento, discorrer brevemente acerca de 19 deles, a saber, integrantes da região de estudos abarcadas na presente pesquisa, e ordenados a seguir em ordem alfabética: Belo Horizonte, Caeté, Confins, Contagem, Esmeraldas, Itabirito, Lagoa Santa, Nova Lima, Nova União, Ouro Preto, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Sabará, Santa Luzia, São José da Lapa, Taquaraçu de Minas e Vespasiano⁸.

2.2.3.1. Belo Horizonte

A cidade de Belo Horizonte tem suas origens por volta do ano de 1701. Nessa época, chegou à serra de Congonhas (hoje serra do Curral) o bandeirante João Leite da Silva Ortiz. Na verdade, ele buscava ouro, mas, mesmo não o encontrando, resolveu fixar-se no local e estabelecer sua fazenda, em que desenvolveu a agricultura e criou gado. O progresso da fazenda começou a atrair outros moradores, e assim foi se formando na região um pequeno

⁸ Fontes históricas retiradas do site www.biblioteca.ibge.gov.br acesso em 21/05/09 e em sites dos próprios municípios. Não foi possível encontrar, para todos os municípios, um histórico completo ou mais aprofundado.

arraial. Boiadeiros vindos da Bahia estabeleceram também ali um ponto de parada, e a região foi batizada como Curral del Rei.

Com o desenvolvimento da região, estabeleceram-se ali, alguns anos depois, fábricas de algodão e ainda fundições de ferro e bronze. As grandes pedreiras que existiam espalhadas pelo local também propiciaram a extração de granito e calcário. Após a decadência da mineração, o arraial expandiu-se ainda mais e foi elevado à condição de Freguesia. Já nessa época, englobava as regiões de Sete Lagoas, Contagem, Santa Quitéria (Esmeraldas), Buritis, Capela Nova do Betim, Piedade do Paraopeba, Brumado Itatiaiuçu, Morro de Mateus Leme, Neves, Aranha e Rio Manso. Entretanto, com o passar do tempo, cada uma das diversas regiões que constituíam o arraial foi se tornando autônoma.

Em 1889, foi proposta a mudança do nome Curral del Rei para Belo Horizonte. Após a proclamação da República, veio a tentativa de se transferir a capital de Minas Gerais para uma nova cidade. Segundo se pensava, a cidade de Ouro Preto não oferecia mais condições adequadas para um pretendido crescimento econômico. Assim, em 17 de dezembro de 1893, foi criada e adicionada à Constituição Estadual uma lei determinando que a nova sede fosse erguida em Belo Horizonte. E 12 de dezembro de 1897, era inaugurada a nova capital de Minas. Entretanto, em meio a algumas mudanças feitas, muitas “ruas” da cidade não passavam de picadas abertas no meio do mato.

As fases de maior crescimento da cidade se deram nos anos de 1905, 1912, 1913, 1917 e 1919. Pequenas fábricas funcionavam, o fornecimento de energia elétrica foi ampliado, criaram-se linhas de bonde, praças e jardins. O número de habitantes também cresceu. Nas décadas seguintes, a cidade continuou progredindo. Em 1927, foi criada a Universidade Federal de Minas Gerais e foram inauguradas grandes obras da engenharia civil, como o viaduto de Santa Teresa. Na periferia, os bairros também se expandiam.

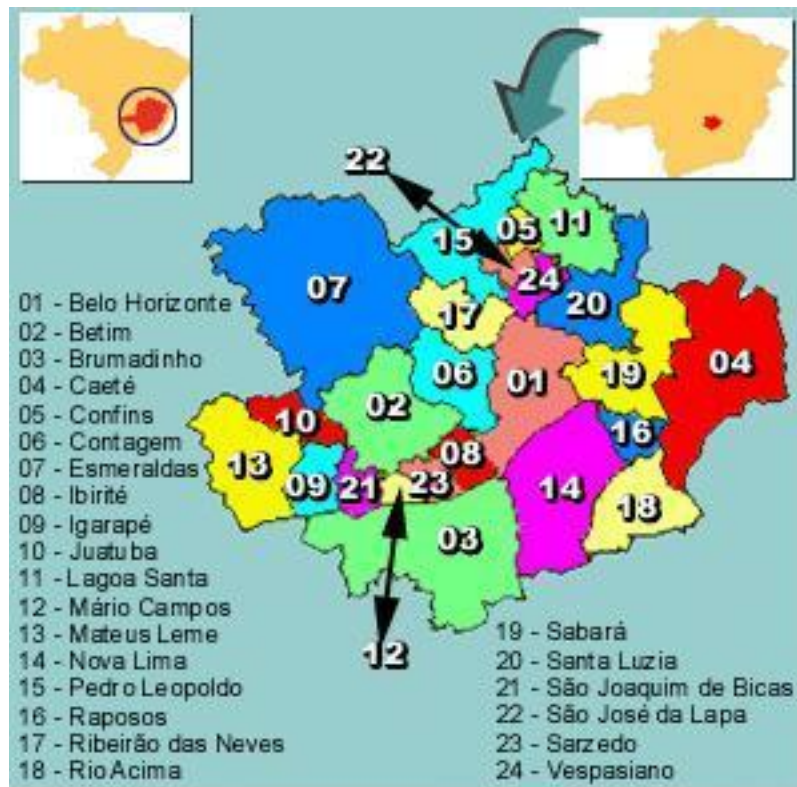
A grande transformação, entretanto, se daria na década de 40, mais especificamente quando Juscelino Kubitschek foi prefeito de Belo Horizonte. Em 1943, foi inaugurado o Complexo Arquitetônico da Pampulha, desenhado por Oscar Niemeyer: a Igreja de São Francisco de Assis, a Casa do Baile, o Cassino e o Iate Golf Club, todos instalados às margens da lagoa artificial da Pampulha.

A década de 1950 foi o marco industrial da cidade e seu entorno. Desenvolveu-se enormemente a região conhecida como Cidade Industrial (da década de 1940), nas proximidades de Contagem. O número de habitantes em Belo Horizonte passa de 300 para 700 mil.

Nos anos de 1960 e 1970, o perfil de Belo Horizonte foi transformado. Já havia, nessa época, a necessidade de desafogar o trânsito. Para isso, foram demolidos velhos casarões e árvores. Surgiam novos e modernos edifícios, as indústrias e as instituições financeiras cresciam cada vez mais. O crescimento desordenado fez transparecer a falta de planejamento da cidade, e assim foi criada a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), composta por 24 municípios.

Entre 1980 e 1990, a cidade recebeu um novo sistema de transportes e foi iniciada a implantação do metrô. Alguns edifícios históricos foram tombados e a valorização do espaço urbano se deu por meio da recuperação de praças e parques. No ano de 1996, o Plano diretor da cidade e a lei de uso e ocupação do solo passaram a regular e ordenar o crescimento da capital.

Hoje, Belo Horizonte continua a exercer imenso valor tanto na vida de seus próprios habitantes quanto na dos habitantes de seu entorno. Segue, no mapa abaixo, a localização dos 24 municípios integrantes da RMBH:



MAPA 06 – Cidades integrantes da RMBH

Fonte: <http://www.bhservico.com.br/belo-horizonte.htm>. Acesso em 20 fev. 2009.

2.2.3.2. Caeté

A história do município de Caeté também está ligada à exploração do território mineiro e às primeiras entradas bandeirantes. Por volta do ano de 1701, Leonardo Nardes,

Antônio Leme Guerra e João Leme Guerra descobriram as minas de Caeté. O lugar se chamava, nessa época, Vila Nova da Rainha do Caeté. Em 1703, o povoado já se encontrava organizado e, no ano de 1714, foi elevado à Vila, com o nome Vila Nova da Rainha.

Destaca-se na história de Caeté um dos conflitos mais marcantes ocorridos em Minas, nos primeiros anos dos setecentos (1708): a guerra dos Emboabas. Caeté se tornou o berço do conflito, pois as origens do movimento partiram de incidentes entre bandeirantes paulistas e moradores locais.

Como ocorreu em outras cidades, houve grande crescimento na região devido à notícia da descoberta do ouro. Nessa localidade, viviam muitos baianos e portugueses, ou seja, emboabas, como eram conhecidos os não originários da capitania de São Paulo. Nos anos finais do século XVIII, a decadência econômica sentida em toda Minas Gerais atingiu também a Vila da Rainha. Chegou a ser suprimida como Vila, mas, depois, foi restaurada como tal. Apesar das dificuldades econômicas, encontrava-se politicamente ativa, pois de seus filhos saiu o primeiro batalhão de voluntários de Minas para as lutas de independência na Bahia.

Em 25 de novembro de 1865, a Vila foi elevada à categoria de cidade, recebendo, dessa vez apenas o nome Caeté, que significa, segundo Vasconcelos (1974, p.139), “matas”. Os principais nomes ligados à cidade pela luta de seu desenvolvimento são João Pinheiro e Israel Pinheiro, sendo este último fundador da Companhia Vale do Rio Doce (hoje, Vale).

No território de Caeté, está a afamada Serra da Piedade, conhecida pelos bandeirantes e marco dos caminhos do Sumidouro.

Hoje, Caeté possui 35 mil habitantes e é conhecida por seu patrimônio histórico, artístico e arquitetônico.

2.2.3.3. Confins

Os municípios de Lagoa Santa e Confins estão intimamente ligados no que diz respeito à sua história. Ambas abrigam rico e diversificado conjunto de lagoas e grutas que guardam resquícios da presença do homem primitivo nos arredores. Ossadas pré-históricas foram retiradas das grutas de Confins, assim como de Lagoa Santa e Pedro Leopoldo, e fazem parte do acervo do Museu de História Natural da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Já o Museu de Copenhague, na Dinamarca, guarda o crânio que ficou conhecido como “O Homem de Confins”, um exemplar encontrado na Gruta de Confins.

Nessas localidades, principalmente em Confins, o bandeirantismo também deixou seus vestígios: o povoado serviu como ponto de parada e pouso para bandeirantes e tropeiros. A nomeação do lugar justifica-se por sua distância das fazendas instaladas em toda a região.

O município, com o passar dos anos, pouco se desenvolveu, não alcançando destaque em suas atividades. Abriga, desde o ano de 1984, o Aeroporto Internacional de Confins, distando de Belo Horizonte 40 quilômetros.

2.2.3.4. Lagoa Santa

A cidade de Lagoa Santa foi fundada em 1733 pelo bandeirante Felipe Rodrigues, que se estabeleceu no local. Antes de sua ocupação, entretanto, habitaram a região, há mais de 12 mil anos, tribos de caçadores e coletores, cuja espécie ficou conhecida como “o homem de Lagoa Santa”.

A primeira nomeação para a região foi Lagoa Grande, em seguida Lagoa das Congonhas do Sabarabussu. A nomeação atual tem origem na crença do poder das águas da lagoa central da cidade, que possuiria minerais com propriedades de cura. Sendo uma crença popular ou não, no ano de 1749 foi dada a autorização para a construção de uma capela em louvor à Nossa Senhora dos Remédios e anos mais tarde, em 1819, foi erguida uma capela definitiva em honra de Nossa Senhora da Saúde. No ano de 1750, compareceu ao arraial o então ouvidor de Sabará, Manuel Nunes Velho, para demarcar locais reservados aos arruamentos e os locais para banho na lagoa.

A cidade ainda conserva antigas tradições, como a festa da padroeira N. Sra. da Saúde em 15 de agosto; Nossa Sra. da Conceição em 08 de dezembro e, no mês de outubro, as festas congas de N. Sra. do Rosário.

Em 1938, criou-se o município de Lagoa Santa, que possui um grande acervo arqueológico e paleontológico, cujas descobertas foram iniciadas pelo naturalista e botânico Peter Wilhelm Lund, por volta de 1835. A gruta da Lapinha, situada mui próxima do Sumidouro, da Quinta e de Fidalgo, possui salões de grande beleza, e as lagoas da região são as principais atrações turísticas do município. Lagoa Santa dista 38 quilômetros de Belo Horizonte.

2.2.3.5. Contagem

O município de Contagem, em suas origens, recebeu esse nome devido ao fato de, por volta do ano de 1701, ter sido instalado, às margens do ribeirão de nome Abóboras, um posto fiscal, que era, na verdade, uma Casa do Registro e também de “contagem” do gado que

vinha da região do Rio São Francisco e da Bahia com destino às cidades de Ouro Preto e Mariana. O intercâmbio da Bahia com as Minas passando pelo posto fiscal das Abóboras foi breve, durando somente quarenta anos, mais ou menos. Uma vez abolido o posto, o pequeno arraial permaneceu decadente, mas obstinado, dando passagem aos viajantes que demandavam as minas de Pitangui, mantendo o comércio e a produção agropastoril em atividade.

Como acontecia em todos os pontos que ofereciam boas oportunidades de lucro, em torno do registro das Abóboras, desde 1716, um aglomerado humano dos mais diversificados tipos foi dando vida à população: senhores de escravos, proprietários de datas minerais à procura de braços para o trabalho e do gado para alimentação, patrulheiros, funcionários do Registro, delatores do transvio, religiosos, taberneiros, desocupados e vadios; nas redondezas, ainda se assentavam pessoas que encontravam faixas de terras devolutas.

Até o início do século XX, mais precisamente 1901, Contagem foi parte integrante do município de Sabará.

Mesmo com tanto prestígio, com o passar dos anos, e ainda hoje, essa região passou a ter como centro econômico a cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais.

2.2.3.6. Esmeraldas

O município a que hoje chamamos Esmeraldas teve como primeiro nome Santa Quitéria. Foi um dos lugares de pouso de Fernão Dias e sua comitiva no ano de 1674, quando esses estavam a caminho do Sumidouro. Trinta anos após a passagem dos sertanistas, foi convertido em povoado com a chegada dos irmão Coelho à localidade. Por seu clima ameno, a localidade era propícia à criação de gado e à agricultura.

Na fazenda de nome Santa Quitéria, ergueu-se uma capela em homenagem a essa santa, e assim o povoado ergueu-se em volta desse núcleo. O crescimento foi lento e, mais de um século depois de sua fundação, foi criada a freguesia de Santa Quitéria, elevada à município em 1901. Em 1943, o local passou a chamar-se Esmeraldas. Hoje, conta com boa infra-estrutura urbana. Sua economia está centrada na pecuária leiteira e na produção de hortigranjeiros. O território é banhado pelo Rio Paraopeba, e a sede municipal dista 62 quilômetros de Belo Horizonte. Curiosamente, não foi encontrada a origem do atual nome.

2.2.3.7. Itabirito

A região onde hoje se situa Itabirito também está relacionada ao ciclo do ouro. No final do século XVII, as descobertas de minas auríferas em Sabará, Ouro Preto e região

possibilitaram um grande deslocamento de pessoas para o território central de Minas Gerais. As terras foram povoadas rapidamente e, em pouco tempo, se transformavam em arraiais, freguesias e vilas. No entorno de Itabirito, esses povoadamentos são contemporâneos às primeiras explorações do ouro. Porém, anos antes, o Pico do Itabirito já era marco geográfico para guiar os bandeirantes em suas expedições pelas localidades do Rio das Velhas.

As atividades de exploração do ouro impulsionaram a economia da região até meados do século XIX, mas, a partir do ano de 1845, o rendimento das lavras caiu significativamente. Em 1880, com a instalação dos trilhos da Estrada de Ferro Dom Pedro II e a abertura de empresas nos ramos da siderurgia, tecidos e couro, Itabirito deixou de ter, gradativamente, apenas feição colonial para adquirir paisagem industrial. Esse movimento possibilitou a emancipação do município, em 7 de setembro de 1923. Hoje, Itabirito possui empresas que desenvolvem na região importantes atividades de exploração de minério de ferro.

2.2.3.8. Nova Lima

A localidade de nome Nova Lima surgiu poucos anos antes de 1700, quando Domingos Rodrigues da Fonseca Leme descobria o Ribeiro do Campo (atual Ribeiro do Cardoso) e, no encontro dessas águas com as do Ribeirão dos Cristais, surgiria, fundado pelos mineradores de ouro, o Arraial das Congonhas, primeiro nome dado à região. Há fortes indícios de que no leito do Ribeiro do Campo tenha existido ouro, e que sua exploração tenha se iniciado na época da vinda a Minas Gerais do Governador da Província (que compreendia Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo), Artur de Sá e Menezes.

Em 1714, o Arraial das Congonhas foi elevado à Freguesia e passou a chamar-se Congonhas do Sabará. Em 5 de fevereiro de 1891, Congonhas do Sabará passava a denominar-se Vila Nova de Lima e anexava-se à freguesia de Santo Antônio de Rio Acima. Já em 1923, o município é rebatizado com o nome de Nova Lima. O nome da cidade é uma homenagem ao Dr. Augusto de Lima, escritor e poeta, que foi também governador do estado de Minas Gerais.

Nova Lima dista 22 quilômetros de Belo Horizonte, consolidando-se, hoje, como um importante pólo de serviços e de comércio que promove o crescimento econômico do município.

2.2.3.9. Nova União

O município de Nova União teve seu início quando uma viúva de nome desconhecido instalou-se às margens do Ribeirão Santa Cruz. A casa dessa mulher servia de pouso a tropeiros e boiadeiros que transitavam por ali, e pelo o designativo “Viúva” ficou conhecido o lugar.

As incursões constantes rumo ao centro de Minas traziam novos habitantes ao lugarejo, nascido junto à casa da viúva. A fixação do território consolidou-se ainda mais quando ocorreu a doação de terrenos pelo Sr. Carolino Rodrigues Machado, pioneiro da povoação, ao patrimônio da capela de São Sebastião.

Em 1890, foi nomeado como Distrito de União, subordinado a Caeté. Em 1943, passou a se chamar União de Caeté. Em 1962, foi elevado à município, com a denominação José de Melo, em homenagem a um ilustre homem público e político notável residente na região. Em 1987, o município passou a chamar-se, por razões não documentadas, Nova União.

2.2.3.10. Ouro Preto

O descobrimento do sítio em que surgiu Vila Rica, hoje cidade de Ouro Preto, constitui acontecimento intimamente ligado ao descobrimento das minas de ouro. Do córrego Tripuí foram retirados granitos da cor do aço que, depois se soube, eram ouro de fino quilate. Essa descoberta desafiou os paulistas para que viessem descobrir a imensa riqueza do território.

Os principais episódios dessa descoberta foram registrados por um padre jesuíta de nome Antonil, que visitou Minas Gerais na primeira década do século XVIII, e cujas informações são consideradas valiosíssimas por diversos historiadores, como Diogo de Vasconcelos, que, em obra de 1974, refere-se a essa testemunha viva do descobrimento.

Acredita-se que o primeiro descobridor do ouro nas águas do Tripuí seria um mulato que, ao mergulhar sua gamela nas águas, percebeu que nela haviam ficado pequenos granitos da cor do aço. Esse homem e seus companheiros não conheciam tal metal e, supondo-o sem nenhum valor, venderam alguns de seus granitos, em Taubaté, por um valor irrisório, informando aos compradores onde haviam sido encontradas essas pedras. Tratava-se de um local em cuja posição central se encontrava um grupo de penhascos batizado por “Itacolumi”, de origem tupi, (ita-curumí – “pedra menino”), por lhes parecerem as pedras mãe e filha ao pé uma da outra.

Algum tempo depois foram remetidas algumas amostras do achado ao governador Artur de Sá, e, feitos os devidos exames, descobriu-se se tratar de ouro finíssimo. Depois dessa descoberta, foram feitas várias incursões em busca do local, baseadas nas eferências do pico do Itacolomi e do ribeirão Tripuí, porém, muitas nada alcançaram.

O primeiro a partir rumo à recém-descoberta riqueza foi José Gomes de Oliveira, em março de 1691. Levou consigo como ajudante Vicente Lopes. Chegaram a Itaverava, esperavam alcançar o pico que era como farol do desejado Tripuí. Porém, não o alcançaram, e perderam-se na semelhança entre os picos do imenso sertão.

Os próximos que se aventuraram sertão adentro foram Antônio Rodrigues Arzão, em 1692, Bartolomeu Bueno de Siqueira, em 1694, e Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, em 1695. Os dois últimos, ao chegarem ao local onde muitos se perdiam em direções que os faziam andar em círculos, considerando as tentativas anteriores, orientadas todas para os lados do sul e do leste, deliberaram avançar na direção dos dois pontos cardeais ainda não pesquisados. Bartolomeu Bueno seguiu para o oeste e foi dar num rio, que batizou com o nome de Pitangui. Salvador Fernandes, tendo como rumo o norte, penetrou no vale do Gualaxo, andou pelos amplos horizontes do Mato dentro, desceu a serra e chegou, no dia 16 de julho de 1696, às margens de um ribeiro, ao qual chamou Ribeirão do Carmo, aludindo à Virgem. Esse ribeirão, riquíssimo, denunciava a proximidade do Rio Tripuí, pois ele guardava em seu leito alguns granitos cor de aço.

A notícia da descoberta, chegada a São Paulo, alvoroçou a região e, logo, o governador Arthur de Sá mandou que lhe trouxessem alguns desses granitos, para que os pudesse analisar. Ao tomá-los, trincou-os nos dentes e assim pôde ver revelada, por trás da cor negra, a cor natural do precioso metal, que a partir daí recebeu um nome especial: ouro preto.

Restava, entretanto, descobrir o Itacolomi. Assim, alguns homens reuniram-se a Antônio Dias de Oliveira e, em abril de 1698, novamente adentraram o sertão na esperança de recobrem o primitivo descobrimento. Na expedição, tomou parte o padre João de Faria Fialho, que se tornaria notável como um dos principais povoadores de Minas. Depois de percorrer muitos caminhos, seguindo as pistas dos que já haviam passado pela região e as outras diretrizes, seguiu pela serra da Borba, avistou a Itatiaia e foi em direção ao Rodeio; transpôs a serra do Pires, chegou até o ribeiro das Congonhas, subiu para o Campo Grande. No dia seguinte, ao alvorecer, numa sexta-feira, 24 de junho de 1698, os bandeirantes ergueram-se e deram mais alguns passos: todo o panorama estupendo do Tripuí, iluminado,

então, pela aurora, apareceu-lhes diante dos olhos, e o Itacolomi estampou-se nítido e firme entre as montanhas. No dia de São João, estava descoberto o Ouro Preto.

Depois dessa descoberta inicial, diversas minas passaram a ser exploradas e fundaram-se na região vários arraiais, como o de São João, Padre Faria, Antônio Dias, Bom Sucesso e Ouro Podre, cuja população aumentou rapidamente e, em 1711, pela carta Régia de 8 de julho, esse último arraial era elevado à categoria de vila, com o nome de Vila Rica de Albuquerque, em homenagem ao capitão-general da Capitania, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Em 1712, o nome passou a ser Vila Rica.

A extraordinária produção das minas possibilitou que, o mais rápido possível, fossem taxados, por parte da Coroa Portuguesa, pesados impostos e fiscalização do ouro extraído. Tudo o que era retirado, submetia-se à pesagem na Carta de Fundição, para a cobrança do imposto de um quinto. O povo, revoltando-se com essa imposição absurda, reagiu, e essa revolta culminou, no ano de 1720 em revolução, chefiada por um homem de nome Felipe dos Santos, que pagou com a vida sua coragem: foi capturado, condenado, e sua pena foi ser arrastado pelas ruas da cidade atado à cauda de um cavalo.

Nos últimos anos do século XVIII, Vila Rica já se transformara, pela produção constante de suas minas e aumento crescente de sua população, em grande e opulento centro urbano. Possuía imponentes edifícios e majestosas igrejas, nas quais podiam-se encontrar as obras de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, além de muitos altares cobertos de ouro.

A história legou-nos também a luta pela independência do Brasil de Portugal, cujas idéias foram iniciadas em Ouro Preto, foco da conspiração que ficou na história com o nome de Inconfidência Mineira. O movimento foi dissolvido, por meio de um delator, e culminou com o enforcamento de Joaquim José da Silva Xavier – o Tiradentes, o qual foi, mais tarde, proclamado o protomártir da Independência e cuja memória foi perpetuada em grande monumento erguido na praça principal da cidade.

2.2.3.11. Pedro Leopoldo

O município de Pedro Leopoldo originou-se em fins do século XIX, no período da construção da Estrada de Ferro Central do Brasil, que passava pelo antigo povoado de Cachoeira das Três Moças. Estava à frente dos trabalhos dessa construção o engenheiro Pedro Leopoldo, que, em 19 de julho de 1895, inaugurava a estação local.

Em homenagem ao ilustre profissional, passou aquele povoado, por força de Lei municipal de 17 de julho de 1901, a ser sede do distrito então criado com o nome de Pedro Leopoldo.

Grande influência tiveram nos processos de formação e crescimento do povoado uma Fábrica de Tecidos, que recebeu o nome de Cachoeira Grande, e a estação ferroviária. Entretanto, muito antes disso, os registros históricos demonstram que o primeiro desbravador da região foi o bandeirante Fernão Dias Pais Leme, em sua passagem pelo território do município (distrito de Sumidouro) à cata de ouro.

Logo no início do povoado, algumas pessoas procedentes de Pompéu se transferiram para Pedro Leopoldo, entre elas três moças, motivo por que primitivamente o aglomerado se chamou Cachoeira das Três Moças. Essas mulheres eram donas da fazenda na qual se situava a cachoeira, que recebeu o mesmo nome devido a elas e que, mais tarde, foi vendida para o fundador da Fábrica de Tecidos, erguida por um grupo de homens de grande visão e coragem, dentre os quais se encontrava o comendador Antônio Alves Pereira da Silva e Melo. A fábrica empregou muitas pessoas do povoado e foi, em boa parte, responsável pelo progresso local. Hoje, a fábrica está desativada, e o que move a economia são duas grandes cimenteiras que se instalaram na região.

Muitas pessoas saem diariamente da cidade para trabalharem em Belo Horizonte, que dista do município 43 quilômetros.

2.2.3.12. Raposos

A história de Raposos guarda profundas ligações com a história de sua mineração, pois foi esse o motivo essencial de sua criação, progresso e existência. No ano de 1690, quando ainda não havia sido fundada a Capitania de Minas Gerais, o Governador Geral Artur de Sá e Menezes designou Pedro Morais de Rapôso para descobrir ouro e pedras preciosas nos sertões de Minas. Esse incursionista, trazendo muitos familiares e aventureiros, entrou pela região de Sabarabussu, seguiu o caminho de Paes Leme, acompanhando o leito do Rio das Velhas. Encontrou um local ideal para garimpar e faiscar ouro na confluência de um caudaloso ribeirão (hoje Ribeirão da Prata).

Conquistada a família pela terra fértil e abundante ouro, fundou-se na região o arraial dos Rapôsos. Seus habitantes passaram a cultivar milho, feijão, mandioca, cana-de-açúcar. Eram produzidos ali açúcar, melado, rapadura, farinha de mandioca e cachaça. Esses produtos eram escoados pelo Rio das Velhas, que era navegável, até os arraiais vizinhos, como Sabarabussu, Arraial Velho, Gaya (atual Honório Bicalho) e Santo Antônio do Rio Acima.

Em seu território, havia uma mina com o nome de Espírito Santo, de propriedade de um padre chamado José Nicolau de Araújo Gouvêa, o qual, misteriosamente, desapareceu.

Assim, a mina passou a pertencer, por direito de herança, ao casal José Felixberto Gouvêa e D. Delfina Gouvêa, no século XIX.

Nessa época, os serviços de mineração eram executados por escravos, fazendo parte das instalações da Mina um grande engenho com 12 mãos de pilão para a trituração do minério. José Felixberto Gouvêa foi assassinado por um dos escravos; a mina, com todas suas terras, foi vendida para a Companhia de Passagem de Mariana, que possuía, também, atividades inerentes no povoado de Honório Bicalho, em Nova Lima. O minério passou a ser transportado, por meio dos animais de carga, para o vizinho povoado, onde recebia o tratamento adequado para a apuração do ouro.

Essa Companhia explorou por longos anos a mina, porém, em 1832, toda a propriedade foi transferida para a Saint John del Rey Mining Company Limited (Companhia de Morro Velho), que, nessa época, já explorava várias minas na Vila Nova Lima, hoje Nova Lima.

Ao lado das atividades de mineração, a região de Raposos possuiu também outra indústria que, embora em caráter temporário, chegou a auxiliar o desenvolvimento econômico da região na época: uma fábrica de fósforos, instalada em Raposos, em 1907, pelo Sr. Germano da Silva Gomes, em sociedade com um alemão. A fábrica funcionou até o ano de 1925 e, no ano de 1928, teve sua maquinaria vendida para uma concorrente do Rio de Janeiro.

2.2.3.13. Ribeirão das Neves

As origens do município de Ribeirão das Neves remontam ao século XVIII, época em que o governo português distribuía sesmarias com o intuito de encontrar mais riquezas minerais em solo brasileiro.

O povoamento da região iniciou-se no ano de 1745, quando o mestre de campo Jacynto Vieira da Costa recebeu do então governador Gomes Freire de Andrade uma carta de sesmaria na “Mata do Bento Pires”, pertencente à Comarca da Casa Alta. No ano de 1747, fez a doação de um terreno para a construção da Capela de Nossa Senhora das Neves, padroeira e nomeadora da cidade.

Em 1752, o Sr. Jacynto recebeu outra carta, regularizando como sua possessão mais três sítios. Mais tarde, em 1760, dois dias antes de sua morte, vendeu suas terras para seu filho, Antônio Vieira da Costa, que, solteiro, faleceu em 1797, sem deixar testamento. Os terrenos e bens foram levados a leilão e arrematados pelo Capitão José Luiz de Andrade, arcebispo de Praga, Portugal, residente, na época, na Vila de Sabará.

O novo proprietário possuía dois filhos: o guarda-mor Joaquim José de Andrade e Padre José Maria de Andrade. Esse último, no ano de 1818, passou a ser o curador da Capela de Nossa Senhora das Neves. Homem dotado de grande inteligência, fôra Delegado de Instrução e Juiz de Paz em Venda Nova e deixou grande contribuição para o desenvolvimento da localidade, sendo considerado o fundador do município.

Por volta do ano de 1875, Neves, redução adotada para a referência ao município, passou por um período de estagnação. Restaram na cidade poucas famílias, as quais impediram que a cidade ficasse completamente abandonada: eram famílias pioneiras e tradicionais, como os Nogueira, os Andrade, os Cerqueira, os Avelar, os Guimarães e os Alves.

Em 30 de agosto de 1911, com a elevação do distrito de Contagem, a Vila de Neves passou a integrá-lo, como povoado do distrito de Vera Cruz. A partir de 1923, o povoado foi elevado à distrito, constituindo o Município de Contagem até 1938, quando foi transferido para o Município de Betim.

Em 27 de março de 1924, um ofício da Penitenciária da antiga Câmara de Contagem informava ao Secretário da Agricultura que duas fazendas do Município, a de Neves e a de Mato Grosso, se prestavam admiravelmente para a instalação de uma Colônia Penal Agrícola, que foi inaugurada em 1938. Por meio dessa obra, o município se projetou internacionalmente, sendo inclusive o modelo dessa penitenciária considerado como o melhor sistema carcerário da América Latina.

A partir do ano de 1943, Neves passa a pertencer ao Município de Pedro Leopoldo, recebendo sua atual denominação, não mais sendo registrado em documentos o nome Nossa Senhora do Ribeirão das Neves, mas somente Ribeirão das Neves. A emancipação do município ocorreu dez anos depois.

2.2.3.14. Rio Acima

Rio Acima é mais um dos municípios que surgiram através do movimento bandeirante. Na localidade situava-se uma passagem, hoje pertencente à Estrada Real, que saía da capital do Império, adentrava Minas e passava por Ouro Preto, Sabará e Santa Luzia.

Devido ao fato de ser caminho de passagem, foi construído um pouso para os viajantes, e também uma capela, às margens do Rio das Velhas, na altura da foz do córrego hoje chamado Santo Antônio. Em torno da capela, floresceu um arraial, que não se desenvolveu muito ao longo dos anos.

O primeiro sopro de progresso se deu entre os anos 1912 e 1923, quando ocorreu a construção da estrada de rodagem que ligava a capital do Estado à da República e que pela região de Rio Acima passava. Foi somente com a construção de indústrias siderúrgicas, aproveitando a matéria-prima local, muito abundante, que o local foi progredindo, tendo-se tornado uma cidade essencialmente industrial.

Há muitas e divergentes versões sobre a origem do topônimo Rio Acima, mas nenhuma realmente concreta. Sabe-se, porém, que anteriormente o município se chamou Santo Antônio do Rio Acima e pertencia administrativamente à comarca de Sabará, antes de se subordinar à comarca de Nova Lima.

2.2.3.15. Sabará

O desbravamento da região do Sabarabussu se deu a partir do perdão concedido a Manoel de Borba Gato pelo então Governador Artur de Sá pela morte de Dom Rodrigo, já mencionada e exposta em 2.2.2. O Sabarabussu e as riquezas aí prometidas interessavam à Coroa Portuguesa e a muitos magnatas paulistas.

Não registra a História, com clareza, a data da fundação do arraial, todavia crê-se que a mesma tenha se dado entre os anos de 1672 e 1678. O arraial progrediu rapidamente

e, no ano de 1711, era elevado à categoria de Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabussu. Em 1714, quando a Capitania de Minas foi dividida em 4 grandes comarcas, a Vila Real foi indicada para sede da comarca de Vila Real de Sabará, compreendendo o termo de Vila Nova da Rainha, hoje Caeté.

A Vila foi crescendo, enchendo-se de homens ambiciosos, aventureiros e potentados. A produção de ouro era muito grande, sendo Sabará um dos núcleos de mineração da província que mais ouro encaminhava à Coroa Portuguesa. Devido a isso, não tardou a se instalar em Sabará uma Casa da Intendência ou Casa da Fundação para cobrança do quinto.

Essa foi uma época de grande apogeu. Barões, militares e senhores de Minas viviam em mansões e educavam seus filhos na Europa. Na cidade, havia um dos maiores contingentes de escravos de então. Testemunhas vivas dessa época de fausto e riqueza são as centenárias obras arquitetônicas de Sabará. Por tamanha riqueza e prestígio, D. Pedro I, em 24 de fevereiro de 1823, nos primórdios do Império, concedeu à cidade o nobilitante título de “Fidelíssima”.

A atual denominação do município proveio do rio Sabará, que corta para oeste a comuna sabarense, banhando a cidade, onde deságua no Rio das Velhas. Durante vários anos,

a denominação utilizada foi Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabussu, ou simplesmente Vila Real.

2.2.3.16. Santa Luzia⁹

A história do município originou-se com aventureiros que, em busca de riquezas, fundaram o arraial a que hoje denominamos Santa Luzia. No ano de 1692, durante o ciclo do ouro, uma expedição dos remanescentes da bandeira de Borba Gato implantou o primeiro núcleo da Vila, às margens do Rio das Velhas, dedicando-se ao garimpo de ouro de aluvião. Com a enchente do rio, o pequeno vilarejo mudou-se para o alto da colina, onde, hoje, é o Centro Histórico da cidade. Em 1697, ergueu-se o definitivo povoado, que recebeu o nome de Bom Retiro. Por volta de 1700, já havia registro da existência da povoação de Santa Luzia.

No município, também foi instalado o convento de Macaúbas, fundado pelos irmãos Manuel e Felix da Costa Soares em 1714. O convento assemelhava-se mais a uma casa de recolhimento, pois não podia haver, em Minas Gerais, obras de ordem segunda e, portanto, só foi devidamente regulamentado no final do século XVIII. Aí se educaram filhas ilustres de Diamantina, como as de Chica da Silva e do padre Rolim. Quando o padre inconfidente foi para o degredo, sua mulher e filhos ficaram morando numa casa na entrada do convento. Ao regressar ao Brasil devidamente indultado, ele os recolheu e voltou para Diamantina.

Embora também tenha tido suas atividades de mineração, cedo se firmou como centro de indústrias rudimentares e como entreposto comercial, postado no rumo entre Sabará e o distrito dos Diamantes. Mais de 150 anos depois, em 1856, o povoado foi emancipado e desmembrado de Sabará; a partir de 1924, passou a se chamar Santa Luzia.

Com o fim da exploração do ouro, Santa Luzia tornou-se um importante centro comercial, ponto de parada dos tropeiros que vinham negociar e comprar mercadorias. Na rua do Comércio, no bairro da Ponte, existia, inclusive, um porto para os barcos que navegavam pelo Rio das Velhas, transportando mercadorias comercializadas em Minas Gerais.

Conta a tradição que a origem do nome Santa Luzia se deu com a cura de um homem cuja visão era debilitada. Certo dia, teria observado um objeto brilhando no rio, enterrado na areia. Quando se aproximou e resgatou o objeto, percebeu ser a imagem de Santa Luzia, a santa protetora dos olhos, voltando o homem, na mesma hora, a enxergar. A imagem foi levada para a primeira capela do arraial, tornando-se a padroeira do município.

⁹ A Biblioteca do IBGE não dispõe de informações acerca do município. Relato histórico baseado em <http://www.santaluzianet.com>. Acesso em 21 mai. 2009.

Travou-se, no município de Santa Luzia, a batalha que pôs termo à famosa revolução liberal mineira de 1842, quando as tropas legalistas, comandadas pelo coronel Lima e Silva (futuro duque de Caxias), venceram Teófilo Otoni e seus parceiros.

Hoje, Santa Luzia possui infra-estrutura modesta e muitos de seus habitantes fizeram da cidade apenas dormitório, deixando-a durante o dia para trabalharem em outras localidades.

2.2.3.17. São José da Lapa

O município de São José da Lapa surgiu no final do século XIX, fundado por Joaquim de Souza Menezes e Maria Joaquina da Conceição, sua esposa, filha do primeiro proprietário das terras, Manoel Dias da Cunha. As terras deixadas por herança desse homem a sua filha lhe foram dadas pelo rei de Portugal por meio de carta de Sesmaria.

Com o passar dos anos, várias famílias foram adquirindo terras pela região e, devido à aparência horrenda das pedreiras, onde os moradores enxergavam figuras, deu-se o primeiro nome ao povoado, Carrancas. O nome São José da Lapa surgiu devido ao fato de que, nas mesmas pedreiras onde se viam as carrancas, foi avistada uma imagem semelhante à de São José, formada pelas águas que escorriam pelas pedras.

São José da Lapa pouco se desenvolveu ao longo dos anos de sua existência. Mesmo que hoje haja na região indústrias que explorem as pedreiras, o município permanece modesto. Basicamente, é mais uma cidade-dormitório da RMBH, distando 38 quilômetros da capital mineira.

2.2.3.18. Taquaraçu de Minas

Taquaraçu foi um arraial que desenvolveu-se à margem direita do Rio das Velhas, durante o século XVIII. Foi fundado pelos coronéis João Pinto Moreira e José Alves Diniz, descendentes de bandeirantes, por volta do ano de 1740. Sua primeira capela foi a de Nossa Senhora da Penha, fundada em 1759.

O nome do município tem como significado “taquara grossa” ou “taquara grande”, vegetal abundante na região.

O município, com população atual de 3.491 habitantes, é uma cidade pacata cuja economia se baseia em serviços. Dista 60 quilômetros de Belo Horizonte.

2.2.3.19. Vespasiano

Vespasiano é mais um município cuja história está indiretamente relacionada ao ciclo do ouro por se situar a pequena distância de outras cidades importantes nesse período, mas não ter, propriamente em seus domínios, a presença de jazidas auríferas.

No final do século XVIII, com a descoberta de ricas jazidas em Sabará, Caeté e Ouro Preto e, posteriormente, a descoberta das jazidas diamantíferas no Tejuco e Vila do Príncipe, grande número de pessoas foi atraído para o interior de Minas.

A formação de Vespasiano só teve início no final do século XIX, quando a cidade de Belo Horizonte foi inaugurada como nova sede do governo de Minas Gerais e, e recebeu diversas famílias, que intalaram-se no local. A povoação da região foi iniciada alguns anos antes, em torno da Fazenda do Capão, de propriedade da Sra. Mariana Joaquina da Costa, que se situava ao longo do eixo do Ribeirão da Mata, afluente do Rio das Velhas. Nessa região, a topografia era mais favorável ao assentamento dos novos habitantes. Com a venda ou doação dos primeiros terrenos, a localidade herdou o nome da fazenda, chamando-se Arraial do Capão. No ano de 1897, com a inauguração da Estrada de Ferro Central do Brasil, o arraial passou a denominar-se Vespasiano, em homenagem ao administrador da estrada de ferro que passava pela localidade, o Coronel Vespasiano Gonçalves de Albuquerque.

A criação do Distrito de Vespasiano se deu no dia 18 de dezembro de 1915. O desenvolvimento do distrito vinculou-se ao crescimento da Capital, para onde eram enviados produtos como carne, leite, milho, feijão e mandioca, além de produtos minerais oriundos das recursos naturais da região, como pedra calcária, cal de pedra, areia, entre outros. O escoamento desses produtos para a capital foi facilitado pela ferrovia.

A partir de 1950, o município de Vespasiano passou a apresentar um expressivo crescimento populacional, embora sua base econômica ainda estivesse ligada às atividades agropecuárias até o final dos anos 60. Nesse período, destacou-se a instalação de uma indústria que extraía matéria-prima das reservas naturais de São José da Lapa. Este núcleo abrigou significativo surto demográfico, não só pela extração de calcário, como também por outras atividades, como a avicultura, também bastante desenvolvidas na região.

Apenas em 1992, Vespasiano tornou-se município independente. Hoje, apresenta certa continuidade de ocupação e alguma unidade de povoamento, pois os bairros que circundam o centro mantêm estreita vinculação com a parte tradicional da cidade, situada às margens do Ribeirão da Mata. A cidade fica a 27 quilômetros de Belo Horizonte.

2.3. Considerações

Diogo de Vasconcelos (1974) no capítulo em que discorre acerca dos descobrimentos, principalmente os relativos aos territórios mineiros, chega a afirmar que da expedição de Fernão Dias não se obteve nenhum resultado prático, sendo que a mesma terminou quando foram expedidas as amostras de esmeraldas ao Governador Geral, no ano de 1681. E acrescenta ainda que “Apenas ficou descortinado o sertão do Rio das Velhas, e fundados os primeiros arraiais” (VASCONCELOS, 1974, p.141). Parece-nos, da maneira como foram colocadas as palavras por esse historiador, que o ato de serem abertos os caminhos dos sertões foi algo pequeno. Entretanto, não podemos nos esquecer de que, depois de abertos tantos caminhos, foi possível chegar a riquezas como as do ouro e dos diamantes em diversas regiões do território mineiro.

Com o passar dos séculos, a importância do estado de Minas Gerais para o Brasil se fez evidente, e nos faz perceber que em nosso território havia bem mais a explorar do que ouro ou metais.



FOTO 04 – Parte da fachada do Almoarifado da antiga Estação Ferroviária de Pedro Leopoldo
Fonte: Acervo pessoal.

CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. A região pesquisada

O desenvolvimento de uma pesquisa toponímica em determinada região pressupõe que voltemos nossa atenção para os topônimos nela utilizados. Contudo, é necessário também levar em conta as comunidades que a compõem, sua organização sociocultural e a maneira como a sociedade foi estabelecida no local. Para a abordagem dos procedimentos metodológicos, faz-se necessário, anteriormente, uma breve apresentação de nossos interesses em desenvolver uma pesquisa na região do Rio das Velhas, exposta a seguir.

O Rio das Velhas abarca uma das regiões mais importantes das Minas Gerais da época da eclosão aurífera. Por esse importante curso d'água se guiaram ou dele se utilizaram desbravadores e bandeirantes, seja para, num primeiro momento, explorar seus veios, ou mesmo para tomarem o rumo do São Francisco ou outras rotas e caminhos nos sertões.

Em nosso estudo, teremos a atenção voltada para a localidade conhecida como Alto e Médio Rio das Velhas, que vai desde sua nascente, no município de Ouro Preto, à região conhecida como Quinta do Sumidouro, distrito pertencente à cidade de Pedro Leopoldo, atualmente inserida na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Nesta localidade, fez inúmeras incursões em busca de pedras preciosas e residiu até o dia de seu falecimento Fernão Dias Paes, renomado bandeirante paulista.

3.2. Objetivos e Hipóteses

No capítulo II do presente trabalho, afirmamos que a hidronímia está ligada ao processo de ocupação, subsistência e desenvolvimento de um território, e no estado de Minas Gerais isso também se deu. Dick (1990b, p.196) afirma: “A água sempre foi o fator de equilíbrio em um determinado meio. Grandes civilizações nasceram e se desenvolveram junto aos oceanos, rios e zonas ribeirinhas”. As águas representam também um meio de troca e intercâmbio cultural daqueles que por elas nevegam e, assim, são também expandidos usos e costumes. Em vista dessa importância, temos como objetivo, na presente pesquisa, fazer um levantamento dos hidrônimos que compreendem a região de estudos acima delimitada, desde uma perspectiva histórico-cultural. Para atingir nosso objetivo, vamos: 1) realizar o levantamento de toda a hidronímia dos 19 municípios do território abarcado pela pesquisa, por meio de mapas contemporâneos do IBGE; 2) observar a variação hidronímica nos nomes coletados, ao longo dos séculos; 3) fazer o levantamento, em 13 mapas dos séculos XVIII a

XX, do registro da hidronímia da região nessas épocas; 4) realizar um estudo diacrônico através da comparação dos mapas pretéritos e contemporâneos; 5) observar as variações, as mudanças e as retenções da hidronímia registrada em mapas; 6) catalogar os dados, de acordo com o ATEMIG, nas categorias Acidente, Topônimo, Origem, Taxionomia, e Estrutura Morfológica e, por fim, 7) construir um glossário segundo os critérios onomasiológico e semasiológico para consulta dos hidrônimos.

Nosso enfoque de estudos recai, como já foi dito, na perspectiva da influência cultural e ambiental no ato de nomear, devido ao fato de acreditarmos que um povo, ao praticar esse ato, pode, por meio do topônimo, realizar uma projeção temporal, gravando nele conhecimentos que serão transmitidos às futuras gerações. Trabalhar desde essa perspectiva faz com que não recaiamos no erro de omitir aspectos importantes na análise, como a história das transformações dos nomes, sua evolução fonética, possíveis alterações e até mesmo o se houve o desaparecimento de algum deles.

O estudo da região que abarca o Alto e Médio Rio das Velhas faz-se relevante, como já foi mencionado, pelo fato de essa região ser importante como caminho utilizado pelos bandeirantes para a descoberta de ouro e outros metais preciosos, bem como o fato de o “caminho das águas” abrir tantos outros caminhos por terra e formar postos de parada onde, mais tarde, vieram a ser fundadas inúmeras cidades mineiras.

Nossa tese é a de que através da toponímia, pela conservação de nomes de cursos d'água, temos registrados traços étnicos, lingüísticos e culturais dos primeiros habitantes dessas regiões. Em nosso estudo, buscaremos focalizar os nomes mais antigos e os mais atuais para rios, riachos, lagoas, lagos, represas, córregos e demais hidrônimos. Nessa perspectiva, fez-se imprescindível também resgatar a história da povoação de Minas Gerais e as primeiras incursões que se fizeram em solo mineiro, as quais foram abordadas no capítulo II.

3.3. Métodos e procedimentos

3.3.1. A coleta de dados

Os dados para nosso estudo foram extraídos do Banco de dados do projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, com sede na Faculdade de Letras da UFMG, desenvolvido desde o ano de 2005. O ATEMIG é coordenado pela Professora Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Nosso primeiro passo foi delimitar, por meio de mapas, a área a ser pesquisada, recaindo nosso interesse sobre a região do Rio das Velhas e seus afluentes, mais especificamente em parte da localidade conhecida como Alto e Médio Rio das Velhas.

Conforme já foi enfatizado em nosso capítulo 1, a área delimitada justifica-se pelo fato de terem passado por uma mesma região, conhecida como Sumidouro e pertencente ao município de Pedro Leopoldo, importantes bandeiras na época da eclosão aurífera no território mineiro.

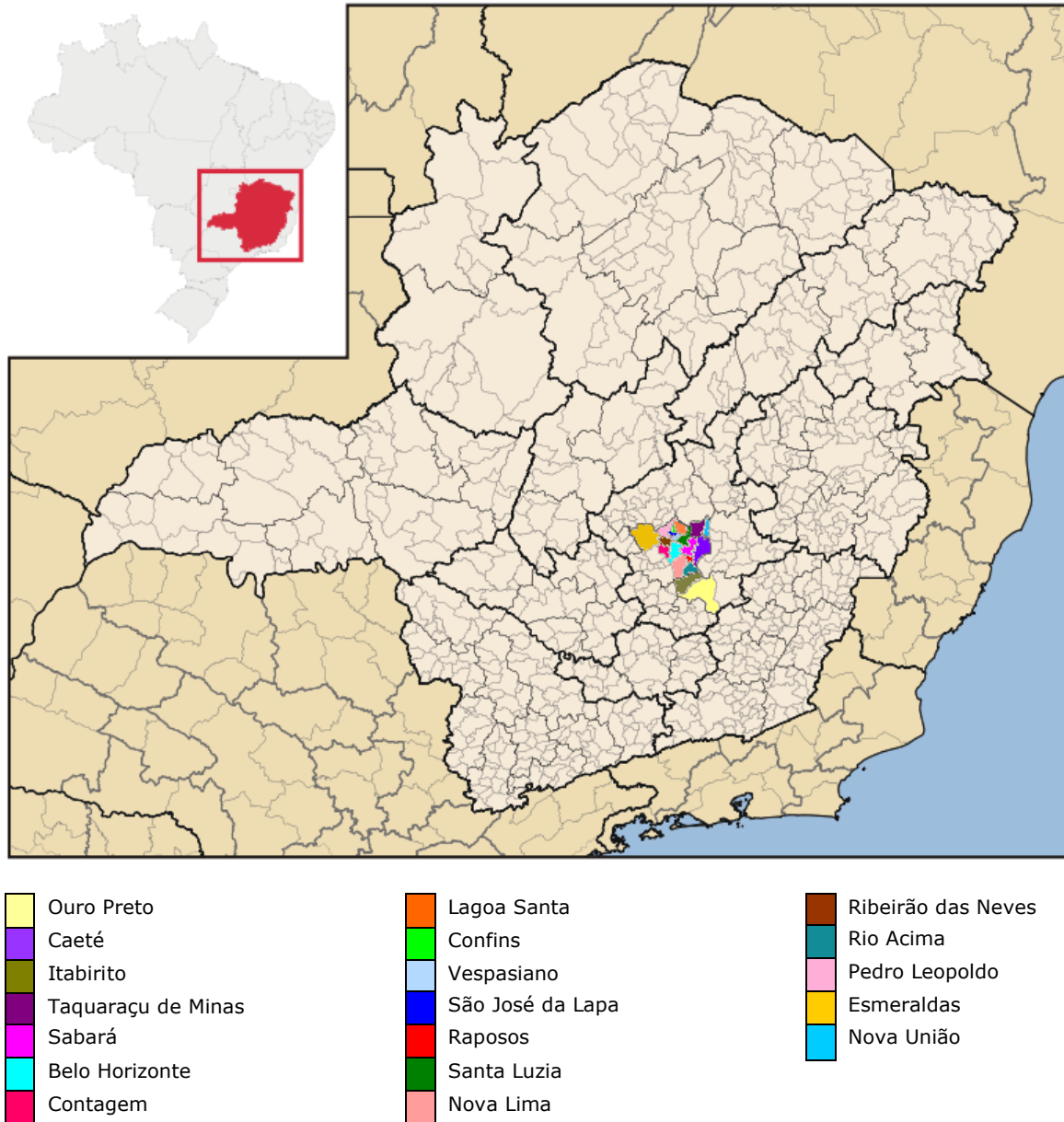
A Bacia do Rio das Velhas liga-se à bacia do São Francisco, e abarca uma parte considerável do território mineiro, conforme mostra-nos o mapa abaixo, em que podemos ver essa Bacia destacada na cor cinza:



MAPA 07 – Localização da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas no território mineiro
Fonte: SANTOS E MAILLARD, 2005, p.2552.

Consideramos, dentro de nossa área de pesquisa, 19 dos 51 municípios pertencentes à Bacia do Rio das Velhas. A localização de cada um desses municípios em território mineiro e nacional pode ser observada no mapa a seguir.

Região do Rio das Velhas



MAPA 08 – Região do Rio das Velhas

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Minas_gerais. Acesso em 17 mar. 09.

Cada localidade está representada por cores, conforme a legenda apresentada abaixo do mapa. Um breve histórico sobre cada uma dessas cidades foi apresentado em 2.1.3.1.

Nos mapas contemporâneos do IBGE, alguns desses municípios possuem uma mesma carta geográfica. Isso ocorre devido ao fato de que, na época em que as cartas foram construídas, alguns municípios, hoje emancipados, eram ainda distritos pertencentes a municípios maiores. É o caso de Lagoa Santa e Confins, em que o segundo era distrito do

primeiro, e Vespasiano e São José da Lapa, em que também o segundo era distrito do primeiro.

É importante ressaltar que, nesse primeiro levantamento dos hidrônimos, consideramos como diferentes os cursos d'água que, mesmo recebendo a mesma denominação fossem distintos por sua natureza. Por exemplo: foram encontradas as ocorrências *Córrego da Cachoeira* e *Ribeirão Cachoeira*. Mesmo que esses hidrônimos possuam o nome *Cachoeira* em comum, consideramo-los como itens diferentes na listagem pelo fato de um ser córrego, e o outro, cachoeira; são, portanto, distintos acidentes físicos.

Após o procedimento dessa listagem, era-nos necessário caracterizar os topônimos e organizá-los por meio de fichas toponímicas, conforme o exemplo ilustrado em 3.3.2. O objetivo nesse momento era obter classificações pormenorizadas de cada hidrônimo para que, em seguida, fossem feitos levantamentos quantitativos das taxionomias e a observação de qual seria a taxionomia predominante em cada município e em toda a região delimitada. Os resultados interessar-nos-iam para que pudéssemos constatar se, em nosso campo de pesquisa, as ocorrências seguiriam a tendência dos resultados de outras pesquisas de mesma natureza, realizadas no estado de Minas Gerais. Esses resultados serão expostos e analisados em nosso capítulo 4, “Apresentação e Análise dos dados”.

Em seguida, as ocorrências foram listadas por ordem alfabética e retiradas as suas classificações naturais (rio, córrego, etc.). Interessava-nos, então, obter um levantamento mais apurado dos nomes, desta vez, sem repetições, para a realização de um glossário. Além de serem suprimidas repetições como as expostas em *Córrego da Cachoeira* e *Ribeirão Cachoeira*, suprimimos também os nomes que se repetiam em cada município. Por exemplo, com relação a *Rio das Velhas*, que se repete quase em todos os municípios, para classificação como verbete, tomamos apenas *Velhas*. Tivemos, pautados nessa metodologia de trabalho, um total de 591 ocorrências.

Em nosso estudo, temos como foco o nome dos rios e cursos d'água em geral. Desenvolveremos nossa pesquisa sob as perspectivas sincrônica e diacrônica. Nosso *corpus* é composto de mapas da região mineira e da região da Bacia do Rio das Velhas, feitos nos séculos XVIII, XIX e XX. Para a análise desse tipo de dados, Dauzat (1926, p.4) assinala que:

Seria imprudente, mesmo para um especialista, abordar a pesquisa etimológica de um nome de lugar, contando unicamente com a sua forma atual. É necessário voltar ao passado e estabelecer relações, pacientemente, com as várias formas que o precederam, até a mais antiga que a história fez menção.

Por esse motivo, os nomes encontrados nos mapas foram submetidos à catalogação e análise de sua grafia, estrutura morfológica, origem e taxionomia. Por meio dos mapas, foi possível verificarmos mudanças nos topônimos, propriamente ditos, ou em sua grafia, a frequência com que cada nome foi registrado ao longo dos séculos, as taxionomias predominantes, entre outros dados.

Para estabelecer relações entre os dados pretéritos e contemporâneos, os estabelecimentos humanos na região interessam-nos, especificamente, devido ao panorama histórico dos séculos XVI e XVII, bem como o contexto cultural da época: seriam os nomes baseados em crenças, divindades religiosas, entidades mitológicas, folclóricas, entre outras? É necessário, conforme assinalou Dick (1990a, p.7), “procurar entender a própria mentalidade do denominador, não só como elemento isolado, mas como projeção de seu grupo social”.

Em nosso trabalho optamos por fazer um levantamento bibliográfico e buscar em mapas antigos e conemporâneos, dados que pudessem ilustrar, enriquecer e contribuir para o esclarecimento de questões que se levantarem durante a pesquisa.

Os nomes dos cursos d’água em sua forma contemporânea, analisados em nossa pesquisa provêm, da catalogação dos dados coletados em mapas do estado de Minas Gerais, realizados e aprovados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) nas décadas de 70 e 80. Foram utilizadas as seguintes cartas topográficas para a coleta dos dados:

- 1) Carta Topográfica Ouro Preto – Folha: SF – 23 – X – A – III – 4. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / Reimpressão, 1985. Aerofotografia, 1966. Apoio suplementar e reambulação executados em 1975. Atualização viária, 1984. IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia.
- 2) Carta Topográfica Ouro Branco – Folha: SF – 23 – X – A – VI – 2. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1977. Apoio suplementar e reambulação, 1975. IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia.
- 3) Carta Topográfica Conselheiro Lafaiete – Folha: SF – 23 – X – A – VI – 1. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / Primeira edição, 1977. Segunda impressão, 1986. Aerofotografia, 1964. Apoio suplementar e reambulação executados em 1975. IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia.
- 4) Carta Topográfica Catas Altas – Folha SF – 23 – X – B – I – 1. Escala:1:50.000. Primeira edição, 1976. Aerofotografia, 1966. Apoio suplementar e reambulação, 1975.

- 5) Carta Topográfica Caeté – Folha: SE – 23 – Z – C – VI – 4 Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1977 / IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia. Aerofotografias: 1996. Apoio Suplementar e reambulação, 1975.
- 6) Carta Topográfica Jaboticatubas – Folha: SE – 23 – Z – C – VI – 2. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1977 / IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia. Aerofotografias: 1965. Apoio Suplementar e reambulação, 1975.
- 7) Carta Topográfica Itabirito – Folha: SE – 23 – X – A – III – 3 / MI – 2573 – 3. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1976 / IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia. Aerofotografias: 1964. Atualização viária, 1984. Apoio Suplementar e reambulação, 1975.
- 8) Carta Topográfica Rio Acima – Folha: SF – 23 – X – A – III – 1. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1977/ IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia. Aerofotografias: 1965. Apoio Suplementar e reambulação, 1975.
- 9) Carta Topográfica Acuruí – Folha: SF – 23 – X – A – III – 2. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1977/ IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia. Aerofotografias: 1966. Apoio Suplementar e reambulação, 1975.
- 10) Carta Topográfica Lagoa Santa – Folha: SE – 23 – Z – C – VI – 1 - MI - 2535 - 1. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1977 / IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia. Aerofotografias: 1965. Apoio Suplementar e reambulação, 1975.
- 11) Carta Topográfica Belo Horizonte – Folha: SE – 23 – Z – C – VI – 3. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1979. Aerofotografias, 1965. Apoio suplementar e reambulação, 1975. Segunda impressão, 1986. IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia.
- 12) Carta Topográfica Contagem – Folha SE – 23 – Z – C – V – 4 / MI – 2534/4. Carta do Brasil. Escala: 1:50.000. Reimpressão, 1981. Aerofotografias, 1964. Apoio Suplementar e reambulação, 1974.
- 13) Carta Topográfica Pedro Leopoldo – Folha SE – 23 – Z – C – V – 2. Escala: 1:50.000. Primeira edição, 1976. Segunda impressão, 1986. Aerofotografias, 1964. Apoio suplementar e reambulação, 1974.

14) Carta Topográfica Baldim – Folha SE – 23 – Z – C – III. Escala: 1:100.000. Aerofotografias, 1965. Primeira edição, 1977. Apoio suplementar e reambulação, 1975. Carta do Brasil. IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia.

15) Carta Topográfica Cachoeira dos Macacos – Folha: SE – 23 – Z – C – V – 1 - Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1976 / IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia.

16) Carta Topográfica Esmeraldas – Folha: SE – 23 – Z – C – V – 3 - Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1976 / IBGE. Secretaria de Geodésia e Cartografia.

Para a coleta e registro dos nomes que se referem às formas pretéritas dos topônimos, foram consultados 13 mapas, que variam de 1734 a 1879. Embora se tratem de mapas diferentes, todos eles estão inseridos numa fonte comum de consulta, a *Cartografia das Minas Gerais: da Capitania à Província*¹⁰. Em sua totalidade, estão listados a seguir. À identificação de cada mapa seguem informações gerais sobre os mesmos:

Mapa I - Mapas Regionais - Mapas da Região do Alto Rio Doce (Rib. Do Carmo), Rio das Velhas e Rio Paraopeba. Região da Zona da Mata – 20° – 21°30's. Diogo Soares (1734/1735).

Mapa II - Mapas regionais – Mapa Abrangendo a região entre o alto Rio Doce (Rib. Do Carmo), o Rio das Velhas, o Rio Paraopeba, o Rio Pitangui (atual Pará) e o Rio São Francisco. (Região das minas de ouro, 19° – 20°30's. Diogo Soares (1734-1735).

Mapa III - Mapas Regionais – Mapa da região entre os rios Araçuaí, Jequitinhonha e Rio das Velhas. Distrito dos diamantes do Serro Frio, 17°45' – 19°15's. Diogo Soares (1734-1735)

Mapa IV - Mapas Regionais – Mapa da região entre os rios Jequitinhonha e Araçuaí – (Região de Minas Novas, 16°30' – 18s. Diogo Soares (1734-1735).

Os mapas feitos entre 1734 e 1735 fazem parte da primeira demarcação das terras diamantinas, que ficou a critério de dois padres matemáticos, a saber, Diogo Soares e Domingos Capassi. Pelo trabalho deles, foi feito o mapeamento de grandes partes do interior do Brasil, e determinadas ainda as coordenadas geográficas de muitos lugares. Foi a base para o conhecimento topográfico do Brasil no século XVIII.

¹⁰ BRASIL. Ministério da Cultura. *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

Mapa V - Divisões administrativas – Carta geográfica do termo de Villa Rica, em q' se mostra que os Arrayaes das catas Altas da Noroega, Itaberava e Carijós lhe ficão mais perto, q'ao da Villa de S. José a q' pertecem, e igualmente o de S. Antônio do Rio das Pedras, q' toca ao do Sabará, dq' se mostra, pela Escala, ou Petipe de léguas. (1766) . José Joaquim da Rocha.

Mapa VI - Divisões Administrativas – Mostra neste mapa o julgado das cabeceiras do Rio das Velhas e parte da Capitania de Minas Geraes com a deviza de ambas as capitanias – por Joze Joaquim da Rocha (1780).

Mapa VII - Mappa da Conquista do Mestre de Campo Ignacio Correya Pamplona, Regente chefe da Legião (1784), sem autoria.

Mapa VIII - Capitania – Planta geral da capitania de minas gerais (1800).

Mapa IX - Capitania (1804).

Os mapas feitos por José Joaquim da Rocha, no último quartel do século XVIII, são manuscritos, aquarelados e adornados, no intuito de corresponder às exigências estéticas da nobreza da época. A produção desse autor abrange representações do território mineiro segundo sua configuração entre 1720 e 1816 e está relacionada à questão da ampliação ou da promoção do conhecimento geográfico acerca da Capitania de Minas Gerais.

Mapa X - CAPITANIA – Theil der neuen Karte der Capitania Von Minas Gerais. Aufgenommen Von W. Von ESCHWEGE (1821).

O metalurgista e mineralogista alemão Barão Wilhelm Ludwig Von Eschwege contribuiu para a realização de umas das maiores obras cartográficas da Capitania de Minas Gerais. Concluído no ano de 1821, o mapa é resultado de 11 anos de coletas de dados e expedições pelo território mineiro. Foi publicado apenas em 1834, fora do Brasil. Anteriormente a obra havia sido enviada para ser impressa na Inglaterra, mas, pelo fato de o preço ter sido considerado alto, o serviço não foi feito.

Mapa XI - Carta Chorographica da Província de Minas Gerais coordenada e deenhada em vista dos Mappas chorographicos antigos e das observações mais recentes de vários Engenheiros, por ordem do Ilmo. E Exmo. Sr. Doutor Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, Presidente desta Província. Por Frederico Wagner. Ouro Preto (1855).

Este mapa foi o único que superou, em precisão, o mapa de Eschwege. Porém, baseou-se nele e em outros mapas já consagrados.

Mapa XII - Província - Província de Minas Geraes segundo o projeto de nova divisão do Império pelo Deputado Cruz Machado e mandada lithographar pelo Illmo. Exmo. Sñr. Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, ministro do Império e desenhada por José Ribeiro da Fonseca Silves (1873).

Devido à intensa disputa de terras e inúmeras demarcações do território, era necessário realizar revisões nos mapas já feitos anteriormente. Foi esse o objetivo desse mapa de 1873.

Mapa XIII - Planta Geral da Estrada de ferro D. Pedro II (1879).

Esse mapa proporciona uma panorama da configuração do sistema de linhas férreas no então território da província de Minas Gerais. Possui caráter mais informativo, localizando os limites da província, as estações das estradas de ferro e as estradas em tráfego, dentre outras informações.

A segunda etapa de nossa coleta de dados para a pesquisa foi separar, entre todos os topônimos da região, os que se relacionavam a nosso campo: a água. Assim, encontramos nomes de rios, córregos, represas, lagoas e ribeirões. Feita esta separação, passamos à organização em fichas toponímicas e à listagem dos nomes por ordem alfabética, seguida de uma quantificação, que remontou a 821 ocorrências, das quais resultaram 17 fichas lexicográficas.

3.3.2. Fichas Lexicográficas

Para a catalogação dos dados obtidos em nosso *corpus*, nos baseamos nas fichas lexicográficas segundo o modelo proposto por Dick (1990a), adaptado por Seabra (2004). Entretanto, como os objetivos para cada pesquisa se diferem, criamos nossa própria ficha, formulada de modo a atender aos objetivos a que visamos na presente pesquisa.

A catalogação dos dados em fichas lexicográficas se faz pertinente, pois, segundo Seabra (2004, p.48), “a ficha lexicográfica pode ser descrita como um conjunto estruturado de informações sobre um topônimo, objetivando explicitá-lo e classificá-lo. Elas foram organizadas com fins didáticos, sendo apresentadas em ordem alfabética”.

Segue um exemplo da ficha toponímica, devidamente preenchida, utilizada por nós:

Município: Contagem

n.º	Acidente	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
1	Córrego das	Abóboras	<i>Português</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
2	Córrego	Água Suja	<i>Português</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
3	Ribeirão	Arrudas	<i>Português</i>	Fitotopônimo	Nf [Spl]
4	Córrego	Bela Vista	<i>Português</i>	Animotopônimo	NCf [ADJsing + Ssing]
5	Ribeirão	Betim	<i>Português</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
6	Rio	Betim	<i>Português</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
7	Córrego	Bom Jesus	<i>Português</i>	Hierotopônimo	NCm [ADJsing + Ssing]
8	Ribeirão do	Cabral	<i>Português</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
9	Córrego	Campo Alegre	<i>Português</i>	Geomorfotopônimo	NCm {Ssing + ADJsing}
10	Córrego	Independência	<i>Português</i>	Animotopônimo	Nf [Ssing]
11	Córrego	Lagoa	<i>Português</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
12	Ribeirão da	Lagoa	<i>Português</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
13	Córrego	Lagoa dos Patos	<i>Português</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + (Prep+Asing) + Spl]
14	Córrego	Morro Redondo	<i>Português</i>	Geomorfotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]
15	Córrego da	Praia	<i>Português</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
16	Córrego	Riacho	<i>Português</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
17	Córrego	Riacho das Pedras	<i>Português</i>	Hidrotopônimo	NCm [Ssing + (Prep+Apl) + Spl]
18	Ribeirão	Riacho das Pedras	<i>Português</i>	Hidrotopônimo	NCm [Ssing + (Prep+Apl) + Spl]
19	Córrego	São João	<i>Português</i>	Hagiotopônimo	NCm [ADJsing + Ssing]
20	Represa	Vargem das Flores	<i>Português</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + (Prep + Apl) + Spl]

Cada um dos 19 municípios integrantes de nosso *corpus* foi catalogado segundo a estrutura mostrada acima. Para a compreensão de cada item da ficha lexicográfica, seguem alguns esclarecimentos quanto às subdivisões nela contidas:

- COLUNA NUMÉRICA: possui como função a quantificação dos topônimos de cada município, o que facilitou-nos o registro do número total de topônimos, após o somatório total.

- ACIDENTE: busca especificar o tipo de acidente, se causado pela própria natureza ou pela interferência humana. Em nossa pesquisa, encontramos acidentes físicos (córregos, lagoas, riachos, rios) e humanos (represas, aquedutos, entre outros).

- TOPÔNIMO: corresponde ao nome do rio, riacho ou outra denominação relacionada aos cursos d'água, encontrado em mapas contemporâneos. Em nossa pesquisa, conforme já foi assinalado, partimos do nome atual, para voltar ao passado e retomar o presente, confirmando ou não a mudança na nomeação.

- ORIGEM: buscaremos obter a etimologia dos nomes e verificar se houve mudança de um idioma para outro. Para a classificação da origem de cada topônimo, nos basearemos em Seabra (2004).

a) Origem *Portuguesa*, para os nomes pertencentes à língua portuguesa e que se mantiveram em território brasileiro, conservando a mesma significação.

b) Origem *Africana*, relativos ao continente africano cujo significado se manteve e foi assimilado em nosso território.

c) Origem *Indígena*, para os vocábulos, que, em sua maioria, remetem ao Tupi ou outros povos indígenas.

d) Origem Híbrida (*Hibridismo*), referentes aos topônimos formados por duas ou mais línguas, como Tupi e Português, por exemplo.

e) Origem desconhecida ou não encontrada, (*n/e*), para os vocábulos em que não foi possível uma classificação precisa ou suficiente.

- TAXIONOMIA: nesse campo registra-se a classificação à qual pertencerá o topônimo.

- ESTRUTURA MORFOLÓGICA: indicará a classe gramatical a qual pertence cada vocábulo do nome, bem como seu gênero e o número. Teremos, em nosso *corpus*, tanto nomes simples quanto compostos. Para essa classificação seguimos os preceitos de Seabra (2004), adaptados aos nossos objetivos. Segue abaixo a nomenclatura utilizada por nós:

1) Para nomes simples:

a) N_m [S_{sing}] = Nome masculino [Substantivo singular]: *Amianto*.

- b) Nm [S_{pl}] = Nome masculino [Substantivo plural]: *Caetanos*.
- c) Nf [S_{sing}] = Nome feminino [Substantivo singular]: *Ajuda*.
- d) Nf [S_{pl}] = Nome feminino [Substantivo plural]: *Areias*.
- e) [ADV] = Advérbio : *Acima*.

2) Para nomes compostos:

3.3.2.1. Masculinos

- a) NC_m [S_{sing} + S_{sing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Substantivo singular]: *Capão Onça*.
- b) NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Adjetivo singular]: *Barreiro Grande*.
- c) NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}] = Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Substantivo singular]: *Bom Retiro*.
- d) NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Substantivo singular}]: *Capão de Santana*.
- e) NC_m [S_{sing} + {Prep + ADV}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Advérbio}]: *Caracóis de Cima*.
- g) NC_m [S_{sing} + {(Prep + A_{sing}) + S_{sing}}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {(Preposição + Artigo singular) + Substantivo singular}]: *Capão do Poço*.
- h) NC_m [S_{sing} + Prep + A_{pl} + S_{pl}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {(Preposição + Artigo plural) + Substantivo plural}]: *Riacho das Pedras*.
- i) NC_m [NUM + S_{pl}] = Nome Composto masculino [Numeral + Substantivo plural]: *Dois Brejinhos*.

3.3.2.2. Femininos

- a) NC_f [S_{sing} + S_{sing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Substantivo singular]: *Dona Joana*.
- b) NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Adjetivo singular]: *Água Fria*.
- c) NC_f [ADJ_{sing} + S_{sing}] = Nome Composto feminino [Adjetivo singular + Substantivo singular]: *Boa Vista*.
- c) NC_f [S_{sing} + {Prep + S_{pl}}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Substantivo plural}]: *Porteira de Chaves*.

d) NCf [S_{sing} + {(Prep + A_{sing}) + S_{sing}}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {(Preposição + Artigo singular) + Substantivo singular}]: *Várzea do Cocho*.

e) NCf [S_{sing} + ADJ_{sing} + {(Prep + A_{sing}) + S_{sing}}] = Nome Composto feminino [Substantivo Singular + Adjetivo singular + Preposição + Artigo singular + Substantivo singular]: *Vargem Grande do Maquiné*.

f) NCf [S_{sing} + ADJ_{sing} + {Prep + ADV}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Adjetivo singular + Preposição + Advérbio]: *Água Limpa de Cima*.

Para os antropotopônimos constituídos de designativos pessoais, tanto masculinos quanto femininos, acrescentamos as seguintes classificações:

- a) *Prenome*, para os nomes das pessoas;
- b) *Apelido de família*, para sobrenomes;
- c) *Hipocorístico*, para tratamento familiar carinhoso;
- d) *Alcunha*, para tratamento depreciativo.

3.4. As Taxionomias Toponímicas

Em nossa pesquisa, procuramos seguir as taxionomias propostas em Dick (1990a). Essa autora distribui em 27 taxes a classificação dos topônimos, em grupos subdivididos como sendo de natureza física e antropocultural, criados para auxiliar o trabalho dos pesquisadores:

conscientes da necessidade de se buscar modelos taxeonômicos para os vários conjuntos de topônimos, em agrupamentos macro-estruturais, procurou-se, nos ordenamentos sistemáticos das ciências humanas afins à toponímia, e em algumas poucas obras (...) os elementos que permitissem a apresentação de um quadro classificatório, de maneira a satisfazer a demanda da pesquisa (DICK, 1990a, p.24).

Segundo a visão de Dick, a compreensão da existência de um vínculo entre o denominador e o denominado “é que remeterá a toponímica taxeonômica ao estudo das motivações da nomenclatura geográfica” (1990a, p.25) a qual, pela a visão de Sapir (1961), subdivide-se em natureza física e antropocultural, pela influência dos fatores ambientais propícios aos interesses humanos e como fontes geradoras dos nomes. O mecanismo da nomeação aparece, portanto, por meio de topônimos de origens e procedências diversas. Dick (1990, p.27) novamente acrescenta-nos que

pode-se acatar a mesma duplicidade de visão [física e antropocultural] para o enquadramento dos topônimos e, dentro dessa bi-compartimentação, situar as modalidades particularizantes, através da formulação de uma terminologia técnica,

composta do elemento “topônimo”, antecedido de um outro elemento genérico, definidor da respectiva classe onomástica.

Assim, seguem as taxes, ordenadas, respectivamente, por sua ocorrência física e antropocultural.

3.4.1. Taxionomias de natureza física

- ASTROTOPÔNIMOS - É a taxe utilizada para se referir a topônimos relacionados a corpos celestes, com ou sem luz própria: *Estrela, Lua, Sol*, etc.
- CARDINOTOPÔNIMOS - É o nome dado ao topônimo quando o mesmo se refere à posição geográfica: *Rio Grande do Sul, Praia do Leste*, etc.
- CROMOTOPÔNIMOS - Classifica-se dessa maneira o topônimo quando o mesmo faz referência à cor: *Rio Negro, Rio Pardo, Rio Vermelho*.
- DIMENSOTOPÔNIMOS - Neste caso, o topônimo se reveste do sentido de extensão, comprimento, largura, dimensão, profundidade: *Rio Grande, Morro Alto*, etc.
- FITOTOPÔNIMOS – São nomes ligados à vegetação. Exemplos: *Jacarandá, Folha Seca*, etc.
- GEOMORFOTOPÔNIMOS – Relaciona-se ao relevo, seja por meio de depressões ou elevações, como em: *Morro Alto, Buraco Fundo, Baixada, Vargem*.
- HIDROTOPÔNIMOS – Relacionados à água. Exemplos: *Rio Doce, Ribeirão das Neves*.
- LITOTOPÔNIMOS: essa taxe refere-se aos elementos de natureza mineral: *Ouro Preto, Turmalina*, etc.
- METEOROTOPÔNIMOS – Neste caso, há a idéia de fenômenos produzidos na atmosfera Terrestre. Exemplos: *Ventania, Trovoada, Chuvisco*, etc.
- MORFOTOPÔNIMOS – Relacionado às formas geométricas, como: *Quadrado, Redondo*, etc.
- ZOOTOPOÔNIMOS – Relacionados a animais. Exemplos: *Araras, Onça, Macacos*.

3.4.2. Taxionomias de natureza antropocultural

- ANIMOTOPÔNIMO OU NOOTOPÔNIMO – essa classificação é usada quando o nome abrange áreas relativas ao psiquismo humano e não se relaciona ao meio físico. Exemplos: *Afeto, Candura, Glória, Igualdade*, etc.
- ANTROPOTOPÔNIMOS – são os nomes referentes a apelidos de família, hipocorísticos, alcunhas, ou pelo conjunto dos mesmos. Exemplos: *do Ferreira, dos Gomes, Aires, Gonçalves*, etc.
- AXIOTOPÔNIMOS – refere-se aos nomes em que os antrotopônimos vêm acrescidos de títulos, como *doutor, coronel, mestre, comendador, professor, príncipe*, etc.

- COROTOPÔNIMOS – são os relativos a nomes de cidades e/ ou países. Exemplos.: *Campo Belo, Bom Despacho, Espanha.*
- CRNOTOPÔNIMOS – funcionam como indicadores cronológicos e são representados por adjetivos como novo, velho, etc. Exemplo.: *Ponte Nova, Vila Velha.*
- DIRREMATOPÔNIMOS – são expressões cristalizadas, sintagmas semantizados: *Passa-Quatro, Deus me livre.*
- ECOTOPÔNIMOS – referem-se a nomes relativos à habitação, como casa, sobrado, rancho, etc. Ex.: *Casa Grande, Rancho Alegre.*
- ERGOTOPÔNIMOS – referem-se a elementos criados pelo homem e que tem relação com sua cultura material: *Chapéu-de-Sol, Bauzinho, Porteira.*
- ETNOTOPÔNIMOS – relacionam-se aos grupos étnicos, tribos, entre outros: *Francês, Índio, Bugre, etc.*
- HIEROTOPÔNIMOS – inserem-se nesse grupo nomes relacionados à religião, ao sacro, etc: *Santana, Igrejinha, Capela.*
- HAGIOTOPÔNIMOS – referentes aos nomes de santos e santas pertencentes ao catolicismo romano: *Santa Clara, Santo Antônio.*
- MITOTOPÔNIMOS – são os relacionados a entidades mitológicas em geral: *Saci, Sereia, Boto.*
- HISTORIOTOPÔNIMOS – estão relacionados a datas, personagens e períodos que relembram fatos históricos marcantes num país, como: *Bandeirantes, Inconfidência.*
- HODOTOPÔNIMOS – são os topônimos que guardam relação com os caminhos, as vias de comunicação rural e urbana: *Caminho Novo, Caminho da Serra, etc.*
- NUMEROTOPÔNIMOS – topônimos relativos a adjetivos e numerais: *Três Lagoas, Dois Brejinhos, etc.*
- POLIOTOPÔNIMOS – referem-se a aglomerados, vilas, cidades, povoados: *Arraial d’Ajuda, Aldeia Boa.*
- SOCIOTOPÔNIMOS – estão ligados às atividades profissionais, locais e postos de trabalho e locais públicos onde as pessoas se reúnem: *Catas Novas, Praça Bonita.*
- SOMATOPÔNIMOS – esses topônimos carregam em si certa carga metafórica, estando relacionados à partes do corpo do homem ou dos animais, podendo ser usados como pejorativos ou não: *Cabeleira, Pé-de-Porco.*

3.5. Macro e microestrutura do glossário

Para a estruturação e montagem de nosso glossário, tomamos como base Haensch *et al.* (1982) e Casares Sanchez (1995). Essas duas obras ofereceram-nos subsídios para os

objetivos visados por nós, na presente pesquisa. Nosso objeto de estudos recai na elaboração de um glossário no qual catalogamos todos os nome encontrados no *corpus*.

Para a elaboração de glossários ou dicionários, há de se considerar, segundo Haensch *et al.* (1982, p. 396) que:

Há quatro critérios que determinam de maneira decisiva a seleção de entradas de um dicionário ou glossário, etc. A três, poderíamos chamar de fatores “externos”: sua finalidade, (descritiva, normativa, etc), o grupo de usuários ao qual se destina, (especialistas, tradutores, universitários, público culto, etcétera) e sua extensão. O quarto, de índole “interna”, é o método de seleção de unidades léxicas segundo princípios lingüísticos, mas sempre de acordo com os outros três critérios¹¹.

O glossário definido para nosso trabalho tem como objetivo possibilitar a pesquisa de outros estudiosos da língua e da toponímia, interessados em dados lingüísticos, de facilitar a busca de significados desses nomes, saber em que regiões geográficas os mesmos foram encontrados, que tipo de acidente nomeiam e verificar, ainda, diferentes grafias e mudanças nos termos, ao longo dos séculos.

Optamos por colocar como entradas todos os termos registrados por nosso *corpus*, retiradas as repetições, conforme já assinalamos anteriormente. Trata-se de um conjunto de nomes relativos a diversas taxes toponímicas; assim, optamos também por duas maneiras distintas de organizar as entradas e facilitar a busca do pesquisador: pelo modo semasiológico e pelo modo onomasiológico. Essa maneira de organização, segundo Baldinger (*apud* HAENSCH *et al.*, 1982, p.344), se justifica, pois:

Até o momento toda a discussão acerca da ordenação de dicionários só faz com que o nível da forma e do conceito se confundam, sendo que no campo da forma se exige uma resposta para perguntas que só podem ser respondidas pelo campo do conceito, e vice-versa¹².

3.5.1. A macroestrutura

A macroestrutura, em nosso glossário, seguiu os métodos semasiológico e onomasiológico. Ordenamos as entradas em ordem alfabética, que remontaram a um total de 591 verbetes. Posteriormente, as palavras foram agrupadas em “famílias”, de acordo com seu significado, de acordo com o campo lexical a que pertencem, ou seja, pelo método

¹¹ Hay cuatro criterios que determinan de manera decisiva la selección de entradas de un diccionario, glossário, etc. A tres de ellos los podríamos llamar “externos”: su finalidad (descriptiva, normativa, etc.), el grupo de usuarios al que va destinado (especialistas, traductores, alumnos de bachillerato, público culto, etcétera) y su extensión. El cuarto, de índole “interna”, es el método de selección de unidades léxicas según principios lingüísticos, pero siempre de acuerdo con los otros três criterios.

¹² Hasta ahora toda la discusión acerca de la ordenación del diccionario tiene el efecto de que se confundem constantemente dos niveles, el nível de la forma y el nível del concepto, de que a nível de la forma se exige una respuesta a preguntas que solo pueden responderse a nível del concepto y viceversa.

onomasiológico. Em Haensch *et al.* (1982, p.165) temos que “a idéia fundamental da agrupação onomasiológica é a de levar em conta as associações que existem entre conteúdos, tanto desde o ponto de vista da língua como o das coisas”¹³.

No caso dos trabalhos lexicográficos, postula o autor, é preferível apresentar e estudar o vocabulário por meio de divisões, pois assim os vocábulos e termos correspondentes aparecem inter-relacionados. Em nossa abordagem, essas divisões correspondem às taxes propostas por Dick (1990a), divididas por meio de topônimos de natureza física e antropocultural e, em cada taxe, ordenadas por meio da ordem alfabética.

Os termos geográficos encontrados em nossos dados correspondem a *córrego*, *ribeirão*, *riacho*, *aqueduto*, *represa*, *lagoa*, *rio*, *ilha*. Não foi nosso objetivo o foco nesses nomes. Embora seja fornecida, na apresentação e análise dos dados, a definição de cada um, não foi feita uma quantificação dos mesmos, pois nossa atenção recaiu sobre os nomes dos topônimos, e não sobre os acidentes. Entretanto, cabe-nos registrar aqui as definições dos termos geográficos citados acima, para melhor compreensão dos dados, como um todo:

- . **Aqueduto:** canal, galeria ou encanamento destinado a conduzir a água de um lugar para outro.
- . **Córrego:** ribeiro de pequeno caudal, riacho.
- . **Ilha:** Porção de terra cercada de água por todos os lados.
- . **Lagoa:** pequeno lago, porção de águas estagnadas ou pantanosas.
- . **Represa:** obra de engenharia, feita em geral no curso de um rio, para a acumulação de suas águas com a finalidade de aproveitá-la nas irrigações e usinas hidrelétricas.
- . **Riacho:** rio pequeno, ribeiro.
- . **Ribeirão:** ribeiro de água engrossadas, ribeiro um tanto largo.
- . **Rio:** corrente contínua de águas, mais ou menos caudalosa, que deságua noutra, no mar ou num lago¹⁴.

3.5.2. A microestrutura

À microestrutura do glossário resultante de nossas pesquisas corresponde o método semasiológico, que ordena as entradas por significantes. Para a construção das definições e forma dos verbetes, seguimos o modelo abaixo:

¹³ La Idea fundamental dela agrupación onomasiológica es la de tener em cuenta las asociaciones que existen entre contenidos, tanto desde el punto de vista de la lengua como desde el de las cosas.

¹⁴ Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra>. Acesso em 01 mar. 2009.

FORMA DO VERBETE

TOPÔNIMO – Estrutura morfológica • *Origem* • Taxionomia • Definição • Nomeia → *acidente geográfico* / municípios. • Outros registros.

Nessa organização, nos valemos de informações já apresentadas nas fichas lexicográficas nos campos *Topônimo*, *Estrutura morfológica*, *Origem*, *Taxionomia* e *Acidente geográfico*. Inserimos a *Definição* para cada termo e, no campo *Outros registros* se encontram as formas pretéritas do nome, encontradas em mapas dos séculos XVIII a XIX. No campo *Nomeia*, podem-se verificar os locais em que houve a ocorrência do nome e se são nomeados com essa forma acidentes semelhantes ou diferentes. No que se refere à entrada dos verbetes, optamos por colocá-la em caixa-alta e utilizarmos letra minúscula. Abaixo, segue um exemplo completo da forma do verbete, retirado de nosso glossário:

ABÓBORAS - Nf [Ssing] • *Português* • Fitotopônimo • Frutos da aboboreira – legumes de tamanho grande, que crescem rente ao solo. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Contagem, Esmeraldas. • Outros registros: *Abobras* (1800), *Abobras* (1821).

Alguns dos topônimos encontrados e registrados nas fichas lexicográficas foram omitidos do glossário pelo fato de não ser possível construir para eles uma definição, ou o fato de não encontrarmos, para sua significação, alguma pista. Foi o caso de muitos dirrematopônimos e alguns africanismos.

Também é importante ressaltar que tivemos registros em que, para um mesmo topônimo, houve, ora a presença, ora a ausência das preposições *de*, *do*, *da*, como em *Ribeirão Funil* e *Ribeirão do Funil*. Nesses casos, optamos por registrar, na quantificação total, ambas as formas, por se referirem a cursos d'água distintos; porém, nos verbetes do glossário foi inserida a forma comum *Funil*, pois não tratamos, na presente pesquisa, as distinções semânticas para os dois registros.

Nos próximos capítulos, seguem a apresentação, a análise e a descrição dos dados.

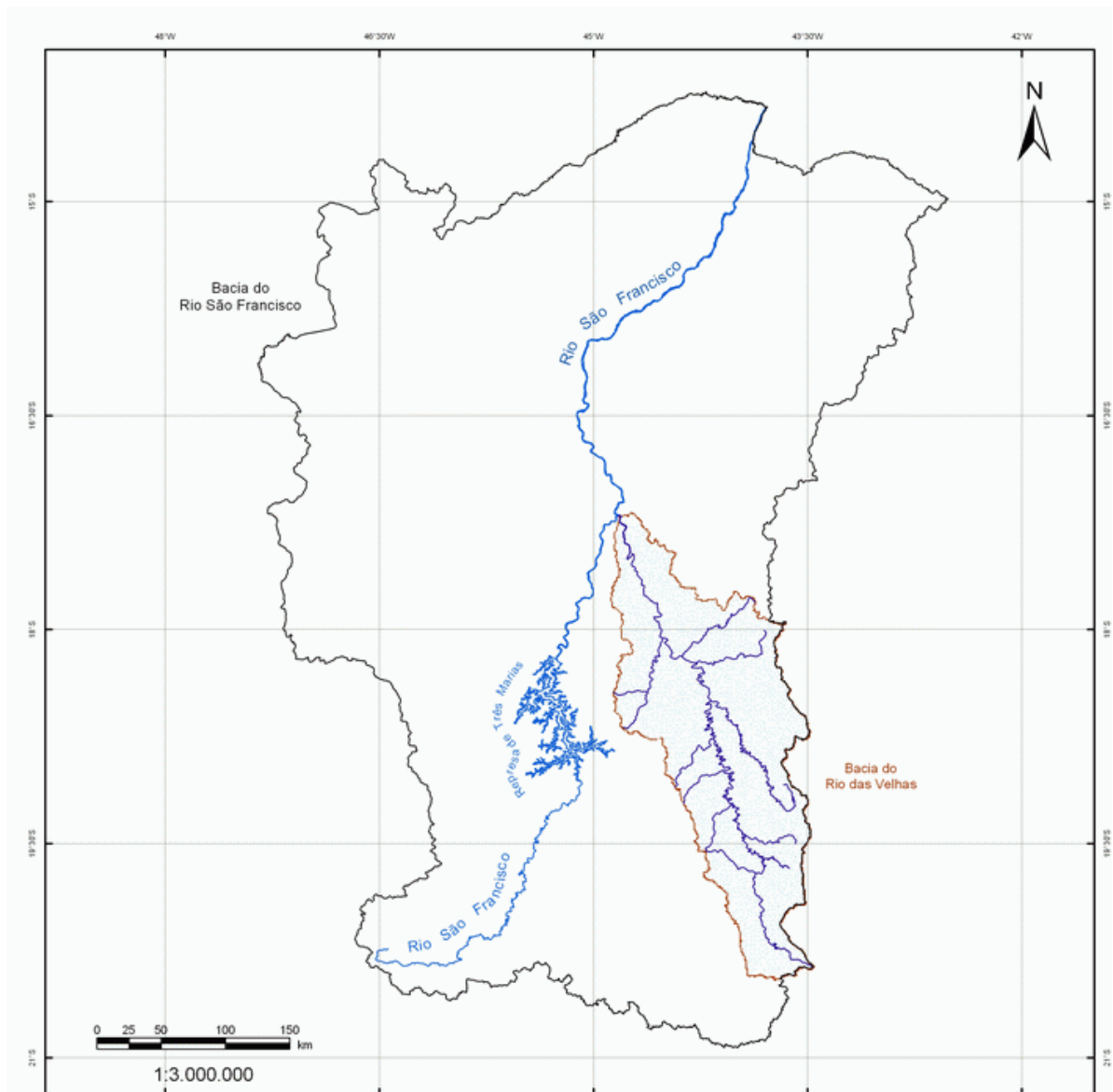


FOTO 05 – Rancho situado no caminho entre Fidalgo e Quinta do Sumidouro
Fonte: Acervo pessoal.

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS CONTEMPORÂNEOS

4.1. A Bacia do Rio das Velhas

A região em que se situa a Bacia do Rio das Velhas está inteiramente localizada na região central do estado de Minas Gerais, orientada no sentido sudoeste para noroeste, e integra a Bacia do Rio São Francisco. O mapa apresentado a seguir situa e destaca essa região:



MAPA 09 – Bacia do Rio das Velhas e sua localização

Fonte: <http://www.saneamento.poli.ufrj.br/documentos/24CBES/VI-221.pdf>. Acesso em 20 mar. 2009.

Os hidrônimos coletados por meio de mapas contemporâneos constituem-se como *corpora* para a realização de nossas análises nesse capítulo. Esses dados serão apresentados por meio de fichas toponímicas, segundo a metodologia já exposta no capítulo III da presente pesquisa.

4.2. Fichas toponímicas

As fichas toponímicas expostas a seguir mostram-nos os hidrônimos encontrados em cada município. Foi feita uma quantificação numérica para os acidentes, os quais remontaram ao número de 821, nos 19 municípios abrangidos Pela pesquisa. Após cada ficha, que analisa os topônimos de cada município, segue a ocorrência das taxes, também quantificada. Após a apresentação geral desses números, procederemos a algumas considerações.

Município 1: Ouro Preto¹⁵

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxionomia	Estrutura Morfológica
1	Córrego	Acima	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	[ADV]
2	Córrego	Afogador	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [ADJ _{sing}]
3	Córrego da	Ajuda	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nf [S _{sing}]
4	Córrego dos	Alemães	<i>Português < Latim</i>	Etnotopônimo	Nm [S _{pl}]
5	Córrego	Andaime	<i>Árabe</i>	Ergotopônimo	Nm [S _{sing}]
6	Córrego	Areão	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nm [S _{sing}]
7	Córrego do	Azevedo	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
8	Córrego	Bananeiras	<i>Africano (banana) + sufixo português (-eiro)</i>	Fitotopônimo	Nf [S _{pl}]
9	Córrego	Belém	<i>Hebraico</i>	Corotopônimo	Nf [S _{sing}]
10	Córrego	Benedito	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
11	Córrego	Boa Vista	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	NCf [ADJ _{sing} + S _{sing}]

¹⁵ Fonte dos dados: IBGE – Carta Topográfica Ouro Preto, 1985; IBGE – Carta Topográfica Ouro Branco, 1977; IBGE – Carta Topográfica Conselheiro Lafaiete, 1986; IBGE – Carta Topográfica Catas Altas, 1976.

12	Córrego	Bom Retiro	<i>Híbrida (Português + Origem incerta)</i>	Animotopônimo	NCf [ADJ _{sing} + S _{sing}]
13	Córrego	Botafogo	<i>Híbrida (Francês + Português)</i>	Dirrematotopônimo	Nm [S _{sing}]
14	Córrego	Brás Gomes	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	NCm [S _{sing} + S _{sing}]
15	Córrego da	Brenha	<i>Origem incerta</i>	Fitotopônimo	Nf [S _{sing}]
16	Rio	Burniê	<i>Francês</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
17	Córrego da	Cachoeira	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [S _{sing}]
18	Ribeirão	Cachoeira	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [S _{sing}]
19	Córrego	Cachoeira Grande	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [S _{sing} + ADJ _{sing}]
20	Córrego	Cachoeirinha	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [S _{sing}]
21	Córrego	Caieira	<i>Português < Latim</i>	Ergotopônimo	Nf [S _{sing}]
22	Córrego	Cambraia	<i>Francês</i>	Antropotopônimo	Nf [S _{sing}]
23	Córrego	Campo Casa Branca	<i>Híbrida (Português + Português + Germânico)</i>	Fitotopônimo	NCf [S _{sing} + S _{sing} + ADJ _{sing}]
24	Córrego	Campo Casa Grande	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCf [S _{sing} + S _{sing} + ADJ _{sing}]
25	Córrego do	Capão	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [S _{sing}]
26	Córrego	Cardoso	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
27	Córrego dos	Cates	<i>n/e</i>	n/e	n/e
28	Córrego	Caveira	<i>Português < Latim</i>	Somatotopônimo	Nf [S _{sing}]
29	Córrego	Caxeta	<i>Provençal</i>	Ergotopônimo	Nf [S _{sing}]
30	Córrego	Chapada	<i>Origem incerta</i>	Geomorfotopônimo	Nf [S _{sing}]
31	Córrego do	Cipó	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [S _{sing}]
32	Córrego dos	Coelhos	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [Spl]
33	Ribeirão	Colônia	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nf [S _{sing}]
34	Córrego do	Cumbe	<i>Africano</i>	Sociotopônimo	Nm [S _{sing}]
35	Córrego do	Cuquinho	<i>Origem incerta</i>	Fitotopônimo	Nm [S _{sing}]
36	Córrego	Curvinha	<i>Português < Latim</i>	Morfotopônimo	Nf [S _{sing}]
37	Represa do	Custódio	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]

38	Córrego do	Defunto	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [Ssing]
39	Córrego	Delgado	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [ADJsing]
40	Córrego	Diniz	<i>Francês</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
41	Córrego do	Doutor	<i>Português < Latim</i>	Axiotopônimo	Nm [ADJsing]
42	Ribeirão	Falcão	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
43	Córrego do	Feixo	<i>Português < Latim</i>	Ergotopônimo	Nm [Ssing]
44	Córrego do	Fraga	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
45	Córrego do	Frazão	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
46	Córrego	Fundão	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [Ssing]
47	Córrego do	Funil	<i>Provençal</i>	Geomorfotopônimo	Nm [Ssing]
48	Ribeirão	Funil	<i>Provençal</i>	Geomorfotopônimo	Nm [Ssing]
49	Rio do	Funil	<i>Provençal</i>	Geomorfotopônimo	Nm [Ssing]
50	Córrego do	Gama	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
51	Córrego do	Gouveia	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
52	Córrego	Grande	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [ADJsing]
53	Rio	Gualaxo do Norte	<i>Híbrida (Americanismo + Português)</i>	Etnotopônimo	NCm [Ssing + {(Prep + ASing) + Ssing}]
54	Ribeirão	Gurita	<i>Italiano</i>	Sociotopônimo	Nf [Ssing]
55	Córrego	Holanda	<i>Germânico</i>	Corotopônimo	Nf [Ssing]
56	Córrego da	Jacuba	<i>Origem incerta</i>	Ergotopônimo	Nf [Ssing]
57	Córrego	Jequiti	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
58	Córrego da	Lagoa	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
59	Córrego da	Lapa	<i>Pré-românica</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
60	Córrego dos	Macacos	<i>Africano</i>	Zootopônimo	Nm [Spl]
61	Rio	Macaquinhos	<i>Híbrida - Africano (macaco) + Sufixo Português (-inho)</i>	Zootopônimo	Nm [Spl]
62	Ribeirão	Mango	<i>Português < Latim</i>	Ergotopônimo	Nm [Spl]
63	Córrego do	Manso	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [ADJsing]

64	Córrego	Manuel Luís	<i>Híbrida (Hebraico + Germânico)</i>	Antropotopônimo	NCm [Ssing + Ssing]
65	Rio	Maracujá	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
66	Córrego do	Marzagão	<i>Português < Latim</i>	Corotopônimo	Nm [Ssing]
67	Córrego da	Mata	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
68	Córrego	Mata-Matá	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing + Ssing]
69	Córrego	Mata-pau	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCm [VERBsing + Ssing]
70	Córrego	Matias	<i>Hebraico</i>	Antropotopônimo	Nm [Spl]
71	Córrego	Mato da Roça	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
72	Rio	Maynard	<i>Germânico</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
73	Córrego do	Meira	<i>Espanhol</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
74	Córrego	Mesquita	<i>Árabe</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
75	Córrego do	Moinho	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
76	Córrego dos	Moinhos	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nm [Spl]
77	Córrego	Mombaça	<i>Indígena (Tupi)</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
78	Córrego	Moraes	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Spl]
79	Ribeirão	Moreira	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
80	Córrego	Morro Grande	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Geomorfotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]
81	Córrego do	Mulato	<i>Espanhol</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
82	Córrego	Natividade	<i>Português < Latim</i>	Hierotopônimo	Nf [Ssing]
83	Córrego	Olaria	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nf [Ssing]
84	Córrego dos	Padres	<i>Português < Latim</i>	Axiotopônimo	Nm [Ssing]
85	Córrego	Papa-Cobra	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	NCm [VERB + Ssing]
86	Córrego	Parte do Meio	<i>Português < Latim</i>	Dirrematopônimo	NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
87	Córrego	Passa-Dez	<i>Português < Latim</i>	Dirrematopônimo	NCm [VERB + NUMsing]
88	Córrego	Pasto Limpo	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]

89	Córrego dos	Peixotos	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Spl]
90	Córrego da	Picada	<i>Português < Latim</i>	Hodotopônimo	Nf [Ssing]
91	Córrego	Pitangui	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
92	Córrego das	Pombas	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [Spl]
93	Rio da	Ponte	<i>Português < Latim</i>	Hodotopônimo	Nf [Ssing]
94	Córrego da	Praia	<i>Grego</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
95	Córrego da	Prata	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
96	Córrego dos	Prazeres	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [Spl]
97	Rio	Preto	<i>Português < Latim</i>	Cromotopônimo	Nm [ADJsing]
98	Córrego	Quilombo	<i>Africano</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
99	Córrego	Rancharia	<i>Espanhol</i>	Sociotopônimo	Nf [Ssing]
100	Córrego	Raposo	<i>Espanhol</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
101	Córrego do	Riacho	<i>Espanhol</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
102	Córrego	Salvador	<i>Português < Latim</i>	Hierotopônimo	Nm [Ssing]
103	Ribeirão de	Santa Rita	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NCf [ADJsing + Ssing]
104	Córrego	São Bartolomeu	<i>Híbrido (Latim + Hebraico)</i>	Hagiotopônimo	NCm [ADJsing + Ssing]
105	Córrego	Seca Fumo	<i>Português < Latim</i>	Dirrematopônimo	NCm [VERBsing + Ssing]
106	Córrego	Soares	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Spl]
107	Ribeirão	Soledade	<i>Espanhol</i>	Hierotopônimo	Nf [Ssing]
108	Córrego	Tabuão	<i>Origem incerta</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
109	Represa de	Tabuão	<i>Origem incerta</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
110	Córrego	Timbopeba	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
111	Córrego	Tripuí	<i>Indígena (Tupi)</i>	Geomorfotopônimo	Nm [Ssing]
112	Córrego da	Usina	<i>Francês</i>	Sociotopônimo	Nf [Ssing]
113	Córrego	Varjada	<i>Origem incerta</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
114	Rio das	Velhas	<i>Português < Latim (Decalque Tupi: Guaibi, Guaimí)</i>	Cronotopônimo	Nf [Spl]
115	Córrego dos	Vieiras	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Spl]

Dados da ficha

Topônimos: 115

.Quanto à origem:

a) Português < Latim: 63	i) Africano: 04	r) Flamengo: 00
b) Árabe: 02	j) Italiano: 01	s) Galego: 00
c) Híbrida: 08	l) Germânico: 02	t) Catalão: 00
d) Hebraico: 02	m) Espanhol: 06	u) Sânscrito: 00
e) Origem incerta: 07	n) Pré-românica: 01	v) Não encontrados: 01
f) Francês: 04	o) Grego: 01	
g) Indígena (Tupi): 09	p) Malaio: 00	
h) Provençal: 04	q) Castelhana: 00	

Taxionomias:

Animotopônimo: 07
Antropotopônimo: 24
Astrotopônimo: 00
Axiotopônimo: 02
Cardinotopônimo: 00
Corotopônimo: 03
Cromotopônimo: 01
Cronotopônimo: 01
Dimensiotopônimo: 04
Dirrematotopônimo: 04

Ecotopônimo: 00
Ergotopônimo: 06
Etnotopônimo: 02
Fitotopônimo: 18
Geomorfotopônimo: 09
Hagiotopônimo: 02
Hidrotopônimo: 06
Hierotopônimo: 03
Historiotopônimo: 00
Hodotopônimo: 02

Litotopônimo: 03
Meteorotopônimo: 00
Mitotopônimo: 00
Morfotopônimo: 01
Numerotopônimo: 00
Poliotopônimo: 00
Sociotopônimo: 09
Somatotopônimo: 01
Zootopônimo: 06
n/e: 01

Município 2: Caeté¹⁶

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Córrego	Água Limpa de Baixo	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing + {Prep + ADV}]
2	Córrego	Água Limpa de Cima	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing + {Prep + ADV}]

¹⁶ Fonte dos dados: IBGE - Carta Topográfica Caeté, 1996; IBGE - Carta Topográfica Jaboticatubas, 1977.

3	Córrego	Amarelo	<i>Português < Latim</i>	Cromotopônimo	Nm [Ssing]
4	Córrego	Bananeiras	<i>Africano (banana) + sufixo português (-eiro)</i>	Fitotopônimo	Nf [Spl]
5	Córrego	Bandarra	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nf [Ssing]
6	Córrego	Barro Preto	<i>Híbrida (Pré-românico + Português < Latim)</i>	Litotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]
7	Córrego dos	Bastos	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
8	Córrego	Batatal	<i>Híbrida – (Espanhol + sufixo português –al)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
9	Córrego do	Baú	<i>Francês</i>	Ergotopônimo	Nm [Ssing]
10	Córrego	Biboca	<i>Indígena (Tupi)</i>	Ecotopônimo	Nf [Ssing]
11	Córrego da	Bomba	<i>Italiano</i>	Ergotopônimo	Nf [Ssing]
12	Córrego	Braga	<i>Pré-românico</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
13	Córrego	Branco	<i>Germânico</i>	Cromotopônimo	Nm [ADJsing]
14	Córrego	Brandão	<i>Germânico</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
15	Córrego do	Brejo	<i>Origem incerta</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
16	Córrego	Cachoeira	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
17	Córrego	Caeté	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
18	Córrego do	Café	<i>Árabe</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
19	Córrego	Cafundão	<i>Africano</i>	Geomorfotopônimo	Nm [Ssing]
20	Córrego	Caminho Novo	<i>Português < Latim</i>	Hodotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]
21	Córrego	Canavial	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
22	Córrego	Carrapato	<i>Pré-românico</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
23	Ribeirão	Comprido	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [ADJsing]
24	Córrego	Cutão	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>
25	Córrego	Dalda	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>
26	Córrego do	Engenho	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
27	Ribeirão do	Engenho	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
28	Ribeirão	Engenho Velho	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]

29	Córrego do	Enjeitado	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	[ADJ _{sing}]
30	Córrego	Espinheiro	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [S _{sing}]
31	Córrego	Fazendinha	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nf [S _{sing}]
32	Córrego dos	Ferreiras	Espanhol	Antropotopônimo	Nm [S _{pl}]
33	Córrego	Folha Miúda	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCf [S _{sing} + ADJ _{sing}]
34	Córrego	Fonte Grande	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [S _{sing} + ADJ _{sing}]
35	Córrego	Formiga	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nf [S _{sing}]
36	Ribeirão do	Gaia	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nf [S _{sing}]
37	Córrego	Garcia	<i>Pré - românico</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
38	Córrego	Ipu	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [S _{sing}]
39	Córrego	Jacu	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nm [S _{sing}]
40	Represa	Jeriza	Espanhol	Animotopônimo	Nf [S _{sing}]
41	Ribeirão	Juca Vieira	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Antropotopônimo	NCm [S _{sing} + S _{sing}]
42	Córrego	Lagoa	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [S _{sing}]
43	Córrego	Lagoa Seca	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [S _{sing} + ADJ _{sing}]
44	Córrego	Maria da Costa	<i>Híbrida (Hebraico + Português)</i>	Antropotopônimo	NCf [S _{sing} + {(Prep + A _{sing}) + S _{sing} }]
45	Córrego	Montalvão	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
46	Córrego	Olhos d'água	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCm [S _{pl} + {Prep + S _{sing} }]
47	Córrego	Paciência	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nf [S _{sing}]
48	Córrego	Padrão	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [S _{sing}]
49	Córrego	Panelheiro	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nm [S _{sing}]
50	Córrego da	Paula	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nf [S _{sing}]
51	Córrego	Pedra do Montalvão	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	NCm [S _{sing} + {(Prep + A _{sing}) + S _{sing} }]
52	Ribeirão do	Peixe	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [S _{sing}]

53	Córrego da	Pimenta	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
54	Córrego	Piolho	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
55	Córrego	Prainha	<i>Grego</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
56	Ribeirão da	Prata	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
57	Córrego	Ravena	<i>Italiano</i>	Corotopônimo	Nf [Ssing]
58	Córrego do	Retiro	<i>Origem incerta</i>	Animotopônimo	Nm [Ssing]
59	Ribeirão	Ribeirão Bonito	<i>Híbrida (Português + Castelhana)</i>	Hidrotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]
60	Córrego	Ribeiro do Álcool	<i>Híbrida (Português + Árabe)</i>	Hidrotopônimo	NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
61	Córrego	Roça Grande	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
62	Ribeirão	Sabará	<i>Indígena (Tupi)</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
63	Córrego	Santa Paula	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NCf [ADJsing + Ssing]
64	Córrego	Santo Antônio	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NCm [ADJsing + Ssing]
65	Córrego	São João	<i>Híbrida (Latim + Hebraico)</i>	Hagiotopônimo	NCm [ADJsing + Ssing]
66	Córrego	São Sebastião	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NCm [ADJsing + Ssing]
67	Córrego	Taboão	<i>Origem incerta</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
68	Córrego	Vale do Coxo	<i>Híbrida (Português + Origem incerta)</i>	Geomorfotopônimo	NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + ADJsing}]
69	Córrego	Vargem Alegre	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
70	Rio	Vermelho	<i>Português < Latim</i>	Cromotopônimo	Nm [Ssing]
71	Córrego	Xandu	n/e	n/e	n/e

Dados da ficha**Topônimos: 71****.Quanto à origem:**

a) Português < Latim: 37	h) Provençal: 00	p) Malaio: 00
b) Árabe: 01	i) Africano: 02	q) Castelhana: 00
c) Híbrida: 09	j) Italiano: 02	r) Flamengo: 00
d) Hebraico: 00	l) Germânico: 02	s) Galego: 00
e) Origem incerta: 03	m) Espanhol: 02	t) Catalão: 00
f) Francês: 01	n) Pré-românica: 03	u) Sânscrito: 00
g) Indígena (Tupi): 05	o) Grego: 01	v) Não encontrados: 03

Taxionomias:

Animotopônimo: 05
Antropotopônimo: 10
Astrotopônimo: 00
Axiotopônimo: 00
Cardinotopônimo: 00
Corotopônimo: 01
Cromotopônimo: 03
Cronotopônimo: 00
Dimensiotopônimo: 01
Dirrematopônimo: 00

Ecotopônimo: 01
Ergotopônimo: 02
Etnotopônimo: 00
Fitotopônimo: 10
Geomorfotopônimo: 04
Hagiotopônimo: 04
Hidrotopônimo: 10
Hierotopônimo: 00
Historiotopônimo: 00
Hodotopônimo: 01

Litotopônimo: 04
Meteorotopônimo: 00
Mitotopônimo: 00
Morfotopônimo: 00
Numerotopônimo: 00
Poliotopônimo: 00
Sociotopônimo: 07
Somatotopônimo: 00
Zootopônimo: 05
n/e: 03

Município 3: Itabirito¹⁷

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Córrego do	Açude	Árabe	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
2	Lagoa	Água Limpa	Português < Latim	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
3	Córrego	Água Suja	Português < Latim	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
4	Córrego das	Almas	Português < Latim	Animotopônimo	Nf [Spl]

¹⁷ Fonte dos dados: IBGE - Carta Topográfica Itabirito, 1984; IBGE - Carta Topográfica Rio Acima, 1977; IBGE - Carta Topográfica Acuruí, 1977; IBGE - Carta Topográfica Ouro Preto, 1985.

5	Ribeirão	Aredes	<i>Espanhol</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
6	Córrego do	Augusto	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
7	Córrego	Benevides	<i>Espanhol</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
8	Córrego	Bom Destino	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	NCm [ADJsing+ Ssing]
9	Córrego	Bom Sucesso	<i>Português < Latim</i>	Hierotopônimo	NCm [ADJsing + Ssing]
10	Córrego do	Bração	<i>Português < Latim</i>	Somatotopônimo	Nm [Ssing]
11	Córrego do	Braço	<i>Português < Latim</i>	Somatotopônimo	Nm [Ssing]
12	Córrego do	Bugre	<i>Francês</i>	Etnotopônimo	Nm [Ssing]
13	Córrego do	Buraco	<i>Origem incerta</i>	Geomorfotopônimo	Nm [Ssing]
14	Córrego	Cabeceira do Meio	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
15	Córrego	Campestre	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [ADJsing]
16	Córrego	Capão Onça	<i>Híbrida (Tupi + Português)</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + Ssing]
17	Ribeirão	Cardoso	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
18	Córrego	Carioca	<i>Indígena (Tupi)</i>	Etnotopônimo	Nm [Ssing]
19	Ribeirão	Carioca	<i>Indígena (Tupi)</i>	Etnotopônimo	Nm [Ssing]
20	Córrego da	Cascalheira	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
21	Córrego	Cata Branca	<i>Híbrida (Português + Germânico)</i>	Sociotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
22	Córrego da	Cava	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
23	Ribeirão	Congonhas	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
24	Córrego	Criminoso	<i>Português < Latim</i>	Etnopônimo	Nm [Ssing]
25	Córrego da	Cruz	<i>Português < Latim</i>	Hierotopônimo	Nf [Ssing]
26	Córrego	Curral de Pedras	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Sociotopônimo	NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
27	Córrego	Eixo	<i>Grego</i>	Ergotopônimo	Nm [Ssing]
28	Córrego	Estreito	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [ADJsing]
29	Córrego	Farinha Seca	<i>Português < Latim</i>	Ergotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]

30	Córrego	Feliciano	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
31	Córrego	Ferreira	<i>Espanhol</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
32	Córrego do	Filipe	<i>Grego</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
33	Córrego	Fundo	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [ADJsing]
34	Córrego	Furna	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
35	Córrego da	Grota	<i>Italiano</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
36	Rio	Itabirito	<i>Híbrida - Itabira (Indígena Tupi) + - ito (sufixo grego)</i>	Litotopônimo	Nm [Ssing]
37	Córrego	Jaguara	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nf [Ssing]
38	Córrego	Lagoa Seca	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
39	Córrego	Lagoinha	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
40	Lagoa	Lagoinha	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
41	Córrego do	Lobo	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
42	Córrego do	Lopes	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Spl]
43	Córrego	Manso	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [ADJsing]
44	Rio	Maracujá	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
45	Ribeirão da	Mata	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
46	Ribeirão	Mata Porcos	<i>Português < Latim</i>	Dirrematotopônimo	NCm [VERB + Ssing]
47	Córrego	Mato da Fábrica	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
48	Córrego	Matuto	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
49	Córrego da	Mina	<i>Pré-românico</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
50	Córrego	Mina d'Água	<i>Pré-românico</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]
51	Córrego do	Moinho	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
52	Córrego	Moleque	<i>Africano</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
53	Córrego	Olaria	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nf [Ssing]

54	Córrego da	Onça	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nf [Ssing]
55	Córrego	Paciência	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nf [Ssing]
56	Córrego	Padre Domingos	<i>Português < Latim</i>	Axiotopônimo	NCm [Ssing + Spl]
57	Córrego das	Palmeiras	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Spl]
58	Córrego	Palmital	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
59	Córrego	Papagaio	<i>Origem incerta</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
60	Rio de	Pedras	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Spl]
61	Córrego da	Pedreira	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
62	Córrego	Ponte de Pedra	<i>Português < Latim</i>	Hodotopônimo	NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]
63	Ribeirão da	Prata	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
64	Córrego	Quebra-Pau	<i>Português < Latim</i>	Dirrematopônimo	NCm [VERB + Ssing]
65	Córrego do	Retiro	<i>Origem incerta</i>	Animotopônimo	Nm [Ssing]
66	Córrego do	Ribeirão	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
67	Represa do	Rio de Pedras	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + {Prep + Spl}]
68	Ribeirão	Saboeiro	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
69	Córrego	Santa Ana	<i>Híbrida (Latim + Hebraico)</i>	Hagiotopônimo	NCf [ADJsing + Ssing]
70	Córrego dos	Santos	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	Nm [Ssing]
71	Córrego	Sapicado	<i>Indígena (Tupi).</i>	Animotopônimo	Nm [Ssing]
72	Córrego	Serrinha	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
73	Córrego das	Serrinhas	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Spl]
74	Córrego	Severino	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
75	Ribeirão do	Silva	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
76	Córrego	Sossego	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [Ssing]
77	Córrego	Sumidoro	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
78	Córrego	Taquaral	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]

79	Córrego	Vargem do Pico	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
80	Rio das	Velhas	<i>Português < Latim (Decalque Tupi Guaibi, Guaimí)</i>	Cronotopônimo	Nf [Spl]

Dados da ficha

Topônimos: 80

.Quanto à origem:

- | | | |
|--------------------------|---------------------|------------------------|
| a) Português < Latim: 54 | i) Africano: 01 | r) Flamengo: 00 |
| b) Árabe: 01 | j) Italiano: 01 | s) Galego: 00 |
| c) Híbrida: 06 | l) Germânico: 00 | t) Catalão: 00 |
| d) Hebraico: 00 | m) Espanhol: 03 | u) Sânscrito: 00 |
| e) Origem incerta: 03 | n) Pré-românica: 02 | v) Não encontrados: 00 |
| f) Francês: 01 | o) Grego: 02 | |
| g) Indígena (Tupi): 06 | p) Malaio: 00 | |
| h) Provençal: 00 | q) Castelhana: 00 | |

Taxionomias:

Animotopônimo: 06
Antropotopônimo: 13
Astrotopônimo: 00
Axiotopônimo: 01
Cardinotopônimo: 00
Corotopônimo: 00
Cromotopônimo: 00
Cronotopônimo: 01
Dimensiotopônimo: 02
Dirrematopônimo: 02

Ecotopônimo: 00
Ergotopônimo: 02
Etnotopônimo: 04
Fitotopônimo: 10
Geomorfotopônimo: 08
Hagiotopônimo: 02
Hidrotopônimo: 11
Hierotopônimo: 02
Historiotopônimo: 00
Hodotopônimo: 01

Litotopônimo: 05
Meteorotopônimo: 00
Mitotopônimo: 00
Morfotopônimo: 00
Numerotopônimo: 00
Poliotopônimo: 00
Sociotopônimo: 04
Somatotopônimo: 02
Zootopônimo: 04
n/e: 00

Município 4: Taquaraçu de Minas¹⁸

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Córrego do	Atalho	<i>Português < Latim</i>	Hodotopônimo	Nm [Ssing]
2	Córrego da	Areia	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
3	Córrego do	Bambu	<i>Malaiô</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
4	Córrego do	Barreiro Grande	<i>Híbrida (Pré-românico + Português < Latim)</i>	Litotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]
5	Córrego da	Boa Vista	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	NCf [ADJsing + Ssing]
6	Ribeirão da	Boa Vista	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	NCf [ADJsing + Ssing]
7	Córrego do	Boticário	<i>Francês</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
8	Córrego	Caatinga	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
9	Córrego	Cachoeira	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
10	Córrego da	Cachoeira	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
11	Córrego	Caixa-d'água	<i>Híbrida (Catalão + Português)</i>	Ergotopônimo	NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
12	Córrego	Campo de Santo Antônio	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
13	Córrego	Campo Santo	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]
14	Córrego	Canela	<i>Francês</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
15	Córrego	Capoeira	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
16	Córrego	Casa Velha	<i>Português < Latim</i>	Ecotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
17	Córrego	Chapéu-de-sol	<i>Francês</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
18	Córrego	Coqueiro	<i>Origem incerta</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
19	Córrego	Curralinho	<i>Origem incerta</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
20	Córrego	Diogo	<i>Origem incerta</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
21	Córrego do	Engenho	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
22	Córrego	Estiva	<i>Italiano</i>	Hodotopônimo	Nf [Ssing]
23	Córrego do	Félix	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
24	Córrego	Fortaleza	<i>Provençal</i>	Sociotopônimo	Nf [Ssing]

¹⁸ Fonte dos dados: IBGE - Carta Topográfica Jaboticatubas, 1977; IBGE - Carta Topográfica Lagoa Santa, 1977.

25	Córrego	Furado	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [Ssing]
26	Córrego	João Hude	<i>Híbrida (Hebraico + Germânico)</i>	Antropotopônimo	NCm [Ssing + Ssing]
27	Córrego do	Macuco	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
28	Córrego	Manuel Gato	<i>Híbrida (Hebraico + Português)</i>	Antropotopônimo	NCm [Ssing + Ssing]
29	Córrego	Mata da Mina	<i>Híbrida (Português + Francês)</i>	Fitotopônimo	NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
30	Córrego	Mato Virgem	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + Ssing]
31	Córrego	Morro Vermelho	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Geomorftopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]
32	Córrego do	Ouro	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nm [Ssing]
33	Córrego	Pau-Santo	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]
34	Ribeirão do	Peixe	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
35	Ribeirão da	Prata	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
36	Córrego do	Retiro	<i>Origem incerta</i>	Animotopônimo	Nm [Ssing]
37	Córrego	São Joaquim	<i>Híbrida (Latim + Hebraico)</i>	Hagiotopônimo	NCm [ADJsing + Ssing]
38	Córrego	Sumidoro	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
39	Represa	Taquaraçu	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
40	Rio	Taquaraçu	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
41	Córrego	Taquaral	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
42	Córrego	Tatu	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
43	Córrego	Terra Vermelha	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
44	Córrego	Vargem da Traíra	<i>Híbrida (Origem incerta + Tupi)</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
45	Córrego da	Vargem do Saco	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]

46	Córrego	Vargem Grande	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
47	Ribeirão	Vermelho	<i>Português < Latim</i>	Cromotopônimo	Nm [ADJsing]

Dados da ficha

Topônimos: 47

.Quanto à origem:

a) Português < Latim: 20	i) Africano: 00	r) Flamengo: 00
b) Árabe: 00	j) Italiano: 01	s) Galego: 00
c) Híbrida: 10	l) Germânico: 00	t) Catalão: 00
d) Hebraico: 00	m) Espanhol: 00	u) Sânscrito: 00
e) Origem incerta: 04	n) Pré-românica: 00	v) Não encontrados: 00
f) Francês: 03	o) Grego: 00	
g) Indígena (Tupi): 07	p) Malaio: 01	
h) Provençal: 01	q) Castelhana: 00	

Taxionomias:

Animotopônimo: 04
Antropotopônimo: 04
Astrotopônimo: 00
Axiotopônimo: 00
Cardinotopônimo: 00
Corotopônimo: 00
Cromotopônimo: 01
Cronotopônimo: 00
Dimensiotopônimo: 00
Dirrematotopônimo: 00

Ecotopônimo: 01
Ergotopônimo: 01
Etnotopônimo: 00
Fitotopônimo: 14
Geomorfotopônimo: 05
Hagiotopônimo: 01
Hidrotopônimo: 03
Hierotopônimo: 00
Historiotopônimo: 00
Hodotopônimo: 02

Litotopônimo: 04
Meteorotopônimo: 00
Mitotopônimo: 00
Morfotopônimo: 00
Numerotopônimo: 00
Poliotopônimo: 00
Sociotopônimo: 04
Somatotopônimo: 00
Zootopônimo: 03
n/e: 00

Município 5: Sabará¹⁹

n.º	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Ribeirão dos	Alvarengas	<i>Germânico</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{pl}]
2	Ribeirão	Barbosa	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
3	Ribeirão das	Bicas	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [S _{pl}]
4	Ribeirão do	Bom Destino	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]
5	Córrego do	Brumado	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [S _{sing}]
6	Ribeirão do	Brumado	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [S _{sing}]
7	Córrego	Cabeça-de-boi	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NC _m [S _{sing} + {Prep + S _{sing} }]
8	Córrego	Capão do Ferraz	<i>Híbrida (Tupi + Português)</i>	Fitotopônimo	NC _m [S _{sing} + {(Prep + A _{sing}) + S _{sing} }]
9	Córrego das	Contas	<i>Francês</i>	Ergotopônimo	Nf [S _{pl}]
10	Córrego dos	Crioulos	<i>Português < Latim</i>	Etnotopônimo	Nm [ADJ _{sing}]
11	Córrego dos	Fidélis	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
12	Córrego do	Filipe	<i>Grego</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
13	Córrego	Florenço	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
14	Ribeirão do	Gaia	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
15	Córrego do	Gainha	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
16	Córrego	José Vaz	<i>Híbrida (Hebraico + Português)</i>	Antropotopônimo	NC _m [S _{sing} + S _{sing}]
17	Ribeirão da	Laje	<i>Origem incerta</i>	Litotopônimo	Nf [S _{sing}]
18	Ribeirão das	Lajes	<i>Origem incerta</i>	Litotopônimo	Nm [S _{pl}]
19	Córrego dos	Machados	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{pl}]
20	Córrego	Monjolo	<i>Africano</i>	Sociotopônimo	Nm [S _{sing}]
21	Córrego	Olaria	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nf [S _{sing}]

¹⁹ Fonte dos dados: IBGE - Carta Topográfica Belo Horizonte, 1986; IBGE - Carta Topográfica Caeté, 1996.

22	Córrego	Paciência	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nf [Ssing]
23	Córrego	Palmital	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
24	Córrego	Pataca	<i>Provençal</i>	Ergotopônimo	Nf [Ssing]
25	Córrego da	Pataca	<i>Provençal</i>	Ergotopônimo	Nf [Ssing]
26	Córrego	Pataquinha	<i>Provençal</i>	Ergotopônimo	Nf [Ssing]
27	Córrego do	Piçarrão	<i>Castelhano</i>	Litotopônimo	Nm [Ssing]
28	Córrego da	Prata	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
29	Córrego da	Rocinha	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nf [Ssing]
30	Ribeirão	Sabará	<i>Indígena (Tupi)</i>	Litotopônimo	Nm [Ssing]
31	Córrego	Santiago	<i>Híbrido (Latim + Hebraico)</i>	Hagiotopônimo	Nm [Ssing]
32	Córrego	Santo Antônio	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NCm [ADJsing + Ssing]
33	Córrego	São José	<i>Híbrido (Latim + Hebraico)</i>	Hagiotopônimo	Nm [Ssing]
34	Córrego do	Saquinho	<i>Grego</i>	Ergotopônimo	Nm [Ssing]
35	Córrego	Sobradinho	<i>Português < Latim</i>	Ecotopônimo	Nm [Ssing]
36	Córrego do	Sobradinho	<i>Portuguê < Latims</i>	Ecotopônimo	Nm [Ssing]
37	Córrego	Soledade	<i>Espanhol</i>	Hierotopônimo	Nf [Ssing]
38	Ribeirão	Taioba	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
39	Córrego da	Tapera	<i>Indígena (Tupi)</i>	Ecotopônimo	Nf [Ssing]
40	Córrego do	Tatu	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
41	Córrego das	Vargens	<i>Origem incerta</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Spl]
42	Córrego	Vassoural	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
43	Rio das	Velhas	<i>Português < Latim (Decalque Tupi Guaibi, Guaimí)</i>	Cronotopônimo	Nf [Spl]
44	Ribeirão	Vermelho	<i>Português < Latim</i>	Cromotopônimo	Nm [Ssing]

Dados da ficha

Topônimos: 44

.Quanto à origem:

a) Português < Latim: 23	i) Africano: 01	r) Flamengo: 00
b) Árabe: 00	j) Italiano: 00	s) Galego: 00
c) Híbrida: 04	l) Germânico: 01	t) Catalão: 00
d) Hebraico: 00	m) Espanhol: 01	u) Sânscrito: 00
e) Origem incerta: 03	n) Pré-românica: 00	v) Não encontrados: 00
f) Francês: 01	o) Grego: 02	
g) Indígena (Tupi): 04	p) Malaio: 00	
h) Provençal: 03	q) Castelhana: 01	

Taxionomias:

Animotopônimo: 04	Ecotopônimo: 03	Litotopônimo: 05
Antropotopônimo: 09	Ergotopônimo: 05	Meteorotopônimo: 00
Astrotopônimo: 00	Etnotopônimo: 01	Mitotopônimo: 00
Axiotopônimo: 00	Fitotopônimo: 05	Morfotopônimo: 00
Cardinotopônimo: 00	Geomorfotopônimo: 01	Numerotopônimo: 00
Corotopônimo: 00	Hagiotopônimo: 03	Poliotopônimo: 00
Cromotopônimo: 01	Hidrotopônimo: 01	Sociotopônimo: 03
Cronotopônimo: 01	Hierotopônimo: 01	Somatotopônimo: 00
Dimensiotopônimo: 00	Historiotopônimo: 00	Zootopônimo: 01
Dirrematotopônimo: 00	Hodotopônimo: 00	n/e: 00

Município 6: Belo Horizonte²⁰

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Córrego do	Acaba Mundo	<i>Português < Latim</i>	Dirrematotopônimo	NCm [VERB + Ssing]
2	Córrego	Açudinho	<i>Árabe</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
3	Ilha dos	Amores	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [Spl]

²⁰ Fonte dos dados: IBGE - Carta Topográfica Belo Horizonte, 1986; IBGE - Carta Topográfica Contagem, 1981.

4	Ribeirão	Arrudas	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [S _{pl}]
5	Córrego	Baleia	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nf [S _{sing}]
6	Córrego do	Barreiro	<i>Pré-românico (barro) + sufixo português -eiro</i>	Litotopônimo	Nm [S _{sing}]
7	Córrego	Bom Jesus	<i>Português < Latim</i>	Hierotopônimo	NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]
8	Córrego	Bom Sucesso	<i>Português < Latim</i>	Hierotopônimo	NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]
9	Ribeirão do	Cabral	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
10	Ribeirão da	Cachoeirinha	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [S _{sing}]
11	Córrego	Calazans	<i>Espanhol</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
12	Córrego	Cercadinho	<i>Português < Latim</i>	Ergotopônimo	Nm [S _{sing}]
13	Córrego	Embira	<i>Índígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [S _{sing}]
14	Córrego do	Engenho Nogueira	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	NC _m [S _{sing} + S _{sing}]
15	Córrego da	Espia	<i>Italiano</i>	Sociotopônimo	Nm [S _{sing}]
16	Córrego	Fazenda Velha	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nm [S _{sing}]
17	Córrego da	Floresta	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [S _{sing}]
18	Córrego da	Glória	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nf [S _{sing}]
19	Córrego	Gordura	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [S _{sing}]
20	Córrego	Guarujá	<i>Índígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nm [S _{sing}]
21	Córrego	Independência	<i>Português < Latim</i>	Historiotopônimo	Nf [S _{sing}]
22	Córrego	Isidoro	<i>Grego</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
23	Córrego	Jaqueline	<i>Francês</i>	Antropotopônimo	Nf [S _{sing}]
24	Córrego	Jatobá	<i>Índígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [S _{sing}]
25	Córrego	Lagoa Grande	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NC _f [S _{sing} + ADJ _{sing}]
26	Córrego	Lagoinha	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [S _{sing}]
27	Córrego do	Leitão	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [S _{sing}]

28	Córrego dos	Macacos	<i>Africano</i>	Zootopônimo	Nm [S _{pl}]
29	Córrego da	Mangabeira	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [S _{sing}]
30	Córrego	Manoel Pereira	<i>Híbrida (Hebraico + Português)</i>	Antropotopônimo	NCm [S _{sing} + S _{sing}]
31	Córrego	Mergulhão	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [S _{sing}]
32	Córrego	Mineirão	<i>Pré-românico</i>	Etnotopônimo	Nm [S _{sing}]
33	Córrego do	Nado	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [S _{sing}]
34	Córrego do	Navio	<i>Português < Latim</i>	Ergotopônimo	Nm [S _{sing}]
35	Córrego da	Olaria	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nf [S _{sing}]
36	Córrego	Olhos-d'água	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCm [S _{pl} + {(Prep + A _{sing}) + S _{sing} }]
37	Ribeirão da	Onça	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [S _{sing}]
38	Lagoa da	Pampulha	<i>Origem incerta</i>	Corotopônimo	Nf [S _{sing}]
39	Ribeirão da	Pampulha	<i>Origem incerta</i>	Corotopônimo	Nf [S _{sing}]
40	Córrego	Paracatu	<i>Indígena (Tupi)</i>	Hidrotopônimo	Nm [S _{sing}]
41	Córrego	Pereira	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [S _{sing}]
42	Córrego	Ponte Queimada	<i>Português < Latim</i>	Hodotopônimo	NCf [S _{sing} + ADJ _{sing}]
43	Córrego da	Ressaca	<i>Espanhol</i>	Hidrotopônimo	Nf [S _{sing}]
44	Córrego	Riacho das Pedras	<i>Híbrida (Castelhano + Português)</i>	Hidrotopônimo	NCm [S _{sing} + {(Prep + A _{sing}) + S _{pl} }]
45	Barragem de	Santa Lúcia	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NCf [ADJ _{sing} + S _{sing}]
46	Córrego	São Lucas	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NCm [ADJ _{sing} + S _{sing}]
47	Lagoa	São Paulo	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NCm [ADJ _{sing} + S _{sing}]
48	Lagoa	Seca	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [S _{sing}]
49	Córrego da	Serra	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	Nf [S _{sing}]
50	Córrego da	Serra Verde	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	NCf [S _{sing} + ADJ _{sing}]
51	Córrego	Taquaril	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [S _{sing}]

52	Córrego do	Tijuco	<i>Indígena (Tupi)</i>	Litotopônimo	Nm [Ssing]
53	Córrego	Venda Nova	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
54	Córrego	Vilarinho	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]

Dados da ficha

Topônimos: 54

. Quanto à origem:

a) Português < Latim: 34	i) Africano: 01	r) Flamengo: 00
b) Árabe: 01	j) Italiano: 01	s) Galego: 00
c) Híbrida: 02	l) Germânico: 00	t) Catalão: 00
d) Hebraico: 00	m) Espanhol: 02	u) Sânscrito: 00
e) Origem incerta: 02	n) Pré-românica: 02	v) Não encontrados: 00
f) Francês: 01	o) Grego: 01	
g) Indígena (Tupi): 07	p) Malaio: 00	
h) Provençal: 00	q) Castelhana: 00	

Taxionomias:

Animotopônimo: 02
Antropotopônimo: 08
Astrotopônimo: 00
Axiotopônimo: 00
Cardinotopônimo: 00
Corotopônimo: 02
Cromotopônimo: 00
Cronotopônimo: 00
Dimensiotopônimo: 00
Dirrematopônimo: 01

Ecotopônimo: 00
Ergotopônimo: 02
Etnotopônimo: 01
Fitotopônimo: 07
Geomorfotopônimo: 02
Hagiotopônimo: 03
Hidrotopônimo: 09
Hierotopônimo: 02
Historiotopônimo: 01
Hodotopônimo: 01

Litotopônimo: 02
Meteorotopônimo: 00
Mitotopônimo: 00
Morfotopônimo: 00
Numerotopônimo: 00
Poliotopônimo: 00
Sociotopônimo: 05
Somatotopônimo: 00
Zootopônimo: 06
n/e: 00

Município 7: Contagem²¹

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Córrego das	Abóboras	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
2	Córrego	Água Suja	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
3	Ribeirão	Arrudas	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [Spl]
4	Córrego	Bela Vista	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	NCf [ADJsing + Ssing]
5	Ribeirão	Betim	<i>Flamengo</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
6	Rio	Betim	<i>Flamengo</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
7	Córrego	Bom Jesus	<i>Português < Latim</i>	Hierotopônimo	NCm [ADJsing + Ssing]
8	Ribeirão do	Cabral	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
9	Córrego	Campo Alegre	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]
10	Córrego	Independência	<i>Português < Latim</i>	Historiotopônimo	Nf [Ssing]
11	Córrego	Lagoa	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
12	Ribeirão da	Lagoa	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
13	Córrego	Lagoa dos Patos	<i>Híbrida (Português + Origem Onomatopaica)</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Spl}]
14	Córrego	Morro Redondo	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Geomorfotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]
15	Córrego da	Praia	<i>Grego</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
16	Córrego	Riacho	<i>Espanhol</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
17	Córrego	Riacho das Pedras	<i>Híbrida (Castelhano + Português)</i>	Hidrotopônimo	NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Spl}]
18	Ribeirão	Riacho das Pedras	<i>Híbrida (Castelhano + Português)</i>	Hidrotopônimo	NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Spl}]
19	Córrego	São João	<i>Híbrido (Latim + Hebraico)</i>	Hagiotopônimo	NCm [ADJsing + Ssing]
20	Represa	Vargem das Flores	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + {(Prep + Apl) + Spl}]

²¹ Fonte dos dados: IBGE - Carta Topográfica Contagem, 1981.

Dados da ficha**Topônimos: 20****. Quanto à origem:**

a) Português < Latim: 10	i) Africano: 00	r) Flamengo: 02
b) Árabe: 00	j) Italiano: 00	s) Galego: 00
c) Híbrida: 06	l) Germânico: 00	t) Catalão: 00
d) Hebraico: 00	m) Espanhol: 01	u) Sânscrito: 00
e) Origem incerta: 00	n) Pré-românica: 00	v) Não encontrados: 00
f) Francês: 00	o) Grego: 01	
g) Indígena (Tupi): 00	p) Malaio: 00	
h) Provençal: 00	q) Castelhana: 00	

Taxionomias:

Animotopônimo: 01
Antropotopônimo: 03
Astrotopônimo: 00
Axiotopônimo: 00
Cardinotopônimo: 00
Corotopônimo: 00
Cromotopônimo: 00
Cronotopônimo: 00
Dimensiotopônimo: 00
Dirrematopônimo: 00

Ecotopônimo: 00
Ergotopônimo: 00
Etnotopônimo: 00
Fitotopônimo: 03
Geomorfotopônimo: 03
Hagiotopônimo: 01
Hidrotopônimo: 07
Hierotopônimo: 01
Historiotopônimo: 01
Hodotopônimo: 00

Litotopônimo: 00
Meteorotopônimo: 00
Mitotopônimo: 00
Morfotopônimo: 00
Numerotopônimo: 00
Poliotopônimo: 00
Sociotopônimo: 00
Somatotopônimo: 00
Zootopônimo: 00
n/e: 00

Municípios 8 e 9: Lagoa Santa e Confins²²

n.º	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Córrego	Antônio Ferreira	<i>Híbrida (Português + Espanhol)</i>	Antropotopônimo	NC _m [S _{sing} + S _{sing}]
2	Córrego do	Bêbado	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	N _m [S _{sing}]

²² O IBGE/MG não disponibiliza, ainda, a Carta Geográfica impressa do município de Confins, antigo distrito do município de Lagoa Santa. Fonte dos dados: IBGE - Carta Topográfica Lagoa Santa, 1975. IBGE - Carta Topográfica Pedro Leopoldo, 1986.

3	Córrego	Bebedouro	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
4	Córrego	Brumado	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [Ssing]
5	Córrego do	Buraco	<i>Origem incerta</i>	Geomorfotopônimo	Nm [Ssing]
6	Córrego	Cafundó	<i>Africano</i>	Geomorfotopônimo	Nm [Ssing]
7	Córrego das	Canoas	<i>Espanhol</i>	Ergotopônimo	Nm [Spl]
8	Córrego	Capão da Onça	<i>Híbrida (Tupi + Português)</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + {Prep+Asing} + Ssing]
9	Córrego	Capão de Santana	<i>Híbrida (Tupi + Português)</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
11	Córrego do	Fidalgo	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
12	Lagoa do	Fidalgo	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
13	Córrego	Gambá	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
10	Córrego do	Jaque	<i>Francês</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
14	Córrego	José Maria	<i>Hebraico</i>	Antropotopônimo	NCm [Ssing + Ssing]
15	Córrego	Lagoinha Seca	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
16	Lagoa da	Lapinha	<i>Pré-românico</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
17	Córrego do	Lobo	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
18	Lagoa dos	Mares	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nm [Spl]
19	Ribeirão da	Mata	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
20	Córrego do	Moinho	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
21	Córrego	Olhos-d'água	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCm [Spl + {Prep + Ssing}]
22	Lagoa dos	Olhos-d'água	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCm [Spl + {Prep + Ssing}]
23	Córrego do	Pagão	<i>Português < Latim</i>	Hierotopônimo	Nm [Ssing]
24	Córrego	Pai Galo	<i>Português < Latim</i>	Mitotopônimo	NCm [ADJsing + Ssing]
25	Córrego	Palmital	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
26	Córrego da	Penha	<i>Espanhol</i>	Hierotopônimo	Nf [Ssing]
27	Córrego	Pica-pau	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]

28	Lagoa da	Pindaíba	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
29	Córrego	Poço do Jacaré	<i>Híbrida (Português + Indígena)</i>	Geomorfotopônimo	NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
30	Córrego	Poço Verde	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]
31	Córrego	Pouso de Pedra	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
32	Córrego do	Retiro	<i>Origem incerta</i>	Animotopônimo	Nm [Ssing]
33	Córrego	Samambaia	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
34	Lagoa do	Sangrador	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
35	Lagoa	Santa	<i>Português < Latim</i>	Hierotopônimo	Nf [ADJsing]
36	Lagoa de	Santo Antônio	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NCm [ADJsing + Ssing]
37	Lagoa	Seca	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
38	Córrego	Sobradinho	<i>Português < Latim</i>	Ecotopônimo	Nm [Ssing]
39	Lagoa do	Sumidouro	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
40	Córrego	Tamboril	<i>Francês</i>	Ergotopônimo	Nm [Ssing]
41	Lagoa	Vargem Bonita	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
42	Córrego	Varginha	<i>Origem incerta</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
43	Lagoa da	Velha	<i>Português < Latim</i>	Cronotopônimo	Nf [Ssing]
44	Rio das	Velhas	<i>Português < Latim (Decalque Tupi Guaibi, Guaimí)</i>	Cronotopônimo	Nf [Spl]
45	Córrego da	Vereda	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]

Dados da ficha**Topônimos: 45****. Quanto à origem:**

a) Português < Latim: 27	i) Africano: 01	r) Flamengo: 00
b) Árabe: 00	j) Italiano: 00	s) Galego: 00
c) Híbrida: 05	l) Germânico: 00	t) Catalão: 00
d) Hebraico: 01	m) Espanhol: 02	u) Sânscrito: 00
e) Origem incerta: 03	n) Pré-românica: 01	v) Não encontrados: 00
f) Francês: 02	o) Grego: 00	
g) Indígena (Tupi): 03	p) Malaio: 00	
h) Provençal: 00	q) Castelhana: 00	

Taxionomias:

Animotopônimo: 02
Antropotopônimo: 06
Astrotopônimo: 00
Axiotopônimo: 00
Cardinotopônimo: 00
Corotopônimo: 00
Cromotopônimo: 00
Cronotopônimo: 02
Dimensiotopônimo: 00
Dirrematotopônimo: 00

Ecotopônimo: 01
Ergotopônimo: 02
Etnotopônimo: 00
Fitotopônimo: 07
Geomorfotopônimo: 06
Hagiotopônimo: 01
Hidrotopônimo: 07
Hierotopônimo: 03
Historiotopônimo: 00
Hodotopônimo: 00

Litotopônimo: 01
Meteorotopônimo: 00
Mitotopônimo: 01
Morfotopônimo: 00
Numerotopônimo: 00
Poliotopônimo: 00
Sociotopônimo: 03
Somatotopônimo: 00
Zootopônimo: 03
n/e: 00

Municípios 10 e 11: Vespasiano e São José da Lapa²³

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Ribeirão das	Areias	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Spl]
2	Lagoa da	Baiana	<i>Português < Latim</i>	Etnotopônimo	Nf [Ssing]
3	Córrego	Bernardo de Sousa	<i>Híbrida (Germânico)</i>	Antropotopônimo	NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

²³ O IBGE/MG não disponibiliza, ainda, a Carta Geográfica impressa do município de São José da Lapa, antigo distrito do município de Vespasiano. Fonte dos dados: IBGE - Carta Topográfica Lagoa Santa, 1977; IBGE - Carta Topográfica Belo Horizonte, 1986; IBGE - Carta Topográfica Pedro Leopoldo, 1986.

			+ <i>Português</i>)		
4	Córrego	Cabeleira	<i>Português < Latim</i>	Somatotopônimo	Nf [Ssing]
5	Córrego	Cachoeira do Bentevi	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
6	Córrego	Carrancas	<i>Origem incerta</i>	Animotopônimo	Nf [Spl]
7	Córrego	Cipriano	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
8	Córrego	Coronel Gomes	<i>Híbrida (Francês + Português)</i>	Axiotopônimo	NCm [Ssing + Spl]
9	Córrego de	Inácia de Carvalho	<i>Pré-românico</i>	Antropotopônimo	NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]
10	Córrego	Itaporanga	<i>Índigena (Tupi)</i>	Litotopônimo	Nm [Ssing]
11	Ribeirão da	Mata	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
12	Córrego da	Olaria	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nf [Ssing]
13	Lagoa	São José da Lapa	<i>Híbrida (Latim + Hebraico + Pré-céltico)</i>	Hagiotopônimo	NCm [ADJsing + {Ssing + (Prep + Asing) + Ssing}]
14	Córrego	Sujo	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nm [ADJsing]
15	Córrego	Vassourão	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]

Dados da ficha

Topônimos: 15

. Quanto à origem:

- | | | |
|--------------------------|---------------------|------------------------|
| a) Português < Latim: 09 | h) Provençal: 00 | p) Malaio: 00 |
| b) Árabe: 00 | i) Africano: 00 | q) Castelhana: 00 |
| c) Híbrida: 03 | j) Italiano: 00 | r) Flamengo: 00 |
| d) Hebraico: 00 | l) Germânico: 00 | s) Galego: 00 |
| e) Origem incerta: 01 | m) Espanhol: 00 | t) Catalão: 00 |
| f) Francês: 00 | n) Pré-românica: 01 | u) Sânscrito: 00 |
| g) Índigena (Tupi): 01 | o) Grego: 00 | v) Não encontrados: 00 |

Taxionomias:

Animotopônimo: 01	Ecotopônimo: 00	Litotopônimo: 02
Antropotopônimo: 03	Ergotopônimo: 00	Meteorotopônimo: 00
Astrotopônimo: 00	Etnotopônimo: 01	Mitotopônimo: 00
Axiotopônimo: 01	Fitotopônimo: 02	Morfotopônimo: 00
Cardinotopônimo: 00	Geomorfotopônimo: 00	Numerotopônimo: 00
Corotopônimo: 00	Hagiotopônimo: 01	Poliotopônimo: 00
Cromotopônimo: 00	Hidrotopônimo: 02	Sociotopônimo: 01
Cronotopônimo: 00	Hierotopônimo: 00	Somatotopônimo: 01
Dimensiotopônimo: 00	Historiotopônimo: 00	Zootopônimo: 00
Dirrematotopônimo: 00	Hodotopônimo: 00	n/e: 00

Município 12: Raposos²⁴

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Córrego do	Baú	<i>Francês</i>	Ergotopônimo	Nm [Ssing]
2	Ribeirão do	Brumado	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [Ssing]
3	Córrego das	Cabaças	<i>Origem incerta</i>	Ergotopônimo	Nf [Spl]
4	Ribeirão	Cambinha	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	Nf [Ssing]
5	Córrego da	Cândida	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nf [Ssing]
6	Córrego da	Carioca	<i>Índigena (Tupi)</i>	Etnotopônimo	Nf [Ssing]
7	Córrego	Felício Gomes	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	NCm [Ssing + Spl]
8	Córrego	Fundo	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [ADJsing]
9	Córrego	Morro do Azeite	<i>Híbrida (Origem incerta + Árabe)</i>	Geomorfotopônimo	NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
10	Córrego	Olaria	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nf [Ssing]
11	Ribeirão da	Prata	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]

²⁴ Fonte dos Dados: IBGE - Carta Topográfica Belo Horizonte, 1986; IBGE - Carta Topográfica Acuruí, 1977; IBGE - Carta Topográfica Caeté, 1996.

12	Córrego da	Represa	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
13	Córrego do	Sobradinho	<i>Português < Latim</i>	Ecotopônimo	Nm [Ssing]
14	Rio das	Velhas	<i>Português < Latim</i> (Decalque Tupi - <i>Guaibi, Guaimí</i>)	Cronotopônimo	Nf [Spl]

Dados da ficha

Topônimos: 14

.Quanto à origem:

a) Português < Latim: 09	h) Provençal: 00	p) Malaio: 00
b) Árabe: 00	i) Africano: 00	q) Castelhana: 00
c) Híbrida: 01	j) Italiano: 00	r) Flamengo: 00
d) Hebraico: 00	l) Germânico: 00	s) Galego: 00
e) Origem incerta: 01	m) Espanhol: 00	t) Catalão: 00
f) Francês: 01	n) Pré-românica: 00	u) Sânscrito: 00
g) Indígena (Tupi): 01	o) Grego: 00	v) Não encontrados: 01

Taxionomias:

Animotopônimo: 01	Ecotopônimo: 01	Litotopônimo: 01
Antropotopônimo: 02	Ergotopônimo: 02	Meteorotopônimo: 00
Astrotopônimo: 00	Etnotopônimo: 01	Mitotopônimo: 00
Axiotopônimo: 00	Fitotopônimo: 00	Morfotopônimo: 00
Cardinotopônimo: 00	Geomorfotopônimo: 01	Numerotopônimo: 00
Corotopônimo: 00	Hagiotopônimo: 00	Poliotopônimo: 00
Cromotopônimo: 00	Hidrotopônimo: 01	Sociotopônimo: 01
Cronotopônimo: 01	Hierotopônimo: 00	Somatotopônimo: 00
Dimensiotopônimo: 01	Historiotopônimo: 00	Zootopônimo: 00
Dirrematopônimo: 00	Hodotopônimo: 00	n/e: 01

Município 13: Santa Luzia²⁵

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Córrego	Água Férrea	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
2	Córrego	Água Limpa	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
3	Córrego	Andrequicé	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
4	Ribeirão	Baronesa	<i>Germânico</i>	Axiotopônimo	Nf [Ssing]
5	Córrego	Barreiro	<i>Pré-românico (barro) + sufixo português -eiro</i>	Litotopônimo	Nm [Ssing]
6	Córrego	Bicas	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Spl]
7	Ribeirão das	Bicas	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Spl]
8	Ribeirão do	Bom Destino	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	NCf [ADJsing + Ssing]
9	Córrego	Bombinha	<i>Italiano</i>	Ergotopônimo	Nf [Ssing]
10	Córrego	Buraco d'Anta	<i>Híbrida (Origem incerta + Árabe africano)</i>	Geomorfotopônimo	NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
11	Córrego	Cachoeira	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
12	Córrego	Calçada	<i>Português < Latim</i>	Hodotopônimo	Nf [Ssing]
13	Córrego	Cáli	<i>Árabe</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
14	Córrego	Caminho do Mandu	<i>Híbrida (Português + Africano)</i>	Hodotopônimo	NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
15	Córrego	Campo Santo Antônio	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing + Ssing]
16	Córrego	Cana-do-reino	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCf [Ssing + Prep + Asing + Ssing]
17	Córrego	Candango	<i>Africano</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
18	Córrego	Capitão	<i>Português < Latim</i>	Axiotopônimo	Nm [Ssing]
19	Córrego	Derrubada	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nf [Ssing]

²⁵ Fonte dos dados: IBGE - Carta Topográfica Belo Horizonte, 1986; IBGE - Carta Topográfica Lagoa Santa, 1977.

20	Córrego	Faustino	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
21	Córrego dos	Fidélis	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
22	Córrego	Frio	<i>Português < Latim</i>	Meteorotopônimo	Nm [ADJsing]
23	Córrego	Gameleira	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
24	Córrego	Grajaú	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
25	Córrego do	Inferno	<i>Português < Latim</i>	Hierotopônimo	Nm [Ssing]
26	Córrego	Joana Nunes	<i>Híbrida (Hebraico + Português)</i>	Antropotopônimo	NCf [Ssing + Spl]
27	Córrego da	Laje	<i>Origem incerta</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
28	Ribeirão da	Laje	<i>Origem incerta</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
29	Córrego das	Lajes	<i>Origem incerta</i>	Litotopônimo	Nf [Spl]
30	Córrego da	Lajinha	<i>Origem incerta</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
31	Córrego	Mandu	<i>Indígena (Tupi)</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
32	Córrego do	Maquiné	<i>Origem incerta</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
33	Ribeirão da	Mata	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
34	Córrego do	Pacheco	<i>Origem incerta</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
35	Ribeirão	Poderoso	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [ADJsing]
36	Córrego	Quarta-feira	<i>Português < Latim</i>	Cronotopônimo	NCf [Ssing]
37	Córrego	Santa Inês	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NCf [ADJsing + Ssing]
38	Córrego	Santiago	<i>Híbrida (Latim + Hebraico)</i>	Hagiotopônimo	Nm [Ssing]
39	Córrego	São Benedito	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NCm [ADJsing + Ssing]
40	Córrego	Serrador	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
41	Córrego do	Tamanduá	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
42	Córrego	Teixeiras	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Spl]

43	Córrego	Tenente	<i>Francês</i>	Axiotopônimo	Nm [Ssing]
44	Córrego	Vargem Grande do Maquiné	<i>Híbrida (Origem incerta + Português + Origem incerta)</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing + {(Pprep + Asing) + Ssing}]
45	Rio das	Velhas	<i>Português < Latim (Decalque Tupi - Guaibi, Guaimí)</i>	Cronotopônimo	Nf [Spl]
46	Ribeirão	Vermelho	<i>Português < Latim</i>	Cromotopônimo	Nf [ADJsing]

Dados da ficha

Topônimos: 46

. Quanto à origem:

a) Português < Latim: 25	h) Provençal: 00	p) Malaio: 00
b) Árabe: 01	i) Africano: 01	q) Castelhana: 00
c) Híbrida: 05	j) Italiano: 01	r) Flamengo: 00
d) Hebraico: 00	l) Germânico: 01	s) Galego: 00
e) Origem incerta: 06	m) Espanhol: 00	t) Catalão: 00
f) Francês: 01	n) Pré-românica: 01	u) Sânscrito: 00
g) Indígena (Tupi): 04	o) Grego: 00	v) Não encontrado: 00

Taxionomias

Animotopônimo: 03
Antropotopônimo: 07
Astrotopônimo: 00
Axiotopônimo: 03
Cardinotopônimo: 00
Corotopônimo: 00
Cromotopônimo: 01
Cronotopônimo: 02
Dimensiotopônimo: 00
Dirrematotopônimo: 00

Ecotopônimo: 00
Ergotopônimo: 01
Etnotopônimo: 00
Fitotopônimo: 07
Geomorfotopônimo: 02
Hagiotopônimo: 03
Hidrotopônimo: 05
Hierotopônimo: 01
Historiotopônimo: 00
Hodotopônimo: 02

Litotopônimo: 05
Meteorotopônimo: 01
Mitotopônimo: 00
Morfotopônimo: 00
Numerotopônimo: 00
Poliotopônimo: 00
Sociotopônimo: 01
Somatotopônimo: 00
Zootopônimo: 02
n/e: 00

Município 14: Nova Lima²⁶

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Ribeirão	Água-suja	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
2	Córrego do	Amianto	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nm [Ssing]
3	Córrego	André Gomes	<i>Híbrida (Grego + Português)</i>	Antropotopônimo	NCm [Ssing + Ssing]
4	Córrego do	Angu	<i>Africano</i>	Ergotopônimo	Nm [Ssing]
5	Córrego	Arnica	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
6	Córrego da	Bela Fama	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	NCf [ADJsing + Ssing]
7	Córrego dos	Boiadeiros	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nm [Spl]
8	Córrego	Cachoeirinha	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
9	Córrego	Capão do Boi	<i>Híbrida (Tupi + Português)</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + {(Prep + ASing)} + Ssing]
10	Represa	Capitão da Mata	<i>Português < Latim</i>	Axiotopônimo	NCm [Ssing + {(Prep+ ASing) + Ssing}]
11	Córrego do	Cardoso	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
12	Córrego	Carrapato	<i>Pré-românico</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
13	Córrego da	Codorna	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nf [Ssing]
14	Represa da	Codorna	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nf [Ssing]
15	Ribeirão	Congonhas	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
16	Ribeirão dos	Cristais	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nm [Spl]
17	Córrego dos	Enforcados	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [Spl]
18	Córrego	Estrangulado	<i>Grego</i>	Animotopônimo	Nm [Ssing]
19	Córrego da	Fazenda	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nf [Ssing]
20	Córrego	Fechos	<i>Origem incerta</i>	Ergotopônimo	Nm [Spl]
21	Córrego	Fundo	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [Ssing]

²⁶ Fonte dos Dados: IBGE - Carta Topográfica Belo Horizonte, 1986; IBGE - Carta Topográfica Rio Acima, 1977.

22	Córrego	Grande	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [ADJsing]
23	Córrego	Grota Fria	<i>Híbrida (Italiano + Português)</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
24	Córrego	Jambeiro	<i>Sânscrito</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
25	Córrego	Lagoa Grande	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
26	Represa	Lagoa Grande	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
27	Ribeirão dos	Macacos	<i>Africano</i>	Zootopônimo	Nm [Spl]
28	Córrego do	Mandiocal	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
29	Aqueduto dos	Marinhos	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Spl]
30	Córrego	Marumbé	<i>Africano</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
31	Córrego da	Matinha	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
32	Córrego do	Mendes	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
33	Córrego da	Mina d'água	<i>Pré-românico</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]
34	Córrego	Mostarda	<i>Francês</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
35	Córrego da	Mutuca	<i>Indígena Tupi</i>	Zootopônimo	Nf [Ssing]
36	Ribeirão da	Mutuca	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nf [Ssing]
37	Córrego	Olaria	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nf [Ssing]
38	Córrego	Padre Domingos	<i>Português < Latim</i>	Axiotopônimo	NCm [Ssing + Ssing]
39	Córrego	Pai Coelho	<i>Português < Latim</i>	n/e	NCm [Ssing + Ssing]
40	Córrego	Pascoal	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
41	Rio do	Peixe	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
42	Córrego	Penteado	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
43	Córrego dos	Pires	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
44	Córrego	Ponte de Pedra	<i>Português < Latim</i>	Hodotopônimo	NCm [Ssing + {(Prep + Ssing) Ssing}]
45	Córrego da	Represa	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
46	Córrego	Seco	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nm [ADJsing]

47	Córrego	Tamanduá	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
48	Córrego	Tapera	<i>Indígena (Tupi)</i>	Ecotopônimo	Nf [Ssing]
49	Córrego	Taquara	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
50	Córrego da	Torre	<i>Português < Latim</i>	Ergotopônimo	Nf [Ssing]
51	Córrego do	Triângulo	<i>Português < Latim</i>	Morfotopônimo	Nm [Ssing]
52	Córrego	Vargem Grande	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
53	Rio das	Velhas	<i>Português < Latim (Decalque Tupi - Guaibi, Guaimi)</i>	Cronotopônimo	Nf [Spl]
54	Córrego	Vieira	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
55	Córrego da	Volta Grande	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]

Dados da ficha

Topônimos: 55

. Quanto à origem:

- | | | |
|--------------------------|---------------------|-----------------------|
| a) Português < Latim: 35 | h) Provençal: 00 | p) Malaio: 00 |
| b) Árabe: 00 | i) Africano: 03 | q) Castelhana: 00 |
| c) Híbrida: 04 | j) Italiano: 00 | r) Flamengo: 00 |
| d) Hebraico: 00 | l) Germânico: 00 | s) Galego: 00 |
| e) Origem incerta: 01 | m) Espanhol: 00 | t) Catalão: 00 |
| f) Francês: 01 | n) Pré-românica: 02 | u) Sânscrito: 01 |
| g) Indígena (Tupi): 07 | o) Grego: 01 | v) Não encontrado: 01 |

Taxionomias:

Animotopônimo: 04	Ecotopônimo: 01	Litotopônimo: 02
Antropotopônimo: 06	Ergotopônimo: 03	Meteorotopônimo: 00
Astrotopônimo: 00	Etnotopônimo: 00	Mitotopônimo: 00
Axiotopônimo: 02	Fitotopônimo: 09	Morfotopônimo: 01
Cardinotopônimo: 00	Geomorfotopônimo: 03	Numerotopônimo: 00
Corotopônimo: 00	Hagiotopônimo: 00	Poliotopônimo: 00
Cromotopônimo: 00	Hidrotopônimo: 08	Sociotopônimo: 03
Cronotopônimo: 01	Hierotopônimo: 00	Somatotopônimo: 00
Dimensiotopônimo: 02	Historiotopônimo: 00	Zootopônimo: 08
Dirrematopônimo: 00	Hodotopônimo: 01	n/e: 01

Município 15: Ribeirão das Neves²⁷

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Córrego do	Açude	<i>Árabe</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
2	Córrego	Água Fria	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
3	Ribeirão das	Areias	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Spl]
4	Córrego	Barreiro	<i>Pré-românico (barro) + sufixo português -eiro</i>	Litotopônimo	Nm [Ssing]
5	Córrego do	Brejo	<i>Origem incerta</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
6	Córrego do	Cacique	<i>Espanhol</i>	Axiotopônimo	Nm [Ssing]
7	Córrego	Café	<i>Árabe</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
8	Córrego do	Café	<i>Árabe</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
9	Córrego	Colina	<i>Francês</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
10	Córrego	Feitagem	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nf [Ssing]
11	Córrego	Ferreiras	<i>Espanhol</i>	Antropotopônimo	Nm [Spl]
12	Córrego	Lagoinha	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
13	Ribeirão das	Neves	<i>Português < Latim</i>	Hierotopônimo	Nf [Spl]
14	Córrego dos	Pereiras	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Spl]

²⁷ Fonte dos Dados: IBGE - Carta Topográfica Pedro Leopoldo, 1986; IBGE - Carta Topográfica Contagem, 1981.

15	Córrego das	Piabas	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nf [Spl]
16	Córrego	Pilões	<i>Português < Latim</i>	Ergotopônimo	Nm [Spl]
17	Córrego	São José	<i>Híbrida (Latim + Hebraico)</i>	Hagiotopônimo	NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]
18	Córrego	Serrote	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	Nm [S _{sing}]

Dados da ficha

Topônimos: 18

. Quanto à origem:

a) Português < Latim: 08	h) Provençal: 00	p) Malaio: 00
b) Árabe: 03	i) Africano: 00	q) Castelhana: 00
c) Híbrida: 01	j) Italiano: 00	r) Flamengo: 00
d) Hebraico: 00	l) Germânico: 00	s) Galego: 00
e) Origem incerta: 01	m) Espanhol: 02	t) Catalão: 00
f) Francês: 01	n) Pré-românica: 01	u) Sânscrito: 00
g) Indígena (Tupi): 01	o) Grego: 00	v) Não encontrado: 00

Taxionomias:

Animotopônimo: 01
Antropotopônimo: 02
Astrotopônimo: 00
Axiotopônimo: 01
Cardinotopônimo: 00
Corotopônimo: 00
Cromotopônimo: 00
Cronotopônimo: 00
Dimensiotopônimo: 00
Dirrematopônimo: 00

Ecotopônimo: 00
Ergotopônimo: 01
Etnotopônimo: 00
Fitotopônimo: 02
Geomorfotopônimo: 02
Hagiotopônimo: 01
Hidrotopônimo: 04
Hierotopônimo: 01
Historiotopônimo: 00
Hodotopônimo: 00

Litotopônimo: 02
Meteorotopônimo: 00
Mitotopônimo: 00
Morfotopônimo: 00
Numerotopônimo: 00
Poliotopônimo: 00
Sociotopônimo: 00
Somatotopônimo: 00
Zootopônimo: 01
n/e: 00

Município 16: Rio Acima²⁸

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Córrego	Água Limpa	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
2	Córrego dos	Andaimes	<i>Árabe</i>	Ergotopônimo	Nm [Spl]
3	Córrego	Braúna	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
4	Córrego	Cabeceira Alta	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
5	Córrego	Cocho D'água	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Ergotopônimo	NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
6	Córrego	Cortesia	<i>Italiano</i>	Animotopônimo	Nf [Ssing]
7	Córrego	Fazenda Velha	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
8	Rio	Itabirito	<i>Híbrida - Itabira (Indígena Tupi) + - ito (sufixo grego)</i>	Litotopônimo	Nm [Ssing]
9	Córrego	Labareda	<i>Origem incerta</i>	Animotopônimo	Nf [Ssing]
10	Córrego	Luzia dos Santos	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	NCf [Ssing + {(Prep + Apl) + Spl}]
12	Córrego	Manso	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [ADJsing]
13	Córrego	Mingu	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>
11	Córrego	Moleque	<i>Africano</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
14	Córrego	Olhos-d'água	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nm [Spl + {Prep + Ssing}]
15	Córrego da	Onça	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nf [Ssing]
16	Córrego	Palmital	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
17	Rio do	Peixe	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
18	Córrego do	Piolho	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
19	Ribeirão da	Prata	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
20	Córrego do	Procópio	<i>Grego</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]

²⁸ Fonte dos Dados: IBGE - Carta Topográfica Rio Acima, 1977; IBGE - Carta Topográfica Acuruí, 1977.

21	Córrego	Vargem Limpa	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
22	Rio das	Velhas	<i>Português < Latim (Decalque Tupi - Guaibi, Guaimî)</i>	Cronotopônimo	Nf [Spl]
23	Córrego do	Viana	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
24	Córrego do	Vilela	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]

Dados da ficha

Topônimos: 24

. Quanto à origem:

a) Português < Latim: 14	h) Provençal: 00	p) Malaio: 00
b) Árabe: 01	i) Africano: 01	q) Castelhana: 00
c) Híbrida: 03	j) Italiano: 01	r) Flamengo: 00
d) Hebraico: 00	l) Germânico: 00	s) Galego: 00
e) Origem incerta: 01	m) Espanhol: 00	t) Catalão: 00
f) Francês: 00	n) Pré-românica: 00	u) Sânscrito: 00
g) Indígena (Tupi): 01	o) Grego: 01	v) Não encontrado: 01

Taxionomias:

Animotopônimo: 03
Antropotopônimo: 05
Astrotopônimo: 00
Axiotopônimo: 00
Cardinotopônimo: 00
Corotopônimo: 00
Cromotopônimo: 00
Cronotopônimo: 01
Dimensiotopônimo: 00
Dirrematotopônimo: 00

Ecotopônimo: 00
Ergotopônimo: 02
Etnotopônimo: 00
Fitotopônimo: 02
Geomorfotopônimo: 01
Hagiotopônimo: 00
Hidrotopônimo: 03
Hierotopônimo: 00
Historiotopônimo: 00
Hodotopônimo: 00

Litotopônimo: 02
Meteorotopônimo: 00
Mitotopônimo: 00
Morfotopônimo: 00
Numerotopônimo: 00
Poliotopônimo: 00
Sociotopônimo: 01
Somatotopônimo: 00
Zootopônimo: 03
n/e: 01

Município 17: Pedro Leopoldo²⁹

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Córrego	Água Fria	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
2	Córrego dos	Alemães	<i>Português < Latim</i>	Etnotopônimo	Nm [Spl]
3	Córrego	Bebedouro	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
4	Córrego da	Bucha	<i>Francês</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
5	Córrego	Cachoeira	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
6	Córrego	Cachoeirinha	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
7	Córrego	Campinho	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
8	Córrego	Cantagalo	<i>Origem incerta</i>	Corotopônimo	Nm [Ssing]
9	Córrego das	Cobras	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nf [Spl]
10	Córrego	Espraiado	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	Nm [Ssing]
11	Córrego da	Estiva	<i>Italiano</i>	Hodotopônimo	Nf [Ssing]
12	Córrego	Ferreira	<i>Espanhol</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
13	Córrego	Grande	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [ADJsing]
14	Córrego	Itaporanga	<i>Indígena (Tupi)</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
15	Córrego	Jenipapo	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
16	Córrego	Joaquim Dias	<i>Híbrida (Hebraico + Português)</i>	Antropotopônimo	NCm [Ssing + Spl]
17	Córrego	Lagoinha	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
18	Córrego do	Marimbondo	<i>Africano</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
19	Ribeirão da	Mata	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
20	Córrego do	Matuto	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
21	Ribeirão das	Neves	<i>Português < Latim</i>	Hierotopônimo	Nm [Spl]
22	Córrego	Pé-de-Lima	<i>Híbrida (Português + Árabe)</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

²⁹ Fonte dos Dados: IBGE - Carta Topográfica Pedro Leopoldo, 1986; IBGE - Carta Topográfica Lagoa Santa, 1977; IBGE - Carta Topográfica Baldim, 1977.

23	Córrego da	Ponte Alta	<i>Português < Latim</i>	Hodotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
24	Córrego	Quilombo	<i>Africano</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
25	Córrego	Samambaia	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
26	Lagoa	Samambaia	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
27	Lagoa do	Sumidouro	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
28	Córrego	Tijuco	<i>Indígena (Tupi)</i>	Litotopônimo	Nm [Ssing]
29	Córrego do	Tijuco	<i>Indígena (Tupi)</i>	Litotopônimo	Nm [Ssing]
30	Ribeirão do	Urubu	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
31	Ribeirão	Vau do Palmital	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCm [Ssing + { (Prep + Asing) + Ssing }]
32	Rio das	Velhas	<i>Português < Latim</i> (Decalque Tupi - <i>Guaibi, Guaimí</i>)	Cronotopônimo	Nf [Spl]

Dados da ficha

Topônimos: 32

. Quanto à origem:

- | | | |
|--------------------------|---------------------|-----------------------|
| a) Português < Latim: 17 | h) Provençal: 00 | p) Malaio: 00 |
| b) Árabe: 00 | i) Africano: 02 | q) Castelhana: 00 |
| c) Híbrida: 02 | j) Italiano: 01 | r) Flamengo: 00 |
| d) Hebraico: 00 | l) Germânico: 00 | s) Galego: 00 |
| e) Origem incerta: 01 | m) Espanhol: 01 | t) Catalão: 00 |
| f) Francês: 01 | n) Pré-românica: 00 | u) Sânscrito: 00 |
| g) Indígena (Tupi): 07 | o) Grego: 00 | v) Não encontrado: 00 |

Taxionomias:

Animotopônimo: 00	Ecotopônimo: 00	Litotopônimo: 03
Antropotopônimo: 03	Ergotopônimo: 00	Meteorotopônimo: 00
Astrotopônimo: 00	Etnotopônimo: 01	Mitotopônimo: 00
Axiotopônimo: 00	Fitotopônimo: 07	Morfotopônimo: 00
Cardinotopônimo: 00	Geomorfotopônimo: 01	Numerotopônimo: 00
Corotopônimo: 01	Hagiotopônimo: 00	Poliotopônimo: 00
Cromotopônimo: 00	Hidrotopônimo: 07	Sociotopônimo: 01
Cronotopônimo: 01	Hierotopônimo: 01	Somatotopônimo: 00
Dimensiotopônimo: 01	Historiotopônimo: 00	Zootopônimo: 03
Dirrematopônimo: 00	Hodotopônimo: 02	n/e: 00

Município 18: Esmeraldas³⁰

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Ribeirão das	Abóboras	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Spl]
2	Córrego do	Açude	<i>Árabe</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
3	Córrego	Agostinho	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
4	Córrego	Água Fria	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
5	Córrego	Alentejo	<i>Português < Latim</i>	Corotopônimo	Nm [Ssing]
6	Córrego do	Amâncio	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
7	Córrego	Angico	<i>Origem incerta</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
8	Córrego do	Araújo	<i>Galego</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
9	Córrego	Baeta	<i>Francês</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
10	Córrego do	Bagaço	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
12	Córrego dos	Bambus	<i>Malaio</i>	Fitotopônimo	Nm [Spl]
13	Córrego	Barreiro	<i>Pré-românico (barro) + sufixo português - eiro</i>	Geomorfotopônimo	Nm [Ssing]
14	Riacho do	Barro	<i>Pré-românico</i>	Litotopônimo	Nm [Ssing]

³⁰ Fonte dos dados: IBGE - Carta Topográfica Pedro Leopoldo, 1986; IBGE - Carta Topográfica Contagem, 1981; Carta Topográfica Cachoeira dos Macacos, 1976.

15	Ribeirão	Bento da Costa	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	NC _m [S _{sing} + {(Prep + A _{sing}) + S _{sing} }]
16	Rio	Bento da Costa	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	NC _m [S _{sing} + {(Prep + A _{sing}) + S _{sing} }]
17	Córrego	Brumado	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	N _m [S _{sing}]
18	Córrego dos	Caetanos	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	N _m [S _{pl}]
19	Córrego	Caeté	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	N _m [S _{sing}]
20	Córrego do	Campo Alegre	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NC _m [S _{sing} + AD _{Jsing}]
21	Ribeirão	Campo Alegre	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NC _m [S _{sing} + AD _{Jsing}]
22	Córrego da	Cancelinha	<i>Português < Latim</i>	Ergotopônimo	N _f [S _{sing}]
23	Córrego	Cantagalo	<i>Origem incerta</i>	Dirrematopônimo	N _m [S _{sing}]
24	Córrego	Capão do Poço	<i>Híbrida (Tupi + Português)</i>	Fitotopônimo	NC _m [S _{sing} + (Prep + A _{sing}) + S _{sing}]
25	Córrego	Capão Grosso	<i>Híbrida (Tupi + Português)</i>	Fitotopônimo	NC _m [S _{sing} + AD _{Jsing}]
26	Córrego	Capoeira	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	N _f [S _{sing}]
27	Córrego	Capoeira Alta	<i>Híbrida (Tupi + Português)</i>	Fitotopônimo	NC _f [S _{sing} + AD _{Jsing}] ⁰
28	Córrego	Capoeira do Meio	<i>Híbrida (Tupi + Português)</i>	Fitotopônimo	NC _f [S _{sing} + {(Prep + A _{sing}) + S _{sing} }]
29	Córrego	Caracóis de Cima	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Fitotopônimo	NC _m [S _{pl} + {(Prep + A _{sing}) + S _{sing} }]
30	Ribeirão	Carapina	<i>Indígena (Tupi)</i>	Sociotopônimo	N _f [S _{sing}]
31	Córrego	Carretão	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	N _m [S _{sing}]
32	Córrego da	Cava	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	N _f [S _{sing}]
33	Córrego	Chatinho	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	N _m [AD _{Jsing}]
34	Ribeirão do	Cipó	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	N _m [S _{sing}]
35	Córrego	Coivara	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	N _f [S _{sing}]

36	Córrego do	Cupim	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
37	Córrego da	Derrubada	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nf [Ssing]
38	Córrego	Dois Brejinhos	<i>Híbrida (Português + Origem incerta)</i>	Numerotopônimo	NCm [NUM0 + Spl]
39	Córrego	Dona Joana	<i>Híbrida (Latim + Hebraico)</i>	Antropotopônimo	NCf [Ssing + Ssing]
40	Córrego do	Engenho	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
41	Córrego do	Estiva	<i>Italiano</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
42	Córrego dos	Ferreiras	<i>Espanhol</i>	Antropotopônimo	Nm [Spl]
43	Ribeirão	Filipão	<i>Grego</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
44	Córrego	Floresta	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
45	Córrego	Fundo	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [ADJsing]
46	Lagoa	Grande	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [ADJsing]
47	Ribeirão	Grande	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [ADJsing]
48	Córrego	Jatobá	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
49	Córrego da	Labareda	<i>Origem incerta</i>	Animotopônimo	Nf [Ssing]
50	Córrego das	Lajes	<i>Origem incerta</i>	Litotopônimo	Nf [Spl]
51	Córrego	Lajinha	<i>Origem incerta</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
52	Córrego da	Lavra	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
53	Ribeirão dos	Macacos	<i>Africano</i>	Zootopônimo	Nm [Spl]
54	Córrego do	Macuco	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
11	Córrego	Mambuca	<i>Indígena (Tupi)</i>	Geomorfotopônimo	Nm [Ssing]
55	Córrego da	Mamona	<i>Africano</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
56	Córrego do	Mangue	<i>Origem incerta</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
57	Córrego dos	Mangues	<i>Origem incerta</i>	Fitotopônimo	Nm [Spl]0
58	Córrego	Manzinheiro	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	Nm [Ssing]
59	Córrego do	Márcio	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
60	Córrego da	Mata	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]

61	Córrego	Mata da Salgada	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCf [Ssing + Prep + Asing + Ssing]
62	Córrego	Mato Virgem	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + Ssing]
63	Córrego	Medeiros	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Spl]
64	Córrego do	Meio	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [Ssing]
65	Córrego do	Meloso	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
66	Córrego	Milho Verde	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	NCm [Ssing + Ssing]
67	Córrego	Morro Preto	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Geomorfotopônimo	NCm [Ssing + Ssing]
68	Córrego	Morro Redondo	<i>Híbrida (Origem incerta + Português)</i>	Geomorfotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]
69	Córrego	Padre João	<i>Híbrida (Latim + Hebraico)</i>	Axiotopônimo	NCm [Ssing + Ssing]
70	Córrego do	Paio	<i>Catalão</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
71	Rio	Paraopeba	<i>Indígena (Tupi)</i>	Hidrotopônimo	Nm [Ssing]
72	Córrego da	Passagem	<i>Francês</i>	Hodotopônimo	Nf [Ssing]
73	Córrego	Pasto do Meio	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
74	Córrego do	Patrimônio	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]
75	Córrego da	Pedra	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
76	Córrego do	Pintado	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
77	Córrego	Porteira de Chaves	<i>Português < Latim</i>	Ergotopônimo	NCf [Ssing + Prep + Ssing]
78	Córrego da	Prata	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]
79	Córrego	Pregoso	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [Ssing]
80	Córrego	Quatis	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	Nm [Spl]
81	Córrego da	Raiz	<i>Português < Latim</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
82	Ribeirão	Rancho	<i>Espanhol</i>	Sociotopônimo	Nm [Ssing]

83	Ribeirão	Rancho Alegre	<i>Híbrido (Castelhano + Português)</i>	Sociotopônimo	NC _m [S _{sing} + ADJ _{sing}]
84	Córrego da	Ranchosa	<i>Português < Latim</i>	n/e	Nf [S _{sing}]
85	Córrego do	Retiro	<i>Origem incerta</i>	Animotopônimo	N _m [S _{sing}]
86	Córrego do	Riacho	<i>Espanhol</i>	Hidrotopônimo	N _m [S _{sing}]
87	Córrego	Santa Cruz	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]
88	Córrego	Santa Rita	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NC _f [ADJ _{sing} + S _{sing}]
89	Ribeirão	Santo Antônio	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]
90	Córrego	São Gregório	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]
91	Córrego	São José	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]
92	Ribeirão	São José	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]
93	Rio	São José	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]
94	Córrego	São Pedro	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	NC _m [ADJ _{sing} + S _{sing}]
95	Córrego do	Sapé	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	N _m [S _{sing}]
96	Córrego	Seco	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	N _m [ADJ _{sing}]
97	Córrego do	Segredo	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	N _m [S _{sing}]
98	Córrego da	Serra	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	Nf [S _{sing}]
99	Ribeirão	Serra Negra	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	NC _f [S _{sing} + ADJ _{sing}]
100	Córrego do	Simão	<i>Espanhol</i>	Antropotopônimo	N _m [S _{sing}]
101	Córrego da	Soca	<i>Indígena (Tupi)</i>	Sociotopônimo	Nf [S _{sing}]
102	Córrego	Sucuriú	<i>Indígena (Tupi)</i>	Zootopônimo	N _m [S _{sing}]
103	Córrego	Taboa	<i>Origem incerta</i>	Fitotopônimo	Nf [S _{sing}]
104	Córrego das	Tabocas	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [S _{pl}]
105	Córrego	Taquara	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nf [S _{sing}]
106	Córrego do	Tijuco	<i>Indígena (Tupi)</i>	Litotopônimo	N _m [S _{sing}]
107	Córrego do	Totó	<i>Origem incerta</i>	Antropotopônimo	N _m [S _{sing}]
108	Ribeirão	Urucuia	<i>Indígena (Tupi)</i>	Geomorfotopônimo	N _m [S _{sing}]

109	Córrego	Várzea do Cocho	<i>Origem incerta</i>	Geomorfotopônimo	NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}]
110	Ribeirão	Vau do Palmital	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	NCm [Ssing + Prep + Asing + Ssing]
111	Córrego	Vermelho	<i>Português < Latim</i>	Cromotopônimo	Nf [ADJsing]
112	Córrego	Vista Alegre	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
113	Córrego da	Volta	<i>Português < Latim</i>	Geomorfotopônimo	Nf [Ssing]
114	Córrego do	Xigongo	<i>n/e</i>	n/e	n/e

Dados da ficha

Topônimos: 114

. Quanto à origem:

a) Português < Latim: 56	h) Provençal: 00	p) Malaio: 01
b) Árabe: 01	i) Africano: 02	q) Castelhana: 00
c) Híbrida: 11	j) Italiano: 01	r) Flamengo: 00
d) Hebraico: 00	l) Germânico: 00	s) Galego: 01
e) Origem incerta: 11	m) Espanhol: 04	t) Catalão: 01
f) Francês: 02	n) Pré-românica: 02	u) Sânscrito: 00
g) Indígena (Tupi): 18	o) Grego: 01	v) Não encontrados: 03

Taxionomias:

Animotopônimo: 07
Antropotopônimo: 14
Astrotopônimo: 00
Axiotopônimo: 01
Cardinotopônimo: 00
Corotopônimo: 01
Cromotopônimo: 01
Cronotopônimo: 00
Dimensiotopônimo: 05
Dirrematopônimo: 01

Ecotopônimo: 00
Ergotopônimo: 02
Etnotopônimo: 00
Fitotopônimo: 30
Geomorfotopônimo: 11
Hagiotopônimo: 08
Hidrotopônimo: 07
Hierotopônimo: 00
Historiotopônimo: 00
Hodotopônimo: 01

Litotopônimo: 06
Meteorotopônimo: 00
Mítotopônimo: 00
Morfotopônimo: 00
Numerotopônimo: 01
Poliotopônimo: 00
Sociotopônimo: 09
Somatotopônimo: 00
Zootopônimo: 06
n/e: 03

Município 19: Nova União³¹

nº.	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia	Estrutura Morfológica
1	Córrego	Aparecida	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	Nf [Ssing]
2	Córrego	Barbosa	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
3	Córrego	Baú	<i>Francês</i>	Ergotopônimo	Nm [Ssing]
4	Córrego	Bernardo	<i>Germânico</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
5	Córrego do	Carmo	<i>Português < Latim</i>	Hagiotopônimo	Nm [Ssing]
6	Córrego do	Cedro	<i>Grego</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
7	Córrego da	Cozinha	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	Nf [Ssing]
8	Córrego	Derrubado	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [Ssing]
9	Ribeirão do	Engenho Velho	<i>Português < Latim</i>	Sociotopônimo	NCm [Ssing + ADJsing]
10	Córrego	Estrema	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nf [Ssing]
11	Córrego	Fortuna	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nf [Ssing]
12	Córrego	Fundo	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [Ssing]
13	Córrego	Gentil	<i>Português < Latim</i>	Animotopônimo	Nm [ADJsing]
14	Córrego	Grande	<i>Português < Latim</i>	Dimensiotopônimo	Nm [ADJsing]
15	Córrego	Herculano	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]
16	Córrego	Ipu	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
17	Córrego	Lagoa	<i>Português < Latim</i>	Hidrotopônimo	Nf [Ssing]
18	Córrego	Limeira	<i>Árabe</i>	Fitotopônimo	Nf [Ssing]
19	Córrego dos	Lopes	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Spl]
20	Córrego	Magalhães	<i>Pré-românico</i>	Antropotopônimo	Nm [Spl]
21	Córrego	Pedra Branca	<i>Híbrida (Português + Germânico)</i>	Litotopônimo	NCf [Ssing + ADJsing]
22	Córrego	Piolho	<i>Português < Latim</i>	Zootopônimo	Nm [Ssing]
23	Córrego da	Prata	<i>Português < Latim</i>	Litotopônimo	Nf [Ssing]

³¹ Fonte dos Dados: IBGE - Carta Topográfica Caeté, 1996; Carta Topográfica Jaboticatubas, 1977.

24	Rio	Preto	<i>Português < Latim</i>	Cromotopônimo	Nm [ADJsing]
25	Rio	Taquaraçu	<i>Indígena (Tupi)</i>	Fitotopônimo	Nm [Ssing]
26	Rio	Vermelho	<i>Português < Latim</i>	Cromotopônimo	Nm [ADJsing]
27	Córrego	Vieira	<i>Português < Latim</i>	Antropotopônimo	Nm [Ssing]

Dados da ficha

Topônimos: 27

. Quanto à origem:

a) Português < Latim: 19	h) Provençal: 00	p) Malaio: 00
b) Árabe: 01	i) Africano: 00	q) Castelhana: 00
c) Híbrida: 01	j) Italiano: 00	r) Flamengo: 00
d) Hebraico: 00	l) Germânico: 01	s) Galego: 00
e) Origem incerta: 00	m) Espanhol: 00	t) Catalão: 00
f) Francês: 01	n) Pré-românica: 01	u) Sânscrito: 00
g) Indígena (Tupi): 01	o) Grego: 01	v) Não encontrados: 00

Taxionomias:

Animotopônimo: 03
Antropotopônimo: 06
Astrotopônimo: 00
Axiotopônimo: 00
Cardinotopônimo: 00
Corotopônimo: 00
Cromotopônimo: 02
Cronotopônimo: 00
Dimensiotopônimo: 03
Dirrematopônimo: 00

Ecotopônimo: 00
Ergotopônimo: 01
Etnotopônimo: 00
Fitotopônimo: 03
Geomorfotopônimo: 00
Hagiotopônimo: 02
Hidrotopônimo: 01
Hierotopônimo: 00
Historiotopônimo: 00
Hodotopônimo: 00

Litotopônimo: 02
Meteorotopônimo: 00
Mitotopônimo: 00
Morfotopônimo: 00
Numerotopônimo: 00
Poliotopônimo: 00
Sociotopônimo: 02
Somatotopônimo: 00
Zootopônimo: 01
n/e: 00

4.3. Análise quantitativa e discussão dos dados

Do montante total dos hidrônimos, foi feita a separação e quantificação de sua origem, taxionomia, qual o tipo de acidente a que pertence e a estrutura morfológica de cada um; esses foram os itens utilizados para a realização de uma estatística geral. Segue a análise, subdividida em tópicos. Antes de apresentá-la, compete-nos registrar aqui que, para exemplo de comparação de resultados de alguns dos estudos lingüísticos realizados em Minas Gerais, alguns de nossos dados serão comparados a dois outros estudos: ao de Seabra (2004), que trabalhou o território mineiro na região do Rio do Carmo, e ao de Menezes (2009), que abrangeu a região dos municípios de Pompéu e Papagaios.

4.3.1. Quanto à Natureza dos topônimos

A natureza dos hidrônimos, conforme o exposto no capítulo III, subdivide-se em física e antropocultural. Em nosso *corpus*, tivemos, dentro do total de 820 ocorrências, 420 hidrônimos de natureza física, 390 de natureza antropocultural e 10 não encontrados ou não classificados. Os números totais podem ser observados na listagem e no gráfico expostos a seguir:

Divisão dos topônimos por natureza Física ou Antropocultural

Física:

1- Astrotopônimos: 00	7- Hidrotopônimos: 92
2- Cardinotopônimos: 00	8- Litotopônimos: 49
3- Cromotopônimos: 10	9- Meteorotopônimos: 01
4- Dimensiotopônimos: 19	10- Morfotopônimos: 02
5- Fitotopônimos: 136	11- Zootopônimos: 52
6- Geomorfotopônimos: 59	Total: 420

Antropocultural:

1- Animotopônimos: 54	10- Hagiotopônimos: 32
2- Antropotopônimos: 125	11- Hierotopônimos: 15
3- Axiotopônimos: 11	12- Historiotopônimos: 02
4- Corotopônimos: 08	13- Hodotopônimos: 13
5- Cronotopônimos: 11	14 – Mitotopônimos: 01
6- Ecotopônimos: 08	14- Numerotopônimos: 01
7- Ergotopônimos: 32	15- Poliotopônimos: 00
8- Etnotopônimos: 11	16- Sociotopônimos: 54
9- Dirrematopônimos: 08	16- Somatopônimos: 04
	Total: 390

Não encontrados ou não classificados: 10 hidrônimos, que são os seguintes: Cambinha, Cates, Cutão, Dalda, Manzinheiro, Mingu, Pai Coelho, Ranchosa, Xandu, Xigongo.

Total Geral: 820

Segue, abaixo, a representação geral, por meio de gráfico, dos topônimos segundo a sua natureza:

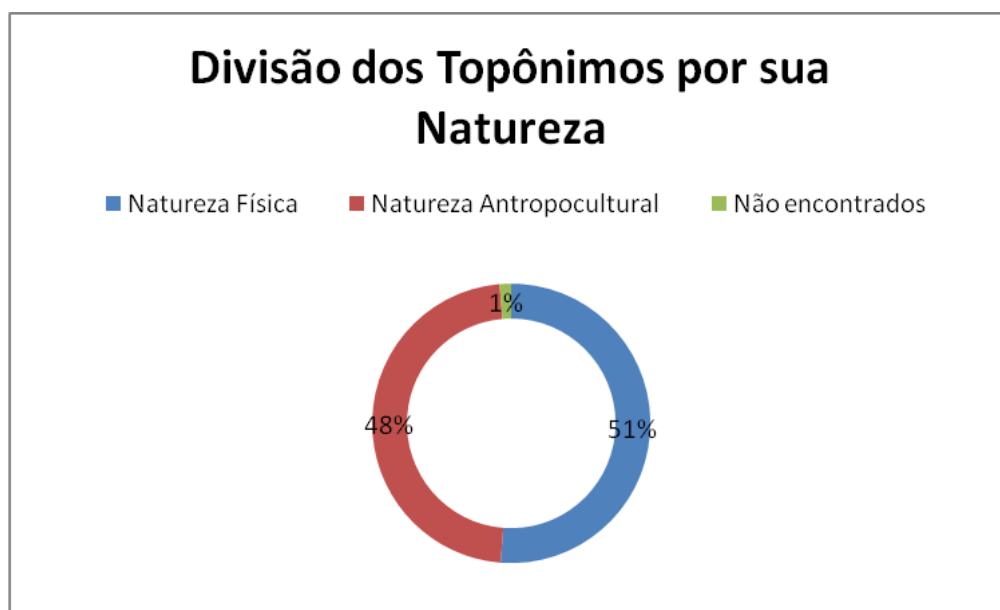


GRÁFICO 01 – Divisão dos topônimos por sua Natureza

O gráfico mostra-nos a porcentagem correspondente à natureza de cada hidrônimo: em maior percentual de ocorrências, temos os hidrônimos de natureza física, com 51% do total dos nomes catalogados. Na sequência, e apresentando pouca diferença com relação à natureza física, estão os hidrônimos de natureza antropocultural, com 48% das ocorrências; por fim, temos 1% de ocorrência para os nomes cuja origem não foi possível identificar ou precisar.

4.3.2. Quanto às Taxionomias registradas na região

Segue abaixo a apresentação das taxionomias, segundo nosso registro:

Quantificação Total dos hidrônimos: Quanto à Taxionomia

Animotopônimos: 54	Ergotopônimos: 32	Mitotopônimos: 01
Antropotopônimos: 125	Etnotopônimos: 11	Morfotopônimos: 02
Astrotopônimos: 00	Fitotopônimos: 136	Numerotopônimos: 01
Axiotopônimos: 11	Geomorfotopônimos: 59	Poliotopônimos: 00
Cardinotopônimos: 00	Hagiotopônimos: 32	Sociotopônimos: 54
Corotopônimos: 08	Hidrotopônimos: 92	Somatotopônimos: 04
Cromotopônimos: 10	Hierotopônimos: 15	Zootopônimos: 52
Cronotopônimos: 11	Historiotopônimos: 02	n/e: 10
Dimensiotopônimos: 19	Hodotopônimos: 13	Total: 820
Dirrematotopônimos: 08	Litotopônimos: 49	
Ecotopônimos: 08	Meteorotopônimos: 01	

Pela observação dos números acima, vemos que os fitotopônimos alcançaram maior número de registros na região estudada. Tal constatação foi também registrada em Menezes (2009), ao estudar a região de Pitangui, Pompéu e Papagaios, municípios pertencentes ao território mineiro e também considerados núcleos estabelecidos pela ação bandeirante (no caso dos municípios citados, a dispersão dos paulistas após a Guerra dos Emboabas).

Em segundo lugar, no que concerne à Taxionomia dos dados de nossa pesquisa, aparecem os antropotopônimos, com 125 ocorrências, e em terceiro, os hidrotopônimos, com 92 ocorrências.

O fato de termos, na região da Bacia do Rio das Velhas, a predominância de fitotopônimos, mostra-nos o valor que a natureza representa para os habitantes dessa localidade. Voltando ao princípio adotado por nós, de que a língua é o reflexo da sociedade, em nossos dados temos uma ampla representação que vem confirmar esse fato.

O homem desbravador, o bandeirante, o boiadeiro, aqueles que primeiro possuíram os desertões mineiros, encontravam na natureza, ao mesmo tempo, mortal e agreste, o meio para sobreviver. A natureza, a muitos, parecia sombria, mas não a ponto de fazer os expedicionários retrocederem. Padre Navarro, em carta escrita ao Governador Mem de Sá, por volta de 1554, afirmou que sua expedição andou “por terras mui úmidas e frias, por causa dos muitos arvoredos e das árvores mui grossas e altas de folha que está sempre verde”. (LIMA JÚNIOR, 1978, p.19).

Os que conheciam a fundo o significado de uma empreitada ao sertão, com o passar do tempo, cuidaram para que não lhes faltasse mantimento, pois diversas expedições foram malogradas devido à falta de víveres. Fernão Dias, por exemplo, mandou, antes mesmo da partida de sua bandeira de São Paulo, que se plantassem roças de milho por todo o caminho a ser percorrido, de distância em distância, até o Serro do Frio, (LIMA JÚNIOR, 1978, p.22) com o intuito de que sua tropa não sucumbisse à fome.

A natureza presente no território brasileiro, entretanto, muito poderia oferecer, tanto por sua abundância, por meio de frutas ou caça, quanto de outros recursos indispensáveis, meios de sobrevivência aos desbravadores. Já na carta de Pero Vaz de Caminha podemos encontrar a menção a palmeiras e palmitos, à opulência dos arvoredos presentes na *terra brasilis*, à exuberância e abundância de animais e muitas águas.

O pau-brasil foi a primeira riqueza natural explorada pelo forasteiro. Com o passar do tempo, mais e mais a natureza era descoberta e muitos, por meio dela, sobreviveram. No relatório do capitão Manoel Luiz Branco, por exemplo, acerca da expedição que partiu de Vila Rica em julho de 1780, temos a menção de um local onde foi plantada uma grande roça e se fez grande derrubada. (VASCONCELLOS, 1944, p.94).

A sobrevivência dos incursionistas e a garantia de condições de vida favoráveis dependiam, e muito, do conhecimento que detinham e do uso que faziam da natureza. *Abóboras* eram alimento, bem como também o fruto das *bananeiras*. *Angicos* eram abundantes devido à grande presença de cursos d'água e açudes em todas as partes. A *arnica* era usada para tratar ferimentos; *bambus*, utilizados para diversos fins, como a confecção de cercas, após o estabelecimento de áreas de ocupação devidamente demarcadas, onde era possível se plantar um *batatal* de bom tamanho. Da *braúna* era retirada a madeira, utilizada para construção e cuja resina era aproveitada como alimento. O *cipó* era utilizado para amarrações; da *embira* era possível a produção de cordas e estopa. A utilidade dos recursos naturais foi e ainda hoje é marcada por meio de topônimos e hidrônimos.

Os antropotopônimos, como observamos, também se fizeram bastante pesentes em nosso *corpus*. Detectamos diversos apelidos de família, prenomes, alcunhas, que nomeiam os cursos d'água abrangidos por nossa pesquisa. Há prenomes cuja motivação nos é desconhecida, como em *Dona Joana*, *Diogo*, *Faustino*; há apelidos de família para os quais também não temos referência documental escrita, como *Ferreias*, *Alvarengas*, *Pereiras*. Nota-se que são nomes que se cristalizaram e se mantiveram ao longo dos anos, mesmo que o porquê das denominações não seja mais conhecido. O mesmo já não ocorre para *Betim*,

apelido de família que remete ao sertanejo José Rodrigues Betim, e que está ligado à história local. O nome *Juca Vieira* foi o único hipocorístico entre nossos dados.

Segundo Seabra (2004), quando o nome encerra alguma relação com a história, ele se mantém ao longo dos anos, mas, se a denominação estiver ligada a nomes de antigos sertanistas, pessoas pouco conhecidas e/ ou que não se mantiveram na região, a noção de “sentido” do nome se torna apagada e é possível que o mesmo seja até substituído por outro.

Foi notável também a presença dos hidrotopônimos em nossos resultados. A água ocupa alto valor no que diz respeito à subsistência e à implantação de vilas, lugarejos e cidades em determinados locais. Desde a época das bandeiras, sabe-se também do papel de *guia* que exerceram inúmeros rios, para evitar-se a perda pelos caminhos tortuosos das Gerais dos séculos XVII e XVIII. O córrego de nome *Passa-Dez*, por exemplo, alude a outros, como *Passa-Quatro* e *Passa-Vinte*. O nome do ribeiro de *Passa-Vinte* está presente na descrição dos roteiros que levavam às Gerais: “Daí começam a passar o ribeiro, que chamam *passa vinte*, porque vinte vezes se passa e se sobem as serras sobreditas...” (TORRES, 1980, p.120). Além desse, muitos outros são citados, seja pela abundância neles escondida, como em *Rio do Peixe*, seja por determinada característica de suas águas, como em *Água Limpa* e *Água Suja*.

Os geomorfotopônimos aparecem em quarta colocação nos resultados, com 59 ocorrências, e logo na seqüência, com 54 ocorrências cada um, vêm os sociotopônimos e animotopônimos.

A presença de nomes ligados à características dos terrenos, como o relevo, depressões e elevações, por meio de geomorfotopônimos, relaciona-se claramente ao processo de ocupação e estabelecimento do homem no território mineiro: sabemos que os bandeirantes guiavam-se por rios, alegravam-se ao avistar determinada *Serra*; um *Morro Redondo*, *Morro Preto* ou *Morro Vermelho* indicava-lhes a certeza do caminho. Atravessar córregos em forma de *Funil*, batizar a um belo campo de *Campo Alegre*, passar por *Vargens*, descobrir e explorar uma *Mina*, perder-se pelo *Cafundão* do território eram situações cotidianas.

A presença dos sociotopônimos na nomeação do ambiente destaca-se pelo estabelecimentos de profissões, como *Boiadeiros*, que, conforme os registros históricos, também foram pioneiros na ocupação de Minas; outros nomes, como *Cumbe*, *Boticário*, *Curral*, *Fazenda*, *Engenho*, *Quilombo*, *Rancho*, *Soca*, *Sangrador*, mostram-nos retalhos da vida e do cotidiano das pessoas das épocas consideradas em nossa pesquisa. O mesmo se pode dizer sobre os zootopônimos, que nos afirmam a opulência da natureza com a qual era necessário saber lidar, ou dela tirar proveito: *Cobras*, *Macacos*, *Quatis*, *Leitão*, entre outros.

Os litotopônimos correspondem a um total de 49 ocorrências em nosso *corpus*. Eles se relacionam tanto a minerais que representavam a riqueza, como *Ouro, Prata e Cristais*, mas também a minerais que representavam os caminhos, os ambientes e as construções, como *Areias, Barro, Cascalheira, Lapa, Lajes*.

Hagiotopônimos e ergotopônimos apareceram na mesma proporção, ou seja, em número de 32 ocorrências, o que, curiosamente, põe, segundo nossos dados, em pé de igualdade, pelo menos no que se refere à nomeação de rios e cursos d'água, alguns bens materiais, como *Moinho, Pilões e Andaime* e os santos e santas católicos, como *Santa Ana, Santa Lúcia, Santa Paula, São José*, etc. Ao contrário do que se poderia esperar desse território, por ser um território mineiro, em que a religiosidade sempre parece ser bastante expressiva, nos dados de nosso *corpus* a mesma não se fez presente de forma predominante. Em Seabra (2004) e Menezes (2009) se observa o mesmo: o número de ocorrências entre hagiotopônimos e ergotopônimos também foi bastante próximo um do outro.

As demais taxionomias, como hierotopônimos, dimensiotopônimos, axiotopônimos e cromotopônimos receberam número menor que 20 ocorrências. Poliotopônimos, numerotopônimos, cardinotopônimos e astrotopônimos receberam um total menor ou igual a 1 ocorrência.

Os resultados gerais acerca das taxionomias podem ser visualizados no gráfico seguinte:

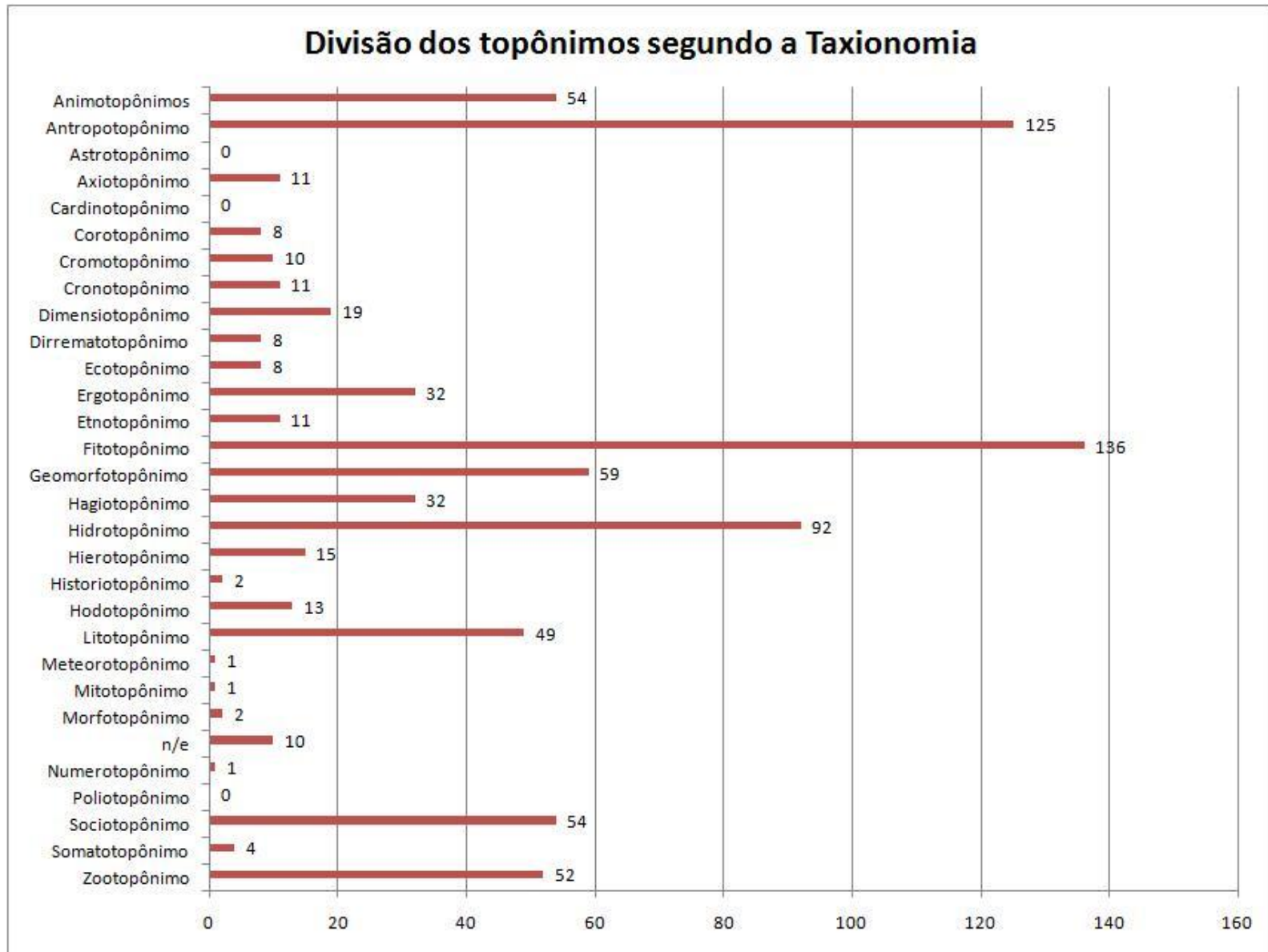


GRÁFICO 02 – Divisão dos topônimos segundo a Taxionomia

4.3.3. Quanto à Origem dos topônimos

Quantificação Total – Quanto à origem dos hidrônimos:

Africano: 19	Germânico: 07	Origem incerta: 48
Árabe: 12	Grego: 12	Português < Latim: 460
Castelhano: 01	Hebraico: 03	Pré-românica: 17
Catalão: 01	Híbrida: 81	Provençal: 08
Espanhol: 24	Indígena (Tupi): 82	Sânscrito: 01
Flamengo: 02	Italiano: 10	Total: 820
Francês: 21	Malaio: 02	
Galego: 01	Não encontrados: 10	

Na seqüência, oferecemos a descrição pormenorizada sobre a origem dos topônimos coletados em nossa pesquisa:

1. Topônimos de origem pré-românica:

- Barreiro = [barr- + -eiro {base pré-românica + sufixo românico} (CUNHA, 1987, p.100)³²].
- Barro = [“origem pré-romana. Relacionam-se neste verbete uma série de vocábulos etimologicamente correlacionados”. (CUNHA, 1987, p.100)].
- Braga = [origina-se de “raiz céltica, presente em numerosos topônimos de origem pré-romana da Lusitania e Hispania como *Braganza, Coimbra, Segóbriga*.” (SABATER, 2004, p.110)³³].
- Carrapato = [“talvez de origem pré-romana” (CUNHA, 1987, p.159)].
- Garcia = [“de provável origem ibérica. De étimo controverso, talvez do basco” (GUÉRIOS, 1994, p.166)].
- Inácia de Carvalho = [*Inácia* → de origem pré-indo-européia (GUÉRIOS, 1994, p.191) + *Carvalho* → “de origem controvertida, provavelmente pré-romana” (CUNHA, 1987, p.161)].
- Lapa = [Do latim lusitânico *lapa*, derivado do pré-céltico *lappa* ‘pedra’. (CUNHA, 1987, p.465)]
- Lapinha = [Do latim lusitânico *lapa*, derivado do pré-céltico *lappa* ‘pedra’ (CUNHA, 1987, p.465). + sufixo português *-inha*]
- Magalhães = [“Do céltico *Magal” (GUÉRIOS, 1994, p.223)].

³² CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

³³ SABATER, Roberto Faure. *Diccionario de nombres geográficos y étnicos del mundo*. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 2004.

- Mina = [*mine* (Francês) < **mina* (Galo-românico < *Celta*) (CUNHA, 1987, p.521-522)].
- Mina d'Água = [*mine* (Francês) < **mina* (Galo-românico < *Celta*) + *ăqua* (*Latim*). (CUNHA, 1987, p.521-522)].
- Mineirão = [*mine* (Francês) < **mina* (Galo-românico < *Celta*) (CUNHA, 1987, p.521-522)]

2. Topônimos de origem românica:

2.1. Português < *Latim*

- Abóboras <³⁴ *apopĕris*
- Acaba Mundo < *capŭt* + *mŭndus*
- Acima < *cyma*
- Afogador (séc XVIII) < *affocāre*
- Agostinho < *Augustinus*, diminutivo de *Augustus*
- Água Férrea < *ăqua* + *ferrĕus*
- Água Fria < *ăqua* + *frĭgĭdus*
- Água Limpa < *ăqua* + *limpĭdus*
- Água Limpa de Baixo < *ăqua* + *limpĭdus* + *bassus*
- Água Limpa de Cima < *ăqua* + *limpĭdus* + *cyma*
- Água Suja < *ăqua* + *sŭcĭdus*
- Ajuda (XVIII) < *adjŭtāre*
- Alemães < *alemannus*
- Alentejo < *Allende el Tajo* (SABATER, 2004, p.21)³⁵
- Almas (XIII) < *anĭma*
- Amâncio < *Amantius*
- Amarelo < **amarellus* < *amārus*
- Amianto < *amiantus* < *amĭantos* (*grego*)
- Amores < *amōrem*
- Aparecida < *apparĕscĕre*
- Areia < *arĕna*
- Areias < *arĕna*
- Arnica < *arnica*
- Arrudas < *rŭta*
- Atalho < *tālĭāre*
- Augusto < *Augustus*
- Azevedo < diminutivo de **azevo*
- Bagaço (XIV) < *bāca*
- Baiana < *baia*

³⁴ O sinal < significa “origina-se de”

³⁵ SABATER, Roberto Faure. *Diccionario de nombres geográficos y étnicos del mundo*. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 2004.

- Baleia < *bālaena*
- Bandarra < *bandum*
- Barbosa < *barba -ae*
- Bastos < *bastare*
- Bêbado < *bībītum*
- Bebedouro < *bibītor*
- Bela Vista < *bellus + vīdēre*
- Bela Fama < *bellus + fāma*
- Benedito < *benedictus*
- Bento da Costa < [*Bêeto < Bêeito < Benedito*] + *Cōsta*
- Bicas < *beccus*
- Boa Vista < *bōna + vīdēre*
- Boiadeiros < *bōvem*
- Bom Destino < *bōnus + dēstīnāre*
- Bom Jesus < *bōnus + Iesus*
- Bom Sucesso < *bōnus + sucessīvus*
- Braço < *brac(c)hium + sufixo português -ão*
- Braço < *brac(c)hium*
- Brás Gomes < *Blasius + Gomiz*
- Brumado < *bruma*
- Cabeça-de-boi < *capītīa + bōvem*
- Cabeceira Alta < *capītīa + altus*
- Cabeceira do Meio < *capītīa + mēdīus*
- Cabeleira < *capīllum*
- Cabral < *capra*
- Cachoeira < *coctīō -ōnis*
- Cachoeira do Bentevi < *coctīō -ōnis + origem onomatopaica*
- Cachoeira Grande < *coctīō -ōnis + grandis*
- Cachoeirinha < *coctīō -ōnis + suf. port. -inha*
- Caetanos < *Caietanus*
- Caieira < *cals*
- Calçada < *calcēus*
- Caminho Novo < *cammīnus < origem céltica + nōvus*
- Campestre < *campester*
- Campinho < *campus*
- Campo Alegre < *campus + alēcris*
- Campo Casa Grande < *campus + casa + grandis*
- Campo de Santo Antônio < *campus + sanctus + Antonius*
- Campo Santo < *campus + sanctus*
- Campo Santo Antônio < *campus + sanctus + Antonius*
- Cana-do-reino < *canna + rēgnum*

- Canavial < *canna*
- Cancelinha < *cancellus*
- Cândida < *candidus*
- Capitão < *capitānus*
- Capitão da Mata < *capitānus* + *matta*
- Cardoso < *carduus*
- Carmo < *carmel, carmelo*
- Carretão < *carrus*
- Casa Velha < *casa* + *vētūlus*
- Cascalheira < *quassāre*
- Cava < *cava* < *cavus*
- Caveira < *calvāria*
- Cercadinho < *circa*
- Chatinho < *plattus*
- Cipriano < *Cyprianus*
- Cobras < *colobra*
- Codorna < *cōturnix*
- Coelhos < *cunīcūlus*
- Colônia < *colōnia*
- Comprido < *complēre*
- Cozinheira < *cocīna*
- Criminoso < *crīmīnosus*
- Crioulos < *creātūra*
- Cristais < *crystallum*
- Cruz < *crux crūcis*
- Curvinha < *curvus*
- Custódio < *custodia*
- Defunto < *defunctus*
- Delgado < *dēlicātus*
- Derrubada < *dirupare*
- Derrubado < *dirupare*
- Doutor < *doctor*
- Enforcados < *fūrca*
- Engenho < *īngēnium*
- Engenho Nogueira < *īngēnium* + *nūcaria*
- Engenho Velho < *īngēnium* + *vētūlus*
- Enjeitado < *ējēctāre*
- Espinheiro < *spīnum*
- Espraiado < *plagia*
- Estreito < *strictum*
- Estrema < *extrēmus*

- Falcão < *falco -ōnis*
- Farinha Seca < *farīna + siccus -a*
- Faustino < *faustinus*
- Fazenda < *facēre*
- Fazenda velha < *facēre + vētūlus*
- Fazendinha < *facēre*
- Feitagem < *facēre*
- Feixo < *fascis*
- Feliciano < *Felicianus*
- Felício Gomes < *Gomiz*
- Felix < *fēlīx*
- Fidalgo < *filho dalgo*
- Fidélis < *Fidelis*
- Florença < *florentia*
- Floresta < *forest*
- Folha Miúda < *folia*
- Fonte Grande < *fons -tis + grandis*
- Formiga < *fōrmīcā*
- Fortuna < *fōrtūnā*
- Fraga < *Fragor -ōris*
- Frazão < *Farazone*
- Frio < *frīgīdus*
- Fundão < *fundamentum*
- Fundo < *fundus*
- Furado < *fōrātum*
- Furna < *furnus*
- Gaia < *gaius -a*
- Gainha < *gaius -a*
- Gama < *gamma*
- Gameleira < *camella*
- Gentil < *gentīlīcus*
- Glória < *glorīa*
- Gordura < *gūrdus*
- Gouveia < *Gaudeia*
- Grande < *grandis*
- Herculano < *herculanus*
- Independência < *dēpendēre*
- Inferno < *infernus*
- Lagoa < *lacūna*
- Lagoa Grande < *lacūna + grandis*
- Lagoa Seca < *lacūna*

- Lagoinha < *lacūna*
- Lagoinha Seca < *lacūna*
- Lavra < *labor*
- Leitão < *lactōnis*
- Lobo < *lŭpus*
- Lopes < *Lupus*
- Luzia dos Santos < *Lucia + sanctus*
- Machados < *marcŭlus*
- Mango < *manĭca*
- Manso < *mansus* < *mansuētus*
- Márcio < *marcius*
- Mares < *măre*
- Marinhos < *marinus*
- Marzagão < *mars -tis*
- Mata < *matta*
- Mata Porcos < *matta + pŏrcus*
- Mata Pau < *matta + pālus*
- Matinha < *matta*
- Mato da Fábrica < *matta + fabrĭca*
- Mato da Roça < *matta + ruptus*
- Mato Virgem < *matta + vĭrgŏ*
- Matuto < *matta*
- Medeiros < *mēta -ae*
- Meio < *mēdĭus*
- Meloso < *mel -llis*
- Mendes < *Mendo*
- Mergulhão < *mergŭlus*
- Milho Verde < *mĭlĭum + vĭrĭdis*
- Moinho < *molĕre*
- Moinhos < *molĕre*
- Montalvão < *Montalbanus*
- Moraes < *Murales*
- Moreira < *mōra*
- Nado < *nātare*
- Natividade < *nātĭvĭtās*
- Navio < *navĭgĭum*
- Neves < *nĭvis*
- Olaria < *ōlla -ae*
- Olhos d'água < *ōcŭlus + āqua*
- Onça < *ŭncĭa*
- Ouro < *aurum*

- Paciência < *pātientia*
- Padrão < *patrōnus*
- Padre Domingos < *patre + dōmīnīcus*
- Padres < *patre*
- Pagão < *pāgānus*
- Pai Galo < *patre + gāllus*
- Palmeiras < *palmus -i*
- Palmital < *palmus -i*
- Paneleiro < *panna*
- Pascoal < *paschālis*
- Passa-dez < *passum + dēcēm*
- Pasto do Meio < *pastus + mēdīus*
- Pasto Limpo < *pastus + limpīdus*
- Patrimônio < *patrimonium*
- Paula < *Paulus*
- Pau-santo < *pālus + sanctus*
- Pedra < *petra*
- Pedra do Montalvão < *petra + Montalbanus*
- Pedras < *petra*
- Pedreira < *petra*
- Peixe < *piscis*
- Peixotos < *piscis*
- Penteado < *pecten*
- Pereira < *pirum*
- Pilões < *pīlāre*
- Pintado < *pīnctāre*
- Pimenta < *pīgmenta*
- Piolho < *pedūcūlus*
- Pires < *periz*
- Poço Verde < *putēus + vīrīdis*
- Poderoso < *pōtēre*
- Pombas < *palūmba*
- Ponte < *pontis*
- Ponte Alta < *pontis + altus -a*
- Ponte de Pedra < *pontis + petra*
- Ponte Queimada < *pontis + cremāre*
- Porteira de Chaves < *pōrta + clāvem*
- Pouso de Pedra < *pausāre + petra*
- Prata < *platta*
- Prazeres < *placēre*
- Pregoso < *plica*

- Preto < *prettus*
- Quarta-feira < *quārta + feria*
- Quebra-pau < *crepāre + pālus*
- Raiz < *radix -icis*
- Represa < *reprehēnsa*
- Ribeirão < *rivus*
- Rio das Pedras < *rivus + petra*
- Roça Grande < *ruptus + grandis*
- Rocinha < *ruptus*
- Saboeiro < *sāpōnis*
- Salvador < *salvātīō*
- Sangrador < *sanguīs - ĩnis*
- Santa < *sancta*
- Santa Cruz < *sancta + crux crūcis*
- Santa Inês < *sancta + Ignez*
- Santa Lúcia < *sancta + Lucia*
- Santa Paula < *sancta + Paulus -a*
- Santa Rita < *sancta + Margaritus*
- Santo Antônio < *sanctus + Antonius*
- Santos < *sanctus*
- São Lucas < *sanctus*
- São Paulo < *sanctus*
- São Pedro < *sanctus*
- São Sebastião < *sanctus*
- Seca < *siccus -a -um*
- Seca Fumo < *siccus -a -um + fūmŭs*
- Seco < *siccus -a -um*
- Segredo < *sēcrētus*
- Serra < *serrāe*
- Serra Negra < *serrāe + nigrum*
- Serra Verde < *serrāe + vīrīdis*
- Serrador < *serrāe*
- Serrinha < *serrāe*
- Serrinhas < *serrāe*
- Serrote < *serrāe*
- Severino < *severinus*
- Silva < *silva*
- Soares < *suárici*
- Sobradinho < *sŭpĕrāre*
- Sossego < **sessicāre < sessus*
- Sujo < *sūcīdus*

- Sumidoro < *sūměre*
- Sumidouro < *sūměre*
- Teixeiras < *taxus*
- Terra Vermelha < *těrra + věrmícŭlus*
- Torre < *tŭrris*
- Triângulo < *triangŭlum -i*
- Vassoural < *versōřa*
- Vassourão < *versōřa*
- Vau do Palmital < *vādum + palmus -ī*
- Velha < *větŭlus*
- Velhas < *větŭlus*
- Venda Nova < *vendēre + nŏvus -a*
- Vereda < *verēda*
- Vermelho < *věrmícŭlus*
- Viana < *biduana*
- Vieira < *venaria*
- Vieiras < *venaria*
- Vilarinho < *villa*
- Vilela < *vīlla*
- Vista Alegre < *vidēre + alěcris*
- Volta < *voltāre*
- Volta Grande < *voltāre + grandis*

2.2. Espanhol:

- Aredes < *Heredia (Castela)*
- Batatal < *batata (castelhano < *taiano)*
- Benevides < *Benavides (Castela)*
- Cacique < *cacique (castelhano < taíno de S. Domingos)*
- Calazans < *Calasanz*
- Canoas < *canoa (castelhano)*
- Ferreira < *Herrera*
- Ferreiras < *Herrera + des. pl. -s*
- Jeriza < *ojeriza (castelhano)*
- Meira < *Meira*
- Mulato < *mulato (castelhano)*
- Penha < *peña (castelhano)*
- Piçarrão < *piçarrão < piçarra (castelhano)*
- Rancharia < *rancho (castelhano)*
- Rancho < *rancho (castelhano)*
- Raposo < *raposa (castelhano)*
- Ressaca < *resaca (castelhano)*
- Riacho < *riacho (cast.) < rivus*

- Simão < *Simón*
- Soledade < *Soledad*

2.3. Galego:

- Araújo < *Araújo* [“sobrenome português toponímico, do galego (Esp.), do castelo de ‘Araújo’, perto do rio Minho (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p.70)].

2.4. Italiano:

- Bomba < *bómba* (Italiano) < “de uma raiz onomatopaica *bomb*, derivado do latim ‘*bombus*’ e, este, do grego, ‘*bómbos*’ ‘ruído surdo’, ‘barulho do trovão’ (CUNHA, 1987, p.117).
- Bombinha < *bómba* (Italiano) < “de uma raiz onomatopaica *bomb*, derivado do latim ‘*bombus*’ e, este, do grego, ‘*bómbos*’ ‘ruído surdo’, ‘barulho do trovão’ (CUNHA, 1987, p.117) + sufixo português *-inha*.
- Cortesia < *cortigiano* (Italiano)
- Espia < *spia* (Italiano)
- Estiva < *stiva* (Italiano)
- Grota < *grutta* (Napolitano)
- Gurita < *garita* (Italiano)
- Ravena < *Ravenna* (Itália)

2.5. Catalão:

- Paiol < *pallol* (Catalão)

2.6. Provençal:

- Caxeta < “Provavelmente do catalão ‘caixa’ ou do provençal ‘caissa’, derivado do latim ‘*capsa*’ ‘caixa, cofre’. (CUNHA, 1987, p.137).
- Fortaleza < *fortaleza* (Provençal) < *fōrtis* (Latim)
- Funil < *fonilh* (Provençal) < *fundibŭlum* (Latim)
- Pataca < *patac* (Provençal)
- Pataquinha < *patac* (Provençal) + sufixo português *-inha*

2.7. Francês:

- Baeta < *bayette* (antigo Picardo) < *badĭus* (Latim)
- Baú < *bahur* (antigo Francês) < origem obscura
- Boticário < **boutique* (francês) < *apothēca*
- Bucha < *bousche*
- Bugre < *bougre* < *bŭlgarŭs* (Latim)
- Burniê < *burnier* [abreviatura de *buronier* (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p.98)].
- Cambraia < *Cambraia* (cidade do sul da França)
- Canela < *cannelle*
- Chapéu-de-sol < *chapel* (antigo francês) + *sol*
- Colina < *colline* (Francês) < *collina* (Italiano) < *collĭna* (Latim)
- Contas < *cōmpŭtāre* (Latim)

- Diniz < *Denis*
- Jaque < *Jacques*
- Jaqueline < *feminino de Jacques*
- Mostarda < *moustarde (antigo francês)*
- Passagem < *passage (Francês)* < *passus (Latim)*
- Tamboril < *tambouret*
- Tenente < *tenance (Francês)* < *tēnēre (Latim)*
- Usina < *usine (Francês)*

3. Topônimos de origem não românica:

3.1. Grego

- Cedro < *kédrus*
- Eixo < *áxon*
- Estrangulado < *strangalão*
- Filipão < *Philippos* + *sufixo português -ão*.
- Filipe < *Philippos*
- Isidoro < *Isídoros*
- Praia < *plágia*
- Prainha < *plagia* + *sufixo português -inha*.
- Procópio < *Prokópius (grego)*
- Saquinho < *sákkos* + *sufixo português -inho*.

3.2. Sânscrito

- Jambeiro < *jambu*

3.3. Hebraico

- Belém < *Bet-léjem*
- José Maria < *Iosseph* + *Maryám*
- Matias < *Mathathiah*

3.4. Germânico

- Alvarengas < **alawara*
- Baronesa < **baro*
- Branco < *blank*
- Bernardo < *Bernhard*
- Brandão < *Blandian*
- Holanda < *holland*
- Maynard < *meinhard*

3.5. Árabe

- Açude < *assode*
- Açudinho < *assode* + *suf. português -inho*

- Andaime < *addeáme*
- Andaimés < *addeáme* + -s
- Café < *cahue*
- Cáli < *kali*
- Limeira < *līmā* + *sufixo português -eira*
- Mesquita < *masejad*

3.6. Flamengo

- Betim < *Betting*

3.7. Malaio

- Bambu < *mambu*
- Bambus < *mambu* + -s

4. Topônimos de origem indígena:

4.1. Tupi

- Andrequicé < *Andirá-Kicé*
- Biboca < *Ybi-boca* < *Ybi-b-oca*
- Braúna < *Ybirá-una*
- Caatinga < *Caá -tinga*
- Caeté < *Caá-etê*
- Capão < *Caá-pāu*
- Capoeira < *Kopuêra*
- Carapina < *Carapin*
- Carioca < *Carioca* ~ *Cari-boc*
- Cipó < *Içá-pó*
- Coivara < *Cô-udara*
- Congonhas < *Congõi*
- Cupim < *Copií*
- Embira < *Mbira*
- Gambá < *Guá-mbá*
- Grajaú < **Garajau*
- Guarujá < *Guarú-yá*
- Itaporanga < *Itá-poranga*
- Jacu < *Yacú*
- Jaguará < *Yaguá-rá*
- Jatobá < *Yatay-ybá*
- Jenipapo < *Yanipab*
- Jequitibá < *Yikí-t-ybá*
- Macuco < *Ma-cú-cú*
- Mambuca < *Mombuca* < *Mô-buca*.
- Mandiocal < *Many-oga* + *sufixo português -al*.

- Mandu < *Mand-u*
- Mangabeira < *mangaba* + *sufixo português -eira*.
- Maracujá < *Maraú-yá*
- Mata matá < *Mataumutá* (SILVEIRA BUENO, 1998, p.476).
- Mombaça < *Mombuca* < *Mô-buca*.
- Mutuca < *Mu'tuca*
- Paracatu < *Pará-catú*
- Paropeba < *Para-u-peba* ~ *Pará-y-peba*
- Piaba < *Pi'awa*
- Pindaíba < *Pindá-yba*
- Pitangui < *Pitang-y*
- Quatis < *Qua-ti*
- Sabará < *Tabará* < *Tabaraboçú* < *Itaberaba-uçú*
- Samambaia < *Çama-mbai*
- Sapé < *Eçá-pé*
- Sapecado < *Çapec* + *sufixo português -ado*.
- Soca < *Soka*
- Sucuriú < *Çuucuri-yú*
- Tabocas < *Ta-bóca*
- Taioba < *Taia'owa*
- Tamanduá < *Tamandu'a*
- Tapera < *Ta-pera*
- Taquara < *Ta-quara*
- Taquaraçu < *Ta-quara-açu*
- Taquaral < *Ta-quara* + *sufixo português -al*
- Taquaril < *Taquar-i*
- Tatu < *Ta'tu*
- Tijuco < *Ty-yuc*
- Timbopeba < *Ti'mbó-peba*
- Tripuí < *Ityra-poí*
- Urubu < *Urú-bu*
- Urucuia < *Urucu'ia*

5. Topônimos de origem africana:

- Angu < *àgun*
- Bananeiras < *banâna* + *sufixo português -eiras*
- Cafundão < *(ka)mfundu (banto)* + *augmentativo português -ão*
- Cafundó < *(ka)mfundu (banto)*
- Candango < *kindongu (banto)*
- Cumbe < *cumba*
- Macacos < *makkako*

- Macaquinhos < *makkako* + *diminutivo plural português -inhos*
- Mamona < *mu'mono* (*qimbundo*)
- Marimbondo < *marimbóndo*
- Marumbé < *marimbé*
- Moleque < *muleke*
- Monjolo < *munjolo*
- Quilombo < *kilombo*

6. Topônimos de origem incerta:

- Angico
- Brejo
- Brenha
- Buraco
- Cabaças
- Cantagalo
- Carrancas
- Chapada
- Coqueiro
- Cuquinho
- Curralinho
- Diogo
- Fechos
- Itabirito
- Jacuba
- Labareda
- Laje
- Lajes
- Lajinha
- Mangue
- Mangues
- Maquiné
- Pacheco
- Pampulha
- Papagaio
- Retiro
- Taboa
- Taboão
- Tabuão
- Totó
- Vargens
- Varginha

- Varjada
- Várzea do Cocho

7. Topônimos de origem híbrida:

7.1. Hebraico + Germânico

- Manuel Luís = *Emmanu* (hebraico) + *Lud* (germânico)
- João Hude = *Iehohananan* (hebraico) + *Hude* (germânico)

7.2. Pré-românico + Românico

- Barreiro Grande = *barr-* + *-eiro* (base pré-românica + sufixo românico) + *grande* (português < latim)
- Barro Preto = *barro* (pré-românica) + *preto* (português < latim)

7.3. Românico + Hebraico + Pré-céltico

- São José da Lapa = *são* (português < latim) + *José* (hebraico) + *lapa* (pré-céltico)

7.4. Românico + Hebraico

- Dona Joana = *dona* (português < latim) + *Joana* (hebraico)
- Padre João = *padre* (português < latim) + *João* (hebraico)
- Santa Ana = *santa* (português < latim) + *Ana* (hebraico)
- São Bartolomeu = *são* (português < latim) + *Bartolomeu* (hebraico)
- São João = *são* (português < latim) + *João* (hebraico)
- São Joaquim = *são* (português < latim) + *Joaquim* (hebraico)
- São José = *são* (português < latim) + *José* (hebraico)
- Santiago = [“*composto de Santo Iago (Sant’Iago)*” (MANSUR GUÉRIOS, 1994, P.294)].

7.5. Românico + Grego

- São Gregório = *são* (português < latim) + *Gregório* (grego)

7.6. Românico + Românico

- Antônio Ferreira = *Antonio* (português) + *Herrera* (espanhol)
- Botafogo = *boter* (francês) + *fogo* (português)
- Caixa d’Água = “*Provavelmente do catalão ‘caixa’ ou do provençal ‘caissa’, derivado do latim ‘capsa’ ‘caixa, cofre’*” (CUNHA, 1987, p.137). + *água* (português).
- Coronel Gomes = *coronel* (francês) + *Gomes* (português)
- Grotta Fria = *grotta* (italiano) + *fria* (português)
- Mata da Mina = *mata* (português) + *mina* (francês)
- Rancho Alegre = *rancho* (castelhano) + *alegre* (português)
- Riacho das Pedras = *riacho* (castelhano) + *pedra* (português)
- Ribeirão Bonito = *ribeirão* (português) + *bonito* (castelhano)

7.7. Românico + Árabe

- Pé-de-lima = *pé* (português) + *lima* (árabe)
- Ribeiro do Álcool = *ribeiro* (português) + *álcool* (árabe)

7.8. Românico + Germânico

- Campo Casa Branca = *campo* (português) + *casa* (português) + *branca* (germânico)
- Cata Branca = *cata* (português) + *branca* (germânico)
- Pedra Branca = *pedra* (português) + *branca* (germânico)

7.9. Românico + Africano

- Caminho do Mandu = *caminho* (latim) + *mandu* (africano)

7.10. Românico + Indígena

- Poço do Jacaré = *poço* (latim) + *jacaré* (indígena - tupi)

7.11. Românico + Origem incerta

- Dois Brejinhos = *duo* (latim) + *brejo* (origem incerta)
- Lagoa dos Patos = *lacūna* (latim) + *patos* (origem onomatopaica)
- Vale do Cocho = *vallis* (latim) + *cocho* (origem incerta)
- Bom Retiro = *bōnus* (latim) + *retiro* (origem incerta)

7.12. Hebraico + Românico

- Joana Nunes = *Ioanah* (hebraico) + *Nunnuz* (português < latim)
- Joaquim Dias = *Joaquim* (hebraico) + *Dias* (português < latim)
- José Vaz = *José* (hebraico) + *Vaz* (português < latim)
- Manuel Gato = *Manuel* (hebraico) + *Gato* (português < latim)
- Maria da Costa = *Maria* (hebraico) + *Costa* (português < latim)
- Manoel Pereira = *Emmanu* (hebraico) + *Pirum -i* (português < latim)

7.13. Germânico + Românico

- Bernardo de Sousa = *Bernardo* (germânico) + *Sousa* (português)

7.14. Grego + Românico

- André Gomes = *André* (grego) + *Gomes* (português)

7.15. Indígena + Românico

- Capão da Onça = *capão* (tupi) + *onça* (português)
- Capão de Santana = *capão* (tupi) + *Santana* (português)
- Capão do Boi = *capão* (tupi) + *boi* (português)
- Capão do Ferraz = *capão* (tupi) + *Ferraz* (português)
- Capão do Poço = *capão* (tupi) + *poço* (português)
- Capão Grosso = *capão* (tupi) + *grosso* (português)
- Capão Onça = *capão* (tupi) + *onça* (português)

- Capoeira Alta = *capão* (tupi) + *alta* (português)
- Capoeira do Meio = *capão* (tupi) + *meio* (português)

7.16. Pré-colombiano + Românico

- Gualacho do Norte = *gualacho* (americanismo < pré-colombiano) + *norte* (português < latim)

7.17. Origem incerta + Românico

- Caracóis de Cima = *caracóis* (origem incerta) + *cima* (português < latim)
- Cocho d'Água = *cocho* (origem incerta) + *água* (português < latim)
- Curral de Pedras = *curral* (origem incerta) + *pedra* (português < latim)
- Juca Vieira = *Juca* – hipocorístico brasileiro de José, talvez cruzamento de *Jeca* e *Zuca* (MANSUR GUÉRIOS, 1994, p.201). + *Vieira* (português < latim)
- Morro Grande = *morro* (origem incerta) + *grande* (português < latim)
- Morro Preto = *morro* (origem incerta) + *preto* (português < latim)
- Morro Redondo = *morro* (origem incerta) + *redondo* (português < latim)
- Morro Vermelho = *morro* (origem incerta) + *vermelho* português < (latim)
- Vargem Alegre = *vargem* (origem incerta) + *alegre* (português < latim)
- Vargem Bonita = *vargem* (origem incerta) + *bonita* (português < latim)
- Vargem das Flores = *vargem* (origem incerta) + *flores* (português < latim)
- Vargem do Pico = *vargem* (origem incerta) + *pico* (português < latim)
- Vargem do Saco = *vargem* (origem incerta) + *saco* (português < latim)
- Vargem Grande = *vargem* (origem incerta) + *grande* (português < latim)
- Vargem Limpa = *vargem* (origem incerta) + *limpa* (português < latim)

7.18. Origem incerta + Árabe

- Morro do Azeite = *morro* (origem incerta) + *Azeite* (árabe)
- Buraco d'Anta = *buraco* (origem incerta) + *Anta* (árabe africano)

7.19. Origem incerta + Indígena (tupi)

- Vargem da Traíra = *vargem* (origem incerta) + *traíra* (tupi)

7.20. Origem incerta + Românico + Origem incerta

- Vargem Grande do Maquiné = *vargem* (origem incerta) + *grande* (português < latim) + *Maquiné* (tupi)

8. Não encontrados/não classificados:

- Cambinha
- Cates
- Cutão
- Dalda
- Manzinheiro

- Mingu
- Pai Coelho
- Ranchosa
- Xandu
- Xingongo

Ao observar os resultados expostos acima, temos que a predominância entre as origens ficou a cargo da Português < Latim, com 460 hidrônimos. Isso corresponde a 51,21 % das ocorrências totais. É importante ressaltar também a influência do Tupi, cujo número de ocorrências, em nosso *corpus*, chegou a 82. Os dados expostos refletem muitos fatos históricos, pois sabemos que na região de Minas grande foi o contato dos indígenas com os bandeirantes, pois os primeiros foram trazidos das regiões da costa como escravos pelo homem branco. Dessa relação de escravidão e jugo, muitos contatos se solidificaram, gerando fortes laços entre o caraíba e o índio. Além da relação de servidão já mencionada, também estabeleceram-se relações de amasia, das quais nasceram muitos filhos naturais de negras com brancos e também de índias com brancos.

Seabra (2004) aponta que, em relação aos topônimos, a influência indígena em algumas regiões de Minas Gerais não se fez muito presente. Em nossos dados, vemos que a origem Tupi aparece em segundo lugar no número de ocorrências, com 82 nomes, num percentual de 10% do valor total. Em Menezes (2009), observamos o mesmo, pois, num total de 140 ocorrências, há 15 de origem indígena, isto é, 10,71% do total. Em Seabra (2004), o que se vê é uma ocorrência relativa a 7,5% de nomes de origem indígena, do total geral de nomes.

Faz-se interessante notar ainda, em nosso *corpus*, o total de ocorrências cuja origem é híbrida, praticamente igual ao número de ocorrências de origem tupi: 81 nomes, ou seja, 9,87% do número total geral. De origem incerta, temos 48 nomes, ou seja, 5,85% do total. Outros idiomas, como o espanhol e o francês têm 24 (2,92%) e 21 (2,56%) ocorrências. O castelhano, o catalão, o galego, o malaio e o hebraico oscilam entre 1 ou 2 nomes, ou seja, entre 0,1 e 0,2 % do valor total dos hidrônimos coletados, que é de 820.

4.3.4. Quanto à Forma e ao Gênero dos topônimos

Em nossos dados, tivemos a ocorrência de nomes masculinos simples e compostos, e também femininos simples e compostos. Entre todos, predominou o gênero masculino, em sua forma simples: tivemos 383 ocorrências. Em seguida, tivemos a forma feminina simples, com 231 ocorrências. As formas masculina composta e feminina composta

resultaram em 113 e 87 ocorrências, respectivamente. Os dez nomes que constam como não classificados em 4.3.1, também não receberam classificação quanto ao gênero.

Os nomes masculinos e femininos, em sua forma composta ou simples, encontram-se descritos em 3.3.2 .

A quantificação total dos dados quanto ao gênero está representada no gráfico a seguir:

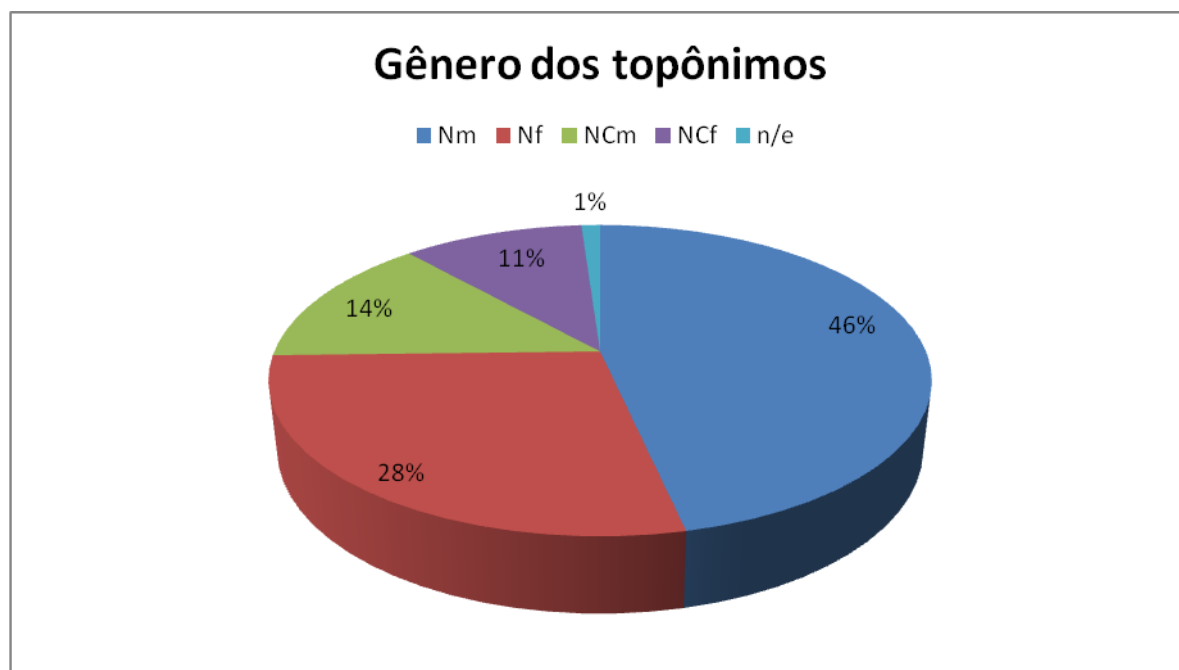


GRÁFICO 03 – Gênero dos Topônimos

No capítulo seguinte, trataremos os dados de nosso *corpus* quanto a sua variação, retenção e mudança.



FOTO 06 – Fachada da antiga Estação Ferroviária de Pedro Leopoldo, atualmente Biblioteca Municipal
Fonte: Acervo pessoal.

CAPÍTULO V – ESTUDO COMPARATIVO

5.1. Estudo comparativo realizado por meio de mapas pretéritos e contemporâneos

Realizamos, em mapas dos séculos XVIII e XIX, pesquisas comparativas em busca da presença ou não dos nomes dos cursos d'água encontrados por meio de nossa coleta em mapas contemporâneos do IBGE (mapas do século XX), na região alvo de nossos estudos. Nosso objetivo era constatar se esses nomes já existiam em épocas pretéritas e se houve algum tipo de mudança dos nomes antigos em relação aos atuais, já apresentados no capítulo IV.

Segue a relação de mapas consultados e os códigos referentes aos mesmos. Após a apresentação desses dados, teceremos algumas considerações sobre a variação, a retenção e a mudança lingüísticas. Os dados se encontram divididos de acordo com os 19 municípios englobados pela pesquisa.

– VARIACÕES ENCONTRADAS NOS MAPAS –

Os mapas pretéritos consultados, referentes aos séculos XVIII e XIX foram:

Mapa I - Mapas Regionais – Mapas da Região do Alto Rio Doce (Rib. do Carmo), Rio das Velhas e Rio Paraopeba. Região da Zona da Mata – 20° – 21°30's. Diogo Soares (1734/1735).

Mapa II - Mapas regionais – Mapa abrangendo a região entre o alto Rio Doce (Rib. do Carmo), o Rio das Velhas, o Rio Paraopeba, o Rio Pitangui (atual Pará) e o Rio São Francisco. Região das minas de ouro, 19° – 20°30's. Diogo Soares (1734-1735).

Mapa III - Mapas Regionais – Mapa da região entre os rios Araçuaí, Jequitinhonha e Rio das Velhas. Distrito dos diamantes do Serro Frio, 17°45' – 19°15's. Diogo Soares (1734-1735).

Mapa IV - Mapas Regionais – Mapa da região entre os rios Jequitinhonha e Araçuaí – Região de Minas Novas, 16°30' – 18s. Diogo Soares (1734 – 1735).

Mapa V - Divisões administrativas – Carta geográfica do termo de Villa Rica, em q se mostra que os Arrayaes das catas Altas da Noroega, Itaberava e Carijós lhe ficão mais perto, q'ao da Villa de S. José a q' pertecem, e igualmente o de S. Antônio do Rio das Pedras, q' toca ao do Sabará, dq' se mostra, pela Escala, ou Petipe de léguas (1766).

Mapa VI - Divisões Administrativas – Mostra neste mapa o julgado das cabeceiras do Rio das Velhas e parte da Capitania de Minas Geraes com a deviza de ambas as capitanias – por Joze Joaquim da Rocha (1780).

Mapa VII - Mappa da Conquista do Mestre de Campo Ignacio Correya Pamplona, Regente chefe da Legião (1784).

Mapa VIII - Capitania – Planta geral da capitania de Minas Gerais (1800).

Mapa IX - Capitania – 1804

Mapa X - CAPITANIA – Theil der neuen Karte der Capitania Von Minas Gerais. Aufgenommen Von W. Von ESCHWEGE (1821).

Mapa XI - Carta Chorographica da Província de Minas Gerais coordenada e deenhada em vista dos Mappas chorographicos antigos e das observações mais recentes de vários Engenheiros, por ordem do Ilmo. E Exmo. Sr. Doutor Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos, Presidente desta Província. Por Frederico Wagner. Ouro Preto (1855).

Mapa XII - Província - Província de Minas Geraes segundo o projeto de nova divisão do Império pelo Deputado Cruz Machado e mandada lithographar pelo Illmo. Exmo. Sñr. Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, ministro do Império e desenhada por José Ribeiro da Fonseca Silvaes (1873).

Mapa XIII - Planta Geral da Estrada de ferro D. Pedro II (1879).

As variações encontradas nesses mapas são as que seguem abaixo, ordenadas por municípios.

Município 1: Ouro Preto

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Córrego da Ajuda	—	—	—	Ajuda (I)
Córrego Areão	—	Arião (X)	—	—
Córrego Bananeiras	—	—	—	Bananeiras (I)
Córrego Boa Vista	Boa Vista (XI)	Boa Vista (X)	Boa Vista (VIII)	—

Córrego da Cachoeira	—	Caxoeira (X)	Cachoeira (VI)	—
Córrego Campo Casa Branca	Casa Branca (XII)	—	—	—
Córrego do Capão	Capão (XI)	Capão (X)	Capão (VI, VIII)	—
Córrego Caveira	—	—	Caveira (VI)	—
Córrego do Cipó	Sipó (XI)	Sipó (X)	Sipó (VIII)	Cipó (II)
Córrego do Cuquinho	—	—	—	Coquinhos (III)
Córrego do Gama	—	—	—	Gama (II)
Córrego do Gouveia	—	—	—	Gouvea (III)
Córrego Grande	—	—	Grande (VII)	Grande (II)
Rio Gualaxo do Norte	Gualaxo do Norte (XII, XIII)	—	Gualaxo do Norte (V)	Gualaxo do Norte (I, II)
Córrego Jequiti	—	—	Jequiti (VIII)	—
Córrego da Lagoa	Lagoa (XI)	—	—	—
Córrego da Lapa	—	—	—	Lapa (I)
Córrego dos Macacos	Macacos (XI, XII)	—	Macacos (VIII)	Macacos (IV)
Ribeirão Mango	Mango (XI)	—	—	—
Córrego do Manso	Manso (VII)	—	—	Manso (II, III)
Córrego da Mata	Mata (XI, XIII)	—	—	—
Rio Maynard	Mainarte (XIII)	Mainarte (X)	Mainarte (V, VIII)	Maynarte (I, II)
Córrego Mesquita	—	—	—	Mesquita (III)
Córrego dos Moinhos	Moinhos (XI)	—	—	—
Córrego Mombaça	—	—	—	Mombaça (III)
Córrego Olaria	—	—	—	Olaria (IV)
Córrego da Picada	—	Picada (X)	Picada (VIII)	—
Córrego Pitangui	—	—	—	Pitangui (II)

Córrego das Pombas	—	Pomba (X)	—	—
Córrego dos Prazeres	—	—	Prazeres (VI)	—
Rio Preto	Preto (XI)	Preto (IX, X)	Preto (VI, VIII)	Preto (II, III, IV)
Córrego Quilombo	—	—	—	Quilombo (I)
Córrego Raposo	Raposo (XI)	—	Rapozes (VIII)	—
Ribeirão de Santa Rita	—	Santa Rita (IX)	S. Rita (VIII)	Santa Rita (I)
Ribeirão Soledade	Soledade (XI)	Soledade (X)	Soledade (VIII)	—
Córrego Tripuí	Tripuí (XI)	Tripui (X)	—	—
Rio das Velhas	Velhas (XI, XI, XII, XIII)	Velhas (IX)	Velhas (V, VI, VII, VIII)	Velhas (I, III, IV)

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Ouro Preto, 1985; IBGE - Carta Topográfica Ouro Branco, 1977. IBGE - Carta Topográfica Conselheiro Lafaiete, 1986; IBGE - Carta Topográfica Catas Altas, 1976.

Município 2: Caeté

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Córrego Bananeiras	—	—	—	Bananeiras (I)
Córrego Batatal	—	—	Batatal (VIII)	—
Córrego do Baú	—	—	—	Baú (II)
Córrego Biboca	—	—	—	Biboca (IV)
Córrego Branco	Branco (XII)	—	—	Branco (II)
Córrego Cachoeira	—	Cachoeira (X)	Cachoeira (VI)	—

Córrego Caeté	—	—	—	Cayaté (I)
Córrego Carrapato	—	—	Carrapatos (VII)	—
Córrego do Engenho	Engenho (XI)	—	—	—
Córrego Formiga	—	—	Formiga (VI, VII)	—
Ribeirão do Gaia	Gaya (XI)	—	—	—
Córrego Lagoa	Lagoa (XI)	—	—	—
Córrego Olhos-d'água	Olhos d'Agoa (XI)	Olhos dágoa (X)	Olhos d'Agoa (VI)	Olhos d'Agoa (IV)
Córrego Paciência	Paciência (XI)	—	—	—
Ribeirão do Peixe	Peixe (XI, XIII)	Peixe (IX, X)	Peixe (VIII)	Peixe (I, III) Peyxe (II)
Ribeirão da Prata	—	Prata (IX)	Prata (VI, VII)	Prata (III)
Córrego do Retiro	Retiro (XI)	—	Retiro (VIII)	—
Córrego Santo Antônio	S. Antônio (XII)	S. Antônio (IX)	Santo Antônio (VI, VII, VIII)	Santo Antônio (I, II)
Córrego São João	São João (XII)	—	São João (VI) São João (VIII)	São João (I, II, II, IV)
Córrego São Sebastião	São Sebastião (XIII)	—	S. Sebastião (VIII)	—
Rio Vermelho	Vermelho (XII)	—	Vermelho (VIII)	—

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Caeté, 1996; IBGE - Carta Topográfica Jaboticatubas, 1977.

Município 3: Itabirito

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Lagoa Água Limpa	Água Limpa (XI)	Agoa Limpa (X)	—	—
Córrego Água Suja	—	Água Suja (IX)	—	Agoa Suja (IV)

Córrego das Almas	Almas (XI)	—	Almas (VI)	Almas (III)
Córrego Bom Sucesso	Bom Sucesso (XI)	—	—	—
Córrego do Bugre	Bugres (XI)	Bugre (IX)	—	—
Ribeirão Congonhas	Congonhas (XI)	—	Congonhas (V, VIII)	—
Córrego da Cruz	Cruz (XI)	Cruzes (X)	—	—
Córrego Fundo	Fundo (XI)	—	Fundo (VIII)	Fundo (II)
Córrego Jaguará	—	—	Jaguará (VIII)	Jaguará (II)
Córrego Manso	Manso (XII)	—	—	Manso (II, III)
Ribeirão da Mata	Mata (XI, XIII)	Matta (X)	Mata (VIII)	Mata (II)
Córrego Olaria	—	—	—	Olaria (IV)
Córrego da Onça	Onça (XI)	—	—	—
Córrego Paciência	Paciência (XI)	—	—	—
Córrego Palmital	Palmital (XI)	—	—	Palmital (III)
Córrego Papagaio	—	—	Papagaio (VIII)	—
Rio de Pedras	Pedras (XII, XIII)	Pedras (X)	Pedras (VIII)	Pedras (I, II)
Ribeirão da Prata	—	Prata (IX)	Prata (VI, VII)	Prata (III)
Córrego do Retiro	—	—	Retiro (VIII)	—
Córrego do Ribeirão	Retiro (XI)	—	—	—
Córrego Santa Ana	—	Santana (IX) Sta. Ana (X)	Santa Ana (VII)	S. Anna (III, IV)
Córrego Taquaral	Taquaral (XI)	—	—	—
Rio das Velhas	Velhas (XI, XI, XII, XIII)	Velhas (IX)	Velhas (V, VI, VII, VIII)	Velhas (I, III, IV)

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Itabirito, 1984; IBGE - Carta Topográfica Rio Acima, 1977; IBGE - Carta Topográfica Acuruí, 1977; IBGE - Carta Topográfica Ouro Preto, 1985.

Município 4: Taquaraçu de Minas

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Córrego da Areia	Areia (XI)	—	Areá (VI) Arêa (VIII)	Areya (II, III)
Córrego da Boa Vista	Boa Vista (XI)	Boa Vista (X)	Boa Vista (VIII)	—
Córrego Cachoeira	—	Caxoeira (X)	Cachoeira (VI)	—
Córrego Curralinho	—	—	—	Curralinho (IV)
Córrego do Engenho	Engenho (XI)	—	—	—
Córrego Estiva	Estiva (XI)	—	—	—
Córrego do Macuco	—	—	—	Macuco (II)
Córrego do Ouro	Ouro (XI)	—	—	—
Ribeirão do Peixe	Peixe (XI XIII)	Peixe (IX, X)	Peixe (VIII)	Peixe (I, III) Peyxe (II)
Ribeirão da Prata	—	Prata (IX)	Prata (VI, VII)	Prata (III)
Córrego do Retiro	Retiro (XI)	—	Retiro (VIII)	—
Rio Taquaraçu	Taquaraçu (XI) Taquaruçú (XII)	—	Taquarusu (VIII)	—
Córrego Taquaral	Taquaral (XI)	—	—	—
Córrego Vargem Grande	Vargem Grande (XI)	—	Varge Grande (VIII)	—
Ribeirão Vermelho	Vermelho (XII)	—	Vermelho (VIII)	—

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Jaboticatubas, 1977. IBGE - Carta Topográfica Lagoa Santa, 1977.

Município 5: Sabará

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Ribeirão dos Alvarengas	Alvarengas (XI)	—	—	—
Ribeirão Barbosa	—	—	—	Barbosa (I, II, IV)
Ribeirão das Bicas	Bicas (XII)	Bicas (IX)	—	—
Ribeirão do Brumado	Brumado (XII)	Brumado (X)	—	Brumados (I)
Ribeirão do Gaia	Gaya (XI)	—	—	—
Ribeirão da Laje	Lagem (XI)	—	—	—
Ribeirão das Lajes	—	Lages (IX)	—	—
Córrego dos Machados	—	—	Machado (VIII)	Machados (I, II)
Córrego Olaria	—	—	—	Olaria (IV)
Córrego Paciência	Paciência (XI)	—	—	—
Córrego Palmital	Palmital (XI)	—	—	Palmital (III)
Córrego do Piçarrão	Pisarão (XI) Pissarão (XII)	Pissarão (X)	Pisarrão (VII)	—
Córrego da Prata	—	Prata (IX)	Prata (VI, VII)	Prata (III)
Córrego Santo Antônio	S. Antônio (XII)	S. Antônio (IX)	Santo Antônio (VI, VII, VIII)	Santo Antônio (I, II)
Córrego do Sobradinho	Sobrado (XII)	Sobrado (X)	Sobrado (VIII)	—
Córrego Soledade	Soledade (XI)	Soledade (X)	Soledade (VIII)	—
Córrego da Tapera	Tapera (XI)	—	—	—
Córrego das Vargens	Vargens (XI)	—	Varge (VIII)	—
Rio das Velhas	Velhas (XI, XI, XII, XIII)	Velhas (IX)	Velhas (V, VI, VII, VIII)	Velhas (I, III, IV)
Ribeirão Vermelho	Vermelho (XII)	—	Vermelho (VIII)	—

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Belo Horizonte, 1986; IBGE - Carta Topográfica Caeté, 1996.

Município 6: Belo Horizonte

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Córrego do Acaba Mundo	Acaba Mundo (XII)	—	—	—
Córrego Baleia	—	—	Baleia (VII)	—
Córrego Bom Jesus	Bom Jesus (XI)	—	—	—
Córrego Bom Sucesso	Bom Sucesso (XI)	—	—	—
Ribeirão do Cabral	—	—	Cabral (VIII)	—
Córrego Jatobá	Jatobá (XII)	Jatobá (X)	—	—
Córrego dos Macacos	Macacos (XI, XII)	—	Macacos (VIII)	Macacos (IV)
Córrego da Olaria	—	—	—	Olaria (IV)
Córrego Olhos-d'água	Olhos d'Agoa (XI)	Olhos dágoa (X)	Olhos d'Agoa (VI)	Olhos d'Agoa (IV)
Ribeirão da Onça	Onça (XI)	—	—	—
Córrego Paracatu	Paracatu (XI)	Paracatu (IX)	Paracatu (VIII)	—
Córrego Pereira	—	—	—	Pereyra (II)
Córrego do Tijuco	Tyjuco (XII)	—	—	—

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Belo Horizonte, 1986; IBGE - Carta Topográfica Contagem, 1981.

Município 7 : Contagem

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Córrego das Abóboras	—	Abobras (X)	Abóbras (VIII)	—
Córrego Água Suja	—	Água Suja (IX)	—	Agoa Suja (IV)
Córrego Bom Jesus	Bom Jesus (XI)	—	—	—
Ribeirão do Cabral	—	—	Cabral (VIII)	—
Córrego Campo Alegre	—	—	—	Campo Alegre (IV)
Córrego Lagoa	Lagoa (XI)	—	—	—
Córrego São João	São João (XII)	—	São João (VI) São João (VIII)	São João (I, II, III, IV)

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Contagem, 1981.

Municípios 8 e 9: Lagoa Santa e Confins³⁶

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Córrego Bebedouro	Bebedouro (XI)	—	—	—
Córrego Brumado	Brumado (XII)	Brumado (X)	—	Brumados (I)
Córrego Cafundó	Cafundó (XI)	—	—	Cafundó (III)
Córrego das Canoas	Canoas (XI)	—	—	—
Córrego do Fidalgo	—	—	—	Fidalgo (II)
Córrego do Jaque	—	Jaques (X)	—	—
Lagoa da Lapinha	Lapinha (XI)	—	—	—

³⁶ O IBGE/MG não disponibiliza, ainda, a Carta Geográfica impressa do município de Confins, antigo distrito do município de Lagoa Santa.

Ribeirão da Mata	Mata (XI)	—	Mata (VIII)	Mata (II)
Córrego Olhos-d'água	Olhos d'Agua (XI)	Olhos dágoa (X)	Olhos d'Agua (VI)	Olhos d'Agua (IV)
Córrego Palmital	Palmital (XI)	—	—	Palmital (III)
Lagoa da Pindaíba	Pindahiba (XI)	—	—	Pindaiúba (IV)
Córrego do Retiro	Retiro (XI)	—	Retiro (VIII)	—
Córrego Samambaia	—	—	—	Samambaya (III, IV)
Lagoa do Sangrador	—	Sangrador (X)	—	—
Córrego Sobradinho	Sobrado (XII)	Sobrado (X)	Sobrado (VIII)	—
Lagoa do Sumidouro	Sumidouro (XII)	—	—	—
Córrego Tamboril	—	Tamboril (X)	—	—
Lagoa Vargem Bonita	—	Varge Bonita (IX)	—	—
Rio das Velhas	Velhas (XI, XI, XII, XIII)	Velhas (IX)	Velhas (V, VI, VII, VIII)	Velhas (I, III, IV)

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Lagoa Santa, 1977; IBGE - Carta Topográfica Pedro Leopoldo, 1986.

Municípios 10 e 11: Vespasiano e São José da Lapa ³⁷

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Ribeirão da Mata	Mata (XI)	—	Mata (VIII)	Mata (II)
Córrego da Olaria	—	—	—	Olaria (IV)

³⁷ O IBGE/MG não disponibiliza, ainda, a Carta Geográfica impressa do município de São José da Lapa, antigo distrito do município de Vespasiano.

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Lagoa Santa, 1977; IBGE - Carta Topográfica Belo Horizonte, 1986; IBGE - Carta Topográfica Pedro Leopoldo, 1986.

Município 12: Raposos

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Córrego do Baú	—	—	—	Baú (II)
Ribeirão do Brumado	Brumado (XII)	Brumado (X)	—	Brumados (I)
Córrego Fundo	Fundo (XI)	—	Fundo (VIII)	Fundo (II)
Córrego Olaria	—	—	—	Olaria (IV)
Ribeirão da Prata	—	Prata (IX)	Prata (VI, VII)	Prata (III)
Córrego do Sobradinho	Sobrado (XII)	Sobrado (X)	Sobrado (VIII)	—
Rio das Velhas	Velhas (XI, XII, XIII)	Velhas (IX)	Velhas (V, VI, VII, VIII)	Velhas (I, III, IV)

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Belo Horizonte, 1986; IBGE - Carta Topográfica Acuruí, 1977; IBGE - Carta Topográfica Caeté, 1996.

Município 13: Santa Luzia

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Córrego Água Limpa	Água Limpa (XI)	Agoa Limpa (X)	—	—
Córrego Andrequicé	Andre-que-se (XI)	Andrequicé (X)	Andrequicé (VIII)	—
Córrego Bicas	Bicas (XII)	Bicas (IX)	—	—
Córrego Cachoeira	—	Caxoeira (X)	Cachoeira (VI)	—
Córrego Gameleira	Gameleira (XII)	—	—	—

Córrego do Inferno	Inferno (XI)	—	Inferno (VI)	—
Ribeirão da Laje	Lagem (XI)	—	—	—
Córrego das Lajes	—	Lages (IX)	—	—
Córrego do Maquiné	Maquiné (XII)	—	—	—
Ribeirão da Mata	Mata (XI)	—	Mata (VIII)	Mata (II)
Córrego do Tamanduá	Tamanduá (XI)	Tamandua (X)	—	—
Rio das Velhas	Velhas (XI, XI, XII, XIII)	Velhas (IX)	Velhas (V, I, VII, VIII)	Velhas (I, III, IV)
Ribeirão Vermelho	Vermelho (XII)	—	Vermelho (VIII)	—

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Belo Horizonte, 1986; IBGE - Carta Topográfica Lagoa Santa, 1977.

Município 14: Nova Lima

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Ribeirão Água Suja	—	Água Suja (IX)	—	Agoa Suja (IV)
Córrego Carrapato	—	—	Carrapatos (VII)	—
Ribeirão Congonhas	Congonhas (XI)	—	Congonhas (V, VIII)	—
Ribeirão dos Cristais	—	Cristais (X)	—	—
Córrego Fundo	Fundo (XI)	—	Fundo (VIII)	Fundo (II)
Córrego Grande	—	—	Grande (VII)	Grande (II)
Ribeirão dos Macacos	Macacos (XI, XII)	—	Macacos (VIII)	Macacos (IV)
Ribeirão da Mutuca	—	Mutuca (IX)	Mutuca (VI)	—
Córrego Olaria	—	—	—	Olaria (IV)

Rio do Peixe	Peixe (XI, XIII)	Peixe (IX, X)	Peixe (VIII)	Peixe (I, III) Peyxe (II)
Córrego Seco	Seco (XII)	Seco (X)	—	—
Córrego Tamanduá	Tamanduá (XI)	Tamandua (X)	—	—
Córrego Tapera	Tapera (XI)	—	—	—
Córrego Vargem Grande	Vargem Grande (XI)	—	Varge Grande (VIII)	—
Rio das Velhas	Velhas (XI, XI, XII, XIII)	Velhas (IX)	Velhas (V, I, VII, VIII)	Velhas (I, III, IV)
Córrego Vieira	Vieira (XII)	—	—	—

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Belo Horizonte, 1986; IBGE - Carta Topográfica Rio Acima, 1977.

Município 15: Ribeirão das Neves

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Córrego Água Fria	—	Agoas Frias (X)	—	—
Córrego São José	São José (XI)	—	—	—

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Pedro Leopoldo, 1986; IBGE - Carta Topográfica Contagem, 1981.

Município 16: Rio Acima

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Córrego Água Limpa	Água Limpa (XI)	Agoa Limpa (X)	—	—
Córrego Cocho D'água	—	Cocho d'Agoa (X)	Cocho d'Agoa (VIII)	—

Córrego Manso	Manso (XII)	—	—	Manso (II, III)
Córrego Olhos- d'água	Olhos d'Agoa (XI)	Olhos dágoa (X)	Olhos d'Agoa (VI)	Olhos d'Agoa (IV)
Córrego da Onça	Onça (XI)	—	—	—
Córrego Palmital	Palmital (XI)	—	—	Palmital (III)
Rio do Peixe	Peixe (XI XIII)	Peixe (IX, X)	Peixe (VIII)	Peixe (I, III) Peyxe (II)
Ribeirão da Prata	—	Prata (IX)	Prata (VI, VII)	Prata (III)
Rio das Velhas	Velhas (XI, XI, XII, XIII)	Velhas (IX)	Velhas (V, I, VII, VIII)	Velhas (I, III, IV)

Mapas Contemporâneos para este município

. Carta Topográfica Rio Acima, 1977; IBGE - Carta Topográfica Acuruí, 1977.

Município 17: Pedro Leopoldo

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Córrego Água Fria	—	Agoas Frias (X)	—	—
Córrego Bebedouro	Bebedouro (XI)	—	—	—
Córrego Cachoeira	—	Caxoeira (X)	Cachoeira (VI)	—
Córrego Campinho	Campinho (XI)	—	—	—
Córrego da Estiva	Estiva (XI)	—	—	—
Córrego Grande	—	—	Grande (VII)	Grande (II)
Córrego Jenipapo	Genipapo (XI)	Jenipapo (X)	Jenipapo (VIII)	—
Córrego do Marimbondo	—	—	—	Marimbondo (I)
Ribeirão da Mata	Mata (XI)	—	Mata (VIII)	Mata (II)
Córrego da Ponte Alta	—	—	Ponte Alta (VI)	—
Córrego Quilombo	—	—	—	Quilombo (I)

Córrego Samambaia	—	—	—	Samambaya (III, IV)
Lagoa do Sumidouro	Sumidouro (XII)	—	—	—
Córrego Tijuco	Tyjuco (XII)	—	—	—
Rio das Velhas	Velhas (XI, XI, XII, XIII)	Velhas (IX)	Velhas (V, I, VII, VIII)	Velhas (I, III, IV)

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Pedro Leopoldo, 1986; IBGE - Carta Topográfica Lagoa Santa ,1977; IBGE - Carta Topográfica Baldim, 1977.

Município 18: Esmeraldas

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Ribeirão das Abóboras	—	Abobras (X)	Abóbras (VIII)	—
Córrego Água Fria	—	Agoas Frias (X)	—	—
Córrego Brumado	Brumado (XII)	Brumado (X)	—	Brumados (I)
Córrego dos Caetanos	Caetanos (XI)	—	—	Caetano (I)
Córrego Caeté	—	—	—	Cayaté (I)
Córrego do Campo Alegre	—	—	—	Campo Alegre (IV)
Córrego Capão Grosso	Capão Grosso (XI)	Capão Grosso (X)	—	Capão Grosso (IV)
Ribeirão do Cipó	Sipo (XI) Sipó (XII)	Sipó (X)	Sipó (VIII)	Cipó (II)
Córrego do Engenho	Engenho (XI)	—	—	—
Córrego do Estiva	Estiva (XI)	—	—	—
Córrego Fundo	Fundo (XI)	—	Fundo (VIII)	Fundo (II)
Ribeirão Grande	—	—	Grande (VII)	Grande (II)
Córrego Jatobá	Jatobá (XII)	Jatobá (X)	—	—
Córrego das Lajes	—	Lages (IX)	—	—

Córrego do Macuco	—	—	—	Macuco (II)
Córrego Mambuca	—	—	—	Mombuca (I)
Rio Paraopeba	—	—	Paraopeba (VI)	Paraopeba (II)
Córrego da Passagem	Passagem (XI)	Passagem (X)	Passagem (VIII)	—
Córrego do Retiro	Retiro (XI)	—	Retiro (VIII)	—
Córrego Santa Rita	—	Santa Rita (IX)	—	Santa Rita (I)
Ribeirão Santo Antônio	S. Antônio (XII)	S. Antônio (IX)	Santo Antônio (VI, VII, VIII)	Santo Antônio (I, II)
Córrego São José	São José (XI)	—	—	—
Córrego Seco	Seco (XII)	Seco (X)	—	—
Córrego Sucuriú	Sucuriú (XII)	Sucuriú (IX) Sucuriá (X)	Sucuriú (VIII)	Sucuriú (IV)
Córrego Táboa	—	Tabua (X)	—	—
Córrego das Tabocas	Taboca (XI)	—	Tabóca (VIII)	Taboca (I)
Córrego Taquara	Urucuia (XI)	—	—	—
Córrego do Tijuco	Tyjuco (XII)	—	—	—
Córrego Várzea do Cocho	Vargem do Cocho (XI)	—	—	—

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Pedro Leopoldo, 1986; IBGE - Carta Topográfica Contagem, 1981; IBGE - Carta Topográfica Cachoeira dos Macacos, 1976; IBGE - Carta Topográfica Esmeraldas, 1976.

Município 19: Nova União

Forma Contemporânea	Forma séc. XIX – 2ª metade – (1851-1900)	Forma séc. XIX – 1ª metade – (1801-1850)	Forma séc. XVIII – 2ª metade – (1751-1800)	Forma séc. XVIII – 1ª metade – (1701-1750)
Córrego Baú	—	—	—	Baú (II)
Córrego do Carmo	—	—	—	Carmo (I)

Córrego Estrema	Estrema (XI, XII)	Estrema (IX)	Estrema (VIII)	—
Córrego Fundo	Fundo (XI)	—	Fundo (VIII)	Fundo (II)
Córrego Lagoa	Lagoa (XI)	—	—	—
Rio Preto	Preto (XI)	Preto (IX, X)	Preto (VI)	Preto (II, III, IV)
Rio Taquaraçu	Taquaraçu (XI) Taquaraçu (XII)	—	Taquarusu (VIII)	—
Rio Vermelho	Vermelho (XII)	—	Vermelho (VIII)	—
Córrego Vieira	Vieira (XII)	—	—	—

Mapas Contemporâneos para este município

. IBGE - Carta Topográfica Caeté, 1996; IBGE - Carta Topográfica Jaboticatubas, 1977.

5.2. Considerações sobre mudança e retenção lingüísticas nos dados coletados

Pela observação dos dados expostos neste capítulo, podemos tecer algumas considerações a respeito da variação e de retenção lingüísticas encontradas em nosso *corpus*. Ao se estudar a toponímia, é possível constatar que a mudança em nomes de lugares pode sofrer alterações ao longo dos séculos (cf. SEABRA, 2004). Em se tratando da hidronímia, a partir de nosso *corpus* (mapas antigos e contemporâneos e a base de dados do ATEMIG), poderíamos dizer que poucos são os nomes dos cursos d'água que sofreram alterações significativas, pois a maioria deles se mantiveram ao longo dos anos, tornando-se, assim, cristalizados.

Theodora Bynon, em sua obra intitulada *Historical Linguistics* (1986), defende a retenção dos nomes de rios e cursos d'água. Ela afirma que principalmente quando o assunto é a toponímia e os nomes se relacionam aos acidentes físicos, a cristalização da denominação será o esperado. Acrescenta, ainda, que os nomes de lugares podem ser uma importante fonte de informação a respeito de povos que habitaram um certo local, e que isso se deveria a dois fatores: um deles é o fato de os nomes ligados às localidades serem mais resistentes quanto a renomeações, mesmo quando a língua falada na área for substituída por outra, e que essa resistência é particularmente maior no caso de nomes de rios e montanhas, pois constiuem

marcas topográficas importantes em muitas regiões. O exemplo citado pela autora é o rio Tâmis, que deve, segundo as evidências das pesquisas na região, carregar esse mesmo nome há, pelo menos, cerca de dois mil anos.

O segundo fator tem a ver com a nomeação e as regras sincrônicas da linguagem num mesmo período, e isso permite-nos pesquisar quais eram as regras lingüísticas da comunidade que habitou determinado local na época em que foi feita a nomeação. Em outras palavras, Bynon afirma que:

Quando os nomes de lugar puderem permitir que sejam encontrados estados passados da língua em termos de espaço geográfico, o léxico de uma proto-linguagem pode fornecer a informação não somente sobre o ambiente físico de seus falantes (e indiretamente também sobre a área geográfica em que viveram), mas igualmente sobre sua cultura material e espiritual³⁸ (BYNON, 1986, p.278, tradução nossa).

Para o fechamento de nossas considerações, basta-nos concluir que as idéias de Bynon correspondem à nossa visão de estudo, que é a relação entre língua, sociedade e cultura. Podemos perceber que ocorreram, em nossos dados, determinadas mudanças, mas que essas restringiram-se a pequenas alterações ortográficas ou, como no caso do Rio das Velhas, na tradução literal do tupi para o português.

Nosso *corpus* constituiu-se tanto de nomes que não sofreram nenhum tipo de alteração ao longo dos séculos, como *Ajuda*, *Prata*, *Boa Vista*, *Capão*, *Gualaxo do Norte*, *Velhas*, quanto de alguns que sofreram pequenas variações, como *Cipó* (*Sipó*), *Cachoeira* (*Caxoeira*), *Água Suja* (*Ágoa Suja*). Apenas em alguns poucos, tivemos uma mudança um pouco mais significativa, como em *Mombaça* (*Mombuça*) e *Maynard* (*Maynarte*).

Todos os nomes em que foram encontradas mudanças de qualquer natureza, e também aqueles nomes para os quais se encontrou um registro antigo, mesmo que sem diferença para a sua forma atual, foram registrados em nosso glossário, que será exposto no capítulo seguinte.

³⁸ While place-names can sometimes allow one to locate past language states in terms of geographical space, the lexicon of a proto-language may provide information not only about the physical environment of its speakers (and hence indirectly about the geographical area in which they lived) but also about their material and spiritual culture.



FOTO 07 – Arbusto Mata-pau (figueira-vermelha) já instalado como parasita em uma mangueira
Fonte: Acervo pessoal.

CAPÍTULO VI – O GLOSSÁRIO

6.1. Apresentação dos verbetes pela forma Semasiológica

Seguem, por meio da ordem alfabética, os verbetes de nosso Glossário. Reafirmamos que, para a organização dos verbetes, tanto no modo semasiológico como no onomasiológico, foram retiradas as repetições dos nomes, e portanto, aqui não teremos o total geral igual a 820. Constam, no Glossário, os nomes dos cursos d'água, sem as suas repetições.

Cada verbete está organizado de modo que contenha uma reunião de todas as informações coletadas. Temos, inicialmente, a entrada, que é o nome do acidente, em seguida, sua classificação morfológica, sua origem e sua classificação taxionômica. Foi criada uma definição para cada acidente, e, na seqüência, é possível conhecer a que tipo de acidente esse nome corresponde: se rio, córrego, lagoa, represa, riacho, etc, e ainda em que municípios, dentro dos 19 que englobam nossa pesquisa, esse nome aparece. Finalmente, teremos, como fechamento do verbete, os registros e os anos em que foram encontrados nos mapas pretéritos e atuais cada nome pesquisado. Não constam da listagem os 10 nomes não classificados ou não encontrados: *Cambinha, Cates, Cutão, Dalda, Manzinheiro, Mingu, Pai Coelho, Ranchosa, Xandu e Xigongo*.

Segue abaixo o Glossário, completo, composto por verbetes de A a V, de acordo com os registros feitos, remontando a 581 entradas.

A

ABÓBORAS – Nf [Spl] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Frutos da aboboreira – legumes de tamanho grande, que crescem rente ao solo. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Contagem, Esmeraldas. • Outros registros: *Abobras* (1800), *Abobras* (1821).

ACABA MUNDO – NCm [VERB + Ssing] • *Português < Latim* • Dirrematopônimo • Expressão utilizada na linguagem popular para designar um lugar muito distante, ou de difícil acesso. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte. • Outros registros: *Acaba Mundo* (1873).

ACIMA – [ADV] • *Português < Latim* • Dimensiotopônimo • Lugar mais alto, mais elevado; parte superior. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

AÇUDE – Nm [Ssing] • *Árabe* • Hidrotopônimo • Lago artificial, decorrente de construção feita para represar água de chuvas, rios e córregos. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Itabirito, Ribeirão das Neves, Esmeraldas.

AÇUDINHO – Nm [Ssing] • *Árabe* • Hidrotopônimo • Pequeno lago artificial, decorrente de construção feita para represar água de chuvas, rios e córregos. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

AFOGADOR – Nm [ADJ] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Que ou quem afoga alguma coisa ou alguém. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

AGOSTINHO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Diminutivo de Augusto, prenome, de origem portuguesa, que significa “soberano”. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

ÁGUA FÉRREA – NCf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Diz-se da água de coloração acobreada, contaminada pela presença do ferro, proveniente do minério de ferro. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

ÁGUA FRIA – NCf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Água que se encontra com a temperatura muito baixa. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Ribeirão das Neves, Pedro Leopoldo, Esmeraldas. • Outros registros: *Agoas Frias* (1821).

ÁGUA LIMPA – NCf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Diz-se da água potável e/ou livre de impurezas. • Nomeia → *lagoa* no município de Itabirito; *córrego* nos municípios de Santa Luzia, Rio Acima. Outros registros: *Agoa Limpa* (1821), *Água Limpa* (1855).

ÁGUA LIMPA DE BAIXO – NCf [Ssing + ADJsing + {Prep + ADV}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Diz-se da água potável e/ou livre de impurezas que corre na parte de baixo de uma localidade ou terreno. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

ÁGUA LIMPA DE CIMA – NCf [Ssing + ADJsing+ {Prep + ADV}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Diz-se da água potável e/ou livre de impurezas que corre na parte de cima de uma localidade ou terreno. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

ÁGUA SUJA – NCf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Água contaminada por impurezas, imprópria para ser ingerida. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Itabirito, Contagem; *ribeirão* no município de Nova Lima. • Outros registros: *Agoa Suja* (1734-1735), *Água Suja* (1804).

AJUDA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Auxílio, socorro, assistência. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Ajuda* (1734-1735).

ALEMÃES – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Etnotopônimo • Pessoas naturais da Alemanha. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

ALENTEJO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Corotopônimo • Região localizada no sul de Portugal. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

ALMAS – Nf [Spl] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Forma plural de “alma” – elemento espiritual que compõe o homem. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito. • Outros registros: *Almas* (1734-1735, 1780, 1855).

ALVARENGAS – Nm [Spl] • *Germânico* • Antropotopônimo • Forma derivada do prenome também germânico, “Álvaro”. • Nomeia → *ribeirão* no município de Sabará. • Outros registros: *Alvarengas* (1855).

AMÂNCIO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome – derivado da forma latina “Amantius”. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

AMARELO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Cromotopônimo • Cor que se assemelha à cor do sol. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

AMIANTO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Litotopônimo • Composto mineral a partir do qual se confeccionam produtos incombustíveis, como fios, placas e telhas. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

AMORES – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Forma plural de “amor” – sentimento entre pessoas que se desperta a partir de afinidades ou atração. • Nomeia → *ilha* no município de Belo Horizonte.

ANDAIME – Nm [Spl] • *Árabe* • Ergotopônimo • Construção provisória de tábuas, utilizada para apoiar operários em uma obra. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

ANDAIMES – Nm [Spl] • *Árabe* • Ergotopônimo • Forma plural de “andaima” – construção provisória de tábuas, utilizada para apoiar operários em uma obra. • Nomeia → *córrego* no município de Rio Acima.

ANDRÉ GOMES – NCm [Ssing + Ssing] • *Híbrida (Grego + Português)* • Antropotopônimo • Prenome e apelido de família, em que “André” significa “varonil, viril” e “Gomes”, “homem da guerra”. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

ANDREQUICÉ – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Gramínea cortante cujo nome deriva da composição tupi – “andira” (planta leguminosa) e “quissé” (faca). Na forma tupi, “andyràquicê”, segundo Silveira Bueno (1998). • Outros registros: *Andrequecé* (1800), *Andrequecé* (1821), *Andre-quece* (1855).

ANGICO – Nm [Ssing] • *Origem incerta* • Fitotopônimo • Árvore originária da América tropical, utilizada e explorada por sua boa madeira. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

ANGU – Nm [Ssing] • *Africano* • Ergotopônimo • Alimento cozido feito com a utilização de farinha de milho (fubá), água e sal (acrescentado à mistura apenas em algumas regiões do Brasil). • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

ANTÔNIO FERREIRA – NCm [Ssing + Ssing] • *Híbrido (Português + Espanhol)* • Antropotopônimo • Prenome e apelido de família. Segundo Guérios (1994), a ampla difusão do nome “Antônio” deve-se à alusão a Santo Antônio de Pádua; já “Ferreira”, originalmente

tem como significado “onde há ferro”. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins.

APARECIDA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Hagiotopônimo • Prenome, de origem religiosa, que faz alusão à Nossa Senhora da Aparecida • Nomeia → *córrego* no município de Nova União.

ARAÚJO – Nm [Ssing] • *Galego* • Antropotopônimo • Apelido de família. Originalmente, a forma era feminina, “Araúja”, mas por ser amplamente usada para homens, passou a “Araújo” (GUÉRIOS, 1994). • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

AREÃO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Litotopônimo • Areia grossa, densa, misturada com terra e cascalho • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Arião* (1821).

AREDES – Nm [Ssing] • *Espanhol* • Antropotopônimo • Apelido de família, de origem espanhola proveniente da região de Salamanca. • Nomeia → *ribeirão* no município de Itabirito.

AREIA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Litotopônimo • Substância mineral, encontrada geralmente em grânulos, decorrente de erosões rochosas • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas. • Outros registros: *Areya* (1734-1735), *Areá* (1780), *Areâ* (1800), *Areia* (1855).

AREIAS – Nf [Spl] • *Português < Latim* • Litotopônimo • Forma plural de “areia” – substância mineral, encontrada geralmente em grânulos, decorrente de erosões rochosas. • Nomeia → *ribeirão* nos municípios de Vespasiano, São José da Lapa.

ARNICA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Planta proveniente do hemisfério norte, aclimada no Brasil, cuja tintura é usada para tratar escoriações, luxações e ferimentos doloridos. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

ARRUDAS – Nf [Spl] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Forma plural de *arruda*, erva européia trazida para o Brasil da qual se desprende um óleo irritante e venenoso. Segundo a superstição, essa erva seria capaz de espantar o mau-olhado. • Nomeia → *ribeirão* no município de Contagem, Belo Horizonte.

ATALHO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Hodotopônimo • Caminho feito fora da estrada comum, geralmente com o objetivo de encurtar a distância entre dois ou mais locais. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

AUGUSTO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome proveniente da forma latina “Augustus”, cujo significado é “soberano, sublime”. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

AZEVEDO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família cuja forma provém da palavra “azevo”, certo tipo de arbusto espinhoso. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

B

BAETA – Nm [S_{sing}] • *Francês* • Antropotopônimo • Apelido de família, primitiva alcunha. Segundo Guérios (1994, p.80), essa alcunha era dada, “por vezes, ao habitante de Minas Gerais, em que os camponeses usavam geralmente de baeta.” • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

BAGAÇO – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • É o que resta dos frutos depois que lhes é retirado o suco. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

BAIANA – Nf [S_{sing}] • *Português < Latim (baía)* • Etnotopônimo • Mulher que vive ou nasceu no estado da Bahia. • Nomeia → *lagoa* nos municípios de Vespasiano, São José da Lapa.

BALEIA – Nf [S_{ing}] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Mamífero marinho de tamanho agigantado que habita os oceanos. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte. • Outros registros: *Baleia* (1784).

BAMBU – Nm [S_{sing}] • *Malaio* • Fitotopônimo • Gramínea lenhosa e arborescente que cresce em moitas. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

BAMBUS – Nm [S_{pl}] • *Malaio* • Fitotopônimo • Forma plural de “bambu” – gramínea lenhosa e arborescente que cresce em moitas. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas. (a introdução do –s não altera a origem para “híbrido”?)

BANANEIRAS – Nf [S_{pl}] • *Africano (banana) + sufixo português (-eira)* • Fitotopônimo • Árvores de origem índico-asiática, transplantadas para a África. Segundo Seabra (2008), *apud* Senna (1926, p.234-235), “Em Minas, todos os toponimos derivados desta palavra e planta índico-asiática transplantadas do Oriente para o continente negro e dahi vindas para o Brasil por intermédio do tráfego com a costa africana de Oéste (Atlantico), são bastante communs, havendo povoações, fazendas, rios, sitios e logares conhecidos com o nome de *Bananal* e de *Bananeiras*.” • Nomeia → *córrego* nos municípios de Ouro Preto, Caeté. • Outros registros: *Bananeiras* (1734-1735).

BANDARRA – Nf [S_{sing}] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Reunião festiva, multidão. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

BARBOSA – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família cujo significado remete à planta conhecida pelo nome de “barba”. • Nomeia → *ribeirão* no município de Sabará. • Outros registros: *Barbosa* (1734-1735).

BARONESA – Nf [S_{sing}] • *Germânico* • Axiotopônimo • Título de nobreza concedido à mulher que tem baronato, esposa do barão. • Nomeia → *ribeirão* no município de Santa Luzia.

BARREIRO – Nm [S_{sing}] • *Pré-românico (barro) + sufixo português -eiro* • Litotopônimo • Solo úmido e resvaladiço, local onde há mistura de terra e água. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Santa Luzia, Belo Horizonte, Ribeirão das Neves, Esmeraldas. (não seria híbrido?)

BARREIRO GRANDE – NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Híbrida (Pré-românico + Português < Latim)* • Litotopônimo • Local de grandes proporções onde o solo é úmido e resvaladiço devido à presença de terra e água. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

BARRO – Nm [S_{sing}] • *Pré-românico* • Litotopônimo • Terra muito úmida que forma barreiros. O barro pode ser utilizado na fabricação de vasos, vasilhas e louças. • Nomeia → *riacho* no município de Esmeraldas.

BARRO PRETO – NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Híbrida (Pré-românico + Português < Latim)* • Litotopônimo • Barro que adquire coloração mais escura devido à espécie de terra que o compõe ou à presença de algum sedimento. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

BASTOS – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família que remete a uma localidade com esse mesmo nome e também à alcunha de uma família: os Bastos (LEITE DE VASCONCELOS *apud* GUÉRIOS, 1994). • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

BATATAL – Nm [S_{sing}] • *Híbrida – (Espanhol + sufixo português –al)*. • Fitotopônimo • Nome dado à planta do tubérculo comestível “batata”. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté. • Outros registros: *Batatal* (1800).

BAÚ – Nm [S_{sing}] • *Francês* • Ergotopônimo • Espécie de caixa de madeira, geralmente com tampa convexa, em que se guardam objetos diversos, que pode ou não conter tranca. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Caeté, Nova União, Raposos. • Outros registros: *Baú* (1734-1735).

BÊBADO – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Pessoa que se encontra sob o efeito do álcool; ébrio. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins.

BEBEDOURO – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Nome dado ao lugar ou recipiente em que os animais bebem água. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins, Pedro Leopoldo. • Outros registros: *Bebedouro* (1855).

BELA VISTA – NC_f [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Refere-se a um local do qual se pode ter uma ampla e bonita visão dos lugares em derredor. • Nomeia → *córrego* no município de Contagem.

BELA FAMA – NC_f [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Designa impressões de cunho moral, social e físico, motivadas por uma pessoa ou lugar bem-vistos pelo senso comum. O termo pode, ainda, ser usado, de forma irônica. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

BELÉM – Nf [S_{sing}] • *Hebraico* • Corotopônimo • Nome da cidade palestina “Bethlehem”, situada ao sul de Jerusalém, em Israel, em que, de acordo com o relato bíblico, nasceu Jesus. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

BENEDITO – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome proveniente da forma latina “Benedictus”; significados: “o bendito”, “o abençoado”. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

BENEVIDES – Nm [Ssing] • *Espanhol* • Antropotopônimo • Apelido de família, de origem espanhola, “Benavides”, derivado do árabe, significando, nesse idioma, “filho de escravo”. Em Portugal, eram chamados Benevides os que se apossaram de uma vila com esse nome. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

BENTO DA COSTA – NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome e apelido de família. “Bento” corresponde à forma popular “Benedito”; “Costa” é metaforicamente aplicado na orografia. • Nomeia → *rio* no município de Esmeraldas.

BERNARDO – Nm [Ssing] • *Germânico* • Antropotopônimo • Prenome de origem germânica, “Bernhard”, cujo significado é “urso forte”; adaptado à ortografia portuguesa. • Nomeia → *córrego* no município de Nova União.

BERNARDO DE SOUSA – NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *Híbrida (Germânico + Português)* • Antropotopônimo • Prenome e apelido de família. “Bernardo”, “urso forte”; “Sousa” equivale a “seixa”, espécie de pombo bravo, cuja forma latina é “Saxa”. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Vespasiano, São José da Lapa.

BETIM – Nm [Ssing] • *Flamengo* • Antropotopônimo • Apelido de família. Remete ao sertanejo José Rodrigues Betim, paulista, filho de Garcia Rodrigues Velho e de sua mulher, Maria Betim. Esse sertanejo, juntamente com Antônio Pereira Taques, foi um dos descobridores do ouro em Minas Gerais. • Nomeia → *ribeirão* e *rio* no município de Contagem.

BIBOCA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Ecotopônimo • Moradia muito simples. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté. • Outros registros: *Biboca* (1734-1735).

BICAS – Nf [Spl] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Forma plural de “bica”, pequeno canal por onde corre a água. Podem ou não ser produzidas pela mão do homem. • Nomeia → *ribeirão* nos municípios de Sabará, Santa Luzia; *córrego* no município de Santa Luzia. • Outros registros: *Bicas* (1804, 1873).

BOA VISTA – NCf [ADJsing + Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Refere-se a locais em que se tem uma vista privilegiada das redondezas. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Ouro Preto, Taquaraçu de Minas; *ribeirão* no município de Taquaraçu de Minas. • Outros registros: *Boa Vista* (1800, 1821, 1855).

BOIADEIROS – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Forma plural de “boiadeiro” – homens responsáveis pelo manejo do gado. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

BOM DESTINO – NCm [ADJsing + Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Indica que algo ou alguém teve ou terá bom fim. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito; *ribeirão* nos municípios de Sabará, Santa Luzia.

BOM JESUS – NCm [ADJsing + Ssing] • *Português < Latim* • Hierotopônimo • Refere-se a Jesus Cristo e, muitas vezes, acompanha nomes de lugares como em Bom Jesus de Matozinhos, Bom Jesus de Paraopeba, entre outros. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Belo Horizonte, Contagem. • Outros registros: *Bom Jesus* (1855).

BOM RETIRO – NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Híbrida (Português + Origem incerta)* • Animotopônimo • Diz-se de um lugar agradável para um passeio ou um lugar afastado e agradável. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

BOM SUCESSO – NCm [ADJ_{sing}+ S_{sing}] • *Português < Latim* • Hierotopônimo • Remete a Nossa Senhora do Bom Sucesso. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Itabirito, Belo Horizonte. • Outros registros: *Bom Sucesso* (1855).

BOMBA – Nf [S_{sing}] • *Italiano* • Ergotopônimo • Máquina utilizada para elevar, comprimir, esgotar ou fazer circular fluidos. No meio rural, utilizada para o manejo da água, geralmente para fazê-la subir de um poço ou cisterna à superfície. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

BOMBINHA – Nf [S_{sing}] • *Italiano* • Ergotopônimo • Forma diminutiva de “bomba”, cujo fim geralmente é o de elevar a água de um poço ou cisterna à superfície. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

BOTAFOGO – Nm [S_{sing}] • *Híbrida (Francês + Português)* • Dirrematopônimo • Que atíça, lança ou provoca o fogo. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

BOTICÁRIO – Nm [S_{sing}] • *Francês* • Sociotopônimo • Preparador e comerciante de medicamentos; antiga designação para o que hoje denominamos como farmacêutico. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

BRAÇÃO – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Somatotopônimo • Forma aumentativa de “braço”, termo com diversas acepções, entre as quais se destacam: membro do corpo humano, entre o ombro e o cotovelo; ramificação de um curso d’água. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

BRAÇO – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Somatotopônimo • Termo cujas principais acepções são membro do corpo humano, entre o ombro e o cotovelo; ramificação de um curso d’água: braço de rio, braço de mar. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

BRAGA – Nm [S_{sing}] • *Pré-românico* • Antropotopônimo • Apelido de família. Forma primitiva: “Brácará”. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

BRANCO – Nm [ADJ_{sing}] • *Germânico* • Cromotopônimo • Alvo, cândido, da cor do leite ou da neve. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté. • Outros registros: *Branco* (1734-1735, 1784).

BRANDÃO – Nm [S_{sing}] • *Germânico* • Antropotopônimo • Apelido de família, derivado de “Blandian”, família antiga originária da Normandia. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

BRÁS GOMES – NCm [S_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família: a forma “Brás” é proveniente do latim “Blasius” e significa “homem gago”. “Gomes” é português, podendo significar “homem da guerra”. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

BRAÚNA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Árvore cujo tronco fornece madeira para dormentes e do qual se extrai uma resina comestível. • Nomeia → *córrego* no município de Rio Acima.

BREJO – Nm [Ssing] • *Origem incerta* • Hidrotopônimo • Terreno pantanoso, encharcado, lodoso, onde podem habitar anfíbios. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Caeté, Ribeirão das Neves.

BRENHA – Nf [Ssing] • *Origem incerta* • Fitotopônimo • Mata espessa, repleta de árvores; matagal. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

BRUMADO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Termo que designa nevoeiro ou bruma; refere-se também a situações confusas e não definidas, obscuras. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Sabará, Lagoa Santa, Esmeraldas, Confins; *ribeirão* no município de Sabará, Raposos. • Outros registros: *Brumados* (1734-1735), *Brumado* (1821, 1873).

BUCHA – Nf [Ssing] • *Francês* • Fitotopônimo • Planta cujo fruto é uma espécie de rede esponjosa, empregada para limpeza e/ou esfoliação por ser levemente abrasiva. • Nomeia → *córrego* no município de Pedro Leopoldo.

BUGRE – Nm [Ssing] • *Francês* • Etnotopônimo • Nome depreciativo utilizado para referência aos nativos brasileiros, sejam esses índios ou filhos mestiços. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito. • Outros registros: *Bugres* (1804).

BURACO – Nm [Ssing] • *Origem incerta* • Geomorfotopônimo • Cova, vala, toca. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito, Lagoa Santa, Confins.

BURACO D'ANTA – NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *Híbrida (Origem incerta + Árabe africano)* • Geomorfotopônimo • Cova, buraco ou espécie de toca utilizada para esconderijo de antas em caso de se sentirem ameaçadas por predadores. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

BURNIÊ – Nm [Ssing] • *Francês* • Antropotopônimo • Apelido de família, de origem francesa, cuja forma original é “Burnier”, significando “o que mora em casa de pastor”. • Nomeia → *rio* no município de Ouro Preto.

C

CAATINGA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Vegetação caracterizada por árvores de pequeno porte e mato rasteiro. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

CABAÇAS – Nf [Spl] • *Origem incerta* • Ergotopônimo • Forma plural de “cabaça” – espécie de vasilhame que se origina do fruto seco da cabaceira (certo tipo de abóbora). • Nomeia → *córrego* no município de Raposos.

CABEÇA-DE-BOI – NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Planta da família das orquidáceas que possui flores amarelas, com lapelo branco, de até 20 cm de altura, nativa do Brasil. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará.

CABECEIRA ALTA – NCf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Nascente de rio ou riacho, ou local elevado em que está situada. • Nomeia → *córrego* no município de Rio Acima.

CABECEIRA DO MEIO – NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Nascente de rio ou riacho, que ocupa a parte do meio de determinado terreno ou região. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

CABELEIRA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Somatotopônimo • Designação que se dá aos cabelos da cabeça, quando longos e bastos. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Vespasiano, São José da Lapa.

CABRAL – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, que significa “lugar onde há ou pastam cabras”. • Nomeia → *ribeirão* nos municípios de Belo Horizonte, Contagem. • Outros registros: *Cabral* (1800).

CACHOEIRA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Queda d’água que pode ter diferentes tamanhos, catarata, cascata. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Caeté, Ouro Preto, Taquaraçu de Minas, Santa Luzia, Pedro Leopoldo; *ribeirão* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Cachoeira* (1780), *Caxoeira* (1821).

CACHOEIRA DO BENTEVI – NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Nome dado à cachoeira em cujo entorno habitem pássaros do tipo bem-te-vis. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Vespasiano, São José da Lapa.

CACHOEIRA GRANDE – NCf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Queda d’água que atinge grandes proporções e altura. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

CACHOEIRINHA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Queda d’água que possui pequena dimensão ou altura, pequena catarata. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Ouro Preto, Pedro Leopoldo, Nova Lima; *ribeirão* no município de Belo Horizonte.

CACIQUE – Nm [Ssing] • *Espanhol* • Axiotopônimo • Qualificativo dado ao chefe dos indígenas, responsável pelas decisões políticas e sociais, tendo sempre a última palavra no grupo. • Nomeia → *córrego* no município de Ribeirão das Neves.

CAETANOS – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família derivado da forma latina “Caietanus”; significa “habitante natural de Caieta, cidade italiana”. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas. • Outros registros: *Caetano* (1734-1735), *Caetanos* (1855).

CAETÉ – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Designação comum de diversas ervas nativas do Brasil. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Caeté, Esmeraldas. • Outros registros: *Cayaté* (1734-1735).

CAFÉ – Nm [Ssing] • *Árabe* • Fitotopônimo • Pequeno fruto da árvore conhecida como cafezeiro, que, depois de torrado e moído, é usado como bebida. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Caeté, Ribeirão das Neves.

CAFUNDÃO – Nm [Ssing] • *Africano* • Geomorfotopônimo • O mesmo que “cafundó”, lugar muito distante e de difícil acesso. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

CAFUNDÓ – Nm [Ssing] • *Africano* • Geomorfotopônimo • Lugar muito distante e de difícil acesso. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins. • Outros registros: Cafundó (1734-1735, 1855).

CAIEIRA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Ergotopônimo • Fábrica e lugar onde se calcina a cal. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

CAIXA D'ÁGUA – NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Híbrida (Catalão + Português)* • Ergotopônimo • Compartimento ou espécie de reservatório onde se armazena água para o abastecimento de residências, estabelecimentos, etc. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

CALAZANS – Nm [Ssing] • *Espanhol* • Antropotopônimo • Apelido de família, de origem religiosa: “São José de Calazans”, natural de Calazans, na Catalunha. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

CALÇADA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Hodotopônimo • Caminho ou rua que possui pavimento, seja de pedras, cimento ou tijolos. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

CÁLI – Nm [Ssing] • *Árabe* • Fitotopônimo • Planta “soda” e cinzas dessa planta. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

CAMBRAIA – Nf [Ssing] • *Francês* • Antropotopônimo • Apelido de família de motivação toponímica. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

CAMINHO DO MANDU – NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Híbrida (Português + Africano)* • Hodotopônimo • Estrada ou percurso criado ou freqüentado por um tolo. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

CAMINHO NOVO – NCm [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Hodotopônimo • Estrada, passagem, rota criada há não muito tempo. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

CAMPESTRE – Nm [ADJsing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Relativo ao campo, bucólico. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

CAMPINHO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Forma diminutiva de “campo”; terreno plano, não muito amplo, com poucas árvores e poucas depressões. • Nomeia → *córrego* no município de Pedro Leopoldo. • Outros registros: *Campinho* (1855).

CAMPO ALEGRE – NCm [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Campo em cuja região não se encontra tristeza, ou motivo para tristeza. • Nomeia → *córrego* nos

municípios de Contagem, Esmeraldas; *ribeirão* no município de Esmeraldas. • Outros registros: *Campo Alegre* (1734-1735).

CAMPO CASA BRANCA – NCf [S_{sing} + S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Híbrida (Português + Português + Germânico)* • Fitotopônimo • Campo no qual se encontra uma construção residencial de cor branca. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Casa Branca* (1873).

CAMPO CASA GRANDE – NCf [S_{sing} + S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Campo onde foi edificada uma construção residencial ampla. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

CAMPO DE SANTO ANTÔNIO – NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Campo oferecido ou consagrado ao santo católico “Antônio”, um dos mais populares no Brasil, considerado casamenteiro e defensor das causas dos menos favorecidos. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

CAMPO SANTO – NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Campo considerado como sagrado. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

CAMPO SANTO ANTÔNIO – NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Campo cujo nome faz referência ao santo católico “Antônio”, um dos mais populares no Brasil, considerado casamenteiro e defensor das causas dos menos favorecidos • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

CANA-DO-REINO – NCf [S_{sing} + {(Prep + A_{sing}) + S_{sing}}] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Planta da família das gramíneas cujo colmo é utilizado para diversos fins, como fabricação de flautas, varas para pesca, entre outros. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

CANAVIAL – N_m [S_{sing}] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Plantação de canas, lugar em que crescem canas. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

CANCELINHA – N_f [S_{sing}] • *Português < Latim* • Ergotopônimo • Forma diminutiva de “cancela” – porta de madeira, extensa, mas de pequena altura, muito utilizada em fazendas. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

CANDANGO - N_m [S_{sing}] • *Africano* • Antropotopônimo • Alcinha utilizada pelos africanos para se referirem aos portugueses. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

CÂNDIDA – N_f [S_{sing}] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome que significa “alvo, branco, puro”. • Nomeia → *córrego* no município de Raposos.

CANELA – N_f [S_{sing}] • *Francês* • Fitotopônimo • Casca odorífica da árvore de nome “caneleira”, empregada como especiaria. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

CANOAS – N_m [Spl] • *Espanhol* • Ergotopônimo • Forma plural de “canoa”, pequena embarcação, geralmente feita de madeira, utilizada para navegação em rios e mar e impelida a remos. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins. • Outros registros: *Canoas* (1855).

CANTAGALO – Nm [Ssing] • *Origem incerta* • Corotopônimo • Município do estado do Rio de Janeiro. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Pedro Leopoldo, Esmeraldas.

CAPÃO – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Bosque isolado no meio de uma região descampada. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Capão* (1780, 1800, 1821, 1855).

CAPÃO DA ONÇA – NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Híbrida (Tupi + Português)* • Fitotopônimo • Bosque isolado no meio de uma região descampada em cujo ambiente habitariam onças. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa e Confins.

CAPÃO DE SANTANA – NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *Híbrida (Tupi + Português)* • Fitotopônimo • Bosque isolado no meio de uma região descampada o qual faz alusão à Santa Ana, santa católica considerada como avó de Jesus Cristo. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins.

CAPÃO DO BOI – NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Híbrida (Tupi + Português)* • Fitotopônimo • Bosque isolado no meio de uma região descampada em cujo ambiente habitariam bois. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

CAPÃO DO FERRAZ – NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Híbrida (Tupi + Português)* • Fitotopônimo • Bosque isolado no meio de uma região descampada pertencente a alguém cujo apelido de família é Ferraz. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará.

CAPÃO DO POÇO – NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Híbrida (Tupi + Português)* • Fitotopônimo • Bosque isolado no meio de uma região descampada em cujas proximidades se situaria um poço. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

CAPÃO GROSSO – NCm [Ssing + ADJ_{ssing}] • *Híbrida (Tupi + Português)* • Fitotopônimo • Bosque isolado e espesso. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas. • Outros registros: *Capão Grosso* (1734-1735, 1821, 1855).

CAPÃO ONÇA – NCm [Ssing + Ssing] • *Híbrida (Tupi + Português)* • Fitotopônimo • O mesmo que “Capão da Onça”, região de bosque isolado em um descampado onde habitariam onças. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

CAPITÃO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Axiotopônimo • Qualificativo que designa chefe militar, oficial do exército responsável pelo comando de uma expedição. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

CAPITÃO DA MATA – NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Português < Latim* • Axiotopônimo • Qualificativo que designa o mesmo que “capitão do mato”; homem responsável por caçar escravos fugidos, a laço ou a tiro. • Nomeia → *represa* no município de Nova Lima.

CAPOEIRA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Mato denso, matagal. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Taquaraçu de Minas, Esmeraldas.

CAPOEIRA ALTA – NCf [Ssing + ADJ_{ssing}] • *Híbrida (Tupi + Português)* • Fitotopônimo • Mato alto, denso, abundante. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

CAPOEIRA DO MEIO – NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Híbrida (Tupi + Português)* • Fitotopônimo • Mato denso que ocupa a região do meio, ou divide ao meio determinada localidade. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

CARACÓIS DE CIMA – NCm [Spl + {Prep + Ssing}] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Fitotopônimo • Planta trepadeira de até 10 metros, nativa do Brasil, localizada na parte superior de uma determinada região. Em Minas Gerais, essa planta é também conhecida como feijão do mato. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

CARAPINA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Sociotopônimo • Carpinteiro que lida com obras de madeira em geral. • Nomeia → *ribeirão* no município de Esmeraldas.

CARDOSO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família cujo significado é “chão cheio de cardos”. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Nova Lima, Ouro Preto; *ribeirão* no município de Itabirito.

CARIOCA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Etnotopônimo • Relativo à cidade do Rio de Janeiro ou natural dela. • Nomeia → *córrego* no município de Raposos.

CARMO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Hagiopônimo • Prenome de caráter religioso, que remete a Nossa Senhora do Carmo. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Nova União, Itabirito; *ribeirão* no município de Itabirito. • Outros registros: *Carmo* (1734-1735).

CARRANCAS – Nf [Spl] • *Origem incerta* • Animotopônimo • Feição carregada, fisionomia sombria, de mal humor, raiva, desgosto, entre outros. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Vespasiano, São José da Lapa.

CARRAPATO – Nm [Ssing] • *Pré-românico* • Zootopônimo • Ectoparasita de vertebrados terrestres. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Caeté, Nova Lima. • Outros registros: *Carrapatos* (1784).

CARRETÃO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Carreteiro, carroceiro. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

CASA VELHA - NCf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Ecotopônimo • Residência antiga. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

CASCALHEIRA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Litotopônimo • Depósito onde se ajunta o cascalho. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

CATA BRANCA – NCf [Ssing + ADJsing] • *Híbrida (Português + Germânico)* • Sociotopônimo • “Cata” refere-se ao local da garimpagem. *Cata Branca* remete à mina de *Cata Branca dos Areches*, explorada a partir de fins do século XVII, em Itabirito. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

CAVA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Geomorfotopônimo • Fosso, vala, escavação em pedra, madeira ou terra. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Itabirito, Esmeraldas.

CAVEIRA – Nf [S_{sing}] • *Português < Latim* • Somatotopônimo • Crânio e ossos da face descarnados. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Caveira* (1780).

CAXETA – Nf [S_{sing}] • *Provençal* • Ergotopônimo • O mesmo que “caixeta”; pequena caixa de madeira utilizada para diversos fins, como o armazenamento de doces secos. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

CEDRO – Nm [S_{sing}] • *Grego* • Fitotopônimo • Árvore nativa das regiões montanhosas no norte da África e da Ásia, admirada pela excelente qualidade e beleza de sua madeira. • Nomeia → *córrego* no município de Nova União.

CERCADINHO – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Ergotopônimo • Forma diminutiva de “cercado”; área de um terreno delimitada por meio de sebe, muros ou estacas. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

CHAPADA – Nf [S_{sing}] • *Origem incerta* • Geomorfotopônimo • Planalto, clareira. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

CHAPÉU-DE-SOL – NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}] • *Francês* • Fitotopônimo • Árvore que pode atingir até quinze metros de altura, muito ramosa e com flores verdes e brancas, originária da Amazônia e das Guianas. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

CHATINHO – Nm [ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Dimensiotopônimo • Diminutivo de “chato”; achatado, que não tem relevo, que é plano. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

CIPÓ – Nm [S_{sing}] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Nome que se dá a grande número de plantas trepadeiras, que possuem hastes flexíveis e delgadas. • Nomeia → *ribeirão* no município de Esmeraldas; *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Cipó* (1734-1735), *Sipó* (1800, 1821, 1855).

CIPRIANO – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome derivado da forma latina “Cyprianus”. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Vespasiano, São José da Lapa.

COBRAS – Nf [S_{pl}] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Forma plural de “cobra”; serpente, designação geral dos ofídios. • Nomeia → *córrego* no município de Pedro Leopoldo.

COCHO D’ÁGUA – NC_m [S_{sing} + {Prep + S_{sing}}] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Ergotopônimo • Espécie de vasilha ou recipiente de madeira ou outro material, utilizado para acondicionar água para os animais. • Nomeia → *córrego* no município de Rio Acima. • Variante: *Cocho d’agoa* (1800, 1821).

CODORNA – Nf [S_{sing}] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Ave de porte semelhante ao da codorniz, de cabeça pequena e corpo volumoso, cuja coloração varia do pardo ao acinzentado e cujos ovos são bastante apreciados. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima; *represa* no município de Nova Lima.

COELHOS – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Mamífero da ordem dos roedores, originário do Sul da Europa e Norte da África. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

COIVARA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Quantidade de ramagens às quais se atea fogo nas roças para limpar o terreno e adubá-lo com cinzas. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

COLINA – Nf [Ssing] • *Francês* • Geomorfotopônimo • Pequeno monte, com altitude inferior a cinqüenta metros. • Nomeia → *córrego* no município de Ribeirão das Neves.

COLÔNIA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Região ou território controlado por um Estado dominador e povoado por emigrantes e povos nativos. • Nomeia → *ribeirão* no município de Ouro Preto.

COMPRIDO – Nm [ADJsing] • *Português < Latim* • Dimensiotopônimo • Longo, extenso, alongado. • Nomeia → *ribeirão* no município de Caeté.

CONGONHAS – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Árvore nativa do Brasil, que pode atingir até dez metros de altura, de folhas semelhantes às do mate, flores esbranquiçadas e frutos drupáceos. • Nomeia → *ribeirão* nos municípios de Itabirito, Nova Lima. • Outros registros: *Congonhas* (1766, 1800, 1855).

CONTAS – Nf [Spl] • *Francês* • Ergotopônimo • Pequenas peças que, possuindo um pequeno orifício no centro e unidas por um fio, formam um terço ou um colar. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará.

COQUEIRO – Nm [Ssing] • *Origem incerta* • Fitotopônimo • Espécie de palmeira que tem como fruto o coco. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

CORONEL GOMES – NCm [Ssing + Spl] • *Híbrido (Francês + Português)* • Axiotopônimo • Qualificativo que designa determinado posto da hierarquia militar; no interior do Brasil, esse termo também significa “chefe político”. • Nomeia → *córrego* no município de Vespasiano, São José da Lapa.

CORTESIA – Nf [Ssing] • *Italiano* • Animotopônimo • Gentileza, delicadeza, polidez. • Nomeia → *córrego* no município de Rio Acima.

COZINHEIRA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Mulher que se ocupa do ambiente da cozinha, de sua limpeza e do preparo dos alimentos. • Nomeia → *córrego* no município de Nova União.

CRIMINOSO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Aquele que pratica crimes, delinqüente, réu. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

CRIoulos – Nm [ADJsing] • *Português < Latim* • Etnotopônimo • Forma plural de “crioulo”; indivíduo nascido da miscigenação entre pai europeu e mãe negra. Designação muito utilizada no Brasil colônia para designar os filhos mestiços de portugueses com negras. Muitas vezes, é utilizado como alcunha depreciativa. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará.

CRISTAIS – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Litotopônimo • Espécie de quartzo incolor ou vidro incolor, porém mais puro e cristalino. • Nomeia → *ribeirão* no município de Nova Lima. • Outros registros: *Cristais* (1821).

CRUZ – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Hierotopônimo • Objeto que se apresenta como duas hastes que se cortam perpendicularmente; simboliza o cristianismo e faz alusão à morte de Cristo no madeiro. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito. • Outros registros: *Cruzes* (1821).

CUMBE – Nm [Ssing] • *Africano* • Sociotopônimo • Cachaça, aguardente. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

CUPIM – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Zootopônimo • Espécie de insetos que constrói ninhos na madeira, em árvores ou na terra; nome dado também aos ninhos que esse inseto constrói na superfície da terra. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

CUQUINHO – Nm [Ssing] • *Origem incerta* • Fitotopônimo • Forma diminutiva de “coco” e variação de “coquinho”; o fruto do coqueiro. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Coquinhos* (1734-1735).

CURRAL DE PEDRAS – NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Sociotopônimo • Construção feita de pedras, utilizada para ajuntar o gado, ou para reunir as vacas para a ordenha. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

CURRALINHO – Nm [Ssing] • *Origem incerta* • Sociotopônimo • Forma diminutiva de “curral”; pequeno lugar onde se ajunta o gado, ou se reúne as vacas para a ordenha. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas. • Outros registros: *Curralinho* (1734-1735).

CURVINHA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Morfotopônimo • Forma diminutiva de “curva”; o que não é reto, linha sinuosa, flexão. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

CUSTÓDIO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome derivado da forma latina “Custodia”, significando “guarda, vigilância”; faz alusão a “anjo custódio”, ou seja, anjo da guarda. • Nomeia → *represa* no município de Ouro Preto.

D

DEFUNTO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Indivíduo que não vive mais; falecido. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

DELGADO – Nm [ADJsing] • *Português < Latim* • Dimensiotopônimo • Magro, fino, pouco espesso, tênue. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

DERRUBADA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Ato de promover a devastação de determinada área repleta de árvores a fim de utilizar o terreno para plantio de culturas ou para pasto. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Santa Luzia, Esmeraldas.

DERRUBADO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Desmoronado, caído, deitado abaixo. • Nomeia → *córrego* no município de Nova União.

DINIZ – Nm [Ssing] • *Francês* • Antropotopônimo • Apelido de família, equivalente à forma francesa “Denis”; relativo ao deus grego “Dionísio”. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

DIOGO – Nm [Ssing] • *Origem incerta* • Antropotopônimo • Prenome equivalente à “Dídaco”, que significa “instruído”. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

DOIS BREJINHOS – NCm [NUM + Spl] • *Híbrida (Português + Origem incerta)* • Numerotopônimo • Terreno ou região em que se encontram dois brejos. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

DONA JOANA – NCf [Ssing + Ssing] • *Híbrida (Latim + Hebraico)* • Antropotopônimo • O qualificativo “Dona” é bastante utilizado no Brasil e representa o tratamento respeitoso atribuído a mulheres casadas ou mais velhas. “Joana” – forma feminina de “João”, traz o significado: “Javé é cheio de graça”. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

DOUTOR – Nm [ADJsing] • *Português < Latim* • Axiotopônimo • Tradicionalmente, qualificativo que se refere a “médico”; também muito utilizado, principalmente no interior do Brasil, para designar pessoas importantes e/ou diplomadas. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

E

EIXO – Nm [Ssing] • *Grego* • Ergotopônimo • Qualquer peça cilíndrica em torno da qual se ligam outras peças. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

EMBIRA – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Tipo de arbusto que, sendo devidamente preparado, pode ser usado como corda ou estopa. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

ENFORCADOS – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Plural de “enforcado” – o que tirou a própria vida ou foi morto por meio de enforcamento. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

ENGENHO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Conjunto de maquinário e outros dispositivos necessários para realizar a preparação do álcool e/ou do açúcar. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Taquaraçu de Minas, Caeté, Esmeraldas; *ribeirão* no município de Caeté. • Outros registros: *Engenho* (1855).

ENGENHO NOGUEIRA – NC_m [S_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Conjunto de maquinários e outros dispositivos necessários para realizar a preparação de álcool e/ou açúcar, cuja propriedade pertence ou pertenceu a um certo homem ou a uma família denominada “Nogueira” – apelido de família, cujo significado é “árvore da noz”. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

ENGENHO VELHO – NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Conjunto de maquinários antigos e outros equipamentos, também antigos, usados para preparação de álcool e/ou açúcar. • Nomeia → *ribeirão* nos municípios de Caeté, Nova União.

ENJEITADO – [ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Rejeitado, abandonado, excluído. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

ESPIA – Nm [S_{sing}] • *Italiano* • Sociotopônimo • Indivíduo que, às escondidas, espreita a vida ou as ações de outrem; espião. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

ESPINHEIRO – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Planta que possui muitos espinhos em seus galhos. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

ESPRAIADO – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Geomorfotopônimo • Alongado, estendido, espalhado. • Nomeia → *córrego* no município de Pedro Leopoldo.

ESTIVA – Nf [S_{sing}] • *Italiano* • Hodotopônimo • Paus ou varas atravessados por sobre um riacho ou pequeno rio, formando uma ponte tosca. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Taquaraçu de Minas, Pedro Leopoldo, Esmeraldas. • Outros registros: *Estiva* (1855).

ESTRANGULADO – Nm [S_{sing}] • *Grego* • Animotopônimo • Aquele que sofre estrangulamento; estreitamento. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

ESTREITO – Nm [ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Dimensiotopônimo • Pouco largo, comprimido, apertado, justo. Designa, no Brasil, o trecho de um rio em que a sua largura normal se reduz de repente. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

ESTREMA – Nf [S_{sing}] • *Português < Latim* • Dimensiotopônimo • Limite ou marco divisório empregado em propriedades rústicas. • Nomeia → *córrego* no município de Nova União. • Outros registros: *Estrema* (1800, 1804, 1855, 1873).

F

FALCÃO – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Nome comum para diversas espécies de aves de rapina. • Nomeia → *ribeirão* no município de Ouro Preto.

FARINHA SECA – NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Ergotopônimo • Alimento em forma de pó, sem umidade, obtido através da moenda de alguns cereais, sementes e raízes, como o milho e a mandioca. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

FAUSTINO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome cuja forma latina é “Faustinus”, diminutivo de “Fausto”; feliz, venturoso, ditoso. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

FAZENDA - Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Estabelecimento rural destinado à lavoura ou à criação de animais, como gado, cabras, ovelhas, búfalos, galinhas, porcos, entre outros. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

FAZENDA VELHA – NCf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Antigo estabelecimento rural destinado à lavoura ou à criação de animais. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Rio Acima, Belo Horizonte.

FAZENDINHA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Forma diminutiva de “fazenda”; pequena propriedade destinada à lavoura ou à criação de animais. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

FECHOS – Nm [Spl] • *Origem incerta* • Ergotopônimo • Forma plural de “fecho”; ferrolho de porta. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

FEITAGEM – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Forma variante de “feita”; momento, oportunidade. • Nomeia → *córrego* no município de Ribeirão das Neves.

FEIXO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Ergotopônimo • Forma variante de “feixe”; molho, braçada, lio. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

FELICIANO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome cuja forma original vem do latim, “Felicianus” – venturoso, feliz. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

FELÍCIO GOMES – NCm [Ssing + Spl] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • “Felício” – prenome, de origem portuguesa, cuja forma original latina é sinônimo de “Feliciano” – alegre, feliz, venturoso. “Gomes” – apelido de família, cujo significado é “homem da guerra”. • Nomeia → *córrego* no município de Raposos.

FÉLIX – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome, de origem latina, cuja forma original é “Felix”. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

FERREIRA – Nm [Ssing] • *Espanhol* • Antropotopônimo • Apelido de família, que significa “onde há ferro”. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Itabirito, Pedro Leopoldo.

FERREIRAS – Nm [Spl] • *Espanhol* • Antropotopônimo • Forma plural de “Ferreira”, prenome, que significa “onde há ferro”. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Caeté, Ribeirão das Neves, Esmeraldas.

FIDALGO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Homem nobre, cujo título pode ter sido conseguido por meio de descendência ou benefício régio. • Nomeia → *lagoa* nos municípios de Lagoa Santa, Confins; *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins. • Outros registros: *Fidalgo* (1734-1735).

FIDÉLIS – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome, cuja forma original provém do latim “Fidelis”; fiel. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Santa Luzia, Sabará.

FILIPÃO – Nm [Ssing] • *Grego* • Antropotopônimo • Forma aumentativa de “Filipe”; prenome, cuja forma grega é “Philippos”, que significa “amigo de cavalos”. • Nomeia → *ribeirão* no município de Esmeraldas.

FILIPE – Nm [Ssing] • *Grego* • Antropotopônimo • Prenome de origem grega, “Philippos”; “amigo de cavalos”. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Sabará, Itabirito.

FLORENÇO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • O mesmo que “Florêncio”; prenome, que significa “florescente”, derivado da forma latina “florentius”. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará.

FLORESTA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Vegetação cerrada constituída de árvores de grande porte, mata. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Belo Horizonte, Esmeraldas.

FOLHA MIÚDA – Ncf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Órgão de pequeno tamanho, apendicular e geralmente de cor verde que se desenvolve junto ao caule e ramos das plantas; folha pequena. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

FONTE GRANDE – Ncf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Nascente de grande porte, grande fonte que jorra do solo. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

FORMIGA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Insetos da família dos formicídeos, que vivem em colônias, debaixo da terra, ou constroem ninhos sobre árvores, no oco dos troncos, entre outros lugares. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté. • Outros registros: *Formiga* (1780, 1784).

FORTALEZA – Nf [Ssing] • *Provençal* • Sociotopônimo • Fortificação, forte. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

FORTUNA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Bens, riqueza, cabedal. No sentido não literal também significa “sina”, “sorte” ou “azar”. • Nomeia → *córrego* no município de Nova União.

FRAGA – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, cuja variação é “Fragoso”; lugar onde há fragas. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

FRAZÃO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família; “fragueiro”. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

FRIO – Nm [ADJsing] • *Português < Latim* • Meteorotopônimo • Gélido, que não tem calor, que possui baixa temperatura. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

FUNDÃO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Dimensiotopônimo • Muito fundo, muito profundo. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

FUNDO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Dimensiotopônimo • Profundo, que tem fundura. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Nova Lima, Esmeraldas, Nova União, Itabirito, Raposos. • Outros registros: *Fundo* (1734-1735, 1800, 1855).

FUNIL – Nm [Ssing] • *Provençal* • Geomorfotopônimo • Utensílio feito de lata, plástico ou outro material, em forma de pirâmide ou cone invertido, em cujo vértice há um tubo, mais fino e comprido. É utilizado para verter líquidos em garrafas que possuam gargalo estreito. • Nomeia → *córrego, ribeirão e rio* no município de Ouro Preto.

FURADO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Que possui furo, buraco ou rasgo. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

FURNA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Geomorfotopônimo • Lapa, subterrâneo, caverna, gruta. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

G

GAIA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, cujo significado é “alegre, divertido”. • Nomeia → *ribeirão* nos municípios de Caeté, Sabará. • Outros registros: *Gaya* (1879).

GAINHA – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Forma diminutiva de “Gaia”, “alegre, divertido”. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará.

GAMA – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família cujo significado é “fêmea do gamo”. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Gama* (1734-1735).

GAMBÁ – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Zootopônimo • Mamífero marsupial. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins.

GAMELEIRA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Árvore cuja madeira é geralmente utilizada para a fabricação de gamelas e outros utensílios domésticos. • Nomeia → *córrego* na região de Santa Luzia. • Outros registros: *Gameleira* (1873).

GARCIA – Nm [Ssing] • *Pré-românico* • Antropotopônimo • Apelido de família, cujo significado é “urso”. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

GENTIL – Nm [ADJsing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Cortês, cavalheiro. • Nomeia → *córrego* no município de Nova União.

GLÓRIA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome português, de origem religiosa, que remete à Nossa Senhora da Glória. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

GORDURA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Capim tipicamente brasileiro, conhecido também como catingueiro. Desenvolve-se muito rápido e pode ser consorciado com leguminosas. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

GOUVEIA – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, de origem portuguesa. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Gouvea* (1734-1735).

GRAJAÚ – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Zootopônimo • Forma variante de “garajau”, ave aquática. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

GRANDE – Nm [ADJsing] • *Português < Latim* • Dimensiotopônimo • Vasto, extenso, de dimensões avantajadas. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto, Nova Lima, Pedro Leopoldo, Nova União; *lagoa* no município de Esmeraldas; *ribeirão* no município de Esmeraldas. • Outros registros: *Grande* (1734-1735, 1784).

GROTA – Nf [Ssing] • *Italiano* • Geomorfotopônimo • Vale profundo, localizado entre montanhas. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

GROTA FRIA – NCf [Ssing + ADJsing] • *Híbrida (Italiano + Português)* • Geomorfotopônimo • Vale profundo, localizado entre montanhas, no qual predominem as baixas temperaturas. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

GUALAXO DO NORTE – NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Híbrida (Americanismo + Português)* • Etnotopônimo • Grupo étnico encontrado na Venezuela, no Uruguai e no Brasil. • Nomeia → *rio* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Gualaxo do Norte* (1734-1735, 1766, 1873, 1879).

GUARUJÁ – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Zootopônimo • Variação de “guaruçá”, espécie de pequenos caranguejos brancos, que andam pela areia das praias. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

GURITA – Nf [Ssing] • *Italiano* • Sociotopônimo • O mesmo que “guarita”, cabina em que ficam os vigias, feita de madeira, pedra ou concreto. • Nomeia → *ribeirão* no município de Ouro Preto.

H

HERCULANO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome que significa “natural de Herculano”, uma antiga cidade italiana. • Nomeia → *córrego* no município de Nova União.

HOLANDA – Nf [Ssing] • *Germânico* • Corotopônimo • País europeu. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

I

INÁCIA DE CARVALHO – Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • *Pré-românico* • Antropotopônimo • “Inácia” – feminino de Inácio, prenome, cujo significado está relacionado a fogo; Carvalho – Apelido de família que remete à planta de mesmo nome. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Vespasiano, São José da Lapa.

INDEPENDÊNCIA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Historiotopônimo • Libertação; é o fato de não se estar relacionado ou subordinado a algo ou alguém. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Belo Horizonte, Contagem.

INFERNO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Hierotopônimo • Lugar de danação e suplício eterno, segundo a crença do cristianismo, onde perecerão os condenados. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia. • Outros registros: *Inferno* (1780, 1855).

IPU – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Espécie de planta cuja raiz é purgativa. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

ISIDORO – Nm [Ssing] • *Grego* • Antropotopônimo • Prenome, que tem como significado “presente de Ísis”, deusa egípcia. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

ITABIRITO – Nm [Ssing] • *Itabira (Indígena Tupi)* + - *ito (sufixo grego)* • Litotopônimo • Termo dado por Von Eschwege à rocha constituída de minério de ferro especular micáceo, ferro especular compacto, raramente laminado, predominante na região de Itabira, M.G. • Nomeia → *rio* nos municípios de Itabirito, Rio Acima.

ITAPORANGA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Litotopônimo • Variação de “Itapiranga”, concha de coloração rosa. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Vespasiano, São José da Lapa, Pedro Leopoldo.

J

JACU – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Zootopônimo • Ave galiforme, com plumagem uniforme e escura, pescoço alongado e cabeça pequena. Possui um papo vermelho e saliente na região da garganta. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

JACUBA – Nf [Ssing] • *Origem incerta* • Ergotopônimo • Espécie de papa composta de farinha de mandioca, mel, açúcar ou rapadura, a qual pode-se acrescentar leite ou cachaça e é servida como refresco. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

JAGUARA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Zootopônimo • O mesmo que “onça-pintada”, felídeo americano. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito. • Outros registros: *Jaguara* (1734-1735, 1800).

JAMBEIRO – Nm [Ssing] • *Sânscrito* • Fitotopônimo • Nome dado à árvore que produz o fruto “jambo”. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

JAQUE – Nm [Ssing] • *Francês* • Antropotopônimo • Forma reduzida de “Jacques”, prenome, de origem francesa, sinônimo de “Jacó”, “enganador(a)”. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins. • Outros registros: *Jaques* (1821).

JAQUELINE – Nf [Ssing] • *Francês* • Antropotopônimo • Prenome, de origem francesa, forma feminina de “Jacques”, sinônimo de “Jacó”, “enganador(a)”. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

JATOBÁ – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Designação comum a determinadas árvores e ao fruto que elas produzem, quase negros, cilíndricos e com polpa farinácea. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte. • Outros registros: *Jatobá* (1821, 1873).

JENIPAPO – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Fruto do jenipapeiro; baga sublogosa, amarelada, com polpa aromática. • Nomeia → *córrego* no município de Pedro Leopoldo. • Outros registros: *Jennipapo* (1800), *Genipapo* (1855).

JEQUITI – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Variação de “Jequitibá”. Árvore bastante alta, imponente e bela, típica da floresta atlântica e cuja madeira é bastante nobre. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Jequiti* (1800).

JERIZA – Nf [Ssing] • *Espanhol* • Animotopônimo • O mesmo que “ojeriza”; aversão a algo ou alguém. • Nomeia → *represa* no município de Caeté.

JOANA NUNES – NCf [Ssing + Spl] • *Híbrida (Hebraico + Português)* • Antropotopônimo • Forma feminina de “João”, prenome, cujo significado é “Javé é cheio de graça”. “Nunes” – apelido de família, de origem portuguesa, correspondente a “Nuno”, que significa “pai”. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

JOÃO HUDE – NCm [Ssing + Ssing] • *Híbrida (Hebraico + Germânico)* • Antropotopônimo • “João” – prenome hebraico, cujo significado é “Javé é cheio de graça”; “Hude” – apelido de família de origem alemã. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

JOAQUIM DIAS – NCm [Ssing + Spl] • *Híbrida (Hebraico + Português)* • Antropotopônimo • “Joaquim” – prenome, que significa “Javé efetuará”; “Dias” – apelido de família, de origem portuguesa. • Nomeia → *córrego* no município de Pedro Leopoldo.

JOSÉ MARIA – NCm [Ssing + Ssing] • *Hebraico* • Antropotopônimo • “José” – prenome, de cunho religioso, pois faz alusão ao pai de Jesus Cristo; significa “Deus aumente”; “Maria” – prenome também de cunho religioso, alude à mãe de Jesus Cristo; significa “excelsa, sublime”. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins.

JOSÉ VAZ – NCm [Ssing + Ssing] • *Híbrida (Hebraico + Português)* • Antropotopônimo • “José” – prenome, de cunho religioso, faz alusão ao pai de Jesus Cristo, significando “Deus

amente”; “Vaz” – apelido de família, cuja forma é proveniente de “Vasco”. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará.

JUCA VIEIRA - NC_m [S_{sing} + S_{sing}] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Antropotopônimo • “Juca” – hipocorístico para designar pessoas de nome “José”; Vieira – Apelido de família de origem portuguesa, cujo significado é “veio de água”. • Nomeia → *ribeirão* no município de Caeté.

L

LABAREDA – Nf [S_{sing}] • *Origem incerta* • Animotopônimo • Língua de fogo, chama. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Rio Acima, Esmeraldas.

LAGOA – Nf [S_{sing}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Pequeno lago, pantanoso ou não. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Ouro Preto, Caeté, Contagem, Nova União; *ribeirão* no município de Contagem. • Outros registros: *Lagoa* (1855).

LAGOA DOS PATOS – NCf [S_{sing} + {(Prep+Asing) + Spl}] • *Híbrida (Português + Origem Onomatopaica)* • Hidrotopônimo • Pequeno lago habitado por patos. • Nomeia → *córrego* no município de Contagem.

LAGOA GRANDE – NCf [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Lago de proporções maiores que o comum. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Belo Horizonte, Nova Lima; *represa* no município de Nova Lima.

LAGOA SECA – NCf [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Pequeno lago cujas águas baixaram ou sofreram a ação da seca. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Caeté, Itabirito.

LAGOINHA – Nf [S_{sing}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Pequeno lago, forma diminutiva de “lagoa”. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Itabirito, Belo Horizonte, Ribeirão das Neves, Pedro Leopoldo; *lagoa* no município de Itabirito.

LAGOINHA SECA – NCf [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Pequeno lago cujas águas baixaram ou sofreram a ação da seca. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins.

LAJE – Nf [S_{sing}] • *Origem incerta* • Litotopônimo • Pedra lisa, chata e larga, de grandes dimensões. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Sabará, Santa Luzia; *ribeirão* no município de Santa Luzia. • Outros registros: *Lagem* (1855).

LAJES – N_m [Spl] • *Origem incerta* • Litotopônimo • Forma plural de “laje”; conjunto de pedras lisas, chatas, largas e de grande dimensão. • Nomeia → *ribeirão* no município de Sabará; *córrego* nos municípios de Santa Luzia, Esmeraldas. • Outros registros: *Lages* (1804).

LAJINHA – Nf [Ssing] • *Origem incerta* • Litotopônimo • Forma diminutiva de “laje”, pequena pedra, lisa, chata e larga. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Santa Luzia, Esmeraldas.

LAPA – Nf [Ssing] • *Pré-românico* • Litotopônimo • Grande pedra que forma um abrigo, ao ressaír de um rochedo. No Brasil, tem, também, o sentido peculiar de parte do chão de uma mina de exploração. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Lapa* (1734-1735).

LAPINHA – Nf [Ssing] • *Pré-românico* • Litotopônimo • Forma diminutiva de “lapa”, pequena pedra, lisa, que ressaír de um rochedo e forma um abrigo. • Nomeia → *lagoa* nos municípios de Lagoa Santa, Confins. • Outros registros: *Lapinha* (1855).

LAVRA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Geomorfotopônimo • Terreno de mineração, lugar onde se extrai metais e/ou pedras preciosas. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

LEITÃO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Filhote de porco, quando ainda amamentado ou possui pequeno tamanho. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

LIMEIRA – Nf [Ssing] • *Árabe* • Fitotopônimo • Árvore cítrica que produz o fruto “lima”. • Nomeia → *córrego* no município de Nova União.

LOBO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Animal da família dos canídeos, carnívoro e selvagem. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito, Lagoa Santa, Confins.

LOPES – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, cujo significado é “lobo”. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito, Nova União.

LUZIA DOS SANTOS – NCf [Ssing + {(Prep + Apl) + Spl}] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • “Luzia” – prenome de cunho religioso, alude à Santa Luzia, santa protetora dos olhos; “Santos” – apelido de família, também de cunho religioso, alude a todos os santos católicos. • Nomeia → *córrego* no município de Rio Acima.

M

MACACOS – Nm [Spl] • *Africano* • Zootopônimo • Forma plural de “macaco”, nome geral dado aos mamíferos da ordem dos primatas, com exceção do homem. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Ouro Preto, Belo Horizonte; *ribeirão* nos municípios de Nova Lima, Esmeraldas. • Outros registros: *Macacos* (1734-1735, 1800, 1855, 1873).

MACAQUINHOS – Nm [Spl] • *Híbrida – Africano (macaco) + sufixo português (-inho)* • Zootopônimo • Forma diminutiva de “macaco”, nome geral dado aos mamíferos da ordem dos primatas, com exceção do homem. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

MACHADOS – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família que significa “o que anda com, ou possui um machado”. • Nomeia → *ribeirão* no município de Ouro Preto; *córrego* no município de Sabará. • Outros registros: *Machados* (1734-1735), *Machado* (1800).

MACUCO – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Zootopônimo • Ave brasileira muito apreciada, de tamanho semelhante ao de uma galinha e de carne bastante saborosa. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Taquaraçu de Minas, Esmeraldas. • Outros registros: *Macuco* (1734-1735).

MAGALHÃES – Nm [Spl] • *Pré-românico* • Antropotopônimo • Apelido de família cujo significado é “grande”. • Nomeia → *córrego* no município de Nova União.

MAMBUCA – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Geotopônimo • O estreito ou a garganta. Variação de Mombaça. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas. • Outros registros: *Mombuca* (1734-1735).

MAMONA – Nf [Ssing] • *Africano* • Fitotopônimo • Fruta do mamoneiro. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

MANDIOCAL – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Terreno onde há plantação de mandiocas. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

MANDU – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Antropotopônimo • Tolo, parvo. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

MANGABEIRA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Árvore sul-americana, de fruto comestível (mangaba), de pequeno porte e tronco tortuoso, da qual se extrai borracha de qualidade inferior. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

MANGO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Ergotopônimo • Parte mais comprida de um instrumento para malhar cereais chamado “mangual”. • Nomeia → *ribeirão* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Mango* (1855).

MANGUE – Nm [Ssing] • *Origem incerta* • Fitotopônimo • Terreno pantanoso às margens de lagos, portos, onde vegeta a planta de nome “mangue”. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

MANGUES – Nm [Spl] • *Origem incerta* • Fitotopônimo • Forma plural de “mangue” – vegetal encontrado em terreno pantanoso às margens de lagos, portos. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

MANOEL PEREIRA – NCm [Ssing + Ssing] • *Híbrida (Hebraico + Português)* • Antropotopônimo • Prenome e apelido de família. “Manuel” – prenome, que corresponde a Emanuel, “Deus conosco”; “Pereira” – lugar onde há pêras”. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

MANSO – Nm [ADJsing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Sereno, pacífico, sem agressividade. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Ouro Preto, Itabirito, Rio Acima. • Outros registros: *Manso* (1734-1735, 1800).

MANUEL GATO – NC_m [S_{sing} + S_{sing}] • *Híbrida (Hebraico + Português)* • Antropotopônimo • Prenome e apelido de família. Remete ao bandeirante Manuel Borba Gato, genro de Fernão Dias e participante da expedição bandeirante no ano de 1674. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

MANUEL LUÍS – NC_m [S_{sing} + S_{sing}] • *Híbrida (Hebraico + Germânico)* • Antropotopônimo • “Manuel” – prenome, corresponde a Emanuel, “Deus conosco”. “Luís” – prenome, significa “célebre, famoso”. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

MAQUINÉ – N_m [S_{sing}] • *Origem incerta* • Fitotopônimo • Espécie de cipó. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia. • Outros registros: *Maquiné* (1873).

MARACUJÁ – N_f [S_{sing}] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Planta trepadeira, cujo fruto, que pode ser doce ou amargo, é muito apreciado. • Nomeia → *rio* nos municípios de Ouro Preto, Itabirito.

MÁRCIO – N_m [S_{sing}] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome, sinônimo de “Marcos” – “deus da guerra”. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

MARES – N_m [S_{pl}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Oceanos, conjunto das águas salgadas. • Nomeia → *lagoa* nos municípios de Lagoa Santa e Confins.

MARIA DA COSTA – NC_f [S_{sing} + {(Prep + A_{sing}) + S_{sing}}] • *Híbrida (Hebraico + Português)* • Antropotopônimo • “Maria” – prenome, de cunho religioso que alude à mãe de Jesus Cristo; “excelsa, sublime”. “Costa” – apelido de família, de origem portuguesa, metaforicamente aplicado na orografia. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

MARIMBONDO – N_m [S_{sing}] • *Africano* • Zootopônimo • Espécie de vespa dotada de agulhão inoculador de veneno. • Nomeia → *córrego* no município de Pedro Leopoldo. • Outros registros: *Marimbondo* (1734-1735).

MARINHOS – N_m [S_{pl}] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, de origem portuguesa, cujo significado é “do mar, marítimo”. • Nomeia → *aqueduto* no município de Nova Lima.

MARUMBÉ – N_m [S_{sing}] • *Africano* • Fitotopônimo • Variedade de feijão. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

MARZAGÃO – N_m [S_{sing}] • *Português < Latim* • Corotopônimo • Forma variante de “marçagão”, designação para o mês de março, que possui tempo inclemente. É nome de uma freguesia portuguesa do Conselho de Carraceda de Ansiães, região norte de Portugal, e também de uma cidade no Brasil, no estado de Goiás. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

MATA – N_f [S_{sing}] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Floresta, bosque, área extensa em que crescem árvores silvestres. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Ouro Preto, Esmeraldas; *ribeirão* nos municípios de Itabirito, Lagoa Santa, Confins, Vespasiano, São José da Lapa, Santa Luzia, Pedro Leopoldo. • Outros registros: *Mata* (1734-1735, 1800, 1855, 1879), *Matta* (1821).

MATA DA MINA – NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Híbrida (Português + Francês)* • Fitotopônimo • Bosque ou floresta situados junto a um local de exploração de minerais (mina). • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

MATA-MATÁ – NCm [Ssing + Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Árvore que possui diversas qualidades, conhecida pelos indígenas como *mataumutá*: a madeira serve para caibros e esteios; a entrecasca para cordas; os frutos alimentam os macacos. Nasce nos centros das matas, em partes úmidas. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

MATA PORCOS – NCm [VERB + Ssing] • *Português < Latim* • Dirrematopônimo • Lugar destinado à matança dos porcos, matadouro. • Nomeia → *ribeirão* no município de Itabirito.

MATA-PAU – NCm [VERBSing + Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Árvore da família das moráceas, nativa do Brasil e de toda a América tropical úmida, conhecida, também, como figueira vermelha. É considerada como parasita, pois mata a planta hospedeira, sufocando-a por cintamento. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

MATIAS – Nm [Spl] • *Hebraico* • Antropotopônimo • Prenome; forma abreviada do hebraico “Matatias”. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

MATINHA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Pequena floresta, bosque ou área em que cresçam árvores silvestres. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

MATO DA FÁBRICA – NCm [Ssing+ {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Área próxima a uma fábrica tomada por plantas agrestes. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

MATO DA ROÇA – NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Matagal, brenha, que cresce junto a um roçado. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

MATO VIRGEM – NCm [Ssing + Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Terreno coberto de plantas agrestes, que ainda não foi roçado. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Esmeraldas, Taquaraçu de Minas.

MATUTO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Aquele que vive no mato, desconfiado, tímido, roceiro. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Pedro Leopoldo, Itabirito.

MAYNARD – Nm [Ssing] • *Germânico* • Antropotopônimo • Variação de “Mainardo”, cuja forma alemã é “Meinhard”; prenome, de origem alemã, que significa “forte no poder”. • Nomeia → *rio* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Maynarte* (1734-1735), *Mainarte* (1766, 1800, 1821, 1879).

MEDEIROS – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, de origem toponímica. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

MEIO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Dimensiotopônimo • Ponto que se situa numa posição equidistante das extremidades. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

MEIRA – Nm [Ssing] • *Espanhol* • Antropotopônimo • Apelido de família, muito antigo. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

MELOSO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Variedade de capim, também chamado de “capim catigueiro”. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

MENDES – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, cuja forma é variante de “Mendo”, que significa “o que há de ser advertido”. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

MERGULHÃO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Nome comum dado a diversas aves que possuem a capacidade de mergulhar, com o objetivo de caçar peixes, e permanecerem submersas por algum tempo. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

MESQUITA – Nm [Ssing] • *Árabe* • Antropotopônimo • Apelido de família, de cunho religioso, cujo significado é “templo dos maometanos”. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Mesquita* (1734-1735).

MILHO VERDE – NCm [Ssing + Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Planta gramínea cujos grãos se desenvolvem em espigas, muito usada na alimentação humana. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

MINA – Nf [Ssing] • *Pré-românico* • Geomorfotopônimo • Cavidade artificial ou veio no meio da terra, aberto para a extração de minérios, combustíveis, água, entre outros. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

MINA D'ÁGUA – NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • *Pré-românico* • Hidrotopônimo • Nascente de água, minadouro. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Nova Lima, Itabirito.

MINEIRÃO – Nm [Ssing] • *Pré-românico* • Etnotopônimo • Forma aumentativa de “mineiro”, aquele que lida com minas ou vive na região de Minas Gerais. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

MOINHO - Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Engenho ou máquina de moer grãos ou tritar determinadas substâncias. Pode ser movido à força das águas, vento, ou por meio de animais. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Ouro Preto, Itabirito, Lagoa Santa, Confins.

MOINHOS – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Forma plural de “moinho”, engenho ou máquina de moer grãos ou tritar substâncias, movido pela força das águas, do vento ou de animais. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Moinhos* (1855).

MOLEQUE – Nm [Ssing] • *Africano* • Antropotopônimo • Criança do sexo masculino. Pode ser também usado como alcunha depreciativa, no sentido de “menino vadio” ou também como hipocorístico. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Itabirito, Rio Acima.

MOMBAÇA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Geotopônimo • Variação de “mombaca”, o estreito, a garganta. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Mombuca* (1734-1735).

MONJOLO – Nm [Ssing] • *Africano* • Sociotopônimo • Engenho primitivo movido pela força da água e que se destinava a pilar o milho. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará.

MONTALVÃO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, cujo significado remete a “monte alvo”. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

MORAES – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, cujo significado é “muro”. • Nomeia → *córrego* no município de Rio Acima.

MOREIRA – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, cujo significado remete a “amora”. • Nomeia → *ribeirão* no município de Ouro Preto.

MORRO DO AZEITE – NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Híbrida (Origem incerta + Árabe)* • Geomorfotopônimo • Monte ou outeiro no qual se plantam olivais para posterior fabricação do azeite. • Nomeia → *córrego* no município de Raposos.

MORRO GRANDE – NCm [Ssing + ADJsing] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Geomorfotopônimo • Outeiro, monte muito alto. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

MORRO PRETO – NCm [Ssing + Ssing] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Geomorfotopônimo • Outeiro ou monte sem vegetação, ou com pouca vegetação, cuja coloração adquire tom nigérrimo devido ao tipo de terra que o compõe, de cor escura. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

MORRO REDONDO – NCm [Ssing + ADJsing] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Geomorfotopônimo • Monte ou outeiro cuja curvatura seja bastante acentuada, de maneira que se assemelhe a um meio-círculo. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Contagem, Esmeraldas.

MORRO VERMELHO – NCm [Ssing + ADJsing] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Geomorfotopônimo • Outeiro ou monte sem vegetação, ou com pouca vegetação, cuja coloração adquire tom avermelhado devido ao tipo de terra, chamada “terra vermelha”, que o compõe. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

MOSTARDA – Nf [Ssing] • *Francês* • Fitotopônimo • Semente da mostardeira, de sabor marcante, muito empregada como condimento ou alimento. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

MULATO – Nm [Ssing] • *Espanhol* • Antropotopônimo • Aquele que é escuro ou trigueiro, mestiço das raças branca e negra. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

MUTUCA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Zootopônimo • Designação popular para os insetos hematófagos, cujas picadas causam dor momentânea e, posteriormente, coceira. • Nomeia → *ribeirão* no município de Nova Lima; *córrego* no município de Nova Lima. • Outros registros: *Mutuca* (1780, 1804).

N

NADO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Ato de nadar, espaço que pode ser percorrido por meio da natação. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

NATIVIDADE – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Hierotopônimo • Nascimento; remete especificamente ao nascimento de Cristo, da Virgem Maria ou dos santos. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

NAVIO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Ergotopônimo • Embarcação de grande porte, destinada ao transporte de carga e passageiros, cuja navegação pode ser marítima, fluvial ou lacustre. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

NEVES – Nf [Spl] • *Português < Latim* • Hierotopônimo • Remete à invocação de Nossa Senhora das Neves. • Nomeia → *ribeirão* no município de Ribeirão das Neves, Pedro Leopoldo.

O

OLARIA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Fábrica em que são produzidos utensílios de barro, tanto para uso culinário (panelas, utensílios de cozinha), quanto para uso nas construções (tijolos, telhas, manilhas). • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto, Itabirito, Belo Horizonte, Sabará, Vespasiano, São José da Lapa, Raposos, Nova Lima. • Outros registros: *Olaria* (1734-1735).

OLHOS D'ÁGUA – NCm [Spl + {Prep + Ssing}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Forma plural de “olho d’água”, nascente de água no solo; minadouro. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté, Belo Horizonte, Lagoa Santa, Confins, Rio Acima; *lagoa* nos municípios de Lagoa Santa, Confins. • Outros registros: *Olhos d’Agoa* (1734-1735, 1855), *Olhos dágoa* (1821).

ONÇA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Designação comum a mamíferos da família dos felídeos, animal carnívoro e selvagem. Também é conhecido pelo nome de puma, suçuarana, jaguar, entre outros. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Itabirito, Rio Acima; *ribeirão* no município de Belo Horizonte. • Outros registros: *Onça* (1855).

OURO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Litotopônimo • Metal precioso de cor amarela, maleável, pesado e dúctil. Pela cobiça desse metal, foram motivadas muitas das incursões em território brasileiro. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas. • Outros registros: *Ouro* (1855).

P

PACHECO – Nm [Ssing] • *Origem incerta* • Antropotopônimo • Apelido de família, cujo significado é incerto. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

PACIÊNCIA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Qualidade de quem espera com calma o que tarda, longanimidade. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté, Itabirito, Sabará. • Outros registros: *Paciência* (1780).

PADRÃO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Modelo oficial de pesos e medidas. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

PADRE DOMINGOS – NCm [Ssing + Spl] • *Português < Latim* • Axiotopônimo • Sacerdote da igreja católica cujo prenome, “Domingos”, significa “pertencente ao Senhor”. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito, Nova Lima.

PADRE JOÃO – NCm [Ssing + Ssing] • *Híbrido (Latim + Hebraico)* • Axiotopônimo • Sacerdote da igreja católica cujo prenome, “João”, significa “Javé é cheio de graça”. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

PADRES – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Axiotopônimo • Forma plural de “padre”, sacerdote da igreja católica. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

PAGÃO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Hierotopônimo • Aquele que não segue uma religião cristã ou judaica, mas segue outras religiões ou não possui crença religiosa alguma. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa e Confins.

PAI GALO – NCm [ADJsing + Ssing] • *Português < Latim* • Mitotopônimo • Espécie de guru espiritual, que dá conselhos a quem o busca. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins.

PAIOL – Nm [Ssing] • *Catalão* • Sociotopônimo • Lugar destinado ao armazenamento de armas e munições. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

PALMEIRAS – Nf [Spl] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Forma plural de “palmeira”, designação comum a todas as plantas palmáceas, também conhecidas pelos nomes de “coqueiros” e “palmas”. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

PALMITAL – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Terreno onde crescem palmitos, pindobal. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Itabirito, Sabará, Lagoa Santa, Confins, Rio Acima. • Outros registros: *Palmital* (1734-1735, 1855).

PAMPULHA – Nf [Ssing] • *Origem incerta* • Corotopônimo • Remete ao bairro *Pampulha* da cidade portuguesa de Lisboa. • Nomeia → *lagoa* no município de Belo Horizonte, *ribeirão* no município de Belo Horizonte.

PANELEIRO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Fabricante e vendedor de panelas de barro, oleiro. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

PAPAGAIO – Nm [Ssing] • *Origem incerta* • Zootopônimo • Ave psitacíforme que imita a voz humana. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito. • Outros registros: *Papagaio* (1800).

PAPA-COBRA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Animal da família dos ofídeos que se alimenta de outras cobras, também conhecido pelo nome de “muçurana”, “boiru”, “cobra-preta” ou “mamadeira”. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

PARACATU – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Hidrotopônimo • Forma do antigo tupi, cujo significado é “rio bom”. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte. • Outros registros: *Paracatu* (1800, 1804, 1855).

PARAOPEBA – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Hidrotopônimo • Rio branco, ou de águas claras. • Nomeia → *rio* no município de Esmeraldas. • Outros registros: *Paraopeba* (1734-1735, 1780).

PARTE DO MEIO – NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Português < Latim* • Dirrematotopônimo • Porção que está situada ao meio, ou que divide uma região, estrada, ou outro, pela metade. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

PASCOAL – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome, de sentido cristão, referente à Páscoa. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

PASSA-DEZ – NCm [VERB + NUMsing] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Expressão utilizada na época do Brasil-colônia que designava o número de vezes que era necessário passar num determinado rio para chegar a Ouro Preto. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

PASSAGEM – Nf [Ssing] • *Francês* • Hodotopônimo • Lugar por onde se passa, caminho, via. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas. • Outros registros: *Passage* (1800).

PASTO DO MEIO – NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Área destinada à alimentação do gado situada no meio de uma região, delimitação ou terreno. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

PASTO LIMPO – NCm [Sing + ADJsing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Área destinada à alimentação do gado, que tenha sido roçada ou queimada. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

PATACA – Nf [Ssing] • *Provençal* • Ergotopônimo • Antiga moeda brasileira, cunhada em prata, cujo valor não era alto. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará.

PATAQUINHA – Nf [Ssing] • *Provençal* • Ergotopônimo • Forma diminutiva de “pataca”, antiga moeda brasileira cunhada em prata e de pouco valor. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará.

PATRIMÔNIO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Bens, posses. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

PAULA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Forma feminina de “Paulo”, que significa “pequeno”. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

PAU-SANTO – NCm [Ssing +ADJsing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Árvore pequena, nativa do México, de madeira nobre e cuja casca se destina a fins medicinais. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

PÉ-DE-LIMA – NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *Híbrida (Português + Árabe)* • Fitotopônimo • Árvore que produz o fruto “lima”, limeira. • Nomeia → *córrego* no município de Pedro Leopoldo.

PEDRA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Litotopônimo • Penha, rocha, seixo. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

PEDRA BRANCA – NCf [Ssing + ADJsing] • *Híbrida (Português + Germânico)* • Litotopônimo • Penha, rocha ou seixo de coloração esbranquiçada, clara. • Nomeia → *córrego* no município de Nova União.

PEDRA DO MONTALVÃO – NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Português < Latim* • Litotopônimo • Rocha ou penha situada num terreno ou propriedade cujo dono possui o apelido de família, de origem portuguesa, “Montalvão”, que significa “monte alvo”. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

PEDRAS – Nf [Spl] • *Português < Latim* • Litotopônimo • Forma plural de “pedra”; penha, rocha, seixo. • Nomeia → *rio* no município de Itabirito. • Outros registros: *Pedras* (1734-1735, 1800, 1821, 1873, 1879).

PEDREIRA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Litotopônimo • Lugar de onde é possível extrair pedras. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

PEIXE – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Animal vertebrado, aquático, encontrado em águas doces e salgadas, com o corpo coberto por escamas. Respira por meio de guelras e é muito utilizado para a alimentação humana. • Nomeia → *ribeirão* nos municípios de Caeté, Taquaraçu de Minas; *rio* nos municípios de Nova Lima, Rio Acima. • Outros registros: *Peyxe* (1734-1735), *Peixe* (1800, 1804, 1821, 1855, 1879).

PEIXOTOS – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Forma plural de “Peixoto”, apelido de família, cujo significado remete ao diminutivo de peixe. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

PENHA – Nf [Ssing] • *Espanhol* • Hierotopônimo • O mesmo que “pedra, rocha”; de origem cristã, alude à Nossa Senhora da Penha. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins.

PENTEADO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, de origem portuguesa, cujo significado alude a “quem sempre se penteia”. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

PEREIRA – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, que significa “lugar onde há pêras”. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte. • Outros registros: *Pereyra* (1734-1735).

PEREIRAS – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Forma plural de “Pereira”, apelido de família, que significa “lugar onde há pêras”. • Nomeia → *córrego* no município de Ribeirão das Neves.

PIABAS – Nf [Spl] • *Indígena (Tupi)* • Zootopônimo • Forma plural de “piaba”, nome comum dado aos pequenos peixes caracídeos de água doce. • Nomeia → *córrego* no município de Ribeirão das Neves.

PICADA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Hodotopônimo • Caminho ou passagem, aberta entre o mato denso, para dar acesso a determinado local. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Picada* (1800, 1821).

PICA-PAU – Nm [Ssing] • *Português* • Zootopônimo • Ave trepadora da família dos picídeos, de coloração variada e grande bico, utilizado para romper lascas na madeira, à procura de insetos para sua alimentação. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins.

PIÇARÃO – Nm [Ssing] • *Castelhano* • Litotopônimo • Forma aumentativa de “piçarra”, terra ou lajedo mole no fundo das catas; argila. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará. • Outros registros: *Pisarrão* (1784), *Pissarão* (1821), *Pisarão* (1855), *Pissarão* (1873).

PILÕES – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Ergotopônimo • Forma plural de “pilão”, grande almofariz, feito de madeira rija, com uma ou duas bocas, onde se descasca arroz, café, ou onde se tritura milho. • Nomeia → *córrego* no município de Ribeirão das Neves.

PIMENTA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Planta piperácea que, moída ou conservada em azeite, é utilizada na culinária como condimento. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

PINDAÍBA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Árvore que nasce em lugares úmidos e nos fornece a “árvore do anzol”. • Nomeia → *lagoa* nos municípios de Lagoa Santa, Confins. • Outros registros: *Pindaiúba* (1734-1735), *Pindahiba* (1855).

PINTADO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Espécie de peixe de coloração cinza-parda, com pequenas manchas pretas, arredondadas, ao longo do corpo; peixe apreciado por sua carne saborosa e macia. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

PIOLHO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Inseto ectoparasita, hematófago, que pode se hospedar em animais e humanos. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Caeté, Rio Acima, Nova União.

PIRES – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, variação de “Pérez”, “Pero” e “Pedro”; cujo significado é “pedra”. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

PITANGUI – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Arbusto nativo do Brasil cujas folhas são utilizadas para o combate da febre e da diarreia. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Pitangui* (1734-1735).

POÇO DO JACARÉ – NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Híbrida (Português + Indígena)* • Geomorfotopônimo • Cavidade aberta no solo até um ponto onde se junta água nascente, cujo formato se assemelhe ao de um jacaré. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins.

POÇO VERDE – NCm [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Geomorfotopônimo • Cavidade aberta no solo onde se junta água nascente que, devido à presença de lodo, pode adquirir coloração esverdeada. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa e Confins.

PODEROSO – Nm [ADJsing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Que tem poder, que exerce o mando. • Nomeia → *ribeirão* no município de Santa Luzia.

POMBAS – Nf [Spl] • *Português < Latim* • Zootopônimo • Forma plural de “pomba”, fêmea do pombo, ave da família dos Columbídeos. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Pomba* (1821).

PONTE – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Hodotopônimo • Construção feita para ligar dois lugares separados por água ou por depressão de terreno. • Nomeia → *rio* no município de Ouro Preto.

PONTE ALTA – NCf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Hodotopônimo • Construção feita para ligar dois lugares, separados por água ou por depressão de terreno, cuja altura é bastante elevada. • Nomeia → *córrego* no município de Pedro Leopoldo. • Outros registros: *Ponte Alta* (1780).

PONTE DE PEDRA – NCf [Ssing + {Prep+ Ssing}] • *Português < Latim* • Hodotopônimo • Construção feita de pedras com o objetivo de ligar dois lugares, separados por água ou depressão de terreno. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Itabirito, Nova Lima.

PONTE QUEIMADA – NCf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Hodotopônimo • Construção feita para unir dois lugares, separados por meio de água ou depressão de terreno, à qual foi ateadado o fogo. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

PORTEIRA DE CHAVES – NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • *Português < Latim* • Ergotopônimo • Espécie de portão rústico, utilizado em fazendas e propriedades rurais, podendo ser feito de madeira ou ferro, ao qual foram colocadas trancas, que só podem ser abertas por meio de chaves. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

POUSO DE PEDRA – NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Lugar apropriado para pouso ou descanso, construído com pedras. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins.

PRAIA – Nf [Ssing] • *Grego* • Geomorfotopônimo • Região banhada pelo mar, litoral. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Ouro Preto, Contagem.

PRAINHA – Nf [Ssing] • *Grego* • Geomorfotopônimo • Forma diminutiva de “praia”, pequena região banhada pelo mar, pequeno litoral. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

PRATA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Litotopônimo • Metal nobre, resistente à oxidação, utilizado para cunhar moedas, talheres, baixelas, entre outros. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Ouro Preto, Sabará, Esmeraldas, Nova União; *ribeirão* nos municípios de Caeté, Itabirito, Taquaraçu de Minas, Raposos, Rio Acima. • Outros registros: *Prata* (1734-1735, 1780, 1784, 1804).

PRAZERES – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Forma plural de “prazer”; alegria, contentamento, júbilo, deleite, satisfação. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Prazeres* (1780).

PREGOSO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Que possui muitos pregos, arrematado por meio de muitos pregos. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

PRETO – Nm [ADJsing] • *Português < Latim* • Cromotopônimo • Cor mais escura entre todas, negro. • Nomeia → *rio* no município de Ouro Preto, Nova União. • Outros registros: *Preto* (1734-1735, 1780, 1800, 1804, 1821, 1855).

PROCÓPIO – Nm [Ssing] • *Grego* • Antropotopônimo • Prenome, cujo significado é “progresso”. • Nomeia → *córrego* no município de Rio Acima.

Q

QUARTA-FEIRA – NCf [Ssing + Ssing] • *Português < Latim* • Cronotopônimo • Quarto dia da semana. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

QUATIS – Nm [Spl] • *Indígena (Tupi)* • Zootopônimo • Forma plural de “quati”, mamífero que habita a América tropical e cuja calda é felpuda e bicolor, com anéis de cor clara e escura, que se intercalam. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

QUEBRA-PAU – NCm [VERB +Ssing] • *Português < Latim* • Dirrematotopônimo • Lugar, geralmente situado nos fundos das casas, reservado à quebra da lenha, com o machado. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

QUILOMBO – Nm [Ssing] • *Africano* • Sociotopônimo • Esconderijo no meio da mata feito para abrigar negros fugidos. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto, Pedro Leopoldo. • Outros registros: *Quilombo* (1734-1735).

R

RAIZ – Nf [S_{sing}] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Parte da planta que cresce rumo ao solo, em oposição ao crescimento do caule, responsável por fixar e absorver para a planta água e sais minerais. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

RANCHARIA – Nf [S_{sing}] • *Espanhol* • Sociotopônimo • Lugar em que há muitos grupos de pessoas reunidas para uma jornada, encontro ou passeio. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

RANCHO – Nm [S_{sing}] • *Espanhol* • Sociotopônimo • Local em que pessoas se reúnem para um passeio, jornada ou encontro. • Nomeia → *ribeirão* no município de Esmeraldas.

RANCHO ALEGRE – NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Híbrido (Castelhano + Português)* • Sociotopônimo • Local em que pessoas se reúnem para encontros, passeios, jornadas, em que reina a alegria. • Nomeia → *ribeirão* no município de Esmeraldas.

RAPOSO – Nm [S_{sing}] • *Espanhol* • Antropotopônimo • Apelido de família, que remete a “Raposo Tavares”, renomado bandeirante paulista. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Outros registros: *Rapozes* (1800), *Raposo* (1855).

RAVENA – Nf [S_{sing}] • *Italiano* • Corotopônimo • Comuna italiana da região da Emília-Romanha, província de Ravenna. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

REPRESA – Nf [S_{sing}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Interrupção do fluxo das águas de um rio ou curso d’água com o intuito de aproveitar o acúmulo desse líquido para utilizá-lo em usinas ou irrigação. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Raposos, Nova Lima.

RESSACA – Nf [S_{sing}] • *Espanhol* • Hidrotopônimo • Fluxo e refluxo de ondas, no mar, ou das águas, nos rios, produzidos por correntezas que possuem rumos diferentes. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

RETIRO – Nm [S_{sing}] • *Origem incerta* • Animotopônimo • Lugar afastado, utilizado para descanso ou reclusão. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Caeté, Itabirito, Taquaraçu de Minas, Lagoa Santa, Confins, Esmeraldas. • Outros registros: *Retiro* (1800, 1855).

RIACHO – Nm [S_{sing}] • *Espanhol* • Hidrotopônimo • Pequeno rio, de águas não muito profundas, nem densas. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Ouro Preto, Contagem, Esmeraldas.

RIACHO DAS PEDRAS – NC_m [S_{sing} + {(Prep + A_{sing}) + Spl}] • *Híbrida (Castelhano + Português)* • Hidrotopônimo • Pequeno rio, de águas não muito profundas, permeado de seixos. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Belo Horizonte, Contagem; *ribeirão* no município de Contagem.

RIBEIRÃO – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Ribeiro largo, de águas densas. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

RIBEIRÃO BONITO – NC_m [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Híbrida (Português + Castelhana)* • Hidrotopônimo • Ribeiro largo, de muitas águas, densas e de beleza imponente. • Nomeia → *ribeirão* no município de Caeté.

RIBEIRO DO ÁLCOOL – NC_m [S_{sing} + {(Prep + A_{sing}) + S_{sing}}] • *Híbrida (Português + Árabe)* • Hidrotopônimo • Regato próximo ao qual é cultivada a cana-de-açúcar para a produção de álcool. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

RIO DE PEDRAS – NC_f [S_{sing} + {Prep + S_{pl}}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Corrente contínua de águas caudalosas, densas, cuja profundidade pode ser variável. • Nomeia → *represa* no município de Itabirito.

ROÇA GRANDE – NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Grande extensão da área de uma fazenda ou terreno destinada à plantação. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

ROCINHA – N_f [S_{sing}] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Pequeno espaço de terra ou pequena área de um terreno destinada à plantação. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará.

S

SABARÁ – N_f [S_{sing}] • *Indígena (Tupi)* • Litotopônimo • Segundo Theodoro Sampaio, (1955, p. 54) esse nome significa: “Sabará – antigo ‘Tabará’, de que se fez ‘Tabaraboçú’. ‘Tabará’ é a forma contratada de ‘Itaberaba’ ou ‘Ita-beraba’, significando “pedra reluzente”, “cristal”. ‘Sabaraboçu’, antigo ‘Tabaraboçu’, corrupção de ‘Ita-beraba-uçu’, que significa ‘pedra reluzente grande’, que também se entende como ‘serra resplandescente’”. • Nomeia → *ribeirão* nos municípios de Caeté, Sabará.

SABOEIRO – N_m [S_{sing}] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Nome comum dado a diversas plantas sapindáceas existentes no Brasil. • Nomeia → *ribeirão* no município de Itabirito.

SALVADOR – N_m [S_{sing}] • *Português < Latim* • Hierotopônimo • Prenome, que remete a Jesus, o Cristo (salvador). • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

SAMAMBAIA – N_f [S_{sing}] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Planta ornamental da família das polipodiáceas. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins, Pedro Leopoldo; *lagoa* no município de Pedro Leopoldo. • Variante: *samambaya* (1734-1735).

SANGRADOR – N_m [S_{sing}] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Forma popular de “sangradouro”, lugar situado no lado direito dos animais, junto ao peito, onde se dá o golpe para os matar. • Nomeia → *lagoa* nos municípios de Lagoa Santa e Confins. • Outros registros: *Sangrador* (1821).

SANTA – N_f [ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Hierotopônimo • Diz-se da mulher que a Igreja católica canonizou. • Nomeia → *lagoa* nos municípios de Lagoa Santa, Confins.

SANTA ANA – NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Híbrido (Latim + Hebraico)* • Hagiopônimo • Prenome, que remete à que foi, segundo a crença católica, a avó de Jesus Cristo. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito. • Outros registros: *S. Anna* (1734-1735), *Santa Ana* (1784), *Santana* (1804), *Sta. Ana* (1821).

SANTA CRUZ – NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Hagiopônimo • Segundo a tradição católica, é a designação da cruz na qual teria sido morto Jesus Cristo. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

SANTA INÊS – NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Hagiopônimo • Prenome que, segundo a tradição católica, corresponde a Santa Agnes, padroeira da pureza e da castidade. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

SANTA LÚCIA – NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Hagiopônimo • Prenome, sinônimo, segundo a tradição católica, de “Santa Luzia”, considerada a santa protetora dos olhos. • Nomeia → *barragem* no município de Belo Horizonte.

SANTA PAULA – NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Hagiopônimo • Prenome, que remete à santa católica padroeira de Nazaré e das viúvas. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

SANTA RITA – NCf [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Hagiopônimo • Prenome, que remete à Santa Rita de Cássia, que, segundo o catolicismo, é a santa dos casos impossíveis e das pessoas desesperadas. • Nomeia → *ribeirão* no município de Ouro Preto; *córrego* no município de Esmeraldas. • Outros registros: *Santa Rita* (1734-1735, 1804), *S. Rita* (1800).

SANTIAGO – Nm [S_{sing}] • *Híbrido (Latim + Hebraico)* • Hagiopônimo • Forma composta de “Santo Iago”, alude ao santo da igreja católica, “São Tiago”, discípulo de Jesus. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Sabará, Santa Luzia.

SANTO ANTÔNIO – NCm [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Hagiopônimo • Prenome, que alude a um dos santos mais populares da tradição católica, padroeiro dos pobres, necessitados e também considerado como casamenteiro. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Caeté, Sabará; *lagoa* nos municípios de Lagoa Santa, Confins; *ribeirão* no município de Esmeraldas. • Outros registros: *Santo Antônio* (1734-1735, 1780, 1784, 1800), *S. Antônio* (1804, 1873).

SANTOS – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Hagiopônimo • Designação que alude a todos os santos relativos à crença católica. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

SÃO BARTOLOMEU – NCm [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Híbrido (Latim + Hebraico)* • Hagiopônimo • Prenome, que remete ao santo homem que foi considerado por Jesus como um cristão muito fiel. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

SÃO BENEDITO - NCm [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Português* • Hagiopônimo • Prenome, que remete ao santo padroeiro dos afro-americanos e dos negros. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

SÃO GREGÓRIO – NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Híbrida (Latim + Grego)* • Hagiotopônimo • Prenome, que, segundo a tradição católica, remete ao santo que doou sua vida e seus bens a favor dos mais humildes. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

SÃO JOÃO – NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Híbrida (Latim + Hebraico)* • Hagiotopônimo • Prenome, que, segundo a tradição católica, remete a João, um dos discípulos mais amados de Jesus. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté, Contagem. • Outros registros: *São João* (1734-1735, 1780, 1873), *São João* (1800).

SÃO JOAQUIM – NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Híbrida (Latim + Hebraico)* • Hagiotopônimo • Prenome, que alude ao homem que seria, segundo a tradição católica, o avô de Jesus Cristo. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

SÃO JOSÉ – Nm [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Híbrida (Latim + Hebraico)* • Hagiotopônimo • Santo popular da igreja católica, considerado o protetor da igreja católica romana, padroeiro das famílias e dos trabalhadores. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Sabará, Esmeraldas; *rio* no município de Esmeraldas; *ribeirão* no município de Esmeraldas. • Outros registros: *São José* (1855).

SÃO JOSÉ DA LAPA – NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing} + {(Prep + A_{sing}) + S_{sing}}] • *Híbrida (Latim + Hebraico + Pré-céltico)* • Hagiotopônimo • Localidade próxima a Belo Horizonte. Segundo fontes locais, “o nome de São José da Lapa surgiu de uma figura parecida com a imagem do santo, (São José), formada pelas águas que escorriam do paredão da pedreira e foi oficializado pelo maestro Dumas Chalita em julho de 1953”. • Nomeia → *lagoa* nos municípios de Vespasiano e São José da Lapa; *córrego* no município de Ribeirão das Neves.

SÃO LUCAS – NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Hagiotopônimo • Prenome, alude ao santo católico patrono de pintores e médicos. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

SÃO PAULO – NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Hagiotopônimo • Prenome, alude ao apóstolo de Jesus, antes chamado “Saulo”, judeu convertido ao cristianismo, que passou a se chamar “Paulo”. Segundo a tradição católica, é chamado “o apóstolo dos gentios”. • Nomeia → *lagoa* no município de Belo Horizonte.

SÃO PEDRO – NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Hagiotopônimo • Prenome, que remete, segundo a tradição católica, ao apóstolo que teria negado a Jesus por três vezes e, posteriormente, se tornado um grande pregador. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

SÃO SEBASTIÃO – NC_m [ADJ_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Hagiotopônimo • Prenome que remete ao mártir Sebastião, que, segundo a tradição católica, é invocado contra a peste e contra os inimigos da religião. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté. • Outros registros: *S. Sebastião* (1800).

SAPÉ – Nm [S_{sing}] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Nome dado a diversas plantas gramíneas, muito usadas na cobertura de casas rústicas e cabanas. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

SAPECADO – Nm [ADJ_{sing}] • *Indígena (Tupi)* • Animotopônimo • Queimado, chamuscado. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

SAQUINHO – Nm [S_{sing}] • *Grego* • Ergotopônimo • Forma diminutiva de “saco”, receptáculo de plástico, pano ou linho, utilizado para se guardar ou transportar objetos, alimentos, grãos, entre outros. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará.

SECA – Nf [ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Sem água, ressequida. • Nomeia → *lagoa* nos municípios de Belo Horizonte, Lagoa Santa, Confins.

SECA FUMO – NC_m [VERB_{sing} + S_{sing}] • *Português < Latim* • Dirrematopônimo • Lugar destinado à secagem do fumo, para a evaporação de água e das substâncias gomosas que se desprendem das folhas, na fabricação do fumo de rolo. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

SECO – Nm [ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Sem água, ressequido. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Nova Lima, Esmeraldas. • Outros registros: *Seco* (1821,1873).

SEGREDO – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Fato ou circunstância mantido em ocultamento. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

SERRA – Nf [S_{sing}] • *Português < Latim* • Geomorfotopônimo • Monte que contém picos e se assemelha a uma cordilheira. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Belo Horizonte, Esmeraldas.

SERRA NEGRA – NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Geomorfotopônimo • Monte que contém picos, se assemelha a uma cordilheira e que adquiriu, pela cor da terra que o compõe, ou por ser feito de pedras, coloração escura. • Nomeia → *ribeirão* no município de Esmeraldas.

SERRA VERDE – NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Português < Latim* • Geomorfotopônimo • Monte que possui picos, semelhante a uma cordilheira e que, devido à presença de densa vegetação, adquiriu a cor verde. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

SERRADOR – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Aquele que tem por ofício serrar madeira. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

SERRINHA – Nf [S_{sing}] • *Português < Latim* • Geomorfotopônimo • Forma diminutiva de “serra”, elevação semelhante a uma cordilheira ou um monte. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

SERRINHAS – Nf [S_{sing}] • *Português < Latim* • Geomorfotopônimo • Forma plural de “serrinha”, pequena elevação semelhante a uma cordilheira ou um monte. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

SERROTE – Nm [S_{sing}] • *Português < Latim* • Geomorfotopônimo • Montanha pequenina. • Nomeia → *córrego* no município de Ribeirão das Neves.

SEVERINO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Prenome, cujo significado é “severo”. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

SILVA – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, que significa “selva, floresta”. • Nomeia → *ribeirão* no município de Itabirito.

SIMÃO – Nm [Ssing] • *Espanhol* • Antropotopônimo • Prenome, que corresponde a “Simeão”, cujo significado é “o que é escutado”. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

SOARES – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido, de família, cuja origem foi trazida da região de Toledo. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

SOBRADINHO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Ecotopônimo • Forma diminutiva de “sobrado”, pavimento superior a um pavimento térreo, numa construção. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Sabará, Lagoa Santa, Confins, Raposos. • Outros registros: *Sobrado* (1800, 1821, 1873).

SOCA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Sociotopônimo • Nome que se dá à segunda brota da cana-de-açúcar, depois de cortada a primeira produção. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

SOLEDADE – Nf [Ssing] • *Espanhol* • Hierotopônimo • Forma aportuguesada de “soledad”, o que, em espanhol, corresponde à “solidão”. • Nomeia → *ribeirão* no município de Ouro Preto; *córrego* no município de Sabará. • Outros registros: *Soledade* (1800, 1821, 1855).

SOSSEGO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Calma, tranquilidade, quietação. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

SUCURIÚ – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Zootopônimo • O mesmo que “sucuri”, ofídeo brasileiro não peçonhento, que mata suas presas por esmagamento de ossos e/ou asfixia. De cor esverdeada, seu comprimento pode atingir até doze metros. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas. • Outros registros: Sucuriú (1734-1735, 1800, 1804, 1873), *Sucuriá* (1821).

SUJO – Nm [ADJsing] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Imundo, que não é ou não está limpo. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Vespasiano, São José da Lapa.

SUMIDORO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Variante popular de “sumidouro”; lugar, numa lagoa, por onde a água escoar. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Itabirito, Taquaraçu de Minas.

SUMIDOURO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Lugar, numa lagoa, por onde a água escoar. • Nomeia → *lagoa* nos municípios de Lagoa Santa, Confins, Pedro Leopoldo. • Outros registros: *Sumidouro* (1873).

T

TABOA – Nf [Ssing] • *Origem incerta* • Fitotopônimo • Variação popular para “taboa”, planta hidrófita, típica de brejos, manguezais e várzeas. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas. • Outros registros: *Tabua* (1821).

TABOÃO – Nm [Ssing] • *Origem incerta* • Fitotopônimo • Variante da forma “tabão”, que provém de “taboa”, planta hidrófita, típica de brejos, manguezais e várzeas. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

TABOCAS – Nf [Sspl] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Forma plural de “taboca”, espécie de bambu. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas. • Outros registros: *Taboca* (1734-1735, 1855), *Tabóca* (1800).

TABUÃO – Nm [Ssing] • *Origem incerta* • Fitotopônimo • Forma aumentativa de “taboa”, planta hidrófita, típica de brejos, manguezais e várzeas. • Nomeia → *represa* no município de Ouro Preto; *córrego* no município de Ouro Preto.

TAIOBA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Planta herbácea, muito comum no Brasil, da família das aráceas. • Nomeia → *ribeirão* no município de Sabará.

TAMANDUÁ – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Zootopônimo • Mamífero que possui focinho longo e tubular, língua longa e pegajosa, grandes garras nas patas anteriores, utilizadas para abrir formigueiros e cupinzeiros, animais dos quais se alimenta. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Santa Luzia, Nova Lima. • Outros registros: *Tamandua* (1821), *Tamanduá* (1855).

TAMBORIL – Nm [Ssing] • *Francês* • Ergotopônimo • Pequeno tambor. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins. • Outros registros: *Tamboril* (1821).

TAPERA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Ecotopônimo • Casa, terreno ou habitação abandonados e invadidos pelo mato. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Sabará, Nova Lima. • Outros registros: *Tapera* (1855).

TAQUARA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Nome genérico de todas as espécies de bambu. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Nova Lima, Esmeraldas.

TAQUARAÇU – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Taquara ou bambu grosso. • Nomeia → *represa* no município de Taquaraçu de Minas; *rio* nos municípios de Taquaraçu de Minas, Nova União. • Outros registros: *Taquarusu* (1800), *Taquaraçu* (1855), *Taquaruçú* (1873).

TAQUARAL – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Terreno onde as taquaras são encontradas em abundância. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Itabirito, Taquaraçu de Minas. • Outros registros: *Taquaral* (1855).

TAQUARIL – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Variação de “taquari”, “a cana pequena ou fina”. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

TATU – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Zootopônimo • Mamífero cavador de hábitos noturnos da família dos dasipodídeos. Possuem o corpo e a cabeça protegidos por uma espécie de carapaça, dentro da qual podem resguardar-se e protegerem-se de seus predadores. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Taquaraçu de Minas, Sabará.

TEIXEIRAS – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Forma plural de “Teixeira”, apelido de família, cujo significado é “lugar onde há teixos” (espécie de árvore). • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

TENENTE – Nm [Ssing] • *Francês* • Axiotopônimo • Oficial de patente superior à do alferes; aquele que, na ausência do chefe ou diretor, os substitui. • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

TERRA VERMELHA – NCf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Geomorfotopônimo • Solo que apresenta essa coloração e, por possuir níveis ácidos, deve ser corrigido com o uso da cal, para um bom plantio. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

TIJUCO – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Litotopônimo • Atoleiro, lameiro em que há lama de cor escura, barro. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Belo Horizonte, Pedro Leopoldo, Esmeraldas. • Outros registros: *Tyjuco* (1873).

TIMBOPEBA – Nf [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Fitotopônimo • Espécie de cipó, bastante encontrado nas matas brasileiras, também conhecido com o nome de “tingui-capeta”. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

TORRE – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Ergotopônimo • Construção alta e sólida que, nos tempos mais antigos, era utilizada como abrigo ou fortaleza. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

TOTÓ – Nm [Ssing] • *Origem incerta* • Antropotopônimo • Hipocorístico utilizado para denominar pessoas que têm por nome “Antônio”. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

TRIÂNGULO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Morfotopônimo • Forma geométrica de um polígono de três lados. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima

TRIPUÍ – Nm [Ssing] • *Indígena (Tupi)* • Geomorfotopônimo • Morro delgado ou esguio. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto. • Variante: *tripui* (1821).

U

URUBU – Nm [S_{sing}] • *Indígena (Tupi)* • Zootopônimo • Ave de rapina, de cor negra, que se alimenta unicamente de carne putrefata. • Nomeia → *ribeirão* no município de Pedro Leopoldo.

URUCUIA – Nm [S_{sing}] • *Indígena (Tupi)* • Geomorfotopônimo • Tipo de formação rochosa. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

USINA – Nf [S_{sing}] • *Francês* • Sociotopônimo • Lugar destinado à produção de eletricidade, ou para o abastecimento de água. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

V

VALE DO COCHO – NC_m [S_{sing} + {(Prep + A_{sing}) + ADJ_{sing}}] • *Híbrida (Português + Origem incerta)* • Geomorfotopônimo • Várzea ou planície à beira de um rio, que tem como referência um cocho. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

VARGEM ALEGRE – NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Geomorfotopônimo • Terreno baixo e plano, que margeia um rio ou lago, no qual há ou se vê motivo para alegria. • Nomeia → *córrego* no município de Caeté.

VARGEM BONITA – NC_f [S_{sing} + ADJ_{sing}] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Geomorfotopônimo • Terreno baixo e plano que margeia um rio ou lago, e se destaca por sua beleza. • Nomeia → *lagoa* nos municípios de Lagoa Santa, Confins. • Outros registros: *Varge Bonita* (1804).

VARGEM DA TRAÍRA – NC_f [S_{sing} + {(Prep + A_{sing}) + S_{sing}}] • *Híbrida (Origem incerta + Tupi)* • Geomorfotopônimo • Terreno baixo e plano que margeia um rio ou lago em cujas águas há abundância do peixe de nome “traíra”. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

VARGEM DAS FLORES – NC_f [S_{sing} + {(Prep + A_{pl}) + S_{pl}}] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Geomorfotopônimo • Terreno baixo e plano, que margeia um rio ou lago e onde há abundância de flores. • Nomeia → *represa* no município de Contagem.

VARGEM DO PICO – NC_f [S_{sing} + {(Prep + A_{sing}) + S_{sing}}] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Geomorfotopônimo • Terreno baixo e plano, que margeia um rio ou lago e se localiza próximo ao cume de um monte. • Nomeia → *córrego* no município de Itabirito.

VARGEM DO SACO – NC_f [S_{sing} + {(Prep + A_{sing}) + S_{sing}}] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Geomorfotopônimo • Terreno baixo e plano, que margeia um rio ou lago, circulado por matas. • Nomeia → *córrego* no município de Taquaraçu de Minas.

VARGEM GRANDE – NCf [Ssing + ADJsing] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Geomorfotopônimo • Grande espaço de terreno baixo e plano, que margeia um rio ou lagoa. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Taquaraçu de Minas, Nova Lima. • Outros registros: *Varge Grande* (1800), *Vargem Grande* (1855).

VARGEM GRANDE DO MAQUINÉ – NCf [Ssing + ADJsing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Híbrida (Origem incerta + Português + Origem incerta)* • Geomorfotopônimo • Várzea de grande extensão onde habitavam pássaros da espécie das águias (maquiné = “grande pássaro que voa”). • Nomeia → *córrego* no município de Santa Luzia.

VARGEM LIMPA – NCf [Ssing + ADJsing] • *Híbrida (Origem incerta + Português)* • Geomorfotopônimo • Terreno plano que margeia um rio ou lagoa, em que não há sujeira, ou que foi roçado. • Nomeia → *córrego* no município de Rio Acima.

VARGENS – Nf [Spl] • *Origem incerta* • Geomorfotopônimo • Variação de “várzeas”; refere-se ao conjunto de terrenos planos que margeiam rios ou lagoas. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará. • Outros registros: *Varge* (1800), *Vargens* (1855).

VARGINHA – Nf [Ssing] • *Origem incerta* • Geomorfotopônimo • Forma diminutiva de “várzea”, terreno plano que margeia um rio ou uma lagoa. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa, Confins.

VARJADA – Nf [Ssing] • *Origem incerta* • Geomorfotopônimo • Local onde há muitas várzeas, ou seja, terrenos planos, que margeiam rios ou lagoas. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

VÁRZEA DO COCHO – NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Origem incerta* • Geomorfotopônimo • Terreno plano, que margeia um rio ou lagoa, perto do qual há um comedouro para o gado. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas. • Outros registros: *Vargem do Cocho* (1855).

VASSOURAL – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Conjunto de “vassouras”, ou seja, de uma espécie de erva robusta, com folhas grandes, lanuginosas, e flores. • Nomeia → *córrego* no município de Sabará.

VASSOURÃO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Planta ericácea, espécie de arbusto. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Vespasiano, São José da Lapa.

VAU DO PALMITAL – NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *Português < Latim* • Hidrotopônimo • Local de um rio de profundidade rasa, onde se pode passar a pé, em cujas proximidades se encontra um terreno onde crescem pindobas. • Nomeia → *ribeirão* nos municípios de Pedro Leopoldo, Esmeraldas.

VELHA - Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Cronotopônimo • Mulher idosa, avançada em anos. • Nomeia → *lagoa* nos municípios de Lagoa Santa e Confins.

VELHAS – Nf [Spl] • *Português < Latim (Decalque Tupi Guaibi, Guaimí)*. • Cronotopônimo • Forma plural de “velha”. Apareceram as formas *Guaibi*, *Guaimí* da língua tupi como nome do Rio das Velhas, afluente da margem direita do São Francisco. A última forma ainda é lembrada por **guaicuí**, nome de vila do município de Várzea da Palma, perto da confluência

do Rio das Velhas com o Rio São Francisco, no estado de Minas Gerais. “Rio das Velhas”, originalmente *Guaycuhy*, que na língua dos aborígenes significa o mesmo”... (Aires do Casal, - 123, Tomo I, pág. 384). • Nomeia → *rio* nos municípios de Ouro Preto, Itabirito, Sabará, Lagoa Santa, Confins, Raposos, Santa Luzia, Nova Lima, Rio Acima, Pedro Leopoldo. • Outros registros: *Velhas* (1734-1735, 1766, 1780, 1784, 1800, 1804, 1821, 1855, 1873, 1879).

VENDA NOVA – Ncf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Sociotopônimo • Empório, estabelecimento comercial onde se vendem secos e molhados, cuja inauguração é recente. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

VEREDA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Fitotopônimo • Grupo de matas, cercadas por campos. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Lagoa Santa e Confins.

VERMELHO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Cromotopônimo • Rubro, da cor do sangue. • Nomeia → *rio* nos municípios de Caeté, Nova União; *ribeirão* nos municípios de Taquaraçu de Minas, Sabará, Santa Luzia; *córrego* no município de Esmeraldas. • Outros registros: *Vermelho* (1800, 1873).

VIANA – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, que remete à cidade de mesmo nome, localizada na Gália. • Nomeia → *córrego* no município de Rio Acima.

VIEIRA – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, que significa “veio ou fio de água ou metal”. • Nomeia → *córrego* nos municípios de Nova Lima, Nova União. • Outros registros: *Vieira* (1873).

VIEIRAS – Nm [Spl] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Forma plural de “Vieira”, apelido de família, cujo significado se relaciona a “veio de água ou metal”. • Nomeia → *córrego* no município de Ouro Preto.

VILARINHO – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, sinônimo de “Vilela”, ambos aludindo ao diminutivo de “vila”. • Nomeia → *córrego* no município de Belo Horizonte.

VILELA – Nm [Ssing] • *Português < Latim* • Antropotopônimo • Apelido de família, de cujo significado remete ao diminutivo de “vila” • Nomeia → *córrego* no município de Rio Acima.

VISTA ALEGRE – Ncf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Animotopônimo • Lugar em que não há tristeza, ou motivo para tristeza, do qual se pode avistar muito ao longe. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

VOLTA – Nf [Ssing] • *Português < Latim* • Geomorfotopônimo • Curva ou ângulo numa estrada, caminho, entre outros. • Nomeia → *córrego* no município de Esmeraldas.

VOLTA GRANDE - Ncf [Ssing + ADJsing] • *Português < Latim* • Geomorfotopônimo • Grande curva ou ângulo numa estrada, caminho, etc. • Nomeia → *córrego* no município de Nova Lima.

6.2. Organização dos verbetes pela forma Onomasiológica

Nesta seção apresentamos verbetes pelo método onomasiológico. A classificação onomasiológica insere cada verbete em uma categoria específica ou em campos de significados. Consideramos, para nosso estudo, ter maior relevância a organização por meio das categorias taxionômicas propostas por Dick (1990a) e expostas em 3.3.2. Para a apresentação seguinte também foram omitidas as repetições dos nomes dos hidrônimos, assim como em 6.1.

Os nomes não encontrados ou não classificados foram relacionados no método onomasiológico numa seção especialmente destinada a eles. Assim, teremos, na seqüência, um total geral de 591 hidrônimos.

ORGANIZAÇÃO DOS VERBETES EM CAMPOS ONOMASIOLÓGICOS **SEGUNDO SUAS CLASSIFICAÇÕES TAXIONÔMICAS**

1- ANIMOTOPÔNIMOS

- | | | |
|----------------|------------------|------------------|
| 1. Afogador | 14. Defunto | 27. Paciência |
| 2. Ajuda | 15. Derrubada | 28. Padrão |
| 3. Almas | 16. Derrubado | 29. Penteado |
| 4. Amores | 17. Enforcados | 30. Poderoso |
| 5. Bêbado | 18. Enjeitado | 31. Prazeres |
| 6. Bela Fama | 19. Estrangulado | 32. Pregoso |
| 7. Bela Vista | 20. Feitagem | 33. Ressaca |
| 8. Boa Vista | 21. Fortuna | 34. Sapecado |
| 9. Bom Destino | 22. Furado | 35. Segredo |
| 10. Bom Retiro | 23. Gentil | 36. Soledade |
| 11. Brumado | 24. Jeriza | 37. Sossego |
| 12. Carrancas | 25. Manso | 38. Vista Alegre |
| 13. Cortesia | 26. Nado | |

TOTAL: 38

2- ANTROPOTOPÔNIMOS

- | | | |
|-----------------------|------------------------|--------------------|
| 1. Agostinho | 38. Dona Joana | 75. Manuel Gato |
| 2. Alvarengas | 39. Faustino | 76. Manuel Luís |
| 3. Amâncio | 40. Feliciano | 77. Márcio |
| 4. André Gomes | 41. Felício Gomes | 78. Maria da Costa |
| 5. Antônio Ferreira | 42. Félix | 79. Matias |
| 6. Aparecida | 43. Ferreira | 80. Matuto |
| 7. Araújo | 44. Ferreiras | 81. Maynard |
| 8. Aredes | 45. Fidalgo | 82. Medeiros |
| 9. Augusto | 46. Fidélis | 83. Meira |
| 10. Azevedo | 47. Filipão | 84. Mendes |
| 11. Baeta | 48. Filipe | 85. Mesquita |
| 12. Bandarra | 49. Florença | 86. Moleque |
| 13. Barbosa | 50. Fraga | 87. Montalvão |
| 14. Baronesa | 51. Frazão | 88. Moraes |
| 15. Bastos | 52. Gaia | 89. Moreira |
| 16. Benedito | 53. Gainha | 90. Mulato |
| 17. Benevides | 54. Gama | 91. Pacheco |
| 18. Bento da Costa | 55. Garcia | 92. Pai Coelho |
| 19. Bernardo de Sousa | 56. Glória | 93. Pascoal |
| 20. Bernardo | 57. Gouveia | 94. Paula |
| 21. Betim | 58. Herculano | 95. Peixotos |
| 22. Braga | 59. Inácia de Carvalho | 96. Pereira |
| 23. Brandão | 60. Isidoro | 97. Pereiras |
| 24. Brás Gomes | 61. Jaque | 98. Pires |
| 25. Burniê | 62. Jaqueline | 99. Procópio |
| 26. Cabral | 63. Joana Nunes | 100. Raposo |
| 27. Caetanos | 64. João Hude | 101. Santiago |
| 28. Calazans | 65. Joaquim Dias | 102. Severino |
| 29. Cambraia | 66. José Maria | 100. Silva |
| 30. Candango | 67. José Vaz | 101. Simão |
| 31. Cândida | 68. Juca Vieira | 102. Soares |
| 32. Cardoso | 69. Lopes | 103. Teixeiras |
| 33. Carmo | 70. Luzia dos Santos | 104. Totó |
| 34. Cipriano | 71. Machados | 105. Viana |
| 35. Custódio | 72. Magalhães | 106. Vieira |
| 36. Diniz | 73. Mandu | 107. Vieiras |
| 37. Diogo | 74. Manoel Pereira | 108. Vilarinho |
| | | 109. Vilela |

TOTAL: 109

3- AXIOTOPÔNIMOS

- | | | |
|--------------------|-------------------|---------------|
| 1. Cacique | 4. Coronel Gomes | 7. Padre João |
| 2. Capitão | 5. Doutor | 8. Padres |
| 3. Capitão da Mata | 6. Padre Domingos | |

TOTAL: 08

4- COROTOPÔNIMOS

- | | | |
|-------------|-------------|-------------|
| 1. Alentejo | 3. Holanda | 5. Pampulha |
| 2. Belém | 4. Marzagão | 6. Ravena |

TOTAL: 06

5- CROMOTOPÔNIMOS

- | | |
|------------|-------------|
| 1. Amarelo | 3. Preto |
| 2. Branco | 4. Vermelho |

TOTAL: 04

6- CRONOTOPÔNIMOS

- | | | |
|-----------------|----------|-----------|
| 1. Quarta-feira | 2. Velha | 3. Velhas |
|-----------------|----------|-----------|

TOTAL: 03

7- DIMENSIOTOPÔNIMOS

- | | | |
|-------------|-------------|-----------|
| 1. Acima | 5. Estreito | 9. Grande |
| 2. Chatinho | 6. Estrema | 10. Meio |
| 3. Comprido | 7. Fundão | |
| 4. Delgado | 8. Fundo | |

TOTAL: 10

8- DIRREMATOPÔNIMOS

- | | | |
|----------------|------------------|---------------|
| 1. Acaba Mundo | 5. Mata-Matá | 9. Quebra-Pau |
| 2. Botafogo | 6. Papa-cobra | 10. Seca-Fumo |
| 3. Cantagalo | 7. Parte do meio | |
| 4. Mata Porcos | 8. Passa-Dez | |

TOTAL: 10

9- ECOTOPÔNIMOS

- | | |
|---------------|---------------|
| 1. Casa Velha | 2. Sobradinho |
|---------------|---------------|

TOTAL: 02

10- ERGOTOPÔNIMOS

- | | | |
|-----------------|------------------|------------------------|
| 1. Andaime | 12. Caxeta | 23. Moinhos |
| 2. Andaimes | 13. Cercadinho | 24. Navio |
| 3. Angu | 14. Cocho d'água | 25. Pataca |
| 4. Baú | 15. Contas | 26. Pataquinha |
| 5. Bomba | 16. Eixo | 27. Pilões |
| 6. Bombinha | 17. Farinha Seca | 28. Porteira de Chaves |
| 7. Cabaças | 18. Fechos | 29. Saquinho |
| 8. Caieira | 19. Feixo | 30. Tamboril |
| 9. Caixa d'água | 20. Labareda | 31. Torre |
| 10. Cancelinha | 21. Mango | |
| 11. Canoas | 22. Moinho | |

TOTAL: 31

11- ETNOTOPÔNIMOS

- | | | |
|------------|---------------------|-------------|
| 1. Alemães | 4. Carioca | 7. Mineirão |
| 2. Baiana | 5. Crioulos | |
| 3. Bugre | 6. Gualaxo do Norte | |

TOTAL: 07

12- FITOTOPÔNIMOS

- | | | |
|--------------------|----------------------|----------------------|
| 1. Abóboras | 16. Caeté | 31. Capoeira Alta |
| 2. Andrequicé | 17. Café | 32. Capoeira do Meio |
| 3. Angico | 18. Cáli | 33. Cedro |
| 4. Arnica | 19. Cana-do-Reino | 34. Chapéu-de-sol |
| 5. Arrudas | 20. Canavial | 35. Cipó |
| 6. Bagaço | 21. Canela | 36. Coivara |
| 7. Bambu | 22. Capão | 37. Congonhas |
| 8. Bambus | 23. Capão da Onça | 38. Coqueiro |
| 9. Bananeiras | 24. Capão de Santana | 39. Cuquinho |
| 10. Batatal | 25. Capão do Boi | 40. Embira |
| 11. Braúna | 26. Capão do Ferraz | 41. Espinheiro |
| 12. Brenha | 27. Capão do Poço | 42. Floresta |
| 13. Bucha | 28. Capão Grosso | 43. Folha Miúda |
| 14. Caatinga | 29. Capão Onça | 44. Gameleira |
| 15. Cabeça- de boi | 30. Capoeira | 45. Gordura |

- | | | |
|---------------------|---------------------|----------------|
| 46. Ipu | 64. Mato da Fábrica | 82. Sapé |
| 47. Jambeiro | 65. Mato da Roça | 83. Taboa |
| 48. Jatobá | 66. Mato Virgem | 84. Taboão |
| 49. Jenipapo | 67. Meloso | 85. Tabocas |
| 50. Jequití | 68. Milho Verde | 86. Tabuão |
| 51. Limeiras | 69. Mombaça | 87. Taioba |
| 52. Mamona | 70. Mostarda | 88. Taquara |
| 53. Mandiocal | 71. Palmeiras | 89. Taquaraçu |
| 54. Mangabeira | 72. Palmital | 90. Taquaral |
| 55. Mangue | 73. Pasto Limpo | 91. Taquaril |
| 56. Manguês | 74. Pau-Santo | 92. Timbopeba |
| 57. Maquiné | 75. Pé-de-Lima | 100. Vassoural |
| 58. Maracujá | 76. Pimenta | 101. Vassourão |
| 59. Marumbé | 77. Pindaíba | 102. Vereda |
| 60. Mata | 78. Pitangui | 103. Mata-pau |
| 61. Mata da Mina | 79. Raiz | |
| 62. Mata da Salgada | 80. Saboeiro | |
| 63. Matinha | 81. Samambaia | |

TOTAL: 103

13-GEOMORFOTOPÔNIMOS

- | | | |
|-------------------------------|---------------------|---------------------------------|
| 1. Biboca | 17. Espreado | 37. Tripuí |
| 2. Buraco | 18. Funil | 38. Vale do Coxo |
| 3. Buraco d'Anta | 19. Furna | 39. Vargem Alegre |
| 4. Cafundó | 20. Grotá | 40. Vargem Bonita |
| 5. Campestre | 21. Grotá Fria | 41. Vargem da Traíra |
| 6. Campinho | 22. Lavra | 42. Vargem das Flores |
| 7. Campo Alegre | 23. Mina | 43. Vargem do Pico |
| 8. Campo Casa
Branca | 24. Morro do Azeite | 44. Vargem do Saco |
| 9. Campo Casa
Grande | 25. Morro Grande | 45. Vargem Grande |
| 10. Campo de Santo
Antônio | 26. Morro Preto | 46. Vargem Grande do
Maquiné |
| 11. Campo Santo | 27. Morro Redondo | 47. Vargem Limpa |
| 12. Campo Santo
Antônio | 28. Morro Vermelho | 48. Vargens |
| 13. Cava | 29. Sabará | 49. Varginha |
| 14. Cafundão | 30. Serra | 50. Varjada |
| 15. Chapada | 31. Serra Negra | 51. Várzea do Cocho |
| 16. Colina | 32. Serra Verde | 52. Volta |
| | 33. Serrinha | 53. Volta Grande |
| | 34. Serrinhas | |
| | 35. Serrote | |
| | 36. Terra Vermelha | |

TOTAL: 53

14- HAGIOTOPÔNIMOS

- | | | |
|------------------|-------------------|----------------------|
| 1. Santa Ana | 8. Santos | 15. São José da Lapa |
| 2. Santa Cruz | 9. São Bartolomeu | 16. São Lucas |
| 3. Santa Inês | 10. São Benedito | 17. São Paulo |
| 4. Santa Lúcia | 11. São Gregório | 18. São Pedro |
| 5. Santa Paula | 12. São João | 19. São Sebastião |
| 6. Santa Rita | 13. São Joaquim | |
| 7. Santo Antônio | 14. São José | |

TOTAL: 19

15- HIDROTOPÔNIMOS

- | | | |
|--------------------------|----------------------|-----------------------|
| 1. Açude | 16. Cachoeira Grande | 34. Praia |
| 2. Açudinho | 17. Cachoeirinha | 35. Prainha |
| 3. Água Férrea | 18. Fonte Grande | 36. Represa |
| 4. Água Fria | 19. Jacuba | 37. Riacho |
| 5. Água Limpa | 20. Lagoa | 38. Riacho das Pedras |
| 6. Água Limpa de Baixo | 21. Lagoa dos Patos | 39. Ribeirão |
| 7. Água Limpa de Cima | 22. Lagoa Grande | 40. Ribeirão Bonito |
| 8. Água Suja | 23. Lagoa Seca | 41. Ribeiro do Álcool |
| 9. Bebedouro | 24. Lagoinha | 42. Rio de Pedras |
| 10. Bicas | 25. Lagoinha Seca | 43. Seca |
| 11. Brejo | 26. Mares | 44. Seco |
| 12. Cabeceira Alta | 27. Marinhos | 45. Sujo |
| 13. Cabeceira do Meio | 28. Mina d'Água | 46. Sumidoro |
| 14. Cachoeira | 29. Olhos d'água | 47. Sumidouro |
| 15. Cachoeira do Bentevi | 30. Paracatu | 48. Vau do Palmital |
| | 31. Paraopeba | |
| | 32. Poço do Jacaré | |
| | 33. Poço Verde | |

TOTAL: 48

16- HIEROTOPÔNIMOS

- | | | |
|----------------|---------------|-------------|
| 1. Bom Jesus | 5. Natividade | 9. Salvador |
| 2. Bom Sucesso | 6. Neves | 10. Santa |
| 3. Cruz | 7. Pagão | |
| 4. Inferno | 8. Penha | |

TOTAL: 10

17- HISTORIOTOPÔNIMOS

1. Independência

TOTAL: 01

18- HODOTOPÔNIMOS

- | | | |
|---------------------|-----------------|--------------------|
| 1. Atalho | 4. Caminho Novo | 8. Ponte |
| 2. Calçada | 5. Estiva | 9. Ponte Alta |
| 3. Caminho do Mandu | 6. Passagem | 10. Ponte de Pedra |
| | 7. Picada | 11. Ponte Queimada |

Total: 11

19- LITOTOPÔNIMOS

- | | | |
|--------------------|------------------|------------------------|
| 1. Amianto | 11. Itabirito | 21. Pedra do Montalvão |
| 2. Areão | 12. Itaporanga | 22. Pedras |
| 3. Areia | 13. Laje | 23. Pedreira |
| 4. Areias | 14. Lajes | 24. Piçarrão |
| 5. Barreiro | 15. Lajinha | 25. Prata |
| 6. Barreiro Grande | 16. Lapa | 26. Tijuco |
| 7. Barro | 17. Lapinha | |
| 8. Barro Preto | 18. Ouro | |
| 9. Cascalheira | 19. Pedra | |
| 10. Cristais | 20. Pedra Branca | |

Total: 26

20- METEOROTOPÔNIMOS

1. Frio

Total: 01

21- MITOTOPÔNIMOS

1. Pai Galo

Total: 01

22- MORFOTOPÔNIMOS

- | | |
|-------------|--------------|
| 1. Curvinha | 2. Triângulo |
|-------------|--------------|

Total: 02

23- NUMEROTOPÔNIMOS

1. Dois Brejinhos

Total: 01

24- POLIOTOPÔNIMOS

Nenhuma ocorrência

Total: 0

25- SOCIOTOPÔNIMOS

- | | | |
|----------------------|--------------------|-------------------|
| 1. Boiadeiros | 15. Espia | 29. Quilombo |
| 2. Boticário | 16. Fazenda | 30. Rancho |
| 3. Carapina | 17. Fazenda Velha | 31. Rancho Alegre |
| 4. Carretão | 18. Fazendinha | 32. Rancharia |
| 5. Cata Branca | 19. Fortaleza | 33. Retiro |
| 6. Colônia | 20. Gurita | 34. Roça Grande |
| 7. Cozinheira | 21. Independência | 35. Rocinha |
| 8. Criminoso | 22. Monjolo | 36. Sangrador |
| 9. Cumbe | 23. Olaria | 37. Serrador |
| 10. Curral de Pedras | 24. Paiol | 38. Soca |
| 11. Curralinho | 25. Paneleiro | 39. Tapera |
| 12. Engenho | 26. Pasto do Meio | 40. Tenente |
| 13. Engenho Nogueira | 27. Patrimônio | 41. Usina |
| 14. Engenho Velho | 28. Pouso de Pedra | 42. Venda Nova |

Total: 42

26- SOMATOTOPÔNIMOS

- | | |
|----------|--------------|
| 1. Braço | 3. Cabeleira |
| 2. Braço | 4. Caveira |

Total: 04

27- ZOOTOPÔNIMOS

- | | | |
|---------------------|-------------|-----------------|
| 1. Baleia | 7. Cupim | 13. Jacu |
| 2. Caracóis de Cima | 8. Falcão | 14. Jaguará |
| 3. Carrapato | 9. Formiga | 15. Leitão |
| 4. Cobras | 10. Gambá | 16. Lobo |
| 5. Codorna | 11. Grajaú | 17. Macacos |
| 6. Coelhos | 12. Guarujá | 18. Macaquinhos |

19. Macuco
20. Mambuca
21. Marimbondo
22. Mergulhão
23. Mutuca
24. Onça
25. Papagaio

Total: 37

26. Peixe
27. Piabas
28. Pica-Pau
29. Pintado
30. Piolho
31. Pomba
32. Quatis

33. Sucuriú
34. Tamanduá
35. Tatu
36. Urubu
37. Urucua

28- NÃO ENCONTRADOS

1. Cambinha
2. Cates
3. Cutão
4. Dalda
5. Manzinheiro
6. Mingu
7. Pai Coelho
8. Ranchosa
9. Xandu
10. Xigongo

Total: 10

Total Geral: 591



FOTO 08 – Vista parcial do Rio das Velhas
Fonte: Acervo pessoal.

CAPÍTULO VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante essa jornada pelos estudos da hidronímia do Rio das Velhas, desde o município de sua nascente, em Ouro Preto, até a região do Sumidouro, foi-nos possível conhecer mais sobre a história de Minas e constatar, o quanto, ainda hoje, somos influenciados por fatos que ocorreram há séculos. O passado dialoga com o presente, e sabemos, a língua e a cultura influenciam em muito nosso comportamento, nossos hábitos, nossa maneira de habitar nosso espaço e enxergar o que nos cerca.

Tivemos como objetivo, nesta pesquisa, investigar a hidronímia sob diversos aspectos. Na **Introdução**, enfocamos o valor da água e sua riqueza para o homem, tanto no passado quanto no presente, e expusemos as relações que se fazem possíveis entre o homem e o meio que ele habita.

No **Capítulo I** abordamos os pressupostos teóricos que embasam os estudos do léxico e da toponímia, destacamos o valor da palavra e sua íntima relação com a cultura dos povos. Discorremos acerca do universo lexical, baseando-nos em Duranti (2000), Labov (1968), Biderman (2001), Sapir (1961). Estudamos as regiões culturais presentes no Brasil segundo (DIÉGUES JR., 1960) e tecemos algumas considerações sobre os estudos toponímicos realizados no Brasil, baseando-nos pelo exposto em Seabra (2004) e Dick (1990a e 1990b).

Nosso **Capítulo II** abordou aspectos históricos relativos aos interesses de nossa pesquisa, como as primeiras incursões bandeirantes que se fizeram em território mineiro e a fixação de arraiais e povoados ao longo dos anos por diversas regiões circunvizinhas ao Rio das Velhas, regiões onde floresceram povoados que hoje se constituem como diversos municípios mineiros. Ressaltamos a importância das bandeiras, principalmente como possibilitadoras do desbravamento das regiões e vimos que elas, mais do que riquezas, legaram-nos o existir e o habitar esse espaço outrora desconhecido, as *Minas dos Cataguás*. A bandeira de Fernão Dias em muito contribuiu para a ocupação da região central de Minas, especialmente a que se encontra próxima à Bacia do Rio das Velhas.

Na seqüência, ou seja, no **capítulo III**, apresentamos o referencial teórico necessário para se estudar a toponímia, o léxico e as relações entre léxico, sociedade, ambiente e cultura. Constatamos que há profunda relação entre o léxico, o ambiente, os desbravadores de uma região e os primeiros habitantes da mesma. Vimos que os nomes são como legados culturais, e sobrevivem, no caso da hidronímia, ao tempo e às mudanças nos nomes que podem ocorrer em outros acidentes físicos.

A apresentação e a análise dos dados, no **capítulo IV**, e as comparações estabelecidas no **capítulo V**, permitem-nos fazer algumas considerações: a) no que se refere à hidronímia, muitos nomes antigos resistiram ao tempo, e conservaram-se intactos ou quase intactos, sendo que observamos apenas pequenas mudanças na grafia dos mesmos; b) pela quantificação dos dados do *corpus*, verificamos a importância do ambiente e da natureza para a sobrevivência do desbravador e que essa se fez evidente na nomeação dos cursos d'água; c) predomiam, no território pesquisado, os nomes de origem Português < Latim, marca deixada pelo nosso colonizador. Porém, mesmo que em menor número de ocorrências, verificamos, também, a influência indígena e a presença de tantos outros idiomas; d) por meio da comparação com os estudos de Seabra (2004) e Menezes (2009) pudemos constatar que, em diferentes regiões do território mineiro, os resultados, no que se refere à Taxe dos nomes de lugares, seguem a mesma tendência: a predominância dos fitotopônimos.

Como resultado da coleta e do estudo dos nomes pertencentes aos cursos d'água enfocados em nossa região de pesquisa, realizamos a construção de um Glossário, que corresponde ao **capítulo VI**, e que foi organizado pelos modos nomasiológico e semasiológico, através do qual buscamos definir e reunir informações várias os nomes pertencentes ao universo da hidronímia no espaço geográfico delimitado como Alto e Médio Rio das Velhas.

Terminamos nosso estudo valendo-nos da afirmação que se encontra em Seabra (2004, p.384): “a Toponímia tem um compromisso com a língua como voz, ferramenta e fundamento da experiência humana, transmitindo informações e refletindo a história dos povos”.

“Lutar com palavras é a luta mais vã. Entanto lutamos mal rompe a manhã. São muitas, eu pouco. Algumas, tão fortes como o javali. Não me julgo louco. Se o fosse, teria o poder de encantá-las. Mas lúcido e frio, apareço e tento apanhar algumas para meu sustento num dia de vida. Deixam-se enlaçar, tontas à carícia e súbito fogem e não há ameaça e nem há sevícia que as traga de novo ao centro da praça. [...] Palavra, palavra (digo exasperado): se me desafias, aceito o combate”.

(Carlos Drummond de Andrade, in *Poesia Completa*)



FOTO 09 – Vista frontal da casa de Fernão Dias, situada no distrito de Quinta do Sumidouro
Fonte: Acervo pessoal.

REFERÊNCIAS

- ABREU, J. Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Sociedade Capistrano de Abreu, 1930.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2004.
- ASSIS JUNIOR. *Dicionário Kimbundu-Portugues*. Luanda: Argente, Santos & Ca. Ltda., [s.d.].
- BALDINGER, K. Semasiologia e Onomasiologia, in *Alfa*, 9, FFCL de Marília, 1966, p.7-36.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário da terra e da gente de Minas*. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura, Arquivo Público Mineiro: 1985.
- BARREIROS, Eduardo Canabrava. *Roteiro das esmeraldas*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1979.
- BARREIROS, Eduardo Canabrava. *Episódios da Guerra dos Emboabas e sua geografia*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1984.
- BRASIL. Ministério da Cultura. *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- BELTRÃO, Maria da Conceição *et al.* Arqueologia e História. Um binômio para a sistematização da transdisciplinaridade. Anuário do Staden. *Estudos Brasileiros*, n.36, 1988.
- BIDERMAN, M.T.C. A Estrutura Mental do Léxico. In: *Estudos de Filologia e Linguística*. São Paulo: EDUSP, 1981. p.131-145.
- BIDERMAN, M.T.C. Fundamentos da Lexicologia. In: _____. *Teoria Lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.99-155.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. 1712-1728. 10v. (Edição fac-similar eletrônica)
- BYNON, Theodora. *Historical Linguistics*. London: CUP, 1977.
- CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia Brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.
- CASARES SANCHEZ, Julio. *Diccionario ideologico de la lengua española: de la idea a la palabra, de la palabra a la idea*. 2.ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1995.

CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Paris: Delagrave, 1926.

DIAS, Carlos Malheiros. A semana de Vera Cruz. In: DIAS, Carlos Malheiros, dir. *História da colonização portuguesa no Brasil*. Porto: Litografia Nacional, 1921, v. II, cap.VII.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo/Edições Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*. 2.ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas Toponímico: um Estudo Dialetológico. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: v.10, p.61-69, 1998.

DICK, Maria Vicentina de P. A., SEABRA, Maria Cândida T. C. Caminho das Águas, Povos dos Rios: Uma Visão Etnolingüística da Toponímia Brasileira. In: *Anais do V Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*. Rio de Janeiro: v.5, UERJ, p.64-91, 2002.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: *Investigações Lingüísticas e Teoria Literaria*. Recife, UFPE, v.9, p.119-148, 1999.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.

DRUMOND, Carlos. *Contribuição do bororo à toponímia brasílica*. São Paulo: Editora USP, 1965.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia Linguística*. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário eletrônico Aurélio*, versão 5.0. São Paulo: Nova Fronteira, 2004. 1 CD-ROM.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Ave Maria, 1973.

GUIZZETTI, Guerman F. La etnolingüística: del mundo del idioma al mundo de la cultura. *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, 1957.

HAENSCH, Günther *et al.* *La lexicografía: de la lexicografía teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982 .

FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. *Novo Dicionário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1.ed. rev. e alt. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HUGH-JONES, Stephen. The Gender of some Amazonian Gifts. *Revista MANA*, v.8, n.2, p.45-68, 2002.

IBGE – Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Disponível em www.biblioteca.ibge.gov.br acesso em 21 mai. 2009.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Ouro Preto* – Folha: SF – 23 – X – A – III – 4. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / Reimpressão, 1985. Aerofotografia, 1966. Apoio suplementar e reambulação executados em 1975. Atualização viária, 1984.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Ouro Branco* – Folha: SF – 23 – X – A – VI – 2. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1977. Apoio suplementar e reambulação, 1975.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Conselheiro Lafaiete* – Folha: SF – 23 – X – A – VI – 1. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / Primeira edição, 1977. Segunda impressão, 1986. Aerofotografia, 1964. Apoio suplementar e reambulação executados em 1975.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Catas Altas* – Folha SF – 23 – X – B – I – 1. Escala:1:50.000. Primeira edição, 1976. Aerofotografia, 1966. Apoio suplementar e reambulação, 1975.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Caeté* – Folha: SE – 23 – Z – C – VI – 4 Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ªEdição, 1977 / Aerofotografias: 1996. Apoio Suplementar e reambulação, 1975.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Jaboticatubas* – Folha: SE – 23 – Z – C – VI – 2. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1977 / Aerofotografias: 1965. Apoio Suplementar e reambulação, 1975.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Itabirito* – Folha: SE – 23 – X – A – III – 3 / MI – 2573 – 3. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1976 / Aerofotografias: 1964. Atualização viária, 1984. Apoio Suplementar e reambulação, 1975.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Rio Acima* – Folha: SF – 23 – X – A – III – 1. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ªEdição, 1977/ Aerofotografias: 1965. Apoio Suplementar e reambulação, 1975.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Acuruí* – Folha: SF – 23 – X – A – III – 2. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1977/ Aerofotografias: 1966. Apoio Suplementar e reambulação, 1975.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Lagoa Santa* – Folha: SE – 23 – Z – C – VI – 1 - MI - 2535 - 1. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1977 / Aerofotografias: 1965. Apoio Suplementar e reambulação, 1975.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Belo Horizonte* – Folha: SE – 23 – Z – C – VI – 3. Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1979. Aerofotografias, 1965. Apoio suplementar e reambulação, 1975. Segunda impressão, 1986.

IBGE - Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Contagem* – Escala:1:50.000. Folha SE – 23 – Z – C – V – 4 / MI – 2534/4. Carta do Brasil – Reimpressão, 1981. Aerofotografias, 1964. Apoio Suplementar e reambulação, 1974.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Pedro Leopoldo* – Esc.: 1:50.000. Folha SE – 23 – Z – C – V – 2. Primeira edição, 1976. Segunda impressão, 1986. Aerofotografias, 1964. Apoio suplementar e reambulação, 1974.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Baldim* – Esc.: 1:100.000. Folha SE – 23 – Z – C – III. Aerofotografias, 1965. Primeira edição, 1977. Apoio suplementar e reambulação, 1975. Carta do Brasil.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Cachoeira dos Macacos* – Folha: SE – 23 – Z – C – V – 1 - Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1976.

IBGE – Secretaria de Geodésia e Cartografia. *Carta Topográfica Esmeraldas* – Folha: SE – 23 – Z – C – V – 3 - Carta do Brasil – Escala: 1:50.000 / 1ª Edição, 1976.

ISQUERDO, A. N. *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. 1996. 409f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista/UNESP, São Paulo, 1996.

LABOV, William. The Reflexion of Social Processes in Linguistic Structures. In: FISHMAN, Joshua (ed.). *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, p.240-251, 1968.

LILLO, Mario Bernal. *Toponimia de Valdivia*. Chile: Ediciones Universidad de La Frontera, 1990.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A Capitania das Minas Gerais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Livraria Itatiaia Editora, 1978.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1984. 3 v.

MENEZES, Joara Maria de Campos. *O léxico toponímico nos domínios de Joaquina de Pompéu*. 210 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

OGDEN, C. K. & RICHARDS, I.A. *The Meaning of Meaning*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1923.

MATORÉ, G. *La methode en lexicologie. Domaine francais*. Paris: Didier, 1953.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Honoré Champion, 1948. 334 p.[1. ed. 1912].

OGDEN, C. K. & RICHARDS, I.A. *The Meaning of Meaning*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1923.

OLIVEIRA, A. M. P.P., ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciencias do lexico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 1998.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Site de informações disponível em www.bhservico.com.br – acesso em 20/02/09.

Prefeitura Municipal de Lagoa Santa. Site de informações disponível em: www.santaluzianet.com.br – acesso em 21/05/09.

RAMOS, Jânia; VENÂNCIO, Renato. Topônimos mineiros: uma fonte para a história social da língua portuguesa. Em: *M.E.L. DUARTE / D. CALLOU* (Orgs. 2002, p.113-124).

RENGER, Friedrich E. Primórdios da cartografia das Minas Gerais (1585- 1735): dos mitos aos fatos. In: *História de Minas Gerais – As Minas setecentistas*. RESENDE, Maria Efigênia Lage; VILLALTA, Luiz Carlos (org.). Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. 2v.

RIBEIRO, José P.C. Atlas geográfico – Minas Gerais e Belo Horizonte. Belo Horizonte: [s.n.], 1999.

SABATER, Roberto Faure. *Diccionario de nombres geográficos y étnicos del mundo*. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 2004.

SALAZAR-QUIJADA, A. *La toponímia em Venezuela*. Caracas, Publicaciones de la Facultad de Ciências Econômicas y Sociales, 1985.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 4 ed. Salvador: Cia. Ed. Nacional, 1955.

SANTOS, N. A. P.; MAILLARD, P. O uso do Sensoriamento Remoto e de um Sistema de Informações Geográficas na modelagem da poluição difusa na bacia hidrográfica do Rio das Velhas. In: *XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 2005, Goiânia*. XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 2005.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência – Ensaio*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SEABRA, Maria Cândida T.C. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 399 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, M. C. T. C. . ATEMIG Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do ATB. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia/MG: EDUFU, 2006, v. 1, p.1945-1952.

SEABRA, M. C. T. C. ATEMIG: Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – Fase II. Projeto de Pesquisa vinculado à Câmara de Pesquisa da faculdade de Letras da UFMG. 2008. 4p.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. 2v.

SCHNEIDER, Marlene. *Um olhar sobre os caminhos do Pantanal sul-mato-grossense: a toponímia dos acidentes físicos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, UFMS, Brasil, 2002.

TAUNAY, Afonso de E. *História das Bandeiras Paulistas*. Tomo II. 2ª Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1961.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *História de Minas Gerais*. 3.ed. Belo Horizonte: Lemi, 1980.

VASCONCELLOS, Salomão de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944. V. XV.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. 2 v.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Antes de Minas: fronteiras coloniais e populações indígenas. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage; VILLALTA, Luiz Carlos (Org.). *História de Minas Gerais – As Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. 2v.

WIKIPEDIA: Minas Gerais. MesoMicroMunicípios. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Minas_gerais. Acesso em 21 mai. 2009.